

CLÁSSICOS
DE BOLSO



LÚCIO APULEIO

O ASNO DE OURO

Introdução, notas e tradução direta do latim de
Ruth Guimarães

O Asno de Ouro

Um livro EDIOURO é incomparável!!

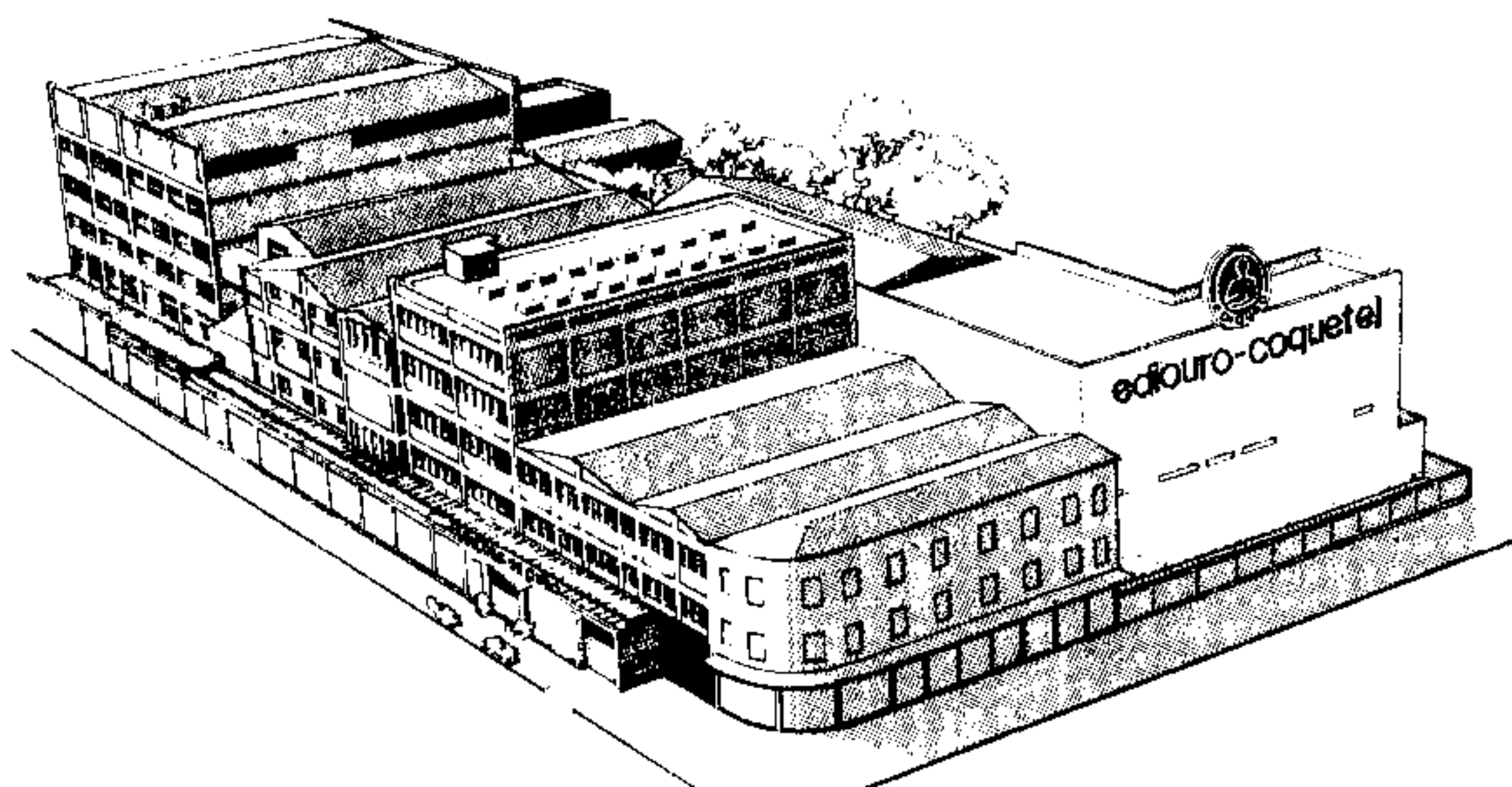
Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade.

Nosso papel é de primeira. A composição eletrônica e computadorizada garante letras sem defeito e um acabamento perfeito. O sistema de encadernação é o moderno método de "perfect-binding".

Todo este esforço é recompensado: só oferecemos livros de alto padrão por um preço mínimo.

Título do original:
“Asinus Aureus”
ou
“Metamorphoseon Libri xi”

Direitos cedidos pela Editora Cultrix Ltda.





Índice

<i>O Homem de Madaura</i>	7
Livro I.....	15
Livro II.....	28
Livro III.....	44
Livro IV	58
Livro V.....	76
Livro VI.....	91
Livro VII	106
Livro VIII.....	121
Livro IX	138
Livro X.....	160
Livro XI	180
<i>Notas da Tradutora</i>	198



O Homem de Madaura

*I*a-se, sob os dois primeiros Antoninos, Nerva e Trajano, esgotando-se cada vez mais a *Literatura Latina*, já em franco processo de decadência havia várias décadas. Os escritores de mérito desse período eram de origem grega, ou nascidos nas províncias do Império. Então, nada de poesia, mas somente hábeis manejos do metro, e nada de história, mas somente nugas. Claudiano é medíocre, Suetônio fraco. A dissolução vinha de longe. Petrônio e Sêneca portavam já o germe sutil que ataca as coisas e as almas que estão para morrer. Uma renovação se dera, entretanto, plena de vida fecunda e resistente: o aparecimento de um gênero novo — o romance. Surgira com o *Satyricon*, o livro mais estranho de toda a *Literatura Romana*, atribuído a Petrônio — sátira forte, feroz, cruel, realista, impiedosa, obscena, sem nenhuma ternura humana, sem nenhum pensamento generoso, sem nenhum ideal. Livro que chafurda na imoralidade e na corrupção, parecendo deleitar-se o seu autor com elas. No entanto, espelhava com uma verdade dolorosa a vida da sociedade romana do tempo. Nas pegadas desse livro funesto viria Apuleio com *O Asno de Ouro*, e viria *Gil Blas*, de Santillane, dezessete séculos mais tarde, e viriam depois *Tristram Shandy* e *Tom Jones*.

O autor do livro que se chamou *Metamorfoses*, *O Asno*, *O Asno de Ouro*, ou *Lúcio*, nos aparece envolto em mistério. O próprio livro, que tem tantos vocativos, mal se sabe como foi primitivamente batizado. Parece provado que o nome pelo qual é mais conhecido modernamente — *O Asno de Ouro* — veio de uma aposição do restritivo “de Ouro” ao nome primeiro de “Asno”, porque se tratava de uma história de ouro, para ser lida, de ouro para ser apreciada, de ouro porque de ouro mesmo, tão extraordinária era; e o restritivo implica num julgamento.

Apareceu na decadência mais extrema de Roma, dissemos. Depois de Plínio e de Suetônio, de Tácito e de Juvenal. Plutarco acabara de morrer. Julga-se que se trata da tradução e adaptação de um livro perdido, pois chegou até nossos dias uma outra versão grega, de certo Luciano. Assegura o patriarca bizantino Fócio, que havia Luciano por sua vez imitado Lucius de Patras, e este sim seria a fonte original.

Se compararmos as obras de Luciano e de Apuleio, veremos que as narrativas são muito parecidas. O conto de *Amor e Psiquê*

inexiste no grego, e os desfechos são diferentes. Ao passo que o Lúcio grego reconquistou a forma humana do modo mais laico e simples, durante uma reunião do povo para assistir aos jogos, o Lúcio de Apuleio volta ao Lúcio que era na procissão dos fiéis de Cibele. E aparece todo um excrescente capítulo XI, de iniciação nos mistérios da religião, e que destoa do tom geral irreverente do livro.

Isto, com relação ao enredo, que é, grosso modo, assim: um moço, viajando de sua pátria para a Tessália (considerada a terra das artes mágicas), com o auxílio de uma escrava, cuja ama é feiticeira, tenta se transformar em coruja, mas por infelicidade trocam os potes do unguento que se passava no corpo para conseguir tal resultado e a metamorfose faz dele um burro, em vez da ave desejada. Não parece muito grave o mal, pois é bastante comer pétalas de rosas para readquirir a figura humana. Na mesma noite, tendo o moço, em virtude da nova aparência, se recolhido à estrebaria, com o seu cavalo e mais um burro pertencente ao hospedeiro, Milão, vêm os bandidos da montanha, matam o dono da casa e levam, carregados de prataria furtada, os três animais. O livro conta as aventuras do burro, que fora gente, e várias outras histórias.

Antes de o comentarmos, falemos de Apuleio.

O pouco que dele sabemos, sabemos por seu próprio intermédio. Os contemporâneos silenciaram a seu respeito. Alguns traços biográficos foram confirmados por autores latinos, dois ou três séculos depois, mas não parecem muito dignos de fé.

Sabe-se que nasceu em Madaura, atual Mdauruch. Escritores antigos referiam-se a ele como o filósofo platônico madaurense. Na sua Apologia, sem nomear a cidade natal, conta que é uma florescente cidade romana, situada nos confins da Numídia, e isto se ajusta a Madaura, colônia romana da África. O pai era homem de grandes cabedais, rico, provavelmente culto. Ao morrer, deixou-lhe dois milhões de sestércios.

Madaura era nessa ocasião a Roma e a Atenas da África. Apuleio, que ali haurira toda a sabedoria que pudera, empreendeu uma viagem para completar a educação. Viajou pelo Oriente, foi à Grécia e à Itália. Conheceu cultos estranhos, e dogmas, as religiões todas do mundo conhecido. Sua curiosidade insaciável o levou a observar, e quem sabe a praticar, a Magia. Estudou Filosofia na Grécia, Direito e Eloquência em Roma. Que era brilhantemente versado em muitas ciências, em Filosofia, Retórica e Liturgia, vê-se na sua obra. E entendia de Geometria, de Astronomia, de Poesia e de Música. É possível que tenha sido discípulo de Gaio, o célebre professor de filosofia platônica, que assistia em Atenas, nos meados do século II, pois a data provável do nascimento de Apuleio é 125 depois de Cristo (morreu em 170).

Quando escreveu, e seu talento era muito versátil, fê-lo nas duas línguas mais difundidas no mundo. Ele o diz: "Poemas em todos os gêneros, épicos e líricos, de botas e de coturnos, sátiras e enigmas, histórias variadas, discursos e diálogos, faço de tudo, tanto em grego, como em latim." E igualmente bem, podemos acrescentar.

É em Floridas que ele acentua, com um ufanismo delicioso:

"Empédocles compôs poemas, Platão diálogos, Sócrates hi-

nos, Epicarmo mimos, Xenofonte história, Cratos sátiras: vosso Apuleio abrange todos esses gêneros e cultiva as nove musas com um zelo igual.”

Quando se encaminhava para Alexandria, Apuleio ficou doente e parou em Oea, atual Trípoli, na África. Ali encontrou um antigo condiscípulo, Ponciano. Poucos dias depois, casava-se com a mãe do moço, Pudentila, uma viúva riquíssima, muito mais velha que ele. Não esteve pelos autos o cunhado da viúva, Sicínio Emiliano. Em nome do sobrinho mais novo, menino de catorze anos, acusou Apuleio de ter recorrido a práticas de Magia para conquistar a viúva e induzi-la ao casamento. Teria sido movido por interesses de dinheiro, e aquela matrona, que se recusara a contrair novo matrimônio durante tantos anos, resolvera-se, incompreensivelmente, em poucos dias. Apuleio viu-se em maus lençóis. Perigosa acusação aquela. A lei cornélia, “de sicariis e veneficis”, emparelhava a magia ao envenenamento. O castigo era a morte. Advogado ele era. Tinha o verbo fácil, fluente e brilhante. Tinha o dom de persuadir, era belo e ousado. Vemos que sua narração é clara, direita, reta, ilustrada com histórias. Vemos que interessa e prende. Advogado em causa própria, defendendo a pele, imaginai como não seria um espetáculo, atraindo ao fórum todos os dias multidões ávidas de o ouvirem e de o verem. Escreveu, continuando a defesa verbal, o livro *Apologia*, em que alinha argumentos de peso. Que Pudentila era dona de excel-sas virtudes, e poderia ser amada por si, não por seu dinheiro. Que ele não queria se casar, fazendo-o tanto pelo encanto da nobre dama como também por insistência de Ponciano, o filho, diretamente interessado, como herdeiro da mãe, e que não poderia, portanto, ser conivente numa fraude e crime, se crime e fraude existissem. Que em questões materiais não ganhava nada com o casamento, o que poderia provar: vissem o contrato de núpcias. Vissem o testamento de Pudentila. E que, por tudo isto, não iria praticar a Magia para conseguir um casamento que não lhe traria vantagens. Demais, não entendia de feitiços não era mágico, mas filósofo. Não lhe foi difícil convencer os ouvintes de que não usara de Magia para se fazer amado da nobre Pudentila, e se converter em seu esposo em poucos dias. Mas do que não persuadiu a todos foi de que não praticasse a magia. Continuaram vendo nele o feiticeiro e talvez não fosse mesmo tão inocente como queria demonstrar. A crença de que era mágico durou vários séculos. Santo Agostinho lhe atribui um poder sobrenatural e conta que os pagãos opuseram Apuleio a Cristo.

E assim, era para ele um perigo viver em Oea, com a reputação que granjeara na guerra familiar de grande repercussão pública. Fugindo à notoriedade nada invejável, foi morar em Cartago. Diante da Lei, era um homem livre, mas o processo poderia ser reaberto a qualquer tempo, arquivado que fora por falta de provas. Que nada mais resultou disto de mal, prova-o a continuação de sua carreira. Foi alta autoridade do mundo pagão agonizante, exerceu grande influência. Consta que seus concidadãos votaram-lhe uma estátua, construída às expensas de um personagem consular. Sua eloquência e triunfos ficaram célebres e ele desempenhou gloriosas funções.

O processo que tanto o embaraçou ocorreu entre 148 e 161.

Teve duas conseqüências utilíssimas para o mundo. Primeiro, figura como documento sobre a História da Magia, de que há tão poucos subsídios, e segundo, é um exemplo fiel, genuíno, da eloqüência judiciária sob o império romano.

Com muita insistência reclamou Apuleio o reconhecimento de sua qualidade de filósofo, não somente na Apologia, em que afinal tinha de apresentar algum substitutivo à qualidade de feiticeiro, mas também em Floridas, obra de pura retórica.

Porém, mesmo sendo filósofo, se o levassem a sério, não lhe correriam as coisas no sentido de clarear-lhe a reputação. Se a liberdade era limitada nessa época, era a vida livre. Andavam juntas a Filosofia e a sensualidade. A decadência da religião, e a decadência em geral, afrouxavam os laços mais estáveis. Os filósofos eram convidados a suprir a grande lacuna existente entre o fim melancólico de uma religião que agonizava e o indeciso começo do Cristianismo, que mal despontava para o mundo. Parece que Apuleio mesmo aludiu ao Cristianismo, isto é, à religião absurda, dizia ele, em que se considera um deus único. O clima, tanto moral como filosófico, era extremamente conturbado. Espalhou-se um platonismo contaminado. Atraía como um imã tudo quanto se poderia chamar de espiritualismo místico. Preparava-se o sincretismo de Plotino e Porfírio. Nessa direção caminhavam os ensinamentos de Apolônio de Tiana. Os pensadores platônicos aceitavam também os mistérios elêusicos, os dionísacos, as divindades orientais, e os ritos egípcios, entre os quais se contava a iniciação nos mistérios de Ísis e de Osiris. Além disto, acreditava-se em demônios intermediários, que podiam ser invocados. E havia a generalizada crença nas adivinhações, nos oráculos, nos prodígios. De tudo isto, resultava que a Magia campeava soberana. E tanta a crença, tantas as perturbações que daí advinham, que o Estado tomava providências enérgicas, reprimindo as práticas mágicas. Leis como a cornélia pediam para o mágico a pena capital.

Acredita-se que O Asno de Ouro tenha sido obra da maturidade de Apuleio. Escrito depois das viagens. De todas as viagens que realizou, e com a rica experiência que elas lhe outorgaram. Aprendera perfeitamente o grego. Aprendera o latim na terra dos Quirites na própria cidade dos latinos, é o que diz no prólogo do livro, que numa certa medida é autobiográfico, com exclusão do maravilhoso, evidentemente. Apuleio não nos parece homem capaz de acreditar em metamorfoses como a que descreve. É grande a variedade dos meios em que transcorre a história. O asno-viajante, nas suas atribulações, ora está entre os bandidos nas montanhas, ora entre os mercadores das grandes cidades, gente rica da Tessália e de Corinto. Dá-nos um grande quadro da Grécia do século II, sob a proteção da paz romana. A variedade dos meios é extrema: as estradas e os campos, palácios e choupanas, mercados, templos, teatros, ruas, o fórum. Ficamos conhecendo os edis, a polícia, os vendedores de peixe, as alcoviteiras, os donjoões, os moleiros, o hortelão, o avarento, o agiota, e assistimos a banquetes, festins, discussões, casamentos, festas, jogos, cerimônias religiosas, bailados. Convivemos com escravos miseráveis, com soldados insolentes, com os bandidos donos das estradas. E de todas estas coisas fala Apuleio como homem que as viu com os

seus olhos. Pois, por mal-amanhada que esteja a continuidade do arranjo, por mal entrosadas que estejam as histórias à história, tudo é vivo, poderosa e encantadoramente vivo. De fato, é uma espécie de pupurri extraordinário, onde encontramos de tudo, num tom de veracidade, de testemunho dos costumes do tempo. Embora não possamos tomar como documento quanto nos conta Apuleio, assim ao pé da letra, há uma veracidade que não pode ser contestada, seja quando se perde nos meandros da Jurisprudência, seja na pintura dos costumes, ou quando descreve por miúdo os programas litúrgicos. No seu espírito se reflete, como num espelho, o espírito do tempo.

E o tempo é de conhecimentos vastos, mas dispersos. Onde o sincretismo de Apuleio? Ambos, ele e o tempo são mais brilhantes que profundos. Um e outro, inquietos e confusos, por um lado se entregam aos dogmas egípcios, do outro ao neo-platonismo cheio de mitos e de artes ocultas.

Como a sua época, Apuleio é homem dos contrastes e das contradições. Sério e frívolo, devoto e libertino, desejoso de verdade e um pouco charlatão. Quer se instruir e quer se mostrar. Faz especulações em torno de Deus e dos destinos da alma, e anda à procura do mistério tanto em estudos da Natureza como na Revelação, tendo chegado à alta hierarquia sacerdotal. Sua universalidade se perde em curiosidades científicas, em citações literárias, em lugares comuns da Moral e da Política, em descrições brilhantes, muito longas, e em traços picantes.

Apuleio conta em latim uma história grega. Diz que aprendeu na cidade dos latinos a língua forense, com grande trabalho, muito esforço e sem mestre para o orientar. Tinha aprendido antes o grego em Atenas. Em Madaura, de civilização helênica antes que africana, deveria ser o grego a sua língua cotidiana. “O próprio fato de passar de uma para outra linguagem”, ele explica, “verdadeiro exercício acrobático, harmoniza-se com o meu estilo.”

Dizem os comentadores que a presença do asno, do começo ao fim do relato, confere ao livro uma unidade mais ou menos exterior. Como se verá, para encaixar no todo as histórias, Apuleio freqüentemente passa a palavra a uma personagem qualquer que conta um caso. Mas, outras vezes, contenta-se de dizer, com o maior desembaraço, que em tal ou tal sítio ouviu contar uma história, e ele também a vai contando. Ou então imbrica episódios uns nos outros, com grande desenvoltura. Por exemplo, a história de Telifrão se divide em duas, e se contamina com mais elementos da tradição. A do moleiro enganado enquadra duas histórias galantes. Vá lá que falte unidade de concepção, mas o seu modo de contar histórias é uma delícia. Também se fazem restrições ao luxo de pormenores das suas descrições, o que as torna ora monótonas, ora confusas. Não seria custoso ao tradutor dar a esses períodos um torneio mais arredondado, ou mais claro, ou pontuar de outra maneira, facilitando a compreensão. Todavia, imagino que seria atrevimento muito desmedido pretender melhorar Apuleio, pelo que o que estava escrito assim, ficou assim mesmo.

O madaurense é grande apreciador dos jogos de palavras. São muitos, tropeçamos com eles a cada passo, como aquele “inquieta quiete” — a inquietação do sono inquieto; como o trocadi-

lho feito com a palavra sagrada, ao tratar de Proserpina; e acontece-lhe, por exemplo, ao falar no asno que puxa interminavelmente a almanjarra do moinho, caminhando em círculos e círculos sobre os seus próprios passos, comentar que “seguiu em marcha errante um itinerário invariável”. E sem falar nas inúmeras vezes em que joga com as palavras que aludem à situação do burro-pessoa, talvez para não nos deixar esquecer que esse que conta está na pele e na situação intolerável de um quadrúpede. Ao falar de certa moça, a certa altura declara: “Eu não era tão burro assim que...”, o que funciona como lembrete, devolvendo-nos à realidade (apuleiana), e tem um inesperado efeito cômico.

O tom geral de ironia, e a escolha de palavras, dão um toque inimitável à sua prosa. Ah! sim, a escolha de palavras. A Língua Portuguesa nos dá sobre tradutores de outras línguas, com exceção do italiano talvez, a vantagem de traduzir mais facilmente, de escrever, digamos, um latim atualizado, passado a limpo. Vê-se como o talento versátil, o temperamento do autor, torna o estilo acrobático. Em meio à séria, às vezes, solene, construção com palavras medidas e severas, reponta a orelha do asno. São locuções raras, arranjos inesperados. A própria presença da palavra, com um toque, uma significação um nada distorcida, guarda um certo sabor, um sal, é tão engraçada e imprevista como uma piscadela intencional desses burros cinzentos, doutorais, burro que puxa carroça de italiano. Ou é como se encontrássemos aí na rua uma dessas matronas cheias de aprumo, das meias aos óculos, e ela de repente nos mostrasse a língua. Vamos até o fim do livro sofrendo desses ultrajes, e jamais nos prevenimos suficientemente. Sempre somos apanhados. E quando não é a palavra, como um diabinho abstrato, é a irônica alusão. Ali está por exemplo a irreverência de chamar os ladrões das montanhas, uns bandleiros muito ordinários, de coorte de Marte — o que lembra imediatamente a “legio mártia” da qual falou altivamente Cícero: “Não leva ela este nome, o do deus de que nasceu o povo romano?” (Diz a lenda que Remo e Rômulo eram filhos de Marte e de uma flor.)

E, com tudo isto, o que falta em pureza da língua e em simetria na construção, sobra em pitoresco e colorido, nesse conto de fadas rico, fantástico, erótico e, sobretudo, poético. Onde encontramos relatos como o caso de Tlepólemo e Caridade, melodramático e até de mau gosto, e a bela história de Amor e Psiquê, à qual, quando muito e em raros trechos, podemos opor a restrição de ter certa ênfase declamatória, mas onde figura o extraordinário estudo sobre o nascimento da inveja e sua evolução nas almas.

O filósofo, volta e meia, comparece. “Há preço para tudo”, ele diz, e não tem nenhuma fé na Humanidade. “A fidelidade humana é coisa frágil, não há obstáculo para o ouro. O ouro abre até portas de aço.” Também não tem fé nas mulheres. Seu julgamento sobre elas, não se dirá que seja injusto, mas é duro e sem atenuantes. Culpa de quem? — perguntará o filósofo, amavelmente cético: “A chama do amor, fraca a princípio, nos deleita com seu suave calor. Mas quando o hábito o alimenta, ele se transforma em fogo ardente, que nada detém e consome inteiramente os homens.” (E as mulheres.)

Há tanto em Apuleio, que procuraram chaves para sua compreensão. O Asno de Ouro, realmente o seu melhor livro, foi exaustivamente explicado e interpretado. Deram-lhe valor simbólico, mas são vários os símbolos e vários os caminhos. Assim:

a) As atribulações de Lúcio transformado em burro, por ter querido penetrar os mistérios da Magia, seriam a punição da alma encadeada, sofrendo de prova em prova até encontrar a salvação;

b) O livro seria espelho da vida humana, que oscila entre volúpias e trabalhos;

c) Seria uma transposição romanceada de Platão e Pitágoras;

d) Seria uma reação contra a corrupção do mundo romano imperial, onde o roubo, o adultério, o incesto, o banditismo apodreciam a sociedade;

e) Seria a apresentação de uma solução aos males sociais, buscando corrigi-los com a religião.

Propósitos tão ortodoxos, como a reforma pela religião, não os teria Apuleio. Apesar da liturgia e da religião do livro XI, O Asno de Ouro não é nada edificante, sua religião nos parece muito exterior, sem nenhum espírito de santidade, antes com preocupações materialistas. É o “do ut des” — dou para que me dê — dos romanos, muito piorado. Aliás, a intenção confessada de Apuleio foi a de escrever mesmo um romance-folhetim. Queria escrever e escreveu contos milesianos. É o que diz no prólogo.

A primeira origem dos contos milesianos foi a crônica escandalosa de Mileto, na Ásia Menor, escrita por um outro Aristides, no I século de nossa era. Eram contos droláticos, muito livres, verdadeiramente cínicos. Do mesmo tipo foi a Matrona de Éfeso, do Satyricon, de Petrónio. Apuleio contou as histórias milesianas muito atrevidamente e, em matéria de obscenidade, não recuou diante de nada. Não sabemos se foi preciso coragem para isso. A coisa era do gosto dos antigos. É Ovídio quem comenta: “Aristides compôs a crônica escandalosa de Mileto, e no entanto não foi banido de sua cidade. E Sisena (que era conhecido como historiador, de resto bastante romanesco) traduziu Aristides de Mileto, sem que lhe tivesse acontecido nada.”

Não será, pois, O Asno de Ouro, nem símbolo nem sátira, mas narrativa popular, a modo de contador de histórias, pois que Apuleio se revela um imoderado apreciador de contos da tradição popular.

Uma contradição, aparente, jamais explicada no O Asno de Ouro, é que o herói, Lúcio, meio abstrato, que aparece durante dez livros como cidadão grego, e que seria de Himeto, do Ifireu, de Tenaro, em Esparta, com família e língua e característicos gregos, inesperadamente no livro XI se revele um africano de Madaura. Comenta-se que são muitas pátrias para um homem só. Para um Apuleio, que estruturou essas histórias, o erro é grosseiro demais. Não se pode argumentar com algum engano de interpretação, pois o texto é claro e fácil. Então o quê? Imagino que, como se trata de narrativas populares, o Lúcio, o Asno, Apuleio enfim, é este, aquele, e outros, gente de todos os tipos e feitios, é o que escuta e é o que conta, para se resumir no fim, numa síntese, como o homem de Madaura que enfeixou os contos.

Bem. Esta é uma explicação tão boa e tão imaginosa quanto outra qualquer. Deixa o prefácio, amigo leitor, que não te acrescenta nada, e segue o mandamento de Apuleio: “Da Grécia veio esta história... Ela vai-te alegrar.”

R.G.

NOTA: A tradução foi feita a partir do texto latino estabelecido por O.S. Robertson, da Univ. de Cambridge.

LIVRO I

I. Muitas fábulas quero apresentar-te, em variada sequência, nesta conversa de estilo milesiano, e agradar teus benévolos ouvidos com um álaçre sussurro, no caso em que não desdenhes ler o papiro egípcio, coberto de letras gravadas pelo fino estilete de um caniço, do Nilo. Verás, encantado, seres humanos, despojados de sua imagem e condição, tomarem outra forma; depois, ao contrário, e por uma ordem inversa, serem convertidos em si mesmos. Começemos. Quem sou eu? Ei-lo, em poucas palavras. A Himeto ática, o Istmo efíreu e a Tenaro espartana, terras felizes, de eternidade assegurada por obras ainda mais felizes, são o berço ancião da minha raça. Lá, a língua ática foi o preço para eu iniciar os primeiros exercícios militares, criança ainda. Mais tarde, na cidade dos latinos, aprendiz de letras estrangeiras, principiei o estudo e adquiri prática do idioma natal dos Quirites, com grande trabalho e muito esforço, sem mestre para me orientar. De antemão, suplico que me perdoes se, manejando como principiante uma língua estranha, a língua forense, eu cometer alguma deslize. Entretanto, o próprio fato de passar de uma para outra linguagem, verdadeiro exercício acrobático, harmoniza-se com o meu estilo. Da Grécia veio esta história. Atenção, leitor: ela vai-te alegrar.

II. Fui para a Tessália — origem, pelo lado materno, de uma família na qual temos a glória de contar o ínclito Plutarco, e mais tarde seu sobrinho, o filósofo Sexto; fui, pois, para a Tessália, a negócios. Tinha transposto escarpados montes, úmidos vales, frescas praias e campos cultivados, e o cavalo indígena, um cavalo todo branco que me levava, já estava fatigado. Fatigado também estava eu próprio de estar sentado, e quis caminhar, para me sacudir um pouco e desentorpecer. Pulei para o chão, enxuguei com folhas de árvores o suor do cavalo, esfreguei-lhe a cara cuidadosamente, passei-lhe a mão pelas orelhas, retirei-lhe a brida e o conduzi tranqüilamente, a passo, para lhe dar tempo de dissipar a lassidão e esvaziar o ventre pelas vias usuais e naturais. Enquanto o animal pastava, a caminhar virando a cabeça para o lado e abai-

xando o pescoço para agarrar de passagem, ao longo dos campos, um punhado de erva, eu me volvei a meio para dois companheiros de viagem que se encontravam, por acaso, um pouco adiante de mim. Como eu apurasse o ouvido para apanhar o assunto da conversa: “Ah!”, exclamou um deles, torcendo-se de rir. “Também contas tantos absurdos e tão grandes mentiras!” A estas palavras, e como sempre ávido de novidades, eu lhes disse: “Ponde-me a par dessa brincadeira; não que eu seja curioso, mas gosto de saber tudo ou pelo menos, o mais que for possível. E, ao mesmo tempo, o amável entretenimento de uma história aplainará a áspera encosta que temos a escalar.”

III. A estas palavras, o que tinha começado replicou: “Ah! Não são mentiras? São tão verídicas que se pretende que, murmurando palavras mágicas, obrigam-se os rios a subir para as nascentes; encadeia-se o mar, tornado inerte; adormece-se o sopro dos ventos; dêtém-se o Sol; atrai-se a Lua; desprendem-se as estrelas; suprime-se o dia; pára-se o curso da noite...”

Então, num tom mais tranqüilizador, eu disse: “Vamos, tu que começaste essa conversa, não te detenhas, nem recuses contar-nos a história até o fim.” E continuei, dirigindo-me ao outro: “Quanto a ti, quem sabe se uma pesada obstinação não fecha tuas orelhas e o teu entendimento a um fato verídico? Minha opinião tu não conheces: o erro e o preconceito não querem ver senão mentira quando não se está preparado para ouvir, nem habituado a ver, essas coisas que parecem pelo menos ultrapassar o nível da inteligência; mas um acurado exame te convencerá de que tais fatos são, não somente de uma verdade irrefutável, mas de fácil execução.

IV. “Assim, eu, ontem à tarde, querendo levar vantagem aos meus companheiros de mesa, dispus-me a consumir um pedaço de bolo com queijo um pouco maior do que seria razoável, quando a pasta mole e viscosa se me pegou à glote e me obstruiu tão bem as vias respiratórias, que por um triz não perco a vida. E, no entanto, um dia destes, em Atenas, diante da Pecila,¹ eu vi claramente um artista de feira engolir, com a ponta para a frente, uma afiada espada de cavalaria. Com o incitamento de algumas moedas, enfiou ainda até as entranhas, pela ponta mortífera, uma lança de caça. E eis que acima do ferro da espada, no lugar onde o cabo da arma virada de cabeça para baixo emerge da embocadura, subindo para a ponta, um rapaz, belo como uma moça, se erguia tomando atitudes plásticas, tão ágil e flexível como se fosse deslocado e desossado. Na assistência, estávamos todos estupefatos: dir-se-ia serpente generosa, enlaçando, em apertado abraço dos seus anéis móveis, o bastão nodoso, de ramos cortados, que o deus-médico² carrega. Mas retomemos o fio da história começada, (digo) eu te suplico. Acreditarei por ele e por mim, e, na primeira hospedaria em que en-

trarmos, participarás do meu almoço. É esse o prêmio que te espera.”

V. “Sensibiliza-me a tua proposta” — respondeu — “e, quanto ao relato cujo exórdio ouviste, vou retomá-lo. Mas, antes de mais nada, juro por esse divino Sol que vê tudo, nada conto que não possa ser averiguado; uma vez chegados à cidade de Tessália, que é a mais próxima e onde essas coisas se passaram e são comentadas abertamente pelo povo, não duvidareis mais. Mas sabei, primeiro, quem sou eu e qual é o meu país: Aristômenes sou, o egeu; ouvi, também como me mantenho: negocio com mel, queijo, e outras mercadorias do mesmo gênero, e percorro em todos os sentidos a Tessália, a Etólia, a Beócia. Tendo sabido que em Hípata, a cidade mais importante da Tessália, havia, para venda, queijo fresco de fino sabor, a um preço muito vantajoso, corri o mais depressa que pude para comprar todo o estoque. Mas, saí com o pé esquerdo. Quando cheguei, o lucro com que contava fracassou: na véspera, com efeito, o negociante por atacado, Lupo, tinha comprado tudo.

“Fatigado de ter corrido tanto para nada, dirigi-me a um estabelecimento de banhos, ao cair da noite.

VI. “E eis que ali vejo o meu amigo Sócrates. Estava sentado no chão, mal coberto por uma capa rasgada, a pele terrosa, irreconhecível, desfigurado pela magreza de causar dó, semelhante a esses náufragos da vida que mendigam tostões nas encruzilhadas. Apesar de estreitamente ligado a ele e conhecendo-o muitíssimo bem, ao vê-lo nesse estado, foi com alguma hesitação que dele me aproximei. ‘Que vejo, Sócrates, meu amigo, que é isto? Que fazes? Que infâmia é essa? Em casa dos teus te acreditam morto, e realizaram em tua memória o derradeiro apelo;³ teus filhos foram providos de tutores pelo juiz da província; tua mulher, depois de ter cumprido os últimos deveres de esposa, e ter-se consumido longamente no luto e na aflição, a ponto de prejudicar os olhos, se vê constrangida pelos próprios pais a alegrar com os júbilos de um novo casamento o desolado lar. Eis que, neste lugar, para nossa maior desonra, tu me apareces como um fantasma.’

“Aristômenes’, respondeu, ‘Vê-se bem que ignoras as voltas falaciosas da fortuna, seus golpes de surpresa, e correspondentes vicissitudes.’ Enquanto falava, cobria com os trapos o rosto, agora rubro de vergonha, deixando nu o resto do corpo, do umbigo ao púbis. Não pude suportar mais a vista lamentável de tal infortúnio, e, estendendo-lhe a mão, esforcei-me para erguê-lo.

VII. “Mas ele, permanecendo como estava, com a cabeça velada, dizia: ‘Não, não, que a fortuna desfrute à vontade o troféu que ela mesma fixou.’

“Conseguí arrastá-lo. Dei-lhe uma de minhas duas tú-

nicas, com que o vesti apressadamente, ou antes, o abriguei. Logo em seguida, conduzi-o ao banho, apresentei-lhe eu próprio o óleo e as roupas para usar, e arranquei, à força de esfregação, a espessa camada de caraca que o recobria. Depois de bem limpo, levei-o ao meu estalajadeiro, sustendo seus membros fatigados com grande esforço, pois eu também sentia grande lassidão. Procurei um leito para reparar-lhe as forças, fi-lo comer à farta e beber quanto quisesse, e acalmei-o contando-lhe histórias. Deixava-se levar para a conversa e o prazer, fazia frases, arriscava-se a lançar alguns ditos de espírito; de súbito, arrancando do fundo do peito um suspiro dilacerante e batendo na fronte com fúria, exclamou: 'Desgraçado de mim que, correndo atrás do prazer representado por um espetáculo famoso de gladiadores, caí nesta infelicidade. Como tu sabes, certamente, eu tinha ido à Macedônia, a negócio. Depois de nove meses de contínuos esforços, voltava bem provido de dinheiro, quando, pouco antes de atingir Larissa,⁴ onde eu queria, de passagem, assistir ao espetáculo, eis que, num desfiladeiro afastado e profundo, terríveis bandoleiros me cercaram. Despojado de tudo, escapei, por fim, e nesse extremo a que estou reduzido, fui procurar abrigo em casa de uma velha estalajadeira chamada Méroe, muito agradável, apesar da idade. Conte-lhe as circunstâncias de minha longa viagem, as angústias da volta, a causa lastimável de minha nudez. Tratou-me, no começo, de modo muito humano; ofereceu-me um generoso repasto e, mais que depressa, no fogo do desejo, fez-me partilhar do seu leito. Ah! mísero! Não foi preciso mais: uma única vez com ela, foi para mim o começo de uma interminável e pestilenta ligação. As próprias roupas que os ladrões, na sua bondade, tinham deixado para eu me cobrir, eu lhas entreguei. Abandonei-lhe até o magro salário que pude obter como carregador, pois tinha ainda vigor suficiente para isso. Enfim, tu me viste há pouco: eis o estado a que me reduziram minha boa esposa e minha má sorte.'

VIII. "Por Pólux, na verdade mereces bem o pior dos tratamentos, se por acaso houver sorte pior do que a tua. Pois então, às volúpias de Vênus e à pele de uma rameira, sacrificas teu lar e teus filhos?" 'Psiu, cala-te,' fez ele, pousando o índice na boca, como que cheio de estupor. Depois, olhando em torno para ver se podia falar com toda a segurança, continuou brandamente: 'É uma mulher demoníaca. Contém tua língua, se não queres atrair nenhum malefício.'

"Verdade? Que espécie de mulher é então essa estalajadeira tão poderosa, essa rainha de bordel?"

"Mágica e adivinha, tem o poder de abaixar o céu, de suspender a terra, de petrificar as fontes, de diluir as montanhas, de sublimar os mares e derrubar os deuses, de apagar as estrelas e iluminar o Tártaro."⁵

"Ora, vamos", digo eu, 'desce a cortina da tragédia,

afasta a encenação de teatro e fala como toda a gente.'

"Queres saber", disse ele, 'uma ou duas de suas façanhas? Ou queres ouvir muitas? Faz-se amar até à loucura por homens que habitam, já não digo somente esta região, mas a Índia, mas as duas Etiópias, e até os antípodas, e para ela isto é a infância da arte, e mera bagatela. Mas ouve o que ela perpetrou, diante de diversas testemunhas.

IX. "Um de seus amantes cometeu a temeridade de lhe ser infiel. Com uma única palavra, ela o transformou em castor, a fim de que ele tivesse o destino daquele animal selvagem que, por temor do cativoiro, corta as partes genitais para se livrar dos caçadores. O dono de uma casa de prazer vizinha, e, que, por isso mesmo, lhe fazia concorrência, foi trocado por ela em rã. Agora, o velho nada no tonel e, mergulhado no limo, saúda com toda a cortesia, com os seus coaxos roucos, aqueles que outrora vinham beber do seu vinho. De outra feita, um advogado tinha falado contra ela. Foi transformado em carneiro, e agora temos um carneiro que advoga. A mulher de um de seus amantes se permitira, contra ela, umas brincadeiras um pouco ferinas. Essa mulher estava grávida: ela aprisionou no ventre o fruto e, demorando-lhe o desenvolvimento, condenou a moça a uma gravidez perpétua. Há oito anos, segundo a conta de alguns, a desgraçada arrasta seu fardo, com o ventre esticado, como se fosse dar à luz um elefante.

X. "A repetição de tais fatos, e o número das vítimas, fez crescer a indignação pública. Decidiu-se que, no dia seguinte, castigá-la-iam sem piedade, lapidando-a. Porém, ela previu o plano em virtude de seus sortilégios. Do mesmo modo que a famosa Medéia que, tendo obtido de Creon um dia somente de adiamento, consumiu nas chamas lançadas de uma coroa toda a casa do velho rei, sua filha e ele próprio, assim, Méroe, operando sobre uma cova, com ritos sepulcrais, conforme me contou recentemente, num dia em que estava bêbada, manteve todos os habitantes da cidade fechados em suas casas pela força muda das potências divinas. Ninguém pôde forçar as fechaduras, nem arrancar as portas, nem mesmo furar as paredes, durante dois dias inteiros. Por fim, pela instigação de uns e outros, a uma só voz gritaram e juraram, com o juramento mais sagrado, que nenhum deles levantaria a mão contra ela, e que, se alguém resolvesse o contrário, ela encontraria neles auxílio e proteção. Sob estas condições, ela abrandou e libertou a cidade inteira. Quanto ao autor do plano, numa noite escura ela o transportou com toda a sua casa, fechada como estava, paredes, assoalho e alicerces, para um lugar a cem milhas de distância, numa outra cidade, situada no mais alto pico do mais escarpado morro, e, por essa razão, privado de água. E, como as habitações estivessem muito apertadas

para darem lugar a uma forasteira, atirou a casa diante da porta da cidade e se foi.'

XI. "Isto que contas, meu bom Sócrates", disse eu, 'é terrível e maravilhoso. De tal maneira, que até a mim inspiraste uma tremenda inquietação, para não dizer pavor. É como se me tivesses cutucado não com um espinho, mas com a ponta de uma lança. E se essa velha, servida pelos divinos poderes, chegasse a conhecer o teor da nossa conversa? Apressemos-nos a dormir, e, quando o sono dissipar nossa fadiga, antes da aurora, toquemos para longe, o mais longe que pudermos.'

"Eu aconselhava ainda, e já o honesto Sócrates, baqueado pelas libações inusitadas e por um longo cansaço, tinha dormido, e roncava barulhentemente. Quanto a mim, reforcei a porta, experimentei os ferrolhos, instalei meu catre contra os batentes, e ali me espichei. O medo me manteve desperto algum tempo, no começo. Depois, lá pela terceira vigília,⁶ fechei um pouco os olhos. Mal dormira, quando, bruscamente, com um repelão forte demais para ser atribuído a ladrões, a porta se abriu, ou antes, foi projetada para a frente, as dobradiças quebradas e arrancadas do pino. Meu catre, de resto muito curto, e com um pé mutilado e carunchado, virou-se com a violência do choque; por minha vez, rolei por terra, caído da cama, a qual, ao tombar, voltou-se e me recobriu inteiramente.

XII. "Fiquei sabendo, então, que é próprio de certas emoções manifestarem-se por efeitos contrários. É do conhecimento de todos que freqüentemente se derramam lágrimas de alegria: do mesmo modo, nesse pavor extremo, não pude conter o riso, vendo-me de Aristômenes transformado em tartaruga. Entretanto, agachado dentro da carapaça, sob a proteção prudente do catre, lancei um olhar de esguelha, na expectativa dos acontecimentos. Vejo duas mulheres de idade muito avançada; uma levava uma lâmpada acesa, outra uma esponja e uma espada nua. Assim equipadas, cercaram Sócrates, que dormia serenamente, e aquela que tinha a espada falou: 'Aqui está ele, Pância, minha irmã, o caro Endimião;⁷ ei-lo, o meu Catâmito,⁸ que por muitos dias e muitas noites se aproveitou da minha idade terna demais, e aqui está, desprezando meu amor. Não contente de me difamar, ainda se prepara para fugir. E eu, sem dúvida, nova Calipso, abandonada pelo astucioso Ulisses,⁹ chorarei e lamentarei a minha solidão eterna.' Assim falando, estendeu o braço e me mostrou à sua amiga Pância: 'Quanto a esse ali', acrescentou, 'o honesto conselheiro Aristômenes, que teve a idéia da fuga, esse que neste momento, mais próximo da morte do que nunca, prostrado no chão, e jacente sob o seu grabato, observa tudo isto, pensa que me ultrajou impunemente. Paciência; mas não, num instante, ou antes, imediatamente, quero que se penitencie de seus sarcasmos de antes e da sua curiosidade de agora.'

XIII. “Ouvindo este discurso, coitado de mim, um suor frio me corria ao longo do corpo, e estavam as minhas vísceras sacudidas por um tal tremor que meu catre, movimentado pelos sobressaltos, dançava aos pulos sobre o meu lombo. Mas a boa Pância respondeu: ‘Que achas minha irmã, de primeiro despedaçarmos esse homem, como fazem as bacantes, ou de lhe ligarmos os membros, e cortar-lhe o instrumento da virilidade?’

“Não’, replicou Méroe, pois era ela, eu a reconhecia agora, visto Sócrates ter-lhe mencionado o nome em suas narrações, ‘não, mas que ele pelo menos sobreviva para amontoar um pouco de terra sobre o cadáver deste pobre rapaz.’ E, inclinando para a direita a cabeça de Sócrates, mergulhou a espada inteira, até o punho, no lado esquerdo da garganta; depois, aproximou um odrezinho e recolheu o sangue que jorrava, diligenciando para que nenhuma gota se perdesse. Tudo isto eu vi com os meus olhos. Para conservar, creio, a essa imolação, todas as características de um sacrifício, a doce Méroe introduziu a mão direita no ferimento, remexeu até o fundo das entranhas, e retirou o coração do meu desgraçado camarada. A violência do golpe tinha-lhe cortado a garganta e ele, deixando escapar pela fenda um som que não passava de um vago sopro, exalou o último suspiro. Pância, com uma esponja, tampou a larga abertura, dizendo: ‘Esponja, tu que nasceste no mar, guarda-te de atravessar um rio.’ Feito isto, retiraram-se, empurrando o catre. Depois, agachadas, com as pernas separadas acima de meu corpo, esvaziaram sobre mim a bexiga, e me deixaram inundado de imunda urina.

XIV. “Mal transpuseram a soleira, os batentes da porta se mostraram intatos, e voltaram à sua posição primitiva: os pinos se recolocaram nas dobradiças, as trancas se ajustaram nos passadores, os ferrolhos se ajeitaram no encaixe. Mas eu fiquei lá como estava, jogado no chão, desfalecente, nu, transido, molhado de urina, tal como um recém-nascido ao sair do útero materno. Assim mesmo, meio morto, era o meu próprio sobrevivente, o meu prolongamento póstumo, e, em qualquer caso, candidato à cruz. Que acontecerá, eu me dizia, quando, amanhã pela manhã, descobirem a garganta cortada? Adiantaria dizer a verdade? Quem acreditaria? Poderias ao menos pedir socorro, se, de talhe avantajado como és, não pudeste resistir a uma mulher. Degola-se um homem na tua frente e calas-te? Demais, por que não pereceste, vítima do mesmo atentado? Por que esta crueldade feroz, pelo simples temor de uma denúncia, não suprimiu a testemunha do crime? Escapaste da morte; pois bem, volta para ela.

“Enquanto eu ruminava essas coisas, ia-se a noite, e vinha o dia. Pareceu-me que o melhor partido a tomar era escapar furtivamente, antes da madrugada, e rápido pegar a estrada, sem deixar vestígio. Agarrando minha pe-

quena bagagem, introduzi a chave na fechadura e manobrei os ferrolhos. Porém, aquela porta honesta e fiel que, por si mesma, durante a noite, tinha feito saltar as dobradiças, foi com enorme trabalho, e à força de virar e revirar a chave, que cedeu por fim.

XV. “Olá, onde estás?”, chamei. ‘Abre a porta da estalagem, quero partir antes do dia.’ O porteiro, que se tinha deitado no chão, atravessado na entrada, disse, ainda meio dormindo: ‘Que pensas? Não sabes que os caminhos estão infestados de bandoleiros, para te meteres na estrada a esta hora da noite? Se tens algum pecado na consciência, que te dá ganas de morrer, eu não tenho cabeça de melão para ir morrer em teu lugar.’ ‘O dia não demora’, respondi. ‘E demais, que queres que os ladrões roubem de um viajante que de seu só tem a pobreza? Ou és tão tolo que é preciso te explicar que mesmo dez lutadores da Academia não poderiam despojar um homem nu?’ O porteiro, caindo de sono, e quase dormindo outra vez, virou-se resolutamente para o outro lado, dizendo: ‘E quem me prova que não degolaste o teu companheiro de viagem, com o qual aqui te alojaste ontem, e que não procuras, com a fuga, salvar-te da prisão?’

“Nessa hora, lembro-me, vi abrir-se a terra, e o fundo do Tártaro aparecer, com o cão Cérbero pronto para me devorar. Acudiu-me não ter sido por misericórdia, seguramente, que a boa Méroe me tinha poupado, em lugar de me degolar; mas havia, por crueldade, me reservado para a cruz.

XVI. “Voltei para o meu cubículo, deliberando sobre o mais expedito dos gêneros de morte. Mas o destino não me punha à disposição outra arma mortífera, a não ser o meu catre: ‘Grabato’, digo-lhe eu, ‘grabato caro ao meu coração, companheiro de tantas desgraças que agüentamos juntos, tu que conheces como eu, por havê-los presenciado, os acontecimentos desta noite, única testemunha de minha inocência que posso invocar porventura, quando me acusarem — tenho pressa de descer à região dos mortos: fornece-me arma eficiente.’ Dito isto, dei-me ao trabalho de desmanchar a corda com a qual era trançado o estrado; apanhei uma das pontas e fixei-a em torno de uma tranca que, presa à janela, formava uma saliência de um lado; com a outra ponta, fiz um nó firme; depois, subindo ao leito, e não me elevando senão para perecer, ergui a cabeça para o nó corredio e o passei em torno do pescoço. Mas, quando repeli com o pé o suporte que me servia de ponto de apoio, de maneira que, apertado pelo meu peso, o laço se apertasse na minha garganta, detendo-me a respiração, a corda, já velha e podre, arrebentou. Caí no vazio, bem em cima de Sócrates, que, deitado ao meu lado, rolou para o chão comigo.

XVII. “Nesse instante, o porteiro surgiu, gritando, com toda a força: ‘Onde estás ó tu que, no meio da noite, te impacientavas tanto por partir, e que, no entanto, agora roncas enrolado nas cobertas?’ Sócrates, despertando, seja pela nossa queda, seja pelos gritos ensurdecedores do outro, levantou-se dizendo: ‘Não é sem razão que os viajantes maldizem os taberneiros. Vejam o indiscreto, que irrompe intempestivamente — ele gostaria, creio, de nos furtar alguma coisa — e cujos barulhentos clamores, quando mais não seja, me arrancaram de um sono profundo.’

“Eu surgi alegre, verdadeiramente inundado de contentamento por essa felicidade inesperada: ‘Vê, incorruptível porteiro, eis aí o meu companheiro, meu irmão, que esta noite, bêbado, me acusavas de ter matado.’ E assim dizendo, eu abraçava Sócrates e o cobria de beijos. Mas ele, nauseado com o mau cheiro do líquido tremendamente repugnante com que as Lâmias¹⁰ me haviam emporcalhado: ‘Arreda-te’ disse, ‘tu fedes à latrina’, e perguntou interessado como tinha eu me perfumado daquela maneira. Imediatamente, em meu embaraço, inventei qualquer absurda brincadeira para desviar-lhe a atenção, e, pondo a mão direita no seu ombro, disse-lhe: ‘Que esperamos? Partamos e aproveitemos a amena caminhada matinal.’ Tomei minha pequena bagagem, paguei ao tendeiro o preço de nossa dormida, e eis-nos na estrada.

XVIII. “Mal nos tínhamos posto a caminho, o Sol, nascendo, iluminou tudo com seus raios. Eu observava, com uma atenta curiosidade, o pescoço do meu companheiro, no lugar onde vira mergulhar o gládio, e dizia comigo mesmo: “Louco, tinhas bebido, foi o espírito encharcado de vinho que te fez ter sonhos insensatos. Estás aí, Sócrates, intato, sadio, incólume. Onde está o ferimento? Onde estão a esponja e a cicatriz, tão profunda quanto recente?” E, dirigindo-me a ele, falei: ‘Médicos dignos de fé pretendem, com razão, que um estômago estufado de comida e bebida faz sonhar coisas trágicas e ameaçadoras. Pois foi isso. Bebi mais do que seria razoável. Passei uma noite terrível, que me trouxe imagens de espanto e de horror. Isso chegou a tal ponto, que neste momento creio-me ainda molhado e sujo de sangue humano.’

“De sangue?’ inquiriu Sócrates, sorridente. ‘Não é de sangue que estás molhado, mas de urina. De resto, eu também tive um sonho. Sonhei que me cortavam a goela. Senti a dor aqui na garganta. Pareceu mesmo que me arrancavam o coração e até agora como que me falta o sopro, tremem-me os joelhos, estão inseguros os meus passos, e sinto a necessidade de tomar algum alimento que me reanime.’

“Viva!”, disse eu, arreando a sacola do ombro, ‘aqui está um almoço já servido’, e estendi-lhe queijo e pão. ‘Sentemo-nos junto deste plátano.’

XIX. “Feito isto, tomei por minha vez um pouco das mesmas provisões. Olhando para o meu companheiro, que comia com avidez, vi seus traços se cavarem, seu rosto se tornar de um palor de bucho, as forças o abandonarem. Ficou, enfim, tão irreconhecível, com as cores tão mortalmente alteradas, que, em meu horror, cria rever diante de mim as Fúrias¹¹ da noite, e o primeiro bocado de pão, por pequeno que fosse, se me atravessava na garganta, sem poder descer nem subir. E o que levava ao cúmulo o meu medo era que só de raro passava gente. Com efeito, a quem convencer que, de dois companheiros, um tivesse perecido sem que o outro interviesse? Contudo, Sócrates consumira boa quantidade de alimento e foi tomado de sede irresistível. Havia engolido um grande bocado de um queijo excelente, e, não longe das raízes do plátano, sereno como um lago, corria preguiçoso um regato de curso lento, da cor da prata e do vidro. Está bem, eu lhe disse, bebe da água leitosa daquela fonte, até matar a sede. Ele se levantou, procurou por um instante, no barranco, um lugar ao nível da água; depois, dobrando os joelhos, inclinou-se e se aproximou, ávido, para beber. Não tinha ainda atingido com os lábios e superfície da água, quando profundo e largo ferimento se abriu em seu pescoço, a esponja bruscamente escapou, seguida de um filetezinho de sangue, e seu corpo inanimado iria de cabeça para diante dentro d’água se eu não o tivesse segurado por um pé e arrastado, com grande esforço, para a margem. Ali, depois de ter chorado, tanto quanto permitiam as circunstâncias, o meu desgraçado companheiro, recobri-o de terra arenosa e deixei-o nas vizinhanças do rio para sempre. Ao mesmo tempo, cheio de inquietação e de temor por minha própria sorte, fugi, pelos caminhos mais afastados, para solidões impenetráveis. Como se tivesse a morte do homem na consciência, abandonei minha pátria e o meu lar. Exilado, habito hoje a Etólia, onde celebrei novo contrato matrimonial.”

XX. Esta foi a narração de Aristômenes. E a isto, seu companheiro, que desde o começo tinha-se retraído em sua incredulidade, e recusava-se a ouvi-lo, disse: “Nada existe de mais fabuloso que essa fábula, nem mais absurdo que essa mentira. E tu”, continuou, voltando-se para mim, “e tu, que tens o ar e as maneiras de um homem educado, dás ouvido a esse conto?”

“Sou de opinião”, respondi, “que não há nada impossível: Como decidirem os fados, assim decorre a vida para os mortais. A ti, a mim, a não importa quem, acontecem coisas extraordinárias e quase inéditas. Contai-as a quem ignore tudo isso, e perdereis todo o crédito. Quanto a ele, sim, certamente, eu creio nele, e lhe rendo graças infinitas por nos ter mantido tão bem sob o encanto de uma agradável história, de maneira que cheguei ao fim desta rude e longa escalada, sem esforço e sem aborrecimento. O be-

nefício atingiu até a minha montaria, que obtive um inesperado proveito, pois que, sem fadiga para ela, eu vim até a entrada desta cidade levado, não por seu lombo, mas por minhas orelhas.”

XXI. Acabou aqui nossa conversa e nosso itinerário em companhia. Os dois companheiros viraram para a esquerda, em direção a uma casinhola de campo, situada a pouca distância. Quanto a mim, aproximando-me da primeira hospedaria que avistei, perguntei logo à velha hospedeira: “Esta cidade é Hípata?” Ela fez sim com a cabeça. “Conheces um certo Milão, um dos principais da cidade?” Ela riu e disse: “Verdadeiramente, Milão passa por tal, pois habita fora do perímetro urbano.” “Fora de brincadeira, excelente mulher”, digo-lhe eu, “responde-me, eu te peço: que espécie de homem é ele, e em que casa mora?” “Vês aquelas janelas, lá embaixo, que dão para fora, em direção da cidade, e, do outro lado, uma porta dando por trás para a rua vizinha? É lá que mora o teu Milão, um homem que possui haveres em abundância, mas desacreditado por sua extrema avareza e sua sórdida baixeza. Com efeito, ele pratica a usura proveitosamente, tomando como penhores o ouro e a prata. Confinado numa salinha, ali vive possuído pela paixão que o consome. Tem, não obstante, uma esposa, companheira da sua calamitosa existência. Ele não sustenta senão uma pequena escrava, e sai sempre vestido como um mendigo.”

A estas palavras, repliquei, rindo-me: “Benigno e providente Deméias, que velou por mim, dando-me, quando partia, uma recomendação para tal homem: um hospedeiro em casa de quem não tenho que temer nem a fumaça nem o cheiro da cozinha.”

XXII. Assim dizendo, dei ainda alguns passos, detendo-me diante da entrada da casa, cuja porta estava solidamente aferrolhada. Pus-me a bater e a chamar. Por fim, apareceu uma mocinha: “Eh! tu aí, que dás tão vigorosos golpes na porta, sobre que espécie de penhor desejas o empréstimo? Ou só tu ignoras que não aceitamos como garantia senão o ouro e a prata?”

“Bom proveito” disse-lhe eu. “Tu farias melhor em me dizer se teu patrão está em casa.” “Sim”, respondeu, “mas por que essa pergunta?” “Trago-lhe carta de Deméias de Corinto.” “Vou-te anunciar”, disse ela, “espera aqui.” E, aferrolhando de novo a porta, entrou na casa. Um instante depois, voltou e abriu, dizendo: “Ele te espera.”

Entrei. Encontrei-o justamente no momento em que se instalava sobre um pequeno estrado e se dispunha a jantar. A seus pés, sentava-se sua mulher. A mesa vazia estava posta. Designando-a, ele falou. “Eis o que posso oferecer aos meus hóspedes.” “Está bem”, digo, estendendo-lhe ao mesmo tempo a carta de Deméias. Leu-a rapidamente. “Agradeço”, disse, “ao meu caro Deméias, por ter-me apresentado um hóspede tão distinto.”

XXIII. Assim dizendo, convidou a mulher a me ceder o seu lugar, e a mim, para que me sentasse. E como, por timidez, eu fizesse ainda alguma cerimônia, agarrou a barra de minhas vestes e me puxou para si. “Senta-te”, disse, “senta-te junto de mim. Pois o temor dos ladrões não nos permite procurar nem cadeiras nem mobília conforme nossas necessidades.” Quando obedeci, continuou: “A elegância que transparece em tua pessoa, aliada à modéstia verdadeiramente virginal, teria por si só feito pressentir a nobreza de tuas origens, se a carta do meu amigo Deméias não se pronunciasse a respeito de tudo isso. Não desprezes, então, suplico-te, a exigüidade do nosso humilde cubículo. O quarto ao lado te oferecerá um abrigo decente. Que te seja possível encontrar prazer na estadia entre nós. A dignidade que emprestarás a esta casa a tornará mais considerada e tu adquirirás um título de glória se, contente com o pobre lar, imitares as virtudes desse Teseu, homônimo de teu pai, que não desdenhou a humilde hospitalidade da velha Hecaléia.”¹²

Depois, chamando a pequena escrava: “Fótis, encarrega-te da bagagem do hóspede e deposita-a em segurança no seu cubículo, e, ao mesmo tempo, tira do armário, logo, o óleo para fricção, linhos para enxugar, enfim tudo que é preciso, e conduz meu hóspede à casa de banho mais próxima: sua árdua viagem o fatigou bastante.”

XXIV. A estas palavras, considerando o ponto de vista de Milão e sua parcimônia, e querendo conquistar melhor as suas boas graças, disse-lhe: “De nada preciso. Esses objetos me acompanham em todas as minhas viagens. E o banho, eu o encontrarei facilmente. Muito mais importante para mim é meu cavalo que me trouxe valentemente até aqui. Toma, Fótis, estas poucas moedas e compra feno e aveia.”

Feitos esses arranjos, e depositadas as minhas coisas no feio cubículo, dirigi-me ao banho. Mas, querendo antes prover ao nosso repasto, fui ao mercado e vi ali expostos magníficos peixes. Perguntei o preço: cem sestércios. Recusei. Por vinte denários efetuei a transação. Justamente ao sair de lá encontrei Píteas, meu condiscípulo em Atenas. Mostrou, ao me reconhecer depois de tanto tempo, uma alegria cordial, saltou-me ao pescoço, abraçou-me afetuosamente: “Caro Lúcio”, disse, “há um século que não nos vemos, por Hércules!, desde que deixamos de freqüentar nosso mestre Clício. Mas o que te trouxe a esta terra?” “Saberás amanhã”, respondi. “Mas que é isto? Meus cumprimentos. Eu te vejo com as insígnias, os feixes, todo o aparato que convém a um magistrado.” “Sou encarregado da anona¹³ e exerço as funções de edil. Se há alguma vitualha que desejes, estou às tuas ordens.” Agradei-lhe. Eu tinha provido suficientemente o jantar com os peixes. Mas Píteas, avistando o meu cesto e sa-

cudindo os peixes para lhes apreciar melhor o aspecto, perguntou: “Quanto pagaste por esses peixinhos?” “Com algum esforço”, disse eu, “arranquei-os a um pescador por vinte denários.”

XXV. Mal ouviu isto, imediatamente me tomou pela mão, levou-me de volta ao mercado de onde eu vinha. “De quem compraste esse rebotalho?” perguntou-me. Mostrei-lhe um velhinho, sentado num canto. Apostrofando-o logo, com voz rude, em virtude dos seus poderes de edil, gritou: “Eis a consideração que demonstraís por nossos hóspedes e, de maneira geral, pelos estrangeiros em trânsito! Vendeis caro peixinhos sem valor, e desta cidade, flor da Tessália, fazeis, com o alto preço dos víveres, um deserto, um escolho solitário. Mas isto não ficará impune. Eu me encarrego de mostrar como, sob a minha administração, a desonestidade será reprimida.” Despejando no chão o conteúdo do meu cesto, ordenou ao seu ajudante que pisasse os peixes e os esmagasse até o último. Depois, satisfeito com a sua severidade, o amigo Píteas me convidou para sair, acrescentando: “É suficiente, Lúcio, ter infligido a esse velhinho tal afronta.”

Consternado com semelhante ato e aturdido, retomei o caminho do banho. A prudente energia do meu sábio condiscípulo me tinha privado ao mesmo tempo do dinheiro e do jantar. Uma vez lavado, voltei cedo para a casa do meu hospedeiro Milão, e entrei para o quarto.

XXVI. Então apareceu a escrava Fótiis: “Teu hospedeiro te chama”, disse. Mas, edificado já a respeito do regime de abstinência de Milão, escusei-me cortesmente: para dissipar a fadiga da viagem, eu cuidava ter mais necessidade de sono que de alimento. Dado o recado, foi ele próprio quem veio me procurar. Pousando delicadamente a mão sobre mim, procurou me levar. Vendo que eu me furtava e resistia por discrição, disse: “Não irei se não me seguires.” Jurou, e, tendo sua obstinação forçado minha obediência, conduziu-me até o seu pequeno grabato, fazendo-me sentar. “Como estão”, perguntou, “nosso Deméias? E sua mulher? E os filhos? E a escravaria?” Narrei-lhe tudo pormenorizadamente. Em seguida, quis saber exatamente o objetivo de minha viagem, e quando lhe contei, foi sobre a minha pátria, seus maiores, seu governador, que ele indagou minuciosamente. Reparando, todavia, que ao abalo de uma dura viagem se acrescentava para mim o cansaço de uma conversa prolongada, tanto que eu dormia no meio de uma palavra e, incapaz de articular, tentava sem êxito vagos balbucios, tolerou que eu me fosse deitar. Escapei, enfim, ao importuno ancião, anfitrião loquaz e famélico. Pesado de sono, e não de comida, e não tendo ceado senão histórias, voltei para meu quarto para ali saborear o ambicionado repouso.

LIVRO II

I. Esmaeceu a noite, veio um novo sol e fez-se o dia. Emergindo ao mesmo tempo do sono e do leito, com o espírito sempre ansioso e ávido ao mais alto ponto de conhecer fatos raros e maravilhosos, encontrei-me, pois, no coração da Tessália, nesse país que o mundo inteiro concorda em celebrar como o berço das artes mágicas e dos encantamentos, tendo ocorrido nessa cidade a origem da aventura do meu valente companheiro Aristômenes. Incitado pelo desejo e pela impaciência, eu considerava cada objeto com olhar curioso. De tudo que via, nada nessa cidade me parecia ser o que era. Persuadia-me de que algum feitiço infernal havia dado a cada coisa uma nova configuração. Quando encontrava uma pedra, acreditava ver um homem petrificado. Se ouvia um pássaro, era um homem ainda, no qual tinham crescido penas. Do mesmo modo, eram homens enfolhados as árvores que bordavam os arredores da cidade, e provinha a água das fontes de corpos humanos liquefeitos. Parecia-me que as estátuas e as imagens iam marchar, as muralhas falar, os bois e outros animais de rebanho anunciar o porvir. Do próprio céu, e do radioso orbe do Sol, caíria de repente algum oráculo.

II. Assim obsedado, fascinado, tornado estúpido por um desejo que era o meu tormento, eu errava por toda parte, sem encontrar vestígio nem traço do que desejava tão vivamente. Enquanto vagava de porta em porta, como um homem adoidado ou bêbado, eis-me, de súbito, sem ter percebido, no mercado, pelo qual passava nesse instante uma mulher, seguida de numerosa famulagem. Apertei o passo para alcançá-la. O engaste de ouro de suas pedrarias, e os fios de ouro com que estavam entrançados os seus vestidos, anunciavam uma pessoa de categoria. Ao seu lado, caminhava um ancião carregado de anos, que disse, logo que reparou em mim: “Por Hércules, sim, é Lúcio.” Ao mesmo tempo, me deu um beijo; depois murmurou algumas palavras indistintas ao ouvido da dama: “Que esperas?”, ajuntou ele, “para te aproximares e saudares tua mãe?” “Não ousa”, respondi, “não conheço essa senhora.” O rubor me subiu ao rosto e, baixando a cabe-

ça, quedei-me no mesmo lugar, imóvel. Porém ela, voltando os olhos para mim, disse: “É bem a generosa modestia da virtuosa Sálvia, sua mãe. E em toda a sua pessoa, é prodigioso como podemos encontrá-la exatamente: um talhe desempenado, sem desproporção, esbelto, bons músculos, tez de rubor moderado, a loura cabeleira sem complicados arranjos, olhos verdoengos, mas vigilantes, de olhar móvel como o de uma águia, a flor da saúde visível no rosto, o andar cheio de graça, sem afetação.”

III. E continuou: “Fui eu, Lúcio, que te criei com estas mãos. Que há de surpreendente nisso, se eu estava ligada à tua mãe pelo duplo liame do sangue e da alimentação em comum? Oriundas ambas da família de Plutarco, sugáramos juntas o leite da mesma ama e crescêramos como irmãs em estreita intimidade. Não há diferença entre nós senão a posição social, pois tua mãe desposou um alto personagem, eu um simples cidadão. Eu sou essa Birrena cujo nome te lembrás talvez de ter ouvido pronunciar entre aqueles que te educaram. Não temas, pois, aceitar minha hospitalidade, ou antes, vem para uma casa que, de agora em diante, é a tua.”

Durante essa conversa, meu rubor se dissipara. Respondi: “Não posso pensar, minha mãe, em abandonar meu hospedeiro Milão sem motivo nenhum de queixa. Mas farei tudo que puder ser feito sem descortesia. Cada vez que passar por aqui, não deixarei de descer em tua casa.”

Assim dialogando, demos alguns passos e chegamos à mansão de Birrena.

IV. O átrio era belíssimo. Em cada um dos quatro ângulos se elevava uma coluna, que sustentava uma estátua da Vitória. A deusa das asas espalmadas não caminhava: a florando com a fresca planta dos pés o instável ponto de apoio de uma bola móvel, nela pousava sem se fixar, e parecia desferir vôo. Um bloco de mármore de Paros,¹⁴ figurando uma Diana, ocupava o meio da sala, que dividia simetricamente. Obra-prima sem defeito, a deusa, túnica ao vento, parecia, na sua carreira ágil, colocar-se diante dos que entravam, e por sua majestade inspirava veneração. Estava flanqueada de cães, à direita e à esquerda, eles também de pedra. Tinham olhos ameaçadores, orelhas empinadas, ventas largas, fauces em posição de morder: se ressoasse por perto um latido, poder-se-ia acreditar ter saído dessas goelas de mármore. Mas o maravilhoso escultor havia sobrepujado a si mesmo: os cães de peito alto tinham os membros posteriores em repouso, as patas da frente na atitude de correr. Por trás da deusa, elevava-se um rochedo, cavado em forma de gruta, com musgos, ervas, folhas, galhos flexíveis, aqui moitas, ali arbustos, toda uma floração saída da pedra. A sombra da estátua, no interior da gruta, iluminava-se com os reflexos do mármore. Sob a cornicha do rochedo pendiam fru-

tos e cachos de uva, num trabalho bem-acabado, pois que a arte, rival da natureza, tinha sabido lhe dar a aparência da realidade. Dir-se-ia que na vindima, quando o sopro do outono os tivesse dourado e amadurecido, poder-se-ia colhê-los para comer, e, ao inclinar-se para olhar a fonte, que ondulava aos pés da deusa com suas vagas de doces frêmitos, tinha-se a ilusão de que tais cachos se balançavam na natureza, não lhes faltando os atributos da verdade, mesmo o movimento. Do meio da folhagem, um Acteão¹⁵ de pedra avançava a cabeça, pousando na deusa um olhar curioso. Quase transformado já em animal, sob a forma de um cervo, ele se via, ao mesmo tempo, na pedra do rochedo e na água da fonte, que espiava o banho de Diana.

V. Eu não me desprendia desse espetáculo e me deleitava com ele infinitamente. “Tudo que vês”, me disse Birrena, “é teu.” Ao mesmo tempo, mandou sair todos os presentes, para que conversássemos a sós. Quando todos se distanciaram, recomeçou: “Juro por esta deusa, meu caríssimo Lúcio, que padeço grandes angústias por tua causa, e queria, pois te amo como a um filho, velar pela tua segurança, antes que o mal aconteça. Guarda-te, guarda-te energicamente dos perigosos artifícios e da criminosa sedução dessa Panfília, mulher do Milão que dizes ser o teu hospedeiro. Ela passa por mágica de primeira ordem, e entendida em todos os gêneros de encantamentos sepulcrais. Consegue, soprando sobre varinhas, pedregulhos, ou outros objetos miúdos, mergulhar toda a luz do mundo sideral no fundo do Tártaro e no antigo caos. Reparando num moço bonito e bem-feito, atraída por sua beleza, não tira dele mais nem os olhos nem os pensamentos. Prodigaliza-lhe carícias, apodera-se do seu espírito, enlaça-o para sempre nas armadilhas de um amor insaciável. Mas aqueles que se mostram morigerados, e que, por seus desdêns, incorrem em seu desfavor, num instante ela os transforma em pedras, em carneiros, em quaisquer animais, sem falar daqueles que simplesmente suprime. Eis o que temo, e contra o que te previno. Pois que ela arde sem descanso, e tu, por tua idade, tua aparência, tens muito que impressioná-la.” Assim falou Birrena, cheia de ânsia.

VI. Mas eu, com a minha habitual curiosidade, logo que ouvi mencionar a arte mágica, desde sempre objeto de meus desejos, em vez de ter cautela com Panfília, ambicionei, ao contrário, ardentemente, meter-me em tal escola, custasse o que custasse, e precipitar-me de um pulo em pleno báratro. Minha pressa chegava ao delírio. Desprendi-me da mão de Birrena, como faria com uma cadeia, disse-lhe brevemente adeus, e voei, rapidíssimamente, para a casa do meu hospedeiro. Cada vez apertava mais o passo, como um louco: “Atenção”, dizia a mim mesmo, “atenção, Lúcio! Vigia e mantém alerta o teu espírito. Eis a ocasião sonhada. Teu antigo voto será cumprido. Vais poder fartar o coração com relatos maravilho-

sos. Banidos os pueris temores, aborda o negócio às claras e de frente. Nada de intriga amorosa com a tua hospedeira. Respeita religiosamente o leito nupcial do honesto Milão. Mas a fâmula Fótis, podes resolutamente atacar. É uma bonita moça, gosta de rir e é viva. Ontem à tarde, ainda, quando caías de sono, ela gentilmente te conduziu ao teu quarto, te pôs no leito com gesto brando, te cobriu com ternura. Depois, tendo-te beijado a fronte, retirou-se com pena, isso se lia no seu rosto. Afinal, deteve-se por diversas vezes, voltando-se para te olhar. Então, experimentemos essa Fótis, e que possa ser a consequência disso boa, feliz e próspera.”

VII. Assim deliberando comigo mesmo, cheguei à porta da casa de Milão, louvando-me em minha opinião, como se diz. De resto, não encontrei na casa nem Milão, nem sua mulher, mas somente minha cara Fótis. Ela preparava para seus amos um prato de carne com lingüiça picada miúdo, com um refogado e um pastelão de carne de conserva, tudo muito saboroso, o que se podia adivinhar pelo cheiro. Estava graciosamente ataviada com uma túnica de linho. Uma faixa de um vermelho vivo lhe cingia o talhe, à altura dos seios. Com suas mãos pequenas, mexia a panela, e enquanto acompanhava esse movimento circular com rápidas sacudidelas, fazendo deslizar seus membros com delicadeza, o ligeiro meneio dos rins fazia vibrar docemente a espinha móvel, obrigando-a a ondular com graça. Vendo isto, a surpresa e a perturbação me sacudiram e me pregaram no lugar. Meu corpo ficou tenso pela emoção, até naquelas partes que no momento anterior estavam mais inertes. Por fim, eu lhe disse: “Com que lindo movimento do traseiro, e com que graça, adorável Fótis, tu mexes essa caçarola! Que fino cozido preparas! Feliz, sim certamente, e favorecido pelo destino, aquele a quem permitires enfiar o dedo aí.”

Então, a lépida e maliciosa menina disse: “Salva-te, desgraçadinho, arreda-te para bem longe do meu fogão. Se a menor faísca te atingir, queimarás até a medula, e ninguém extinguirá o braseiro, senão eu, que conheço as boas receitas e sei fazer dançar agradavelmente uma caçarola — e um leito.”

VIII. Assim dizendo, ela voltou-se para mim e riu. Entretanto, antes de me distanciar, demorei-me explorando todos os pormenores de sua pessoa. Inútil falar do resto, quando a cabeleira foi sempre o meu único interesse. É o que na rua tenho o cuidado de olhar primeiro, e com ela me encanto ainda, depois de ter entrado em casa. E esta preferência está fundada em boas razões. Com efeito, não é essa parte do corpo que, dominando as outras e mostrando-se a descoberto e colocada em evidência, atrai primeiro os olhares? O que é para os membros a alegria de um tecido de cores vivas, é para a cabeça esse enfeite natural. E vede: numerosas mulheres, para fazerem valer seus atrativos pessoais, lançam de si toda a roupa, afastam as bordas da túnica e querem que sua beleza se apresente toda nua. Contam, para agradar, menos com o

ouro das vestes que com a rósea frescura da pele. Verdadeiramente, dizer isto é um sacrilégio e pensar uma blasfêmia, e é preciso desejar que fique sem exemplo: despoja-se de sua cabeleira uma mulher da mais peregrina beleza, privando assim o rosto do seu ornamento natural. Que ela tivesse caído do céu, fosse nascida do mar, nutrida da substância das ondas, que fosse a própria Vênus e caminhasse cercada de todo o coro das Graças, escoltada de todo o enxame dos Amores, ataviada com o seu cinto,¹⁶ exalando o perfume do cinamomo, e banhada de fragrantes essências; se fosse calva, não poderia agradar nem mesmo o seu Vulcano.¹⁷

IX. E que dizer de uma cabeleira cujo colorido rico resplandece como a luz, devolve os raios do Sol, seja em vivos clarões, seja em amortecidos reflexos, ou toma tons cambiantes que se opõem entre si? Ora como o ouro cintila, para ir esmaecendo até o louro dourado do mel. Ou então, quando de um negro azulado, assemelha-se à plumagem de um corvo. Lembra os desenhos que enfeitam o colo das pombas, e, quando perfumada com essências da Arábia, delicadamente repartida com o dente fino de um pente, e enfeixada para trás, ela se oferece aos olhos de um amante, e lhe devolve, como um espelho, uma imagem que o lisonjeia. Que dizer, por fim, daquela que, apertada em pesadas tranças, coroa o cimo da cabeça, ou da que, livremente espalhada, cascadeia ao longo do dorso? É tão grande a dignidade da cabeleira que uma mulher pode se apresentar ataviada com ouro, belos tecidos, pedras preciosas, todo o aparato da elegância, mas se estiver mal penteada, não passará por uma mulher que se saiba vestir.

Mas minha Fótis não tinha nada de estudado em seu arranjo, e essa negligência era um encanto a mais. Seus opulentos cabelos, molemente atirados para trás, caíam para a nuca, espalhavam-se sobre o pescoço, depois, ligeiramente enrolados, iam até a barra da túnica. Estavam apanhados pelas pontas e apertados em um nó no alto da cabeça.

X. Não pude suportar por mais tempo o suplício de volúpia tão rara. Inclinei-me e, na raiz dos cabelos, quando eles sobem para o alto da cabeça, dei um beijo, um beijo dulcíssimo, tanto quanto o mel. Ela então, com uma flexão da nuca, voltou-se para mim e me disse, com um olhar oblíquo e uma piscadela: “Olá, menino de escola, o fruto que furtas é doce e amargo ao paladar. Que a doçura deste mel não se transforme por muito tempo na tua boca em amargo fel.”

“Que dizes?”, repliquei. “Festa minha, por um único beijo que me dá vida, estou pronto a me deixar assar em seguida, estendido sobre um braseiro.” E assim dizendo, apertei-a em meus braços e cobri-a de beijos. Logo, rivalizando de ardor, ela pôs seus transportes em sintonia com

os meus, e o hálito perfumado de sua boca entreaberta, o toque perturbador de sua língua, tudo demonstrava que ela era sensível ao apelo do desejo. “Eu morro”, disse-lhe eu, “ou melhor, morrerei se não te mostrares caridosa.” A isto, dando-me outro beijo, ela respondeu: “Tem paciência. Teus sentimentos são correspondidos. Sim, eu sou tua escrava e nosso prazer não será diferido por muito tempo mais. À hora em que as luzes se acendem, eu estarei no teu quarto. Vai, então, e mantém-te em forma, pois durante a noite quero lutar valentemente contigo e com isso alegrar o coração.”

XI. Depois desta troca de doces frases, separamo-nos. Estávamos no meio do dia, quando me levaram, da parte de Birrena, como presente de boas-vindas, um porco bem gordo, cinco frangos e uma jarra de um precioso vinho velho. Chamei então Fótis e lhe disse: “Eis que vem Baco, por si mesmo sustentar a coragem de Vênus e lhe trazer suas armas. É preciso hoje sorver este vinho até a última gota. Que ele afogue o pudor que desencoraja e comunique aos nossos sentidos o vigor e a alegria. Quando se navega com Vênus, não são necessárias outras provisões para passar a noite de vigília, senão a lâmpada cheia de óleo e o cálice cheio de vinho.”

O resto do dia foi consagrado ao banho, e depois ao jantar. Por insistência do honesto Milão, abanquei-me à sua engenhosa mesinha. Tendo presentes na memória as advertências de Birrena, evitava tanto quanto possível os olhares de sua mulher, da qual observava o rosto com um olho tão amedrontado como o faria para olhar o Lago Averno.¹⁸ Porém, voltava-me sem cessar para Fótis, que nos servia, e vê-la me reanimava a coragem. Caíra a tarde, quando Panfilia disse, olhando para a lâmpada: “Que chuva abundante teremos amanhã!” E como o marido lhe perguntasse como sabia, ela respondeu que era sua lâmpada que lho predizia. A estas palavras, riu-se Milão, dizendo: “Que famosa Sibila mantemos na pessoa desta lâmpada: do alto de seu candelabro, como de um observatório, ela contempla tudo que se passa no céu, e o próprio Sol.”

XII. Intervim, considerando: “Esses são os primeiros passos da arte da adivinhação. E não é de admirar que essa pequena flama, por modesta que seja, e apesar de produzida por mãos humanas, conserve, como do pai que a engendrou, a memória de outro fogo maior, o fogo celeste. Que saiba e nos anuncie, por divina presciência, que obras prepara ele nas alturas do éter. Está neste momento entre nós um caldeu,¹⁹ de passagem para Corinto. Emociona cotidianamente toda a cidade com espantosos oráculos e ganha a vida publicando os segredos do destino, indicando o dia que dá força às relações matrimoniais, aquele que é propício aos negócios, um outro que assegura às paredes alicerces duráveis, o que se presta

para percorrer estradas, o que se deve escolher para a navegação. Pois a mim mesmo, que lhe perguntei o que adviria desta viagem, anunciou uma quantidade de coisas perfeitamente miríficas e muito variadas: eu teria uma fama estrondosa; seria, por outro lado, o herói de uma longa história, de uma fábula incrível, e para o futuro escreveria livros.”

XIII. A estas palavras, sorriu Milão: “Que aparência tem esse teu caldeu e como se chama?” “É alto, de tez um pouco baça, chama-se Diófanes.” “É ele mesmo, não pode ser outro. Entre nós também, para numerosas pessoas, fez oráculos idênticos” tornou ele. “Já tinha ajuntado, não digo alguns níqueis, mas lucros opulentos, quando, por desgraça, a estupidez, ou, se preferem, a crueldade da Fortuna, sobreveio.

“Pois um dia, quando, circundado e premido pela multidão, ele via a sorte de pessoas que o cercavam, aproximou-se um negociante chamado Cerdão, que desejava saber qual o dia propício a uma viagem. Designaram-lhe um, e o nosso homem tinha já deposto a bolsa, espalhado o dinheiro, contado cem denários para o adivinho, como preço da consulta, quando um nobre adolescente, deslizando por trás, puxou Diófanes pela barra das vestes, e tendo este se voltado, apertou-o nos braços, beijando-o. O outro devolveu-lhe o carinho, fê-lo assentar-se a seu lado, e esquecendo na surpresa, pois estava atônito com esse encontro imprevisto, o negócio que o ocupava nesse instante, disse: “Ver-te quanto me alegra! Desde quando estás aqui?” “Desde ontem”, respondeu o outro. “Porém, conta-me tu agora, meu irmão, como, desde tua precipitada partida da Ilha de Eubéia, decorreu tua viagem por mar e por terra.”

XIV. “A isto, Diófanes, esse egrégio caldeu, que não se tinha recuperado e ainda estava aturdido, disse: “Eu desejaria aos meus inimigos, e a todos que me querem mal, uma viagem assim horrível. A de Ulisses não foi pior. O navio que nos levava, batido pela tempestade e sacudido em todos os sentidos pelos turbilhões, privados de seus dois pilotos, acabou por ser atirado contra a margem e depois foi a pique. Quanto a nós, era muito justo que nos salvássemos a nós mesmos a nado, tendo perdido tudo o mais. Socorridos pela caridade de pessoas que não conhecíamos e pela bondade de amigos, uma súcia de ladrões surripiou tudo que tínhamos recolhido assim. Lutando contra os agressores, meu único irmão, Arignoto, no mesmo verão, diante destes meus olhos, foi degolado, o infeliz.”

“Ainda estava narrando sua deplorável história, quando Cerdão, o nosso negociante, agarrou as moedas destinadas ao pagamento da predição e escapuliu. E foi somente então que Diófanes, enfim desperto, tomou consciência de sua desastrosa distração, vendo que todos nós, ao seu redor, ríamos às gargalhadas.

“Entretanto, Senhor Lúcio, estimo que só a ti, único entre todos, o caldeu tenha dito a verdade: sê feliz, é meu desejo, e prossegue a tua rota com sucesso.”

XV. Enquanto Milão prolongava assim a conversa, eu gemia baixinho, e não pouco me irritava contra mim mesmo, por ter, tão inoportunamente, aberto o capítulo das anedotas, e com isso perdido boa parte da minha noite e seus dulcíssimos frutos de volúpia. Por fim, sufocando toda a vergonha, eu disse a Milão: “Seja feito de Diófanes o que sua fortuna quiser. Que junte de novo, percorrendo a terra e o mar, os espólios das populações. Quanto a mim, sinto-me ainda dolorido com a fadiga de ontem. Permite que eu de pronto me acomode.” Assim dizendo, retirei-me e fui para o quarto, onde encontrei os preparativos de uma ceia das melhores. A cama dos escravos tinha sido arranjada no chão, fora e longe do quarto, sem dúvida a fim de afastar qualquer testemunha dos nossos encontros noturnos. Perto do meu catre se erguia uma mesinha, que sustinha os restos honestos da ceia, assim como cálices de boa dimensão, com vinho até meia altura, não esperando senão a água destinada a temperá-lo. Ao lado, uma ânfora, cujo orifício, com um rebordo, se abria comodamente a quem quisesse se servir. Em suma, tudo que era preciso para os combates que iam travar os gladiadores de Vênus.

XVI. Acabara de me deitar, quando minha Fótis, tendo deitado já sua senhora, aproximou-se de mim alegremente, com grinaldas de rosas e outras rosas soltas enfeitando as pregas do vestido. Beijou-me ternamente, cingiu-me a cabeça com coroas, espalhou flores sobre mim. Pegando um copo, nele derramou água tépida e mo estendeu para beber. Depois, sem me deixar tempo para o esvaziar até o fundo, apoderou-se dele docemente, tocou devagar o resto com os lábios, e, gulosa, sorveu a pequenos goles todo o conteúdo, olhando para mim. Um segundo e um terceiro copos, seguidos de muitos outros, passaram por ela e por mim, alternadamente. O efeito do vinho, acrescido do ardor e do ímpeto com os quais, não somente meu espírito, mas os meus sentidos aspiravam à volúpia, me supliciavam. Minha túnica, levantada até as virilhas revelava a Fótis a impaciência dos meus desejos: “Tem piedade de mim”, eu lhe roguei “socorre-me depressa. Como vês, minhas forças estão tensas à aproximação do combate que me anunciaste, sem proclamação do fecial.²⁰ Agora que senti a primeira flecha do cruel Cupido penetrar-me o coração, também estiquei meu arco, e com tamanho vigor, que tenho medo que o nervo tenso arrebente com o excesso. Entretanto, se queres tornar perfeita a tua bondade, solta a cabeleira, e que ela ondule em liberdade sobre o teu torso adorável.”

XVII. Um instante depois, removido todo o arranjo da mesa, despojada de todos os véus, com a cabeleira des-

nastrada, no mais amorável abandono, Fótis me aparecia como a própria Vênus, quando emerge das espumas do mar, e tal como a deusa, muito de indústria e não por pudor, sombreando com seus dedos de rosa a brancura polida do sexo. “À luta”, disse ela, “à luta mais forte, pois por mim não recuarei nem voltarei as costas. Se és homem, avança direito para a frente e combate face a face. Ataca sem desfalecimento e mata como quem deve morrer: a batalha de hoje é sem tréguas.” Assim disse; subiu ao leito, acocorou-se sobre mim pouco a pouco, e, agitando o torso delicado com lúbricos gestos e rápidos sobressaltos, ele me dispensou, com movimentos de pêndulo, os dons de Vênus, até o momento em que, esgotados ambos, no fim das forças, com os membros lassos, caímos ofegantes nos braços um do outro. Tais foram os prélios, que nos mantiveram despertos até quase a madrugada. Por vezes, pedíamos ao vinho novo ânimo para nossa lassidão, estímulo para os nossos desejos, excitantes para as nossas volúpias. E a esta noite se juntaram para nós muitas outras do mesmo gênero.

XVIII. Aconteceu que, um dia, Birrena me convidou com muita insistência para ir jantar em casa dela. Aleguei várias escusas, ela se recusou a considerá-las. Não me restava, então, senão encontrar Fótis e me aconselhar com ela, assim como quem aceita um auspício. Se bem que ela visse com desprazer eu afastar-me, mesmo que fosse à distância de uma unha, concedeu-me gentilmente um curto feriado de ausência das lides do amor. “Mas tem o cuidado de voltar cedo do teu jantar”, recomendou, “pois bandos de jovens loucos das melhores famílias perturbam a tranqüilidade pública. Verás pessoas trucidadas estendidas em plena rua, e as tropas da polícia do governador estão muito distantes para livrarem a cidade desse flagelo. A tua brilhante fortuna e o pouco-caso que se faz de um estrangeiro poderiam atrair para ti algum mau encontro.”

“Não te preocupes, minha Fótis. Sem mencionar que, a um jantar na cidade, prefiro nossos prazeres, porei fim aos teus sustos regressando cedo. De resto, não irei sem escolta. Com o fiel punhal que levo ao lado, na cintura, terei com que defender a vida.”

Tomadas estas disposições, fui ao jantar.

XIX. Ali encontrei um grande número de convidados, e, como seria de esperar em casa de tão grande senhora, a flor da cidade. Opíparas mesas onde esplendiam o cedro e o marfim, leitos recobertos de estofos tecidos em ouro, cálices de grandes dimensões, variados em sua beleza, mas igualmente preciosos. Aqui o vidro de relevos perfeitos, ali o cristal sem mácula, além a prata de claros fulgores e o ouro de brilho coruscante, e o âmbar cavado maravilhosamente, assim como pedras por onde se bebia, em suma, tudo se via ali, mesmo o impossível. Diversos escanções,²¹

envolvidos em mantos esplêndidos, apresentavam com habilidade pratos copiosos. Rapazes de cabelo cacheado, ostentando belas túnicas, ofereciam continuamente vinho velho em taças feitas cada uma de uma gema. Logo trouxeram luzes. A sala do festim se encheu do rumor de conversas, risos esfuziaram de todos os lados, trocaram-se palavras espirituosas e divertidas.

Então Birrena, dirigindo-me a palavra, disse-me: “Estás contente da estadia em nossa pátria? Que eu saiba, pelos templos, banhos, e outros edifícios públicos, somos bem superiores a não importa qual cidade. Quanto a utensílios, estamos providos satisfatoriamente. E é certo que se vive livremente e à vontade. Um forasteiro ativo aqui encontra a animação de Roma. Um hóspede modesto, a paz do campo. Em suma, por toda a província, somos um retiro encantador.”

XX. “Dizes a verdade”, aquiesci ao ouvi-la. “Não creio que em nenhum país do mundo se viva em tanta liberdade como aqui. Todavia, temo extremamente as armadilhas invisíveis e inevitáveis da ciência mágica. Pois as próprias sepulturas dos mortos não estão seguras, dizem, mas ali vão roubar, nos montículos de terra, e nos restos das fogueiras dos condenados, relíquias tomadas dos cadáveres, para a perdição dos vivos. E no próprio momento das cerimônias fúnebres, velhas mágicas avançam, céleres como pássaros, sobre aqueles que procedem ao sepultamento.”

A estas minhas palavras, um outro acrescentou: “Podes até dizer que os vivos, aqui, não são tratados melhor. Testemunha isto certa pessoa que uma desventura desse gênero mutilou, a ponto de ficar completamente desfigurado.”

A isto, a assembléia toda desatou em licenciosas gargalhadas, enquanto os rostos se voltavam para um homem deitado num canto afastado. Confundido por ser objeto de atenção tão indigna, ele murmurou despeitado alguma coisa e quis se levantar para partir.

“Fica um pouco mais, meu bom Telifrão”, disse Birrena, “e, com a urbanidade costumeira, conta ainda uma vez a tua história, a fim de que este meu filho, Lúcio, desfrute da graça aprazível da tua palavra.”

E ele respondeu: “Ah! tu, senhora, és sempre a mesma, cheia de bondade e delicadeza. Mas a insolência da tua gente é intolerável.” Estava muito excitado. Porém, a insistência de Birrena, que o conjurava, por sua vida, a falar, venceu por fim suas repugnâncias.

XXI. Tendo amontoado as cobertas do leito, apoiou-se Telifrão sobre o cotovelo. Com o corpo erguido a meio, estendeu a mão direita como fazem os oradores, fechados os dois últimos dedos, os outros dois abertos e alongados sem rigidez, enquanto que o polegar apontava para a frente. Depois, começou:

“Eu era ainda pupilo quando vim de Mileto assistir

aos espetáculos olímpicos. Desejei visitar também a região em que estamos, parte de uma ilustre província.²² Tinha então percorrido toda a Tessália, quando os pássaros da desgraça me levaram a Larissa. Minhas magras provisões de viagem estavam muito diminuídas, e eu errava pela cidade, à procura de qualquer meio de me desembaraçar de minha pobreza, quando reparei, no meio do fórum, num velho alto. De pé, em cima de uma pedra, avisava ao público em voz retumbante que, se alguém queria vigiar um defunto, podia dar preço.

“Dirigindo-me a um transeunte, perguntei: ‘Que ouço? Que é isto? Aqui os mortos costumam fugir?’

“Cala-te’, respondeu. ‘Vê-se bem que és um menino e peregrino de muito longe, pois ignoras que te encontras na Tessália, país onde as feiticeiras têm o hábito de roubar com os dentes, do rosto dos mortos, material com que prover suas artes mágicas.’

XXII. “Tornei a perguntar: ‘E em que consiste essa vigília fúnebre? Dize-mo, eu te peço.’ ‘Para começar’, respondeu ele, ‘é preciso ficar bem desperto, do princípio ao fim da noite, com os olhos abertos, sem cochilos, fixos sobre o cadáver; não voltar a vista para nada, nem arriscar um olhar de lado. Pois quando essas medonhas criaturas, que têm o poder de se transformar em animais, tomam a forma de um irracional qualquer, deslizam tão furtivamente, que enganariam sem esforço os próprios olhos do Sol e da Justiça. Revestem-se da figura de pássaros, de cães, de ratos, e até de moscas. Depois, por meio de seus infernais encantamentos, fazem o vigilante cair num sono de morte. Verdadeiramente, ninguém poderia contar todos os estratagemas inventados por sua fantasia perversa. No entanto, para serviço tão perigoso, oferecem-se apenas como salário quatro ou seis moedas de ouro. Ah! E temos mais isto, que eu ia esquecendo: se, pela manhã, não se entrega o corpo intacto, tudo o que foi subtraído ou estragado tem que ser substituído, às custas do próprio rosto do guardião.’

XXIII. “Munido destes conhecimentos, enrijei a alma com uma coragem viril e fui direito ao pregoeiro: ‘Chega!’, eu disse. ‘Está aqui diante de ti um guardião. Indica teu preço.’ ‘Mil sestércios’, disse ele, ‘é a soma que te será reservada. Mas presta atenção, rapaz. Trata-se do filho de um dos nossos cidadãos principais. Toma cuidado ao guardar seu cadáver da malvadez das Harpias.’

“Tolices e bagatelas’, repliquei. ‘O homem que vês tem um corpo de ferro, não dorme, e possui vista mais penetrante do que o próprio Lince, ou Argos. Em resumo, é feito inteiramente de olhos.’

“Mal terminei, conduziu-me ele a uma casa, cuja entrada principal estava fechada. Convidou-me a segui-lo, penetrando por uma portinha de trás, num quarto de persianas fechadas, mergulhado em penumbra. Designou-me

uma mulher em prantos, coberta de luto; parou junto dela e lhe disse: 'Aqui está um homem que se empregou como guarda de teu marido e garante o seu serviço.' Ela, afastando os cabelos que caíam para a frente, deixou ver um rosto que, mesmo na dor, era fresco, e levantou os olhos para mim: 'Faze por estar bem desperto, durante a missão que deves desempenhar.' 'Não te preocupes', disse eu, 'e somente conserva pronta uma honesta gratificação.'

XXIV. "Concluído o negócio, ela se levantou e me conduziu para um outro quarto. Encontrava-se ali o corpo coberto de linhos esplêndidos. Sete pessoas foram introduzidas na qualidade de testemunhas. Ela descobriu o corpo com a sua própria mão, chorou longo tempo sobre ele, e depois, apelando para a boa fé dos presentes, levantou um inventário minucioso, cujas cláusulas, concebidas de antemão, tinham sido anotadas por um deles sobre tabuinhas. 'Vede', dizia ela, 'o nariz está inteiro, incólumes estão os olhos, salvas as orelhas, ilibados os lábios, o queixo sólido. Disto, meus bons quirites,²³ vós prestareis testemunho.' Logo que as tabuinhas foram seladas, ela ia se retirar, quando eu disse:

"Manda que me tragam, senhora, tudo que é necessário para o meu serviço. 'O quê?' 'Uma lâmpada de bom tamanho, óleo em quantidade suficiente para me iluminar até vir o dia, água quente com ânforas de vinho, e um cálice e uma bandeja guarnecida com os restos da ceia.'

"Então, sacudindo a cabeça, disse ela: 'Vai-te, impertinente, que, numa casa desolada pela presença da morte, vens falar de ceia e reclamar a tua parte. Há dias que aqui dentro não se vê sequer uma fumaça. Crês que vieste para comilanças? É melhor que tomes uma atitude que às circunstâncias convenha, a atitude do luto e das lágrimas.'

XXV. "Assim falando, ela se voltou para uma pequena escrava, ordenando: 'Mirrena, providencia uma lâmpada de óleo. Depois, fecha o quarto.' Assim, deixado sozinho com o morto, eu esfregava os olhos, fortificando-os para a vigília, e cantava para me dar coragem. E então, veio o crepúsculo, depois a noite, depois as trevas fechadas, depois as horas em que tudo dorme, e aquelas, enfim, em que toda a vida se cala. Verdadeiramente, meu medo não cessava de crescer. De súbito, uma doninha, deslizando pelo aposento, parou diante de mim e fixou-me um olhar tão agudo, que a nímia segurança de um animal tão pequeno me causou profundo mal-estar. Por fim, eu lhe disse: 'Queres tu sair daqui, besta abjeta, e te esconderes junto dos ratos, teus semelhantes? Senão, eu te farei sentir a minha força, imediatamente. Queres sair?'

"Ela virou as costas e foi direito para o quarto. Um instante depois, pesado sono mergulhou-me, de súbito, no fundo de um abismo. O próprio deus de Delfos²⁴ teria que fazer um certo esforço para decidir, dos dois jacentes, qual era o morto. Inanimado, e tendo eu próprio necessidade de um guarda, por assim dizer não estava lá.

XXVI. “O povo de crista esburacava com seu canto barulhento a treva da noite, quando por fim despertei. Penetrado de horror até a medula, corri para o cadáver, aproximei dele a luz, descobri-lhe o rosto, examinei-lhe miudamente cada um dos pontos a respeito dos quais houvera acordo. Eis que a pobre viúva em pranto, acompanhada das testemunhas da véspera, irrompeu, cheia de ansiedade, atirou-se logo sobre o corpo, cobrindo-o de beijos; depois, ajudada com a luz de uma lâmpada, passou revista em tudo. Voltando-se então, chamou seu intendente Filodéspotas, e lhe ordenou que pagasse sem demora ao bom vigilante o salário que lhe deviam. Isso foi feito imediatamente, e depois ela acrescentou: ‘Nós te devemos, jovem, a maior obrigação e, em reconhecimento da tua consciência no exercício de tuas funções, eu declaro, nós te contaremos, de hoje em diante, no número dos nossos amigos.’

“Transbordante de alegria, em vista do lucro inesperado, fascinado pelo coruscar das peças de ouro, que não parava de fazer tilintar nas mãos, respondi: ‘Dize antes, senhora, no número dos teus servidores, e todas as vezes que tiveres necessidade de meus serviços, não hesites em me chamar.’

“Mal tinha deixado escapar estas palavras, as pessoas da casa, acolhendo-as como execrações e de pressago sacrilégio, se apoderaram das primeiras armas à mão e se puseram a me perseguir. Um esmurrou-me as faces; outro, a cotoveladas, me cutucou as costelas; um outro esbofetou-me os flancos. Deram-me pontapés, arrancaram-me os cabelos, dilaceraram-se as vestes. Foi assim que, à semelhança do jovem aônio ou ao canto inspirado de Pípleu, lançaram-me para fora da casa, rasgado e feito em pedaços.

XXVII. “Eu estava na rua vizinha, tomando um fôlego, e pensava, um pouco tarde, sobre a estupidez de minhas funestas palavras, reconhecendo que, com justiça, eu merecia mais pancada ainda, quando reparei que o morto já tinha saído da casa, depois dos prantos e dos chamados supremos. Segundo o uso tradicional, como se tratava de um membro da aristocracia, faziam-lhe funerais públicos e o cortejo passava através do fórum. Eis que sai ao seu encontro um homem de roupa sombria, triste, lavado em lágrimas, arrancando os nobres cabelos brancos. Esse ancião se atirou para a urna funerária, agarrou-a com as duas mãos e disse com voz forte, se bem que sacudida de contínuos soluços: ‘Apelo para a vossa boa fé, Quirites, apelo para a piedade pública; para vingardes a morte de um dos vossos e para impordes a uma infame celerada o castigo que merece o último dos criminosos. Foi ela, com efeito, e ninguém mais, quem fez perecer pelo veneno esse desgraçado moço, filho da minha irmã, para comprazer um amante e se aproveitar da herança.’

“Assim ia o velho de um para outro, fazendo soar as

lamentosas queixas. O povo, entrementes, tornava-se ameaçador. A verossimilhança do fato os predispunha a dar crédito à acusação. Pediram tochas em grandes gritos, procuraram pedras, juntaram calhaus, quiseram matá-la. No entanto, a mulher, derramando lágrimas estudadas e jurando por todas as divindades, por tudo quanto encontrou de mais sagrado, negou ter cometido tal abominação.

XXVIII. “O ancião recomeçou: ‘Deixemos a demonstração da verdade à divina providência. Temos entre nós o egípcio Zatchlas, profeta de primeira ordem, que, mediante um preço muito elevado, combinou comigo trazer por um momento, dos infernos, o espírito do defunto, e chamar esse corpo da morte para a vida.’ Assim dizendo, empurrou para a frente, no meio da multidão, um homem moço, vestido com uma túnica de linho, calçado com sandálias de fibra de palmeira e a cabeça inteiramente raspada. Beijando-lhe longamente as mãos, e tocando mesmo seus joelhos, disse o velho: ‘Piedade, oh! padre, pelos astros do céu, pelas potências do inferno, pelos elementos da natureza, pelo silêncio das noites, pelos santuários de Coptos, pelas enchentes do Nilo, pelos mistérios de Mênfis, pelos sistros de Faros! Permite um breve retorno à claridade do dia, e nesses olhos fechados para a eternidade, derrama uma luz fugidia. Não nos revoltamos contra o inevitável, nem recusamos à terra o que lhe pertence: o consolo da vingança, e, para obtê-la, um curto instante de vida, é tudo que pedem nossas preces.’

“Instado desta maneira, o profeta colocou um raminho de planta na boca do morto, e outro sobre seu peito. Depois, voltando-se para o oriente e invocando em silêncio a augusta majestade do Sol que subia no horizonte, pela solenidade dessa atitude fez crescer cada vez mais, entre os assistentes, a expectativa do milagre.

XXIX. “Misturei-me à multidão, e, atrás do próprio esquife, empoleirado sobre uma pedra bem alta, eu era por inteiro um olho curioso. E eis que o peito se distende e se eleva. O pulso começa a bater. O corpo se anima de um sopro de vida, o cadáver se levanta e o moço fala. Ele disse: ‘Quando eu já tinha bebido das águas do Letes, quando já navegava nos pantanais do Estige, por que me chamas para as funções de uma vida que não deve durar senão um instante? Deixa-me, deixa-me, eu te imploro, abandona-me ao repouso.’

“Tais foram as palavras que se ouviram desse corpo. Mas o profeta indignou-se. ‘Quê? Tu recusarias relatar ao povo tudo que se passou, esclarecendo assim o mistério da tua morte? Pensas que meus encantamentos não têm o poder de evocar as Fúrias, e o poder de torturar teus membros fatigados?’

“Retomando a palavra, aquele que estava sobre o esquife, com um profundo gemido, dirigiu-se ao povo nestes

termos: 'São as artes culposas de minha nova esposa as causadoras de minha morte. Vítima de uma beberagem perniciosa, deixei um adúltero no meu leito ainda tépido.'

"Então, armando-se de audácia, a virtuosa esposa opôs às peremptórias acusações do marido um desmentido sacrílego. A multidão se partiu em diversas tendências, as opiniões se dividiram: uns queriam que tão odiosa criatura fosse enterrada viva, imediatamente, com o corpo do marido; outros sustentavam que não se devia acreditar nas falsidades de um cadáver.

XXX. "Mas o prosseguimento da cena cortou cerce todas as hesitações. Retomando a palavra, com um gemido ainda mais fundo, o moço acrescentou: 'Vou dar uma prova incontestável da minha intemerata veracidade, revelando fatos de que nenhum outro, a não ser eu, terá tido conhecimento nem pressentimento. Quando o homem que está ali', e ele me designava com o dedo, 'exercia junto ao meu corpo uma atenta vigilância, velhas feitiças, que queriam meus despojos, e tinham-se metamorfoseado com essa intenção, fizeram diversas tentativas vãs para enganar seu zelo diligente. Nada conseguindo, por fim, fizeram descer sobre ele uma nuvem de sono. Quando ele foi envolvido num profundo torpor, puseram-se a me chamar pelo nome, sem cessar. Meus membros entorpecidos e meus órgãos gelados faziam preguiçosos esforços para obedecerem às injunções mágicas. Ora, aconteceu que este homem, que estava vivo e não tinha de um morto senão o sono, era meu homônimo. Ao apelo de seu nome, levantou-se sem saber e, como sombra sem vida, avançou maquinalmente. A porta estava cuidadosamente fechada, mas por um buraco lhe cortaram primeiro o nariz, depois as orelhas, e foi em meu lugar que ele sofreu essas amputações. Em seguida, a fim de que nenhuma desordem lhes descobrisse a traça, no modelo das orelhas cortadas fizeram orelhas de cera que lhe aplicaram perfeitamente, e, do mesmo modo, um nariz. O desgraçado está agora muito perto daqui, e o preço que lhe tocou foi não do seu trabalho, mas de sua debilidade."

"Apavorado com essa fala, quis verificar minha aparência. Agarrei o nariz, ele me ficou na mão. Tateei as orelhas, elas se desprenderam. As pessoas estendiam o dedo, sacudindo a cabeça do meu lado, para me designar, enquanto estouravam as risadas. Passei por entre as pernas dos mais próximos que me cercavam, molhado de suor frio. Mutilado como estava, tornara-me ridículo. Não pude mais voltar aos pátrios lares. Espalhando o cabelo à direita e à esquerda, escondi a cicatriz das orelhas. Velei por vergonha o nariz, colando este pano, por decência."

XXXI. Logo que acabou a narração de Telifrão, os convivas, aquecidos pelo vinho, recommçaram as gargalhadas, e enquanto pediam os copos para beber, em honra do Riso, conforme o uso, Birrena se dirigiu a mim:

“É amanhã”, disse ele, “a festa anual cuja instituição remonta à fundação desta cidade. Nesse dia, invocamos o favor do Venerável Deus Riso, santíssimo entre os mortais, por meio de tradicionais brincadeiras. Tua presença aumentará nosso divertimento nesse dia. Desejamos mesmo que tua própria alegria natural te inspire, para honrar o deus, alguma jocosa invenção, que torne mais completa nossa homenagem à divindade.”

“Bem”, respondi, “faça-se como ordenas. Sentir-me-ei feliz, certamente, se encontrar alguma idéia que possa fornecer ampla matéria ao grande deus.” Tendo o meu criado me advertido, depois disto, que a noite avançava, com o estômago distendido pela bebida, levantei-me logo, despedi-me rapidamente de Birrena e, com passo inseguro, tomei o caminho de casa.

XXXII. Mas na primeira rua pela qual enveredamos, uma brusca lufada de vento extinguiu a luz com que contávamos. Com grande esforço, escapamos da súbita escuridão da noite, e nos orientamos para a casa do meu hospedeiro, esgotados de fadiga e com os artelhos machucados de bater contra as pedras. Aproximávamo-nos já, andando juntos, quando três valentes, de possante arcabouço, se lançaram com toda a força contra nossa porta, tão pouco intimidados por nossa presença, que, ao contrário, multiplicavam seus assaltos, rivalizando entre si em violência. Julgamos, eu sobretudo, não sem razão, que eram ladrões e dos mais empedernidos. Tirei logo do seio a espada que tinha levado sob as vestes, para casos desta espécie. Com a arma na mão, precipitei-me sem hesitar no meio dos ladrões e a mergulhei, profundamente e ao azar do encontro, no corpo do primeiro que me resistiu, até que, por fim, crivados de grandes feridas, exalaram seu último suspiro aos meus pés. O tumulto do combate tinha despertado Fótis. Encontrando a porta aberta, deslizei para dentro, banhado em suor e sem fôlego. Meu combate contra três bandidos me tinha fatigado como se tivesse feito o morticínio de Gérion.²⁵ Lancei-me sobre o leito e adormeci no mesmo instante.

LIVRO III

I. Agitando seu braço de rosa, a Aurora atirou no céu os cavalos de rutilantes faleras²⁶ e a noite se transformou em dia, arrancando-me à tranqüilidade do sono. À lembrança dos sucessos da véspera, a febre tomou conta de meu espírito. Com os pés colocados um sobre o outro, as mãos juntas e os dedos cruzados sobre os joelhos, acocorei-me no leito e chorei abundantemente, antevendo já o fórum, o tribunal, a sentença, o próprio carrasco, por fim. “Poderei cair com um juiz tão suave, tão benévolo, que me proclame inocente, quando trago sobre mim os vestígios de uma tríplice morte e estou coberto pelo sangue de tantos cidadãos? Está aí a gloriosa viagem que me anunciava, com tanta segurança, o caldeu Diófanes.” Tal era o discurso que repetia a mim mesmo, chorando barulhentosamente sobre o meu infortúnio.

Entretanto, com grande ruído, bateram à porta, gritaram.

II. E logo, irrompendo pela casa aberta, os magistrados, seu pessoal, todo o povo misturado, invadiram o lugar. No mesmo instante, sob as ordens dos magistrados, dois litores me agarraram e me arrastaram, sem encontrarem, podeis crer, a menor resistência. Mal enveredamos pelo primeiro beco, toda a população espalhada fora se apertou sobre nossos passos, formando surpreendente cortejo. Ao avançar, eu tinha os olhos tristemente abaixados para o chão — para o inferno, diria melhor; lançando um olhar de esguelha, reparei, porém, numa coisa espantosa: na multidão que me cercava não havia ninguém, absolutamente ninguém, que não risse às gargalhadas. Percorremos assim todas as ruas. Por fim, quando, à maneira das vítimas que são levadas de um para outro lugar, para conjurar as ameaças de um prodígio por meio de cerimônias lustrais e sacrifícios expiatórios, depois de terem-me feito percorrer os menores recantos, a toda a volta da cidade, pararam comigo no fórum, diante do tribunal. E os magistrados já tinham-se colocado no alto do estrado, o pregoeiro público pedira silêncio, quando, de repente, a uma só voz, o povo inteiro rogou que, por motivo da afluência, e do perigo de haver alguém esmagado no aperto, um julgamento de tal importância fosse feito no

teatro. Dispersou-se logo o povo, correndo com incrível rapidez para ocupar todo o espaço reservado aos espectadores. Amontoaram-se nos corredores de acesso e até nos vigamentos do teto. Muitos se atracaram às colunas, abraçando-as. Outros se suspenderam às estátuas. Encheram as fendas das janelas e as aberturas todas — todos ávidos de ver, tanto que esqueceram o perigo a que se expunham. Então, os funcionários da cidade me fizeram avançar como uma vítima, atravessando a cena, e me colocaram no meio da orquestra.²⁷

III. Ao mesmo tempo, o pregoeiro, alteando de novo a voz, deu a palavra ao acusador. Um homem de certa idade se levantou, e, depois de ter derramado água numa espécie de vaso furado, como um funil, com uma estreita abertura por onde escorria o líquido gota a gota, para medir o tempo, dirigiu-se ao povo nestes termos:

“O presente caso, honrados quirites, não é destituído de importância. Trata-se da paz da cidade inteira, e é necessário que se dê um severo e salutar exemplo. Convém, pois, que tanto individualmente como todos juntos, como ordena a dignidade pública, tenhais o cuidado de não deixar o infame assassino escapar ao castigo dessa orgia sangrenta a que se entregou. Não me julgueis animado por um ressentimento privado, nem que ceda à violência de um ódio pessoal. Como prefeito, responsável pela custódia noturna da cidade, ninguém, até hoje, encontrou falha em meu zelo vigilante. Eu vos exporei fielmente o que se passou na derradeira noite. Por volta da terceira vigília, eu fazia a ronda da cidade e inspecionava tudo, de porta em porta, com escrupulosa exatidão, quando vi este jovem cruelíssimo que, de arma na mão, fazia uma carnificina, tendo feito já três vítimas. Elas jaziam a seus pés, agonizantes, e palpitavam lavadas em sangue. De resto, ele próprio, consciente da enormidade do seu crime e justamente perturbado, fugiu, esgueirando-se, com o favor das trevas, para uma casa onde se manteve escondido a noite inteira. Porém, a providência divina não permitiu que tal crime ficasse impune, e, antes que furtivamente escapasse por ignoradas vias, de manhã muito cedo eu o detive e o fiz comparecer diante da tremenda majestade do vosso tribunal. Tendes, assim, diante de vós, um acusado maculado por muitas mortes, um acusado apanhado em flagrante, e estrangeiro neste país. Condenai, pois, sem fraqueza, por um crime pelo qual puniríeis severamente mesmo um dos vossos concidadãos, esse homem de outras terras.”

IV. Depois deste violento requisitório, a voz formidável do acusador se calou. Em seguida, o pregoeiro avisou que, se eu quisesse responder, podia principiar. Nesse momento, eu não era capaz senão de chorar, devo dizer que não tanto sob o efeito de feroz acusação, mas por causa dos

tormentos da minha consciência. Todavia, com uma audácia inspirada pela providência divina, repliquei:

“Não ignoro quanto é difícil, em presença dos cadáveres de três cidadãos, o acusado das mortes persuadir de sua inocência uma assembléia tão grande, mesmo se disser a verdade; mesmo se, sem dificuldade, explicar-se. Entretanto, se vossa bondade, cidadãos, me conceder um momento de atenção, não terei muito trabalho em demonstrar que não se trata de uma falta que põe minha cabeça em perigo, mas foi o efeito fortuito de uma indignação razoável que me trouxe o labéu do odioso crime de que não sou culpado.

V. “Eu tinha ceado na cidade e voltava um pouco tarde, bêbado, sim, eu estava bêbado. Este crime não negarei. Justamente diante da casa do meu hospedeiro, o bom Milão, concidadão vosso, desci e vi audaciosos malfeitores que tentavam assaltar a casa, forçando os gonzos e procurando fazer saltar a porta. As trancas que a mantinham cuidadosamente fechada tinham sido arrancadas brutalmente, e eles já deliberavam entre si se matariam os moradores. Um deles, enfim, mais resoluto que os outros e mais corpulento, excitou-os: ‘Vamos, rapazes, a quem anima uma alma viril e que têm um braço alerta, ataquemo-los durante o seu sono. Para longe de nós qualquer hesitação ou covardia. Adaga em punho! E que corra sangue pela casa inteira. Quem dorme no seu leito que seja degolado. Quem procurar se defender, que seja abatido. Não sairemos daqui a salvo se deixarmos viva alguma pessoa nesta casa.’ Confesso, quirites, que acreditei cumprir um dever de bom cidadão acometendo contra esses ladrões da pior espécie, porquanto temia pela vida dos meus hospedeiros e pela minha. Eu estava armado de punhal, na previsão de semelhantes perigos, e experimentei pôr-lhes medo, para que fugissem. Mas esses bárbaros, esse selvagens, não pensaram em salvar-se, mas, vendome de arma na mão, resistiram com a mesma audácia.

VI. “Eis-nos em linha para o combate. O próprio chefe da súcia, e seu porta-insígnia, se atirou contra mim com todas as suas forças, me agarrou bruscamente com as duas mãos pelos cabelos e me virou a cabeça para trás, com o manifesto intento de a esmagar com uma pedra. Enquanto ele pedia com insistência que lhe passassem uma, eu o atravessei com mão segura e felizmente o estendi por terra. Um outro se agarrou às minhas pernas, mordendo-me. Com um golpe bem calculado, eu o atingi entre as espáduas, matando-o. Do mesmo modo matei o terceiro, que correu imprudentemente para mim. Golpeei-o em pleno peito. Tendo assim restabelecido a ordem, protegido a casa dos meus anfitriões, e assegurado a salvação comum, pensei que, em vez de ser punido, deveria receber públicos louvores. Antes disto, jamais tive o menor atrito com a Justiça. Considerado entre os meus,

sempre pus a inocência acima de todas as outras coisas. Não posso explicar, então, como o justo impulso que me levou a vingar-me de abomináveis ladrões me valha hoje esta acusação. Ninguém pode demonstrar que eu tive anteriormente, com esses bandoleiros, nenhuma animosidade pessoal, ou que simplesmente os tenha conhecido. E ninguém pode, ao menos, mostrar uma presa para ser partilhada, que tornasse verossímil semelhante crime.”

VII. Acabado este discurso, minhas lágrimas jorraram de novo. Estendendo as mãos num gesto de súplica, implorei tristemente pela pública misericórdia a uns, por suas afeições mais caras a outros. Acreditava-os já tocados de humanidade e comovidos com o meu pranto. Tomava por testemunhas os olhos do Sol e da Justiça, recomendava à providência divina meu infortúnio, quando, erguendo um pouco mais os olhos, reparei que todo o povo reunido entregava-se a um louco riso geral. Até meu bondoso hospedeiro e pai Milão, ria um enorme riso dissoluto. Vendo isso, disse eu comigo mesmo: “Eis aí, por minha fé, o que se chama gratidão. Eu, por ter salvo o anfitrião, sou assassino e réu de uma acusação. E ele, não contente de ter-me recusado até o conforto de sua assistência, ainda escarnece da minha funesta sorte.”

VIII. Entrementes, uma mulher lacrimosa atravessou correndo o teatro. Queixosa, vestida de negro, levava uma criancinha apertada contra o seio. Outra mulher a seguia, uma anciã coberta de horrendos trapos, igualmente dolorosa e, como aquela, chorando. Ambas agitavam ramos de oliveira.²⁸ Colocando-se ao lado do esquife, onde jaziam sob véus os cadáveres das vítimas, puseram-se a lamentar-se, desferindo lúgubres clamores: “Pela misericórdia pública”, diziam, “e pelo direito comum de humanidade, tende compaixão destes moços, indignamente chacinados, e, vingando-nos, consolai nosso abandono e nossa solidão. Socorrei ao menos o infortúnio desta criancinha, deixada sem proteção nos seus verdes anos, e oferecei o sangue desse bandido, como expiação, às vossas leis e à ordem pública.”

Depois disto, o magistrado mais velho se levantou e se dirigiu ao povo: “Que houve um crime que exige severo castigo, o seu próprio autor não pode negar. Só um ponto subsidiário nos deixa ainda confusos. É preciso procurar os cúmplices. Não é verossímil, com efeito, que um indivíduo sozinho tenha podido tirar a vida de três moços tão vigorosos. Devemos então obter pela tortura a verdade. Pois o escravo que o acompanhava fugiu, e não temos outro recurso senão levar o acusado, através do interrogatório, a denunciar aqueles que participaram do seu ato celerado, a fim de extirpar radicalmente o terror espalhado por esse bando maldito.”

IX. Logo após, conforme o costume dos gregos, trouxeram fogo, a roda, e látégos de várias espécies. Minha tris-

teza aumentava, ou antes, dobrava, por não ter nem o direito de morrer sem mutilação. No entanto, a velha cujo pranto havia causado tanta emoção, falou: “Antes de ligar à cruz, honrados cidadãos, o ladrão que infligiu esses infortúnios à minha ternura, permiti que se descubram os corpos dos mortos, a fim de que a contemplação de sua beleza e juventude, avivando vossa justa indignação, vos inspire um rigor proporcional ao crime.”

Aplaudiram estas palavras, e, sem demora, o magistrado me ordenou que fosse eu mesmo descobrir os cadáveres do esquife. Resisti, recusei-me obstinadamente a renovar por esta exibição a cena trágica da véspera. Por ordem dos magistrados, os litores me compeliram com insistência a fazê-lo. Por fim, apoderando-se da mão que me pendia ao longo do corpo, estenderam-na, para sua perda, até os cadáveres. Vencido, afinal, pela necessidade, consenti, e, bem contra a vontade, retirei o manto que os recobria. Bons deuses, que vejo? Que prodígio foi esse? Que repentina transformação se dera em minha sorte? Eu me contava já entre o tesouro de Proserpina e a família de Orco²⁹ e de repente tudo adquiriu uma feição nova, que me paralisava de estupefação. Nenhuma palavra haverá capaz de exprimir o imprevisto de tal espetáculo. Os cadáveres de nossos degolados eram três odres estufados, com rasgões aqui e ali, e largos dilaceramentos, que, a julgar por minhas lembranças da peleja da véspera, correspondiam aos ferimentos que eu fizera nos ladrões.

X. Então, o riso, que alguns tinham tido a malícia de reprimir por um momento, explodiu livremente e se propagou na multidão. Uns, no excesso da alegria, cacarejavam, outros seguravam a barriga com as duas mãos para que não doesse, e foi com uma transbordante satisfação que todos deixaram o teatro, voltando-se para olhar-me. Quanto a mim, imóvel na atitude em que tinha pegado a mortalha, permanecia frio como pedra e quieto como as estátuas e as colunas do teatro. Não ressurgi dos infernos senão quando Milão, meu hospedeiro, se aproximou, pousando a mão sobre mim. Apesar de minha resistência, e ao passo que minhas lágrimas jorravam novamente, acompanhadas de convulsivos soluços, ele me arrastou com doce violência e me conduziu para casa, tendo o cuidado de fazer algumas voltas por solitários caminhos. Procurava palavras consoladoras para acalmar meu desgosto e para serenar a emoção que me agitava ainda. Porém, não conseguia amenizar de maneira nenhuma a indignação que eu sentia por uma afronta que de modo tão profundamente grave me atingia o coração.

XI. Mas eis que, nesse instante, os próprios magistrados, revestidos com suas insígnias, penetraram em nossa casa e fizeram quanto podiam para me apaziguar: “Não ignoramos, Senhor Lúcio, nem tua classe, nem teu nascimento, nem o renome da ilustre família que é a tua e que se

estende por toda a província. O que te aflige tão fortemente, não foi para te ofender que to fizemos suportar. Espanta do coração a tristeza e expulsa a amargura da alma, pois os divertimentos periódicos aos quais nossa cidade se entrega todo ano, em honra do Deus Riso, devem sempre seu sucesso a uma invenção nova. Foste tu a fonte e o instrumento do Riso. O favor e a amizade do deus te acompanhará por toda a parte. Ele não permitirá jamais que tua alma prove nenhum infortúnio, mas sem cessar iluminará tua fronte de serena graça e de alegria. Em reconhecimento pelo que te deve, a cidade inteira te prestará honras extraordinárias. Ela te nomeará seu patrono e decidiu te elevar uma estátua de bronze.”

A esse discurso, repliquei desta maneira: “Cidadãos da mais ilustre entre todas as cidades da Tessália, minha gratidão por essas honrarias está à altura da benfeitoria. Porém, reservai as estátuas e imagens, eu vos peço, para outros mais dignos e melhores que eu.”

XII. A essa modesta alocução, distendi o rosto num sorriso, e, fazendo o possível para recuperar alguma alegria, saudei cortesmente os magistrados e eles se retiraram. E eis que entra correndo um criado de Birrena: “Tua mãe”, disse ele, “te reclama e te lembra que se aproxima a hora do jantar, para o qual foste convidado ontem à noite.” Apavorado e cheio de horror, só de pensar nessa casa, mandei dizer a Birrena: “Eu gostaria muito, mãe, de obedecer às tuas ordens, se pudesse fazê-lo sem faltar à minha palavra. Meu hospedeiro Milão, com efeito, me fez prometer, tomando como testemunha a divindade protetora deste dia, que eu cearia com ele esta noite. Ele não consente nem suporta que eu me afaste. Deixemos, pois, para mais tarde esse compromisso de jantar.”

Eu falava ainda, quando Milão me agarrou com mão firme, e, ordenando que levassem atrás nossos utensílios de banho, me conduziu ao estabelecimento vizinho. Mas eu, para evitar os olhares do público e não me expor ao riso dos passantes, de que eu mesmo tinha sido o provocador, caminhava a seu lado, dissimulado. Como me banhei, como me enxuguei, como voltei para casa, a vergonha que eu sentia me fez tudo esquecer. Todos me designavam com os olhos, com a cabeça, com o dedo, e eu caíra num aturdimento estúpido.

XIII. Depois de ter, por fim, consumido às pressas o jantarzinho magro de Milão, tomei como pretexto a violenta dor de cabeça causada pelo abalo e por minhas lágrimas sem fim, e obtive facilmente permissão para ir deitar. Estendido no leito, repassava tristemente, em pensamento, todos os pormenores da aventura, quando, por fim, Fótis, após acomodar a patroa, chegou, bem diferente de si mesma. Não tinha mais nem a alegre expressão, nem o tom zombeteiro, mas rugas profundas tornavam-lhe sombria a fronte cuidosa. Falou, por fim, hesitante e tímida:

“Fui eu, eu mesma, confesso, que te proporcionei esta desgraça.” Tirando do seio uma espécie de chicote, mo apresentou, dizendo: “Toma, eu te peço, e vinga-te de uma pérfida mulher. Inflige-lhe mesmo, se queres, um suplício mais severo. Não creias, todavia, que te causei desgosto voluntariamente. Não praza aos deuses que tenhas de sofrer por minha causa o mais ligeiro dissabor. Se alguma desgraça ameaça tua cabeça, possa o meu sangue resgatá-la inteiramente. Mas do que fiz, cumprindo ordens, e com outra intenção, minha má sorte fez recair sobre ti as abomináveis conseqüências.”

XIV. Sentindo despertar minha curiosidade natural, e ardendo do desejo de descobrir as origens da aventura, repliquei: “Aqui está um látigo, inigualável em audácia e crueldade. Tu o destinavas ao teu próprio suplício. Será ele que, despedaçado e cortado em bocadinhos, se acabará na minha mão antes de tocar tua pele delicada como a pluma e branca como o leite. Mas conta-me sinceramente: que cometeste afinal, que os fados transformaram tão neciamente em objeto de minha perdição? Juro por tua cabeça, caríssima, não são palavras ao vento; ninguém poderá me persuadir de que nutriste a meu respeito desígnios prejudiciais. Ora, quando a intenção é honesta, não são as conseqüências de um acaso desconhecido que podem torná-la culpável.”

Terminando estas palavras, olhei e vi os olhos de minha Fótis, úmidos e trêmulos, se escurecerem de desejo e se entrecerrarem de langor, enquanto eu os fechava com os lábios e os devorava, com desespero, de beijos apaixonados.

XV. Tendo recuperado sua costumeira alegria, ela disse: “Deixa-me primeiro fechar a porta deste quarto, para que nenhuma frase escape daqui. A indiscrição seria, de minha parte, de uma abjeção profana.” Enquanto falava passou os ferrolhos, firmou os ganchos, e depois, voltando-se para mim e cercado com os dois braços meu pescoço, disse baixinho, com voz quase imperceptível: “Estou tremendo, estou cheia de horror, ao pensar em revelar o que sucede nesta casa, e ao pensar em desvendar os segredos misteriosos de minha ama. Mas não, eu tenho a mais alta opinião de ti, de tua educação, e, sem falar da generosa classe a que pertences por nascimento, ou da elevação do teu espírito, sei que, iniciado como és em mais de um culto, conheces seguramente a santa lei do silêncio. Assim, seja o que for que me aconteça confiar ao piedoso santuário do teu coração, guarda-o fechado nesse retiro seguro, e recompensa a franqueza de minhas revelações com uma discrição a toda prova. Trata-se de coisas que neste mundo só eu sei. É o amor por ti que me domina, e que me obriga a te contar isso. Vais saber o que é esta casa. Vais saber dos maravilhosos segredos pelos

quais minha ama se faz obedecer dos manes,³⁰ perturba o curso dos astros, constrange as potências divinas, serve-se dos elementos. Mas jamais recorre ela com mais vontade à força de sua arte como quando um bonito rapaz lhe chama a atenção, o que, em verdade, acontece frequentemente.

XVI. “É assim que, neste momento, ela morre de amor por um jovem beócio, de admirável beleza, e movimenta fervorosamente todos os recursos de sua arte, todas as suas máquinas de guerra. Ouvi-a esta tarde, com os meus ouvidos. Porque o Sol tinha sido lento demais para baixar no céu, e não se tinha retirado logo para dar lugar à noite, para ela se entregar aos seus encantamentos, ameaçou o próprio Sol de o envolver num véu de escuridão e de trevas eternas. Ontem, por acaso, quando ela voltava do banho, reparou num moço sentado num salão de barbeiro. Ordenou-me que levasse, às escondidas, seus cabelos que caíam sob as tesouras e juncavam o solo. Ajuntava-os com furtivo cuidado, quando o barbeiro me surpreendeu. Nós já somos mal vistas na cidade, como gente dada à ciência dos malefícios. Ele me apanhou e me increpou asperamente: ‘Velhaca, tu não páras de vir roubar os cabelos desses jovens senhores? Põe um fim a essas práticas criminosas, ou, sem esperar mais, eu te entrego aos magistrados.’ Juntando o gesto à palavra, para me revistar mergulhou a mão entre meus seios, vasculhou, e retirou irado os cabelos que eu escondera ali. Pensando no mau humor de minha patroa, que essa espécie de insucesso deixava num estado tão violento que me desancava sempre com a maior brutalidade, dispunha-me a fugir, mas teu pensamento, tua imagem, bem depressa me fizeram abandonar este projeto.

XVII. “Distanciava-me triste, com o temor de voltar com as mãos completamente vazias, quando vi um homem que tosava com uma tesoura uns odres de pêlo de cabra. Eu os via ali, solidamente amarrados, cheio, e já pendurados. Os pêlos que estavam no chão eram de um tom louro que lembrava a cabeleira de um jovem beócio. Levei uma certa quantidade e a entreguei à minha ama, disfarçando a verdade. Nas primeiras horas da noite tu não tinhas voltado ainda do jantar. Panfília, fora de si, subiu, do outro lado da casa, a um terraço coberto de pranchas, livre, acessível a todos os ventos, de onde a vista abrange o oriente e se estende de outro lado em várias direções. Esse lugar se presta como nenhum às suas operações mágicas, e Panfília o frequenta em segredo. Ela dispôs então, para começar, o aparelhamento ordinário de sua oficina infernal, cheia de substâncias aromáticas de todo o gênero, de lâminas cobertas de inscrições desconhecidas, de velas de navios perdidos no mar. Estavam ali expostos inúmeros fragmentos de cadáveres, já chorados ou mesmo já colocados no túmulo: aqui narizes e de-

dos, ali cavilhas de força, com langanhos de carne, além o sangue recolhido de gargantas cortadas, e crânios mutilados arrancados dos dentes da feras.

XVIII. “Ela pronunciou em seguida encantamentos sobre entranhas palpitantes e derramou como oferenda de feliz presságio, sucessivamente, água da fonte, leite de vaca, mel das montanhas, por fim o hidromel. Trançou então os cabelos de que falei, formando nós³¹ e os atirou, com uma certa quantidade de substâncias odorantes para fazê-los queimar, sobre brasas. E, de repente, pelo poder irresistível da ciência mágica e pela força escondida das divindades a seu serviço, os corpos, cujo pêlo fumegava crepitando, tomaram uma alma humana: sentiram, ouviram, caminharam. Guiados pelo odor de seus despojos em combustão, dirigiram-se para a casa. Tomando o lugar do jovem beócio, tentaram entrar, forçando a porta. Foi então que, nesse momento, cheio de bebida e induzido em erro pela súbita escuridão da noite, tu corajosamente tiraste o teu punhal e te serviste de tua arma, como um Ajax na sua loucura.³² Mas eram animais vivos que atacaram Ajax quando ele massacrava rebanhos inteiros. Quanto a ti, és bem mais forte; pelejaste com três odres de pêlo de cabra, arrancando-lhes o sopro de que estavam cheios. Derrubaste teus inimigos sem te manchares com uma só gota de sangue, e aí está porque abraço neste momento não um homicida, mas um odricida.”

XIX. Este lépido sermão me fez rir, e eu disse a Fótis, tomando parte na brincadeira: “Eu bem que posso, neste caso, comparar minha aventura, meu primeiro título de glória, com um dos doze trabalhos de Hércules: três odres mortos valem bem o tríplice corpo de Gérion ou as três cabeças de Cérbero.³³ Mas se queres que eu te perdoe, sinceramente e de bom coração, a falta por intermédio da qual me trouxeste tais angústias, concede aos meus desejos o que eles reclamam tão insistentemente, e mostra-me a tua senhora quando entregue a algum trabalho da ciência divinatória. Que eu a veja quando ela invoca os deuses, ou então quando se metamorfoseia. Queimo na ânsia de conhecer de perto, e com os meus olhos, a magia. De resto, tu própria tens o ar de não ser novata, nem inexperienced, nessas coisas. Sim, eu sei, estou vendo. Pois sempre desdenhei os favores das mulheres: mas teus olhos cintilantes, tuas faces coradas, a deslumbrante cabeleira, teus beijos ávidos, teus seios perfumados, fizeram de mim uma coisa tua, e me mantiveram cativo, voluntariamente escravo. Já não mais suspiro por meu lar, nem me disponho ao regresso. Nada há que eu prefira a uma só das nossas noites.”

XX. “Eu gostaria bem, Lúcio”, respondeu Fótis, “de contentar teu desejo. Mas além de ciumenta, ela se retira

sempre para a solidão, longe de qualquer presença, para cumprir seus ritos secretos. Entretanto, a tua vontade está para mim acima do perigo: aguardarei o momento favorável e me esforçarei por te satisfazer, com a condição, todavia, de que, como eu disse no começo, tu guardes fielmente silêncio sobre negócio tão grave.”

Tagarelando dessa maneira, um mútuo desejo veio despertar ao mesmo tempo nossos espíritos e nossos sentidos. Despojando-nos de todas as vestes, abandonamo-nos desnudos aos transportes de Vênus. Quando me faturei, Fótis, com liberalidade ofereceu como corolário o seu prazer. Por fim, o sono se espalhou sobre nossos olhos, lassos da vigília, e não nos deixou senão dia claro.

XXI. Algumas noites somente decorreram assim na volúpia, quando certo dia Fótis, em tremenda agitação, chegou correndo e me anunciou que sua senhora, vendo que os outros meios não adiantavam em nada os seus negócios do coração, devia, na noite seguinte, revestir-se da plumagem de um pássaro e voar assim para o desejado. “Prepara-te”, acrescentou ela, com precaução, “para observar esse grande acontecimento.” Por volta da primeira vigília da noite, caminhando na ponta dos pés e sem fazer nenhum ruído, ela me conduziu ao aposento do alto e me convidou a olhar por uma fresta da porta, e eis as coisas de que fui testemunha: primeiro Panfília se despiu completamente, abriu um cofre e dali tomou diversas caixas, abriu a tampa de uma delas, tirou uma pomada, e esfregando-se longamente com as mãos, untou o corpo todo, desde a ponta das unhas até o alto dos cabelos. Depois de longo conciliábulo com a lâmpada, agitou os membros com trêmulos movimentos. Enquanto docemente batia o ar, via-se flutuar a penugem macia, crescerem fortes penas, endurecer-se um curvo nariz, espessarem-se em garras as unhas. Panfília tornou-se um mocho. Então, com um grito estrídulo, e para experimentar, ela se ergueu da terra aos poucos, mas logo se atirou para o alto, e, batendo as asas, se afastou.

XXII. Por suas artes mágicas, Panfília se metamorfoseara voluntariamente, e a mim, sem encanto nem encantamento, o que acabara de suceder, diante dos meus olhos, me fixara em tal estupor, que eu me parecia ser tudo no mundo, menos Lúcio. Assim, fora de mim, atônito até a demência, eu sonhava acordado. Fiquei por muito tempo esfregando as pálpebras, para me certificar de que não era tudo um sonho. Devolvido, por fim, ao sentimento da realidade, agarrei a mão de Fótis e a aproximei dos olhos, dizendo: “Concede-me, por favor, agora que se apresenta a ocasião, uma prova esmagadora e singular da tua afeição. Por estes meus olhos de que és a dona, eu te conjuro, doçura de minha vida, dá-me um pouco daquele unguento. Torna-me para sempre teu escravo, com um favor que nada no mundo poderá pagar.

Faze com que eu esteja nos teus flancos, oh! minha Vênus, como um alado Cupido.”

“Vede”, respondeu ela, “a raposa, o bem-amado, que me quer convencer a bater o machado em minhas próprias pernas. Inerme como é, é com esforço que o defendo das lobas tessalianas. Tornando-se pássaro, onde poderei procurá-lo, quando quiser revê-lo?”

XXIII. “Defenda-me o céu de semelhante crime”, repliquei. “Mesmo que me elevasse com asas de águia, percorrendo os espaços celestes como mensageiro fiel de Júpiter soberano ou altivo portador de seu trovão, eu poderia, nobre volátil, reencontrar, depois de tantas honrarias, o caminho para o meu pequeno ninho. Juro por esta doce cabeleira, cujo nó mantém minha alma cativa: não há mulher no mundo que eu prefira à minha Fótis. Demais, lembro-me agora de uma coisa: uma vez que, graças a este ungüento, eu me transforme nessa ave, terei de me manter distante de qualquer habitação. Que belo e galante amoroso, com efeito, o mocho, e muito bem-dotado para fazer a felicidade de uma mulher! E então? E não vemos que, quando essas aves da noite penetram em qualquer casa, tomam o cuidado de as agarrar e de as pregar sobre a porta, a fim de que as calamidades com as quais seu vôo de funesto presságio ameaça a família, sejam expiadas por sua crucifixão? Mas, ia-me esquecendo de perguntar: que seria preciso dizer, ou fazer, para me despojar da plumagem e voltar ao Lúcio que era?”

“Quanto a isto, podes ficar tranqüilo”, disse ela. “Isso foi previsto. Minha senhora me mostrou por que meio se pode, depois de cada metamorfose, voltar a revestir a forma humana. Não por benevolência, creio, mas para que, na sua volta, eu possa administrar-lhe o remédio salutar. E veja como são humildes e comuns as ervas que produzem tão grandes efeitos: um broto de aneto, jogado na água pura, com folhas de loureiro, e já temos com que fazer um banho e uma beberagem.”

XXIV. Renovando os protestos de garantia, ela deslizou pelo quarto, palpitante de emoção, e tirou uma caixa do cofre. Agarrei a caixa e a beijei, pedindo-lhe que me concedesse a graça de um vôo feliz. Depois, arrancando às pressas todas as minhas roupas, nela mergulhei avidamente as mãos, tirei uma boa dose de ungüento, e esfreguei todas as partes do corpo. E já fazia como uma ave, tentando, balançar alternativamente os braços. De penugem, no entanto, ou de penas, nenhum sinal. Porém, meus pêlos se espessaram em crinas, minha pele macia endureceu como couro, a extremidade de minhas mãos perdeu a divisão dos dedos, que se ajuntaram todos num casco único; da parte mais baixa da minha espinha, saiu uma longa cauda. Eis-me agora com uma cara monstruosa, uma boca que se alonga, ventas largas, lábios pendentes. Minhas orelhas, por sua vez, cresceram desmedida-

mente e se eriçaram de pêlos. Miserável transformação, que me oferecia como consolo único, impedido que estava, de agora em diante, de ter Fótis entre os braços, o desenvolvimento de minhas vantagens naturais.

XXV. Desprovido de meios de salvação, eu considerava meu corpo sob todos os seus aspectos. Não vi uma ave, mas um burro, e maldisse a conduta de Fótis. Não tendo, no entanto, de homem, nem a voz nem o gesto, não podendo fazer mais, eu estava reduzido a olhá-la de través, com a beíçola pendurada, os olhos úmidos, dirigindo-lhe mudas censuras. Quanto a Fótis, quando me viu nesse estado, voltou contra si mesma as mãos, e batendo no rosto, gritava: “Ah! desgraçada de mim, fui culpada! Em minha perturbação e em minha pressa, cometi um engano. A semelhança das caixas me induziu em erro. Mas, felizmente, o remédio para esta metamorfose é fácil de encontrar: é suficiente que masques rosas para logo te despojares do burro e voltares ao meu perdido Lúcio. Não tivesse eu ontem à tarde, como de costume, tecido algumas coroas, e não terias que suportar nem mesmo uma noite de demora. Mas assim que desponte o dia, o remédio estará depressa aqui.”

XXVI. Assim ela se lamentava. Eu, entretanto, se bem que asno acabado e de Lúcio transformado em besta de carga, conservara uma inteligência humana. Deliberei longamente comigo mesmo se devia matar a abominável celerada, despedaçando-a a coices ou estraçalhando-a com os dentes. Depois de alguma reflexão, abandonei esse projeto insensato. Se, para punir Fótis, eu a matasse, suprimiria, com o mesmo golpe, o socorro de que dependia a minha cura. Baixando então a cabeça, balouçante, eu remoía à parte minha humilhação momentânea, e, acomodando-me à dura situação, fui para a estrebaria, para junto do cavalo, minha leal montaria. Encontrei ali instalado, igualmente, outro burro que pertencia a Milão, que, na altura, ainda era meu hospedeiro. Pensava eu que existia, entre os animais privados de palavra, uma liame tácito e natural de solidariedade. Esse cavalo, pois, me reconheceria, teria compaixão de mim, me acolheria, portanto, como hóspede, e me trataria com a hospitalidade que o senado oferece aos embaixadores estrangeiros. Mas, por Júpiter Hospitaleiro, santuário secreto da Boa Fé! Estando ambos próximos, cabeça contra cabeça, minha digna montaria e o burro se combinaram logo para me perder, e, temendo sem dúvida por sua pítança, mal me viam aproximar-me da manjedoura, já, de orelhas abaixadas, cheios de fúria, perseguiam-me a patadas. Fui assim enxotado para bem longe da cevada que, na véspera, à noite, eu tinha levado com as minhas mãos, para aquele gratíssimo fâmulos.

XXVII. Maltratado pela sorte, e relegado à solidão, retirei-me para um canto da estrebaria. Enquanto medi-

tava sobre a insolência dos meus colegas e preparava a vingança que, tornado Lúcio por virtude das rosas, eu exerceria no dia seguinte sobre o meu cavalo, reparei que, à meia altura do pilar central que sustentava as vigas da estrebaria, uma imagem da Deusa Épona estava em seu nicho cuidadosamente ornado de coroas, e coroas de rosas frescas. Reconhecendo o instrumento da salvação, e cedendo à atração da esperança, ergui vigorosamente, tão alto quanto podia, minhas patas da frente, estendendo-as para encontrar um ponto de apoio; alonguei o pescoço, avancei desmesuradamente os lábios, e, com o máximo de esforço, procurei alcançar as coroas. Quis a minha má sorte que, quando assim diligenciava, o criadinho ao qual tinha confiado durante todo o tempo o cuidado do meu cavalo, aparecesse de repente. Levantou-se com indignação, gritando: “Até quando suportaremos este velhaco? Há um momento queria a ração dos animais; agora ataca até a imagem dos deuses. Espere esse sacrílego, manqui-tola, impotente, vou já mostrar-lhe. *Kigim oricyrabdi yna arnam seys iy.*” Logo, procurando uma arma, seus olhos pousaram sobre um feixe de lenha caído ali, por acaso, e um pau ainda enfolhado, mais grosso do que os outros. Machucou-me com ele, dolorosamente. Houvera continuado por muito tempo se não tivesse fugido apavorado, ao ouvir bater à porta, com um enorme barulho e um grande rumor de vozes, enquanto pela vizinhança ecoava o grito de alarme: “Aos ladrões!”

XXVIII. Um momento depois, abriu-se a porta com violência e um grupo de bandoleiros invadiu o lugar; um cordão de homens armados cercou cada ala da construção, enquanto outros se dispersaram para manter à distância gente que, de todas as partes, voava para prestar socorro. Armados todos de gládios e de tochas, iluminavam a noite. O ferro e o fogo lançavam clarões de Sol nascente. No meio da casa estava situada uma sala de reserva, fechada completamente e protegida com fortes fechaduras. Lá estavam acumulados os tesouros de Milão. Atacaram a porta a machadadas, para abrir uma brecha; fizeram saltar em pedaços os fechos, levaram todas as riquezas, e repartiram entre si os pacotes amarrados às pressas. Mas a carga ultrapassava o número de carregadores. Atrapalhados com o excesso da opulência, tiraram-me da estrebaria, com o outro asno e o meu cavalo, carregaram-nos quanto puderam com as bagagens mais pesadas, e, sob a ameaça de cacetes, fizeram-nos sair da casa, agora vazia. Depois, deixando um dos seus com a missão de observar e de lhes dar notícias do inquérito aberto sobre o roubo, levaram-nos em marcha batida, à força de pauladas, pelas trilhas perdidas da montanha.

XXIX. O peso do fardo, a aspereza da subida e o longo caminho fizeram com que entre um morto e mim não houvesse diferença. Foi então que um pouco tarde, mas

não por acaso, veio-me ao espírito usar de um expediente aberto a qualquer cidadão: o de invocar o nome venerado do príncipe, para me livrar de meus infortúnios. Já era dia claro e atravessávamos uma cidade populosa, na qual uma feira atraía toda a gente. Bem no meio do povo, tentei invocar, na própria língua dos gregos, o nome augusto de César. Consegui soltar um ô distinto e vigoroso,³⁴ mas o resto, o nome de César, não me foi possível pronunciar. Os ladrões, não achando do seu gosto o som desafinado de minha voz, encarniçaram-se, cada qual mais afoito, sobre o meu mísero couro, e o deixaram em tal estado que não daria nem para fazer uma peneira. Mas, por fim, o grande Júpiter me ofereceu um inesperado meio de salvar-me. Como passássemos ao longo de numerosas casinholas campestres e de algumas habitações espaçosas, reparei, a alguma distância, num jardimzinho muito aprazível, onde, entre outras plantas de enfeite, rosas abriam a corola virginal na rósea madrugada. Arquejante de desejo e estimulado pela esperança da salvação, aproximei-me contentíssimo. Com água na boca, ia apanhá-las com os lábios, quando uma feliz inspiração me fez tomar um partido mais seguro. Pois o caso é que, se reaparecesse como Lúcio, encontraria evidentemente a morte entre as mãos dos bandidos, que me suspeitariam de magia ou me acusariam de querer, um dia ou outro, denunciá-los. Por necessidade, abstive-me portanto de tocar nas rosas, e, resignando-me à desgraça presente, pus-me, como um burro que se preza, a mascar o meu feno.

LIVRO IV

I. Por volta do meio do dia, quando estava já ardente o calor do Sol, paramos numa aldeia cheia de velhos que eram, para os bandidos, conhecidos e amigos. Por muito asno que eu fosse, seu encontro, suas conversas prolixas, os ósculos trocados, me elucidaram. Os bandidos retiraram alguns objetos do meu lombo, para com eles os presentear e cochicharam-lhes alguma coisa, à parte, que significava certamente ser aquilo fruto de seus latrocínios. Depressa desembaraçados de todas as nossas bagagens, puseram-nos a pastar livremente e à vontade num campo vizinho. Pouco me agradava ser o comensal do burro e do meu cavalo, e era para mim insólito almoçar feno. Mas eis que, atrás do nosso pasto, vejo uma horta. Faminto, atirei-me para lá, atrevidamente. Que importava que os legumes estivessem crus? Enchi com eles a pança, até não agüentar mais. Dirigindo uma prece a todos os deuses, inspecionei os arredores na esperança de descobrir, nos jardins vizinhos, as vivas cores de um roseiral. O lugar era solitário e isso precisamente era que me dava confiança. Afastado da estrada, escondido entre arbustos, eu poderia, pensei, graças ao remédio salutar, tornar a erguer-me, deixando a marcha inclinada para o solo, de besta de carga de quatro patas, e renascer para a dignidade humana, sem ser notado por ninguém.

II. Quando flutuava assim nesse oceano de cogitações, vi, a alguma distância, um vale sombrio, estendido à sombra de um frondoso bosque. Entre plantas de várias espécies e ricas verduras, havia rosas de viva cor, tudo alegrando com seu fulgente sorriso. E no meu espírito, que não era inteiramente o de uma besta, dizia-me comigo que deveria ser dedicado a Vênus e às Graças esse bosque secreto, onde, entre a sombra espessa, a nobre flor resplandecia com sua pompa real. Invocando, então, o Êxito, deus das iniciativas felizes, parti num rapidíssimo galope, pois em verdade não me sentia burro, mas cavalo de corrida. Porém, essa agilidade, esse magnífico esforço foi impotente contra as ciladas da minha fortuna. Logo que me aproximo, vejo que não são frescas e macias rosas, úmidas do orvalho celeste e de néctar, surgidas das

abençoadas sebes e do espinho afortunado. No vale, nada vejo senão a escarpada margem de um curso d'água, bordada de espessa cortina de árvores. Essas árvores, cuja folhagem abundante lembra a do loureiro, ostentam, à maneira de flores perfumadas, longos cálices inodoros, de um vermelho desbotado. O vulgo ignorante lhes dá o nome de rosas de loureiro, e elas são um perigo mortal para qualquer animal que as coma.

III. Assim castigado pela fatalidade, perdi até o desejo de viver, e então, foi por minha plena vontade, dessa vez, que me preparei para comer as venenosas flores. Se bem que hesitante, aproximava-me para colhê-las, quando um moço, que me pareceu ser o hortelão do sítio onde eu comera todos os legumes, tendo-se dado conta do prejuízo, correu furioso, armado com um grosso cacete, agarrou-me e malhou-me todo o corpo, a ponto de correr perigo a minha vida, se não me lembrasse de me socorrer a mim mesmo. Levantando as ancas, desfechei-lhe, com as patas de trás, um par de coices. Quando o vi gravemente ferido, caído por terra, na encosta do monte, fugi. No mesmo instante uma mulher, a dele, ao que parecia, vendo-o, do alto, prostrado no chão e semimorto, atirou-se a ele, ululando plangentemente, na evidente intenção de provocar piedade e a minha perda. De fato, todos os camponeses, alertados por seus clamores, chamaram logo os cães e os soltaram em cima de mim, apressadamente, excitando-os, em sua raiva, a me dilacerarem. Dessa vez, não duvidei que a morte estivesse próxima, vendo reunidos contra mim mastins de estrutura possante, capazes de lutar contra ursos e leões, e muito numerosos. Aconselhei-me com as circunstâncias. Renunciando a fugir, voltei sobre os meus passos, rapidamente, para alcançar o estábulo junto do qual acampáramos. Mas os homens, que agora se esforçavam para segurar os cães, apoderaram-se de mim, amarraram-me a uma argola com uma forte correia, começaram a bater-me, e teriam certamente acabado comigo, se meus intestinos, contraídos pela dor das pancadas, estufados de legumes crus, como sabeis, e afligidos por uma forte diarreia, não tivessem esguichado um jato de excremento, de maneira que, aspergidos pelo líquido infecto, ou afugentados pelo seu odor repugnante, escapuliram, deixando-me com o lombo quebrado.

IV. Entrementes, avançava o dia, e o Sol começava a baixar. Os ladrões carregaram-nos de novo, impondo-me peso maior, e nos fizeram sair do abrigo. Tínhamos percorrido boa parte da estrada. Esgotado pelo comprido trajeto, dobrado sob os fardos, machucado de pauladas, coxo, e sofrendo por causa dos cascos gastos, parei à beira de um regato, cuja água serpenteava docemente. Era uma oportunidade que deveria agarrar pelos cabelos. Pensei em me deixar cair para a frente, com todo o corpo, dobrando as pernas. Estava firmemente decidido (podiam

me bater), a não me levantar para reencetar a marcha, e preferia morrer sovado com um cacete, ou mesmo, se fosse o caso, furado de pontãos de adaga. Completamente no fim das forças, dizia-me, e impotente, eu tinha direito à aposentadoria por enfermidade. Entretanto, os bandidos, ou impacientes de esperar, ou com pressa de garantirem a fuga, repartiram a bagagem que eu tinha sobre o dorso, entre as duas outras bestas de carga, e, por toda vingança, me deixaram como presa aos lobos e aos abutres.

V. Mas tão belo projeto foi atrapalhado por uma desgraçada aventura, pois o outro burro adivinhou e, de repente, imitou minha idéia. Fingindo fadiga, caiu com toda sua carga, e ficou deitado como morto. Fustigaram-no, aguilhoaram-no, arrastaram-no em todos os sentidos, para levantá-lo, pegando-o pela cauda, pelas orelhas, pelas pernas. Ele não fez nenhum movimento para se pôr de pé. Por fim, os ladrões, cansados do esforço sem resultado, deliberaram entre si. Para não demorar a fuga, embaraçando-se indefinidamente com um burro morto, isto é, transformado em pedra, distribuíram a sua bagagem entre mim e o cavalo. Depois do que, arrancando os gládios, cortaram-lhe cada jarrete, arrastaram-no um pouco para fora do caminho e o atiraram, respirando ainda, do alto de um profundo precipício, em pleno valado. A sorte do meu desventurado camarada me fez refletir. Renunciei deliberadamente às astúcias e enganos, para me conduzir, com os meus donos, como um burro de respeito. Pois, prestando atenção às suas conversas, eu compreendera que íamos logo fazer alto e gozar de descanso, no término da viagem, onde eles tinham sua residência e morada. Por fim, depois de uma subida em aclave suave, chegamos ao destino. Descarregaram os fardos para arrumá-los no interior, e, livre agora do peso, eu rolava na poeira, a modos de banho, para dissipar a fadiga.

VI. O assunto e as circunstâncias exigem que eu coloque aqui uma descrição dos lugares e da caverna habitada pelos bandoleiros. Darei assim uma prova do meu talento, e vos darei medida para julgardes exatamente se eu era asno também pelo espírito e pela inteligência. Imaginai uma montanha selvagem, de uma altitude extraordinária, coberta de sombra por uma espessa floresta. Ao longo dos seus flancos inclinados, centenas de penhas agudas, portanto inacessíveis, largos buracos nas ravinas, erçadas de moitas de espinho e isoladas por todos os lados cercavam-no como uma defesa natural. Uma fonte abundante jorrava grossa, borbulhante, do cimo da montanha, e se encrespava em ondas de prata, que despencavam pela encosta. Dividia-se em diversos regatos. Depois se espraiava em lençóis tranquilos, através dos valados, formando, de sua reunião, como que um mar fechado ou

um rio preguiçoso. Acima da caverna, à beira da falésia, erguia-se uma soberba torre. Fortes cercados, feitos de grades sólidas, próprias de currais de rebanhos de carneiros, prolongavam-se paralelamente, de um e outro lado, protegendo como uma muralha um estreito corredor de acesso. Vós teríeis dito certamente, e eu confirmaria, que era aqui o átrio da morada dos bandidos. Ao lado, nada, senão uma pequena cabana, coberta de caniços reunidos ao acaso, na qual, como eu soube mais tarde, os vigias, escolhidos por sorte entre os bandidos, montavam guarda durante a noite.

VII. Foi por ali que eles deslizaram, um por um, abaixando-se ao passarem. Quanto a nós, amarraram-nos diante da porta com uma sólida tira de couro. Havia lá uma velha, curvada ao peso dos anos, que parecia encarregada de zelar, ela sozinha, pelo bem-estar e pela vida de toda aquela súcia de moços. Eles a interpelaram grosseiramente: “É assim, então, cadáver velho, fugido do túmulo, vergonha dos vivos, único objeto do desprezo de Orco, que te vemos sempre no divertimento, arrastando a tua preguiça pela casa, sem mesmo nos oferecer, nesta hora tardia, alguma coisa para nos restaurar as forças e nos fazer esquecer nossas penas e perigosos trabalhos? Dia e noite, o que sabes fazer é introduzir, no teu estômago em fogo, canadas de vinho puro.”

Temerosa e trêmula, a velha respondeu, com uma vozinha muito aguda: “Perdão, meus valentes jovens, meus fiéis protetores. Todas as vossas iguarias estão servidas, cozidas bem no ponto, e succulentas. Tendes pão à vontade. O vinho foi derramado em abundância nos cálices a que dei brilho, e a água quente está pronta como sempre, para servir a qualquer hora para as vossas abluções.”

Quando acabou de falar, eles se despiram logo, expuseram os corpos nus ao calor vivificante de um grande fogo, molharam-se com água quente e se esfregaram com óleo. Depois, se acomodaram diante das mesas cheias de comestíveis.

VIII. Acabavam de se instalar, quando chegou um grupo muito mais numeroso de jovens, que ninguém teria hesitado em tomar igualmente por ladrões. Traziam também o produto de um saque, composto de moedas de ouro e de prata, de vasos e de panos de seda entretecidos de fios de ouro. Uma vez repousados com abluções semelhantes às dos primeiros, ajeitaram-se sobre os estrados, como os companheiros, depois que a sorte designou quais ficariam de serviço. Comeram e beberam sem conta, engoliram comida aos montões, pão às fornadas, viraram copos em cerradas fileiras. Divertiram-se gritando, cantaram barulhentosamente, trocaram injúrias para rir. Dentro em pouco, tudo se transformou no festim dos lápitas,³⁵ metade animais, e dos centauros, metade homens. Então, um deles, que ultrapassava em força todos os outros, tomou a palavra: “Nós, que corajosamente assaltamos a casa de Milão de Hípata, sem falar do copioso saque que nos valeu nossa coragem, tendo vencido em toda a linha, vol-

tamos, se isto deve entrar na conta, mais ricos de quatro pares de patas. Mas vós, que tínheis como objetivo a cidade da Beócia, trouxestes uma tropa diminuída, sem seu chefe, o valente Lâmaco, a salvação do qual me seria mais preciosa que todos esses embrulhos que trouxestes. Mas, enfim, ele, se morreu, morreu vítima de sua excessiva bravura. Entre os reis ilustres e os generais, deverá ser colocado esse herói, para que sua memória seja celebrada. Quanto a vós, honestos ladrões, que, satisfeitos com miúdos furtos, próprios de escravos, ides surripiar coisas medrosamente nos banhos e nas choupanas das velhas, tendes um ofício de negociantes de quinquilharias.”

IX. Um dos homens da segunda turma respondeu: “Só tu ignoras que as grandes casas são as mais fáceis de forçar? Uma residência espaçosa abriga, é verdade, numeroso pessoal, mas cada qual se interessa por sua própria conservação, muito mais que pelos bens do dono. Ao passo que as pessoas simples, que vivem sós, se tiverem fortuna, pequena ou grande, vigiam-na de perto, mantendo-a escondida e defendendo-a com perigo de vida. Provarão os próprios fatos a veracidade do que digo. Assim que chegamos diante de Tebas das Sete Portas, como indagássemos sobre a exata situação de fortuna dos habitantes (e, em nosso ofício, esta é a primeira coisa a saber), acabamos reparando num certo Críseros,³⁶ banqueiro e possuidor de abundantes riquezas. Por temor das obrigações e encargos, dissimulava, à força de habilidade, uma grande opulência. Só e retirado ele vivia, contentando-se com uma casinha modesta, mas bem fortificada. Cobria-se de trapos e sua aparência era sórdida, mas deitava-se sobre sacos de ouro. Resolvemos então dirigir nosso primeiro ataque para esse lado, contando com a pouca resistência de um adversário isolado, e pensando em nos apoderar, sem esforço e à vontade, de tudo quanto ele possuía.

X. “Eis-nos, então, desde a noitinha, de guarda diante da porta. Não queríamos arrombá-la, nem forçá-la, nem arreventá-la, temendo que o ruído das batidas despertasse toda a vizinhança e nos atraísse más conseqüências. Foi então que nosso chefe Lâmaco, com o arrojo de uma coragem mais que provada, introduziu devagar a mão na abertura que dava passagem à chave, esforçando-se por fazer saltar a fechadura. Porém, esse Críseros, o mais malvado de todos os bípedes, vigiando sem dúvida havia algum tempo, seguia todos os nossos movimentos. A passo macio, e no mais completo silêncio, aproximou-se sub-repticiamente e, de repente, por meio de um grande prego, pregou na almofada da porta, com uma pancada bem assentada, a mão do nosso chefe. Depois, deixando-o preso como o crucificado sobre seu lenho, subiu ao teto, e de lá, com grandes clamores, dirigindo-se aos vizinhos,

chamando cada um pelo nome, e invocando a salvação comum, espalhou a falsa notícia de que um súbito incêndio acabara de se propagar por sua casa. De maneira que cada um, temeroso de um perigo que o tocava tão de perto, correu em seu auxílio, com grande ânsia.

XI. “Na perigosa alternativa de nos perdermos ou de abandonarmos nosso companheiro, premidos pelas circunstâncias, lembramo-nos de um remédio enérgico, que teve o consentimento do chefe. A parte inferior do braço nós a cortamos prontamente com um golpe bem calculado em cima da articulação. Depois, deixando lá o toco, vedamos o ferimento com um tampão de fazenda, para evitar que gotas de sangue traíssem nossa passagem, e levamos apressadamente o que restava de Lâmaco. Mas, em nosso ansioso cuidado, sentíamos-nos perseguidos por um tumulto ameaçador, e o temor do perigo apressava nossa fuga. Então, não podendo nem seguir bem depressa, nem demorar sem risco, esse homem de alma sublime e de uma valentia sem igual, nos dirigiu a palavra, fazendo-nos súplicas as mais tocantes, exortando-nos, pela mão direita de Marte, pela fé do juramento, a que livrássemos um companheiro dos seus sofrimentos e, ao mesmo tempo, da prisão. Pois de que serve, a um bandido corajoso, sobreviver à sua mão, se ele é só capaz de rapinar e degolar? Sentir-se-ia feliz de sucumbir voluntariamente, abatido por mão amiga. Não podendo impelir nenhum de nós ao parricídio que reclamava, com a mão que lhe restava apanhou a espada, beijou-a, e, com um fortíssimo golpe, mergulhou-a em pleno peito. Depois de honrar a coragem desse chefe magnânimo, enrolamos cuidadosamente numa mortalha o que restava de seu corpo, e o confiamos aos recessos inacessíveis do mar. E agora nosso Lâmaco jaz sepulto num elemento uno.

XII. “Ele deu à sua vida um fim digno de suas virtudes. Apesar da solércia dos seus projetos, Alcimo não pôde obter o mesmo favor da Fortuna cruel. Entrara ele, para roubar, no tugúrio de uma velha mulher adormecida. Subiu ao pavimento superior, e, em lugar de começar por apertar-lhe o pescoço para estrangulá-la, preferiu jogar primeiro os móveis para fora, um depois do outro, por uma janela bastante larga, a fim de, vós o compreendeis, no-los dar sucessivamente para transportar. Tudo foi indo muito bem concatenado, mas, não querendo abrir mão sequer do catre em que a velha repousava, ele a despejou para baixo da cama, e, tendo retirado as cobertas, preparava-se para fazer o móvel tomar o mesmo caminho do resto, quando a velhaca, tombando de joelhos, começou a suplicar: ‘Meu filho, eu te peço, responde-me, por que fazes presente dos pobres teres e dos trapos de uma velha miserável aos vizinhos ricos, para a casa dos quais dá aquela janela?’ Enganado por essas palavras de insidiosa astúcia, Alcimo acreditou que ela dissesse a verda-

de. Temendo, evidentemente, que tudo o que tinha enviado e tudo quanto tinha ainda para enviar caísse, não nas mãos dos companheiros, mas na casa de outrem, pendurou-se à janela para investigar atentamente os arredores, e, em particular, para calcular a riqueza da casa contígua, de que a outra havia falado. Plano arrojado, mas imprudente. Enquanto balouçava suspenso no vazio, e, demais, com o espírito ocupado pelas coisas que procurava ver, a velha celerada, com mão fraca, mas gesto rápido e inesperado, o empurrou para a frente, de cabeça para baixo. Caindo de tão alto, ele bateu contra uma enorme pedra que havia por lá e quebrou a caixa torácica. Vomitou rios de sangue, do fundo do peito, e, após ter-nos contado o que se passara, deixou a vida, sem mais longos sofrimentos. Como um digno êmulo, em idêntica sepultura, nós o associamos à sorte de Lâmaco.

XIII. “Depois disso, vergados sob o golpe dessa dupla perda, renunciámos aos nossos empreendimentos em Tebas e subimos até Platéias, a cidade mais próxima. À nossa chegada, corria o rumor de que um certo Demócáres devia oferecer um combate de gladiadores. Esse homem de alto nascimento, de grande riqueza, e de liberalidade inaudita, provia os prazeres do povo, preparando-lhe um espetáculo digno de sua fortuna. Que talento, que eloquência poderiam descrever, em termos exatos, o múltiplo aparato desses preparativos? Havia gladiadores afamados pela força do braço, caçadores conhecidos por sua agilidade, criminosos que, votados a uma sorte sem esperança, eram nutridos para engordar as feras. Havia ainda máquinas feitas de uma estrutura articulada, torres formadas com pavimentos de pranchas, à maneira de casas móveis, com receptáculos para caças futuras, e pinturas floridas. E que número e que aspecto das feras! Punha-se um cuidado particular em fazer vir, mesmo do estrangeiro, esses animais generosos, sepulcros dos condenados à morte. Mas de tudo quanto devia concorrer para a magnificência do espetáculo, nada igualava os enormes ursos, procurados em grande número, e com os quais ele despendia, sem contar, os recursos do seu patrimônio. Àqueles apanhados durante suas próprias caçadas, ou que ele comprava caro, se acrescentavam os que seus amigos solícitos lhe ofereciam de todos os lados; e ele garantia aos animais manutenção suntuosa e alimento escolhido.

XIV. “Mas esses grandiosos e esplêndidos preparativos para o divertimento do povo não escaparam ao olho maléfico da Inveja. Esgotados por um longo cativeiro, enfraquecidos pelos calores do verão, e debilitados também pela inação e pela imobilidade, os ursos contraíram peste, repentinamente, e morreram quase todos. Podiam-se ver, a cada passo, espichados pelas ruas, como despojos de um naufrágio, os corpos dos animais agonizantes. A popu-

laça ignóbil, que, por sua abjeta miséria, não escolhia alimentos, mas era obrigada a pegar, para guarnecer o ventre, sórdida comida e restos que não custam nada, acorria a esses repastos jacentes no solo.

“A situação nos inspirou, a Eubolo, que está qui, e a mim, uma engenhosa idéia. Avistando um urso mais corpulento do que os outros, nós o levamos para a nossa cabana, como se o quiséssemos preparar para comer. Esfolamo-lo cuidadosamente, separando couro e carnes. Conservamos todas as unhas. Guardamos igualmente intacto, até o ponto em que começa o pescoço, a cabeça do animal. Quanto ao resto do corpo, raspamos bem a pele para torná-la mais fina, e, depois de a ter salpicado com cinza peneirada, pusemo-la a secar ao sol. Enquanto ela perdia gordura, ao ardente hálito do Sol, empanturrávamo-nos valentemente com a carne do animal, dispondo, sob juramento, os planos para a próxima operação. Ficou combinado que um de nós, superior aos outros não tanto pelo vigor físico, como também pela força de caráter, oferecer-se-ia como voluntário e vestiria o tosão. Disfarçado em urso, seria introduzido na casa de Demócades e aproveitaria o silêncio da noite para nos fazer entrar ali, pela porta.

XV. “Em nosso fortíssimo grupo, não foram poucos aqueles que, à idéia de proeza tão engenhosa, desejaram enfrentar os riscos da tarefa. Mas a facção optou por Trasileão, e foi ele quem aceitou os riscos do perigoso estratagemma. Com o rosto sereno, recobriu-se com esse couro, que, tornado delicado e maleável, se ajustou bem ao seu corpo. Então, aplainamos as dobras por meio de forros e dissimulamos as costuras sob os altos pêlos. Forçando um pouco, fizemos a cabeça de Trasileão entrar na do animal, ali onde o pescoço fora cortado, e crivamos de pequenos buracos o couro, à altura das suas narinas e dos seus olhos, para que ele pudesse olhar e respirar. Assim transformado o nosso fortíssimo sócio em verdadeira besta feroz, fizemo-lo entrar numa jaula comprada a preço módico, isto é, ele próprio nela se introduziu, com intrépida resolução.

“Estando tudo deste modo preparado, passamos à execução do nosso golpe falaz.

XVI. “Tendo conseguido obter o nome de um certo Nicanor, de origem trácia, que mantinha com Demócades laços de grande amizade, forjamos uma carta, nos termos da qual Nicanor, como bom amigo, consagrava as primícias de sua caça ao embelezamento dos jogos. Ia já avançada a noite quando, graças à proteção das trevas, apresentamos a Demócades a jaula de Trasileão, e, ao mesmo tempo, a carta falsificada. Ele admirou o porte do animal, comovido com a oportuna generosidade do amigo; mandou contar imediatamente dez peças de ouro, tiradas de sua caixinha, e no-las deu, como portadores, segundo

acreditava, de um objeto de alegria para si. E como um espetáculo inédito atrai sempre, pois é este o efeito da novidade sobre os espíritos, correu grande número de espectadores para admirar a besta. Examinavam-na com uma curiosidade de que o nosso Trasileão inibia o ímpeto, com alguns pulos ameaçadores. E todos celebravam, a uma voz, a prosperidade do feliz Demócares, que, depois do desastre que fora a perda de suas feras, encontrava, com a nova remessa, uma resposta aos golpes da Fortuna.

“Por fim, ordenou ele que, sem demora, e com as maiores precauções, transportassem o animal para os seus parques.

XVII. “Mas eu intervim: ‘Repara, senhor. Ele está fatigado pelo calor do Sol e pela extensão da caminhada. Não o ponhas em companhia de muitos animais, que, pelo que ouvi dizer, são portadores da peste. Por que não procuras, antes, em tua casa, um lugar aberto e arejado, de preferência perto de um tanque que possa refrescá-lo? Não sabes que os ursos desta espécie procuram sempre lugares arborizados, cavernas úmidas, e a vizinhança de fontes amenas?’

“Impressionado por meu aviso, e recenseando tudo o que perdera, Demócares foi facilmente persuadido, e nos permitiu, de boa vontade, que colocássemos a jaula onde nos parecesse bem. ‘E depois’, acrescentei, ‘estamos prontos a ficar vigiando, à noite, aqui mesmo diante da jaula, para proporcionarmos a este animal, incomodado pelo calor e pela fadiga do transporte, seu alimento nas horas requeridas, e sua bebida do costume.’

“Não vos preocupeis, nem é necessário terdes tanto trabalho’, respondeu. ‘Toda a minha gente está habituada, por uma longa prática, a alimentar ursos.’

XVIII. “Então nos retiramos, e, depois de termos saído da porta da cidade, vimos um monumento, situado um pouco afastado da estrada, num lugar apartado e ao abrigo de olhares. Havia ali antigos túmulos de tetos vestustos e bichados, habitados por mortos já em cinza e poeira. Abrimos alguns, ao acaso, para servirem de receptáculos ao produto do nosso futuro assalto. Depois, fiéis à regra de nossa confraria, aguardamos o momento em que a noite não tem lua; em que o sono, sem ser procurado, vem assaltar os corações dos mortais e os derruba com seu primeiro e mais vigoroso ataque. Foi então que detivemos nossa coorte, armada de gládios, diante da porta de Demócares, como para um encontro de roubo. Não menos exato, Trasileão aproveitou o instante propício aos latrocínios noturnos. Deslizou para fora da jaula, matou com sua espada, do primeiro ao último, todos os guardas que repousavam adormecidos junto dele, depois o próprio

porteiro, e, apoderando-se da chave, escancarou-nos a porta. Um pulo rápido e eis-nos no coração da casa. Ele nos mostrou, então, um aposento onde seu olho perspicaz vira encerrarem à noite grande quantidade de prataria. Reunimo-nos todos, forçando o acesso ao lugar. Ordenei a cada um dos nossos companheiros que levasse o que pudesse de ouro e prata, e que o escondesse bem depressa na casa dos mortos, guardiães incorruptíveis, e voltassem correndo para um novo carroto. Eu sozinho, no interesse de todos, me manteria diante da soleira da casa, para vigiar cuidadosamente até sua volta. Contava eu com a aparição do urso, correndo daqui para ali, no meio da casa, e atemorizando os escravos que, por acaso, viessem a acordar. Quem seria de tal maneira corajoso e intrépido que, à noite sobretudo, posto em presença de um animal assim monstruoso, não se apressaria em fugir, tremendo de pavor, indo-se fechar no quarto, sob ferrolho?

XIX. “Todas essas felizes disposições, tão judiciosamente concebidas, malograram por um fatal contratempo. Enquanto eu aguardava inquieto a volta dos meus companheiros, um pequeno escravo, que acordara com o ruído, ou talvez fosse uma advertência divina, saiu de mansinho. Quando viu a fera que, correndo livremente daqui e dali, passeava na habitação toda, arrepiou caminho, num silêncio absoluto, e comunicou de algum modo a todos o que tinha visto. Logo os domésticos, num grupo numeroso, encheram com sua presença a casa inteira. Tochas, lâmpadas, círios, candeias, luminárias noturnas de várias espécies, espantaram as trevas. E não havia ninguém sem armas nessa multidão. Munidos de pau, de lança, de espada nua, guardavam as redondezas. Ao mesmo tempo excitavam os cães, esses cães de caça cujas orelhas se empinam e cujo pêlo se eriça ao acuarem a fera.

XX. “Então, como o tumulto fosse crescendo, bati de mansinho em retirada, distanciando-me da casa, mas antes, escondido atrás da porta, vi Trasileão que resistia prodigiosamente aos cães. Se bem que percorrendo as metas últimas da vida, ele não se esquecia de quem era, nem de nós, nem de sua antiga coragem, e embora já, pode-se dizer, na goela do próprio Cérbero, que se preparava para devorá-lo, continuava a lutar. Fiel, até o último suspiro, ao papel que voluntariamente assumira, quer negaceando como resistindo e variando atitudes e movimentos, atirou-se enfim para fora da casa. Mas mesmo devolvido à liberdade da rua, teve que renunciar à salvação pela fuga. Pois todos os cães da rua vizinha, tão ferozes quanto numerosos, misturaram-se aos cães de caça que saíam da habitação, e todos se puseram a perseguir a mesma presa. Miserio, funesto espetáculo! Vi nosso Trasi-

leão cercado, de todos os lados, pela malta de cães furiosos, crivado de mordidas, dilacerado por elas. Por fim, não suportando mais a dor, misturei-me aos grupos instáveis da multidão que me cercava, e como único meio de ir em socorro do meu bravo companheiro sem traí-lo, procurei distrair aqueles que lhe seguiam a pista: 'É um escândalo', eu disse, 'é a última das vergonhas. Perdemos um animal magnífico e de alto preço.'

XXI. "Mas não adiantou falar. Meu estratagema de nada serviu ao desventurado moço, pois um valentão, alto e sólido, que saiu correndo da casa, enterrou sua lança, sem hesitar, em pleno peito do urso. Um segundo lhe seguiu o exemplo, depois a multidão, e, dissipado o medo, todo aquele que se aproximava dava-lhe um golpe com a espada. Quanto a Trasileão, honra sem rival do nosso bando, grande alma digna da imortalidade, sucumbiu por fim, mas não sucumbiu o seu ânimo viril. Não traiu a fé jurada nem por uma queixa, nem por um clamor. Rasgado já de mordeduras, e feito em frangalhos pelo ferro, ele se aplicava, mugindo, roncando como uma fera, e suportava sua desgraça com altiva energia. Para si guardou a glória. A vida, entregou-a ao destino. Tinha sido, entretanto, tão grande o terror e o espanto que perturbaram a todos ali reunidos, que até a aurora, e até dia claro, ninguém ousou tocar nem com a ponta do dedo o animal caído por terra. Enfim, com mão incerta e tímida, um carniceiro, um pouco mais ousado, abriu o ventre do animal, e o escorchou, tirando como de um útero, o magnífico ladrão. Assim pereceu, por sua vez, Trasileão, mas sua glória não perecerá jamais. Apressamo-nos, então a apanhar os pacotes que os mortos, guardas fiéis, tinham conservado para nós, e, deixando com precipitado passo o território de Platéias, repetíamos que não era sem razão que a boa fé não se encontra entre os vivos, pois, por ódio da nossa falsidade, elegeu seu domicílio entre os manes e entre os mortos. Foi assim que, fatigados todos pelo peso da carga e as asperezas do caminho, privados de três dos nossos companheiros, aqui chegamos com o saque que vedes."

XXII. Depois dessa narração, com os copos de ouro fizeram libações de vinho puro em memória dos colegas defuntos. Cantaram, em seguida, hinos de louvor ao Deus Marte e quiseram repousar um pouco. Quanto a nós, a velha de que já falei nos tratou liberalmente e sem medida, com cevada fresca, de maneira que o meu cavalo, diante dessa abundância, da qual era o único a se aproveitar, acreditava-se à mesa dos sális.³⁷ Eu, que nunca tinha comido cevada crua, mas pilada e reduzida a papa por um longo cozimento, avistando um canto no qual tinham amontoado restos do pão de toda a súa, fiz valentemente trabalhar a goela cansada de uma longa fome e cheia de teias de aranha. Era já noite alta quando os la-

drões, despertando, levantaram acampamento e, arranjados diversamente, uns armados de gládios, outros fantasiados de fantasmas, desapareceram com passo rápido. Entretanto, eu mascava sempre com coragem e perseverança, sem ser detido nem mesmo pelo sono que de mim se apossava. Eu que, outrora, no tempo em que era Lúcio, ficava satisfeito com um pão ou dois, antes de deixar a mesa, dessa vez, para contentar as exigências de um ventre tão profundo, cheguei a esvaziar a terceira cesta. Absorvido nesse trabalho foi que a clara luz do dia me surpreendeu.

XXIII. Quando terminei, senti vergonha, pelo menos tanta quanta pode sentir um burro, e fui-me desalterar no rio mais próximo. No mesmo instante, voltaram os ladrões, muito ansiosos e preocupados. Não traziam bagagem, absolutamente, nem a trouxa mais vil. Traziam, e era tudo, defendida por todos os seus gládios, por todos os seus braços, por todas as suas forças conjugadas, uma moça com um altivo ar de nobreza, pertencente, como indicavam seus modos de mulher de sociedade, a uma das grandes famílias do país, e muito desejável, por Hércules, mesmo pelo burro que eu era. Enquanto ela se lamentava, dilacerando as roupas e arrancando os cabelos, eles a fizeram entrar na caverna e procuraram, com boas palavras, atenuar os motivos de sua mágoa: “Não temas”, diziam, “por tua vida nem por tua honra, e dá-nos uma oportunidade de lucro, com um pouco de paciência. É a dura lei da pobreza que nos obriga a este ofício. Mas teus pais possuem montões de riquezas e não demorarão, por maior que seja a sua avareza, a encontrar o que é preciso para o resgate do seu sangue.”

XXIV. Com estas proposições, e outras do mesmo gênero, era em vão que procuravam apaziguar a dor da mocinha. E que fazer, quando, com a cabeça entre os joelhos, ela chorava desconcertadamente? Então, eles mandaram entrar a velha, recomendando-lhe que fizesse companhia à menina, que a consolasse tanto quanto possível, com palavras carinhosas, e que depois voltasse às suas ocupações costumeiras. Mas nada do que dizia a pobre velha chegava a distrair a moça de seu pranto. Ela se lamentava, ao contrário, cada vez mais, e, sacudida por inintermitos soluços, a ponto de até a mim arrancar lágrimas, falava assim: “Mísera eu sou. Com uma casa como a minha, de numerosos servidores, criados estimados, venerandos pais, e eis-me aqui sozinha, abandonada, vítima de um maldito rapto. De mim, fizeram mercadoria. Fechada como uma escrava neste buraco na pedra, nesta câmara de tortura, tendo perdido todas as doçuras entre as quais nasci e cresci, não ousando esperar a salvação, entre todos esses bandoleiros e esse povo horrível de gladiadores, como posso deixar de chorar, ou continuar a viver?”

Era assim que se lamentava. Acabrunhada pelo desgosto, com a garganta em fogo, o corpo lasso, fechou os olhos desfalecentes e adormeceu.

XXV. Porém, mal tivera tempo de cerrar as pálpebras, ei-la que, arrancada do sono como uma possessa, aflita ao mais alto ponto, machucava o próprio peito, voltando as mãos contra si mesma e batendo no rosto fresco. E quando a velha lhe perguntou com insistência a causa desse desgosto recomeçado, replicou a moça com um profundo suspiro: “Ai! Que será feito de mim agora, agora que digo adeus à esperança de salvar-me! Um nó corredio, um gládio, ou, ainda, um salto no precipício, aí está, certamente, o partido que me resta.”

A estas palavras, a velha se zangou. Com o rosto dessa vez mais irritado, disse: “Isto vai mal! Podes-me explicar por que choras, quando dormias tão bem; por que te abandonas de novo, em brusca reviravolta, a lamentações desordenadas? Bem vejo do que se trata: queres fraudar meus homens do rico proveito de teu resgate. Pois continua! Os ladrões fazem pouco das lágrimas e, apesar das tuas, eu me encarrego de te fazer queimar viva.”

XXVI. Aterrorizada por esse discurso, e beijando-lhe as mãos, disse a moça: “Por favor, mãe, ouve a voz da piedade humana e concede um pouco de ajuda para dirimir o meu cruel infortúnio. Pois se a idade e a vida te amadureceram, sob esses veneráveis cabelos brancos presumo que a compaixão não esteja em ti de todo ressequida. Vê, pois, a história dramática da minha calamidade. Era uma vez um belo moço, primeiro entre seus iguais, e que tinha sido adotado como filho da cidade, por escolha unânime dos concidadãos. Demais, era meu primo e meu irmão, três anos apenas mais velho do que eu. Crescendo juntos, desde os mais tenros anos, éramos, inseparáveis; ocupávamos a mesma doce casa; mais, o mesmo quarto, o mesmo leito. Estávamos ligados pela ternura santa da mútua afeição. O casamento devia consagrar o pacto feito há longo tempo. O consentimento de nossos pais lhe tinha, por ato oficial, conferido o título de esposo. Durante o ofício nupcial, cercado pela multidão dos parentes, que lhe faziam um cortejo de honra, ele imolou vítimas nos templos e nos santuários públicos. Toda a casa, atape-tada de loureiros, iluminada pelas tochas, ressoava com os cantos do himeneu. Minha pobre mãe me apertava contra o seio, me enfeitava com belas vestes nupciais, e, enquanto me cobria de ternos beijos, seus desejos inquietos viam já realizada a esperança de uma progenitura. De súbito, irromperam homens portadores de gládios, visão dos furores da guerra: o ferro nu e ameaçador despedia chispas. Porém, seus braços não perpetravam mortes, nem faziam pilhagem. Em formação cerrada, o batalhão foi diretamente ao nosso quarto, invadindo-o. Sem que

nenhum dos nossos lutasse para nos defender, ou oferecesse sequer a menor resistência, arrancaram-me, exânime de formidável espanto, perdida de atroz pavor, dos próprios braços de minha mãe. Assim como os de Átis ou de Protesilau, os esponsais foram interrompidos e dispersados.

XXVII. “E eis que agora um sonho horripilante me fez reviver o meu infortúnio, ou antes, o intensificou. Parecia-me que, arrancada violentamente de minha casa, de meus aposentos, de meu quarto, do meu leito, eu atravessava solidões inacessíveis, invocando o nome de meu desgraçado marido. E ele, tal como no momento em que se viu privado de meus abraços, ainda úmido de perfumes e corado de flores, seguia meus passos enquanto eu fugia, levada pelos pés de outrem. Enquanto ele clamava com grandes gritos, lamentando o rapto de sua bela esposa, e tomava o povo como testemunha, chamando-o em seu socorro, um dos bandidos, enfadado com essa perseguição importuna, apanhou aos pés uma grande pedra e golpeou mortalmente meu pobre esposo tão jovem. A atrocidade de tal visão me encheu de pavor e me arrancou, toda trêmula, do meu sono funesto.”

A velha, que misturava seus suspiros às queixas da moça, replicou então: “Mocinha, ânimo, e não te deixes apavorar pelos vãos fingimentos de um sonho. As imagens, que o sono nos traz, quando o dia chega passam por mentirosas, e até acontece que as visões da noite tenham efeito contrário do que nos apresentam. Assim, chorar, ser espancado, ou então ser degolado, pressagia lucros e bons proveitos. Ao passo que rir, encher a pança de quitutes e de doces, ou saborear o prazer do amor, significa que a tristeza, a doença, e mil outras desgraças estão para vir. Demais, eu poderei te distrair com lindas histórias e contos de gente velha.” E ela começou:

XXVIII. “Havia em certa cidade um rei e uma rainha. Tinham eles três filhas de conspícua beleza. No entanto, as mais velhas, por mais agradáveis que fossem à vista, não tinham, ao que parecia, nada que o humano louvor não pudesse condignamente celebrar. A mais moça, ao contrário, de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com um elogio conveniente, era pobre demais a língua humana. Gente do país e do estrangeiro, todos aqueles que a fama de espetáculo tão único congregava em multidão, imóveis e curiosos, permaneciam atônitos de admiração por essa beleza sem igual, e, levando a mão direita aos lábios, pousavam o índice sobre o polegar erguido.³⁸ Devotavam-lhe a mesma adoração que à própria Deusa Vênus. Já nas cidades vizinhas e nos campos circundantes, espalhara-se o rumor de que a deusa nascida do seio azulado dos mares e formada do orvalho da vaga espumejante, dignara-se tornar acessível seu poderio e misturar-se à sociedade dos homens. A

menos que as gotinhas celestes tivessem feito germinar uma nova Vênus, enfeitada com a flor da virgindade, não das ondas, mas da terra.

XXIX. “Foi assim que a crença ganhou terreno, dia a dia; de uma ilha a outra, depois no continente, e de província em província, a fama se estendeu e propagou. Númerosos foram os mortais que, empreendendo grandes viagens e longínquas travessias, afluíram para ver a gloriosa maravilha do século. Em Pafos, em Cnido, na própria Citera,³⁹ nenhum navegador aportava mais para contemplar a Deusa Vênus. Seus sacrifícios foram relaxados, os templos estavam-se derruindo, enxovalhavam-se os nichos, ficavam as imagens sem coroas e as cinzas frias maculavam os desolados altares. Era à moça que dirigiam as preces, e era sob os traços de um ser humano que imploravam mercês da augusta divindade. Quando, pela manhã, aparecia a virgem, era de Vênus ausente que se invocava o nome propício, oferecendo-lhe vítimas e festins, e, quando ela atravessava as praças, o povo se apressava a adorá-la com coroas e flores.

“Esta extravagante transferência do culto celeste para a virgem mortal incendiou de veemente cólera o ânimo da verdadeira Vênus. Ela não pôde conter a indignação. Sacudiu a cabeça, fremente, e falou:

XXX. “Então, a mim, antiga mãe de Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo, Vênus, reduziram-me a esta condição de partilhar com uma mortal as honras devidas à minha majestade! E meu nome consagrado no céu é profanado pelo contato com impurezas terrestres. Será preciso, aparentemente, na comunhão equívoca das homenagens prestadas ao meu nome, ver a adoração me confundir com uma substituta? Aquela que por toda a parte apresentará minha imagem é uma moça que está para morrer. Foi em vão que aquele pastor,⁴⁰ cuja imparcial justiça foi aprovada pelo grande Júpiter, me preferiu, pelos meus atrativos sem-par, às deusas mais eminentes. Porém, não se rejubilará por muito tempo essa, quem quer que ela seja, que me usurpou as honrarias. Poderei, com essa mesma beleza à qual ela não tem direito, fazer com que se arrependa.’

“Imediatamente, chamou o filho, o menino alado, esse perverso velhaco que, agravando com sua má conduta a moral pública, armado de tochas e de flechas,⁴¹ corre daqui e dali durante a noite, pela casa dos outros, incendeia todos os lares, comete impunemente os piores escândalos, nunca faz coisa boa. Se bem que ele já fosse impudente por natural velhacaria, ela o excitou ainda mais com seus discursos, conduziu-o à cidade de que falamos, e mostrou-lhe Psiquê — tal era o nome da menina.

XXXI. “Fez-lhe também o completo relato dessa rivalidade em beleza. Por fim, gemendo, trêmula de indigna-

ção, disse: ‘Eu te conjuro pelos laços do amor materno, pelas doces feridas de tuas flechas, pelas deliciosas queimaduras da tocha que carregas, vinga aquela que te deu à luz, mas ving-a completamente, e castiga sem piedade essa bela rebelde. Consente apenas — e isto somente me satisfará — em fazer de maneira que essa virgem seja possuída de ardente amor pelo derradeiro dos homens, um homem que a Fortuna tenha amaldiçoado em sua classe, seu patrimônio, sua própria pessoa; tão abjeto, em uma palavra que, no mundo inteiro, não se encontre miséria que à sua se compare.’

“Ela o disse. Com os lábios entreabertos, beijou o filho longamente, avidamente. Depois, ganhando o lugar mais próximo da praia onde a onda morre, calcou com os pés de rosa a crista de espuma das vagas cintilantes, e ei-la bem depressa levada sobre a clara superfície do mar profundo. Mal teve tempo de exprimir a sua vontade, e, como se fosse uma ordem dada antecipadamente, os deuses marinhos apressaram-se a servi-la. Aqui as filhas de Nereu, cantando em coro, e Portuno, de barba azulada, toda eriçada, e Salácia, com as pregas da veste pesadas de peixes, e Palêmon, o pequeno auriga, conduzindo um delfim;⁴² acolá, pulando sobre o mar, as tropas dos Trítões: um deles docemente sopra em sua concha sonora, outro vela com um tecido de seda a flama do sol importuno; este mantém um espelho diante do olhar da rainha; aqueles nadam aos pares, atrelados ao seu carro. Tal foi a escolta que acompanhou Vênus em seu passeio pelo Oceano.

XXXII. “Entrementes, Psiquê, com toda a sua estonteante beleza, não tirava proveito nenhum dos seus encantos. Todos a contemplavam, todos a louvavam, mas ninguém, nem rei, nem príncipe, e, à falta destes, nem homem da plebe desejava sua mão ou se apresentava para obtê-la. Admirava-se a sua face de deusa, mas era como a uma estátua, obra de arte perfeita, que a admiravam. Havia muito tempo que suas irmãs mais velhas, cuja beleza comum em nenhuma parte fora proclamada pelo público, concedidas a pretendentes reais, tinham feito brilhantes casamentos. Psiquê, virgem desdenhada, ficava em casa, a chorar seu abandono e sua solidão. Corpo dolente, coração machucado, detestava em si a beleza que constituía o encantamento de nações inteiras. Afinal, o triste pai da desventurada jovem, suspeitando haver contra ela alguma celeste maldição, e temendo ter incorrido na cólera do alto, interrogou o antigo oráculo do deus de Mileto.⁴³ Ofereceu a essa poderosa divindade preces e vítimas, pediu para a desdenhada virgem um himeneu e um marido. Apolo, apesar de grego e jônio, em consideração pelo autor da nossa milesiana, entregou este oráculo em Latim:

*Montis in excelsi scopulo, rex, siste puellam
ornatam mundo funerei thalami.*

*Nec speres generum mortali stirpe creatum,
sed saeuum atque ferum uipereumque malum,
quodo pinnis uolitans super aethera cuncta fatigat,
flammaque et ferro singula debilitat,
quod tremit ipse Ious quo numina terrificantur,
fluminaque horrescunt et Stygiae tenebrae.*

(Sobre o rochedo escarpado, / suntuosamente enfeitada, / expõe, rei, a tua filha, / para núpcias de morte. / Então, ó rei, não esperes / para teu genro, criaturas / originadas de mortal estirpe, / mas um monstro cruel e viperino, / que voa pelos ares. / Feroz e mau, não poupa ninguém, / Leva por toda parte o fogo e o ferro, / e faz tremer a Júpiter, / e é o terror de todos os deuses, / e apavora até as águas do inferno, / e inspira terror às trevas do Estige.)

XXXIII. “O rei, feliz anteriormente, depois que recebeu o santo vaticínio voltou para casa queixoso, com a alma triste e explicou à mulher o que havia prescrito o infausto oráculo. Lamentaram-se e choraram, os lamentos lhes encheram os dias. Porém, o prazo fatal apressava a execução trágica. Prepararam-se para a infortunada virgem os aparatos das núpcias de morte. A chama das tochas escoreceu com a fumaça e morreu sob a cinza. Os sons da flauta nupcial foram substituídos pelos plangentes acordes da melopéia lídia, o alegre canto de himeneu acabou em lúgubres queixumes, e a esposa da manhã enxugava as lágrimas no seu próprio véu. A triste sorte que pesava sobre aquela casa provocava o pranto de simpatia da cidade inteira, e a dor generalizada se traduziu logo pela proclamação de luto público.

XXXIV. “Mas a necessidade de obedecer às advertências celestes exigiu que Psiquê, a pobrezinha, sofresse a pena que a esperava. Ultimaram, então, em profunda tristeza, os solenes preparativos desse tálamo fatal, e, seguido de todo o povo, o cortejo se pôs em marcha, acompanhando esse cadáver vivo. Psiquê, em lágrimas, não participava de suas núpcias, mas de seu funeral. Entrementes, os pais, acabrunhados e cheios de mágoa com a desgraça, não se resolviam a consumir o nefando crime. Foi a própria filha que os exortou com estas palavras:

‘Por que infligir à vossa infeliz velhice o suplício de contínuo pranto? Por que esse alento, que, mais que vosso, é meu, atormentar, sem tréguas, com clamores? Por que manchar com lágrimas inúteis um rosto para mim venerável? Por que, em vossos olhos devastados, obscurecer a claridade dos meus? Por que arrancar vossos cabelos brancos? Por que bater no peito, nos seios santos para mim? Aí está para vós o prêmio glorioso de minha egrégia formosura. É a inveja sobre-humana que vos desfere o golpe letal, e tarde demais vos dais conta disto. Quando as nações e os povos nos prestavam honras divinas, quando unanimemente me chamavam nova Vênus, então era preciso gemer, era preciso chorar, então era preciso vestir luto, como se eu já vos tivesse sido arrebatada. Hoje eu compreendo. Hoje eu vejo. Foi o nome de Vênus, só, que me perdeu. Levai-me, pois, colocai-me no rochedo que a sorte me destinou. Tenho pressa de con-

sumar essa feliz união, tenho pressa de ver o nobre esposo. Para que adiar, para que me furtar ao encontro daquele que nasceu para a ruína do Universo?’

XXXV. “Assim falou a virgem. E com passo firme se misturou à multidão que formava seu cortejo. Atingiram o rochedo marcado, na escarpada montanha, e no alto cume colocaram a moça. Depois, todos a abandonaram. Para longe atiraram as tochas nupciais, que haviam iluminado a caminhada e que tinham antes apagado com suas lágrimas, e, de cabeça baixa, retomaram o caminho de suas casas. Os desgraçados pais, acabrunhados pela calamidade, fugiram da luz, e, no fundo de seu palácio, encerraram-se numa noite eterna. Psiquê, entremetidas, apavorada e trêmula no alto do seu rochedo, não parou de chorar. O doce hálito do Zéfiro, caricioso, agitou de um leve tremor a barra do seu vestido, e o encheu de pregas. Soergueu a virgem com um movimento suave e, com tranqüilo sopro, a levou serenamente ao longo da parede rochosa. Ao pé desta, no escavado vale, ele a depositou deitada gentilmente no leito da relva florida.”

LIVRO V

I. “Psiquê, nessa ervinha tenra, languidamente estendida sobre o leito da relva úmida de orvalho, serenou de sua perturbação e docemente adormeceu. Depois de um plácido sono reparador, ressurgiu-lhe o ânimo. Viu um bosque plantado de árvores frondosas e uma fonte cuja onda era de vidro translúcido. No meio do bosque, junto do lugar onde corria o manancial, havia um palácio real, edificado não por mão de homem, mas por arte divina. Não poderíeis duvidar, mal assomásseis à entrada: Tí-nheis diante de vós a luxuosa e aprazível residência de um Deus. Os tetos com labores de cedro e de marfim esquisitamente esculpidos, sustinham-se sobre colunas de ouro. As paredes, revestidas de prata cinzelada, mostravam desde a entrada feras e outros animais. Certamente fora um semideus ou mesmo um deus, que animara com arte sutil essa fauna de prata. A pavimentação fora feita de pedras preciosas, diminutas, habilmente colocadas, formando desenhos variados. Felizes, decerto, duas e três vezes felizes aqueles cujos pés descansam nas gemas e nas pérolas. As outras partes da casa, por mais longe que se estendessem, tanto em largura como em comprimento, eram de preço inestimável. Todas as paredes, feitas de blocos de ouro maciço, resplandeciam com seu próprio brilho, de tal modo que se iluminariam por si mesmas se o Sol lhes recusasse a sua luz. Tanto os quartos como as galerias, como os portais, fulguravam. Riquezas que enchiam a casa, correspondiam a essa magnificência. Dir-se-ia, com razão, que, para permanecer entre os homens, o grande Júpiter construía ali um palácio celeste.

II. “Atraída pela beleza desses lugares, Psiquê se aproximou. Atreveu-se a franquear o portal e, seduzida logo pelo interesse de tão formoso espetáculo, examinou cada coisa atentamente. Do outro lado do palácio, viu os pavimentos de uma arquitetura grandiosa, onde se acumulavam tesouros reais. Nada havia que ali não se encontrasse. Porém, mais prodigioso que essas imensas riquezas, tão espantosas por si mesmas, era que não houvesse nem cadeia, nem fechos, nem guardas para defender esse

tesouro vindo do mundo inteiro. Psiquê olhou para tudo, com volúpia, eis senão quando vem até ela uma voz destituída de corpo: 'Por que senhora, tanto espanto à vista deste esplendor? Tudo isto te pertence. Entra no quarto, deita-te no leito, repousa os membros fatigados, e, quando quiseres, pede um banho. Nós, estas de quem ouves a voz, somos tuas escravas, executaremos apressadamente as tuas ordens, e, acabado o cuidado com a tua pessoa, um festim real te será destinado, e não se fará esperar.'

III. "Psiquê reconheceu nessa felicidade o cuidado de uma providência divina. Dócil aos avisos da voz incorpórea, dissipou a fadiga com um sono, seguido de um banho. Depois, de súbito, percebeu junto dela um móvel disposto em forma de semicírculo. Os arranjos de um repasto fizeram-na pensar que ele estava colocado ali para ela, a fim de que se restaurasse, e, de boa vontade, pôs-se à mesa. Logo, vinhos semelhantes ao néctar, e bandejas carregadas de iguarias variadas e abundantes, foram colocados diante dela, sem ninguém para fazer o serviço, e impelidos somente por um sopro. Ela não vislumbrava nenhum ser, apenas ouvia palavras vindas de alguma parte e não tinha senão vozes como servas. Depois de um copioso festim, entrou alguém que cantou, sem se deixar ver; um outro dedilhou a cítara e, do mesmo modo, permaneceu invisível. Então um grande número de vozes modulou um concerto, e, se bem que nenhum ser humano aparecesse, seus ouvidos confirmaram a presença de um coro.

IV. "Terminados esses prazeres, viu Psiquê que caíra a noite, e foi-se deitar. Era noite alta, quando um ligeiro rumor lhe chegou aos ouvidos. Temendo então por sua virgindade, estremeceu medrosa, e mais que com outra desgraça qualquer, apavorou-se com o que ignorava. E eis que se aproxima o marido desconhecido. Subiu ao leito, fez de Psiquê sua mulher, e antes que surgisse a luz do dia, partiu apressado. Logo as vozes, prontas junto do quarto, prestaram seus cuidados à recém-casada, da qual fora imolada a virgindade. Como quis a natureza, à novidade do prazer o hábito acrescentou uma doçura a mais, e o som da misteriosa voz consolava-a da sua solidão.

"Entretanto, seus pais envelheciam, consumidos sem descanso pelo luto e pela aflição, enquanto o rumor da aventura se espalhava ao longe; e, então, suas irmãs mais velhas souberam de tudo. Imediatamente, na tristeza e na desolação, abandonaram o lar e, cada qual mais afoita, correram para junto dos pais, para vê-los e levar-lhes palavras de afeição.

V. "Naquela noite, o marido, dirigindo-se à sua Psiquê (pois, embora invisível, podia ser ouvido e tocado): 'Psi-

quê', disse-lhe, 'dulcíssima e querida esposa minha, a Fortuna, no seu cru rigor, te ameaça com um perigo mortal. Vela e guarda-te cuidadosamente, eis o meu aviso. Tuas irmãs, que te acreditam morta, em sua perturbação procuram teu rastro, e chegarão logo ao rochedo que tu sabes. Se, por acaso, vires que elas chegam, ouvires lamentos, não respondas, olha mesmo para outra direção, sob pena de me causar uma grande dor, e a ti o pior dos desastres.'

"Psiquê concordou. Empenhou-se em fazer a vontade do marido. Mas quando, juntamente com a noite, aquele desapareceu, passou a pobrezinha todo o dia em lágrimas e em prantos, repetindo que nessa hora tinha sua vida se acabado, pois que, na opulenta prisão em que estava encerrada, privavam-na de todos os contatos, de todas as relações com seres humanos. E quando suas próprias irmãs se afligiam por ela, não poderia reconfortá-las, nem vê-las sequer. Não tomou banho, para se refazer, nem alimento, nem nada do que restaura as forças; apenas chorava abundantemente, e assim se retirou para dormir.

VI. "Uns instantes depois, pouco mais cedo que de costume, o marido se deitou ao seu lado, tomou-a entre os braços, ainda banhada em lágrimas, e murmurou, ralhando: 'Era isso que prometias, minha Psiquê? Como confiar em ti, de agora em diante? O que esperar de ti? Dia e noite, e até nos braços do esposo, não cessas de te atormentar. Vai, então. Faze o que queres, e satisfaz, para desgraça tua, as exigências do teu coração. Lembra-te, no entanto, das minhas sérias advertências, quando, tarde demais, te arrependeres.'

"Então, à força de súplicas e ameaçando morrer, arrancou ao marido a permissão tão desejada de ver as irmãs, de lenir seu luto, de conversar com elas. E não contente de ceder dessa maneira às instâncias da esposa tão recente, ele concedeu-lhe mais, que lhes fizesse presente de quanto ouro, e quantos colares quisesse. Mas recomendou com insistência, e de maneira a assustá-la, que não procurasse conhecer a figura do marido, jamais, mesmo que suas irmãs lhe dessem o pernicioso conselho de fazê-lo. Sua curiosidade sacrílega trar-lhe-ia infelicidade e perdição, e a privaria, para sempre, de seus abraços. Psiquê agradeceu ao marido e disse, mais contente: 'Mas não! Antes cem vezes morrer que não mais gozar do nosso dulcíssimo conúbio. Pois eu ardentemente te amo, e te quero tanto quanto à minha vida, quem quer que tu sejas. Não. Nem mesmo Cupido é comparável a ti. Entretanto, eu te imploro, eu te suplico, tu podes conceder-me ainda isto: ordena a Zéfiro, teu servidor, que transporte minhas irmãs pelo mesmo caminho pelo qual eu vim e que mas traga aqui.'" Cobrindo-o de perturbadores beijos, e emocionando-o com ternas palavras, e enlaçando-o blandiciosa, acrescentou às carícias nomes como: 'Meu queridinho, meu marido, doçura da alma da tua Psiquê'.

O marido sucumbiu à força e ao poder de Vênus, às palavras de amor murmuradas em voz baixa. Cedendo, apesar de o lamentar, prometeu tudo quanto ela quis. De resto, aproximava-se o dia, e ele se desvaneceu entre os braços da mulher.

VII. “Entretanto, as duas irmãs, tendo sabido qual era o rochedo e o lugar onde tinha sido Psiquê abandonada, para lá se dirigiram, às pressas, e lá choraram, bateram no peito, clamaram tanto, que seus brados repetidos ecoavam nas pedras e nas rochas. E como chamassem por seu nome a desgraçada irmã, ao agudo ruído de suas queixas estridentes que desciam da montanha, Psiquê, perdida e trêmula, atirou-se para fora de casa: ‘Por que’, disse ela, ‘vos acabais sem motivo, com tantos dilacerantes lamentos? A causa de vosso luto está aqui diante de vós. Terminai vossos fúnebres gemidos, secai essas faces, por tanto tempo orvalhadas de lágrimas, pois que àquela que pranteais podeis agora abraçar.’

“Chamou então Zéfiro e lhe transmitiu a ordem do marido. Dócil ao mando, ele as soergueu com um sopro sereno, e, sem dificuldade, as conduziu ao seu destino. Ei-las agora que se abraçam e trocam beijos impacientes, saboreando a doçura de estarem juntas. Lágrimas voltam ao apelo da alegria. ‘Mas este aqui é o meu teto e nosso lar’, disse Psiquê. ‘Entremos. Nada de desgostos agora, e que vossos corações se refaçam de sua aflição em companhia de vossa Psiquê.’

VIII. “Falando-lhes assim, mostrou-lhes as imensas riquezas da casa de ouro, fê-las ouvirem o povo de vozes que a servia, ofereceu-lhes, para se restaurarem, um banho luxuoso, e os refinamentos da mesa feita para os imortais. Saciadas com essa profusão de riquezas verdadeiramente celestiais, começaram elas, no fundo do coração, a nutrir pensamentos de inveja. Uma delas começou a fazer, com insistência, perguntas mais precisas: quem era o dono dessas divinas maravilhas, e que era o seu marido? Não infringiu Psiquê, absolutamente, as prescrições conjugais, nem as deixou escapar do segredo do seu coração. Inventou no momento que era um belo moço, do qual uma penugem de barba sombreava há pouco tempo as faces. Ocupava-se freqüentemente em caçar nos campos e nas montanhas. Depois, temendo que a conversa se prolongasse e ela deixasse escapar, por inadvertência, o que resolvera calar, carregou-as de ouro trabalhado, de colares de pedrarias, depois, sem esperar mais, chamou Zéfiro e as confiou para que as reconduzisse, o que foi feito no mesmo instante.

IX. “As excelentes irmãs, entrando em casa, cada vez mais devoradas pelo fel ardente da inveja, conversavam com barulhenta animação. Por fim, uma se exprimiu assim: ‘Aí estão, oh! iníqua Fortuna, tua cegueira e tua in-

justiça! Por que aprovaste que filhas de um mesmo pai e da mesma mãe tivessem sortes tão diversas? Nós, as mais velhas, fomos entregues a estrangeiros, para sermos suas escravas. Banidas do lar e mesmo da nossa pátria, levamos, longe dos pais, uma vida de exiladas. A última que veio, fruto tardio de uma fecundidade que ela esgotou, possui imensas riquezas, com um deus por esposo, e nem sabe usar, como é preciso, essa abundância. Tu viste, minha irmã. Quantos colares, valiosos, jogados pela casa! E brilhantes tecidos, e faiscantes pedrarias, sem falar desse ouro sobre o qual se pisa, por toda a parte. Se o marido que tem é tão belo quanto ela pretende, não haverá hoje, no mundo inteiro, mortal mais feliz. Quem sabe mesmo se, com a crescente intimidade e a força do amor que avulta, o deus seu esposo não chegue até a torná-la uma deusa? Ah! sim, vê-se que é isto, pelo seu ar, sua atitude. Desde agora ela aspira a subir mais alto, e tudo indica a deusa na mulher que tem vozes por escravas e que manda no vento. Enquanto que a mim, para minha desgraça, a sorte deu um marido mais velho do que meu pai, mais calvo que uma abóbora, um anão mais miúdo do que um menino, e que vigia tudo, trazendo toda a casa debaixo de ferrolhos e correntes.'

X. "A outra replicou: 'E o meu, então! Entrevado, torcido de reumatismo, e, por esta razão, não prestando senão raríssimas homenagens a Vênus, eis o marido que eu agüento. Fricciono continuamente seus dedos deformados e endurecidos como pedra. Compressas repugnantes, panos sórdidos, fétidos cataplasmas queimam estas mãos delicadas. Não tenho o ofício de esposa, mas o penoso emprego de médica. Vê-se com que paciência, ou melhor, para dizer francamente o que sinto, com que servilismo suportas essas coisas. Mas eu, eu não poderei suportar mais ver tal felicidade concedida a uma indigna. Lembra-te, que ostentação, que arrogância na sua conduta a nosso respeito! Que insolente exibição do seu fausto, como deixou transparecer o orgulho que lhe enche o coração! E de tantas riquezas, atirou-nos algumas migalhas, com dó. Depois, logo depois, enfadada com a nossa presença, nos mostrou a porta da rua, mandou que o vento nos varresse, ou antes, que nos soprasse. Não quero ser mulher, e nem respirar mais, se não a precipitar do alto da sua abundância. Se tu também, como é devido, sentes a afronta, procuremos as duas um plano de conduta enérgico. Primeiro de tudo, não mostremos nada a nossos pais, nem a quem quer seja, disto que levamos. Ignoremos mesmo se ela ainda está viva. Já foi suficiente termos nós visto o que vimos, sem precisarmos ir aos nossos pais, e pelo mundo inteiro, trombetear a feliz notícia. Pois eles não serão felizes, se ninguém lhes conhecer as riquezas. Ela aprenderá que não somos suas servas, mas suas irmãs mais velhas. Por ora retornemos aos nossos pobres lares, que pelo menos são sóbrios, vamos para

junto de nossos maridos. Deixemos passar algum tempo, reflitamos. Vejamos se nos pomos em condições de nos tornar mais fortes, para castigar o orgulho.'

XI. "As duas malvadas concordaram, achando excelente esse pérfido plano. Esconderam todos os preciosos presentes, e, arrancando os cabelos e arranhando as faces — tratamento bem merecido — recommencaram hypocritamente a chorar. Assim, reavivaram a dor dos pais, dos quais tiraram a esperança, e regressaram às pressas para suas casas, sufocadas de louca raiva, para maquinar uma infernal astúcia, um ímpio atentado contra a irmã inocente.

"Entrementes, recebia Psiquê novas advertências do desconhecido marido, durante os seus encontros noturnos. 'Tu vês', dizia-lhe, 'quanto perigo te ameaça? A Fortuna te move, à distância, uma guerra de escaramuças. Se não te mantiveres vigilante, ela travará logo um combate corpo a corpo. Pérfidas lobas se esforçam para te apanhar numa armadilha abominável e para te persuadirem a conhecer meu rosto, que é tudo quanto querem. Ora, este rosto, eu te previno sempre, se o vires uma vez, nunca mais o verás. Se, então, futuramente, vierem aqui essas bruxas detestáveis, como sei que virão, armadas de culpadas maquinações, recusa-te a conversar com elas. Ou, se isso é mais do que pode suportar tua natural candura e a ternura do teu coração, pelo menos a respeito do teu marido não escutes nada, não respondas nada. Nossa família se acrescenta, gera-se uma criança no teu útero; divina será se souberes calar e conservar nossos segredos, mortal se os profanares.'

XII. "A esta nova, Psiquê, tonta de felicidade, bateu palmas, consolada ao pensamento da divina progenitura. Aturdia-se com a gloriosa esperança desse penhor prometido, e rejubilava-se com a dignidade que lhe conferia o título de mãe. Contava ansiosamente os dias que se somavam e os meses que fugiam, e, portadora novata de um fardo desconhecido, maravilhava-se de que, com uma breve picada, seu ventre se tivesse locupletado tão incrivelmente. Mas já aquelas pestes, aquelas Fúrias horríveis, esguichando o seu veneno de víboras, e animadas de uma pressa ímpia, atravessavam o mar. Então, uma vez mais, o intermitente marido preveniu sua Psiquê: 'O último dia e o termo fatal chegaram. Um adversário, que é do teu sexo, e um inimigo, que é do teu sangue, já agarraram as armas, levantaram acampamento, alinharam as tropas e deram o sinal de combate. Tuas criminosas irmãs já desembainharam o gládio e se preparam para mergulhá-lo em tua garganta. Ah! Quantos desastres nos ameaçam, dulcíssima Psiquê! Tem piedade de ti e de nós. Por uma religiosa continência, livra a nossa casa, livra teu marido, livra-te a ti mesma e a esse pequeno ser que nos pertence, das ruínas e do infortúnio que nos ameaçam. E a essas

celeradas mulheres às quais um ódio homicida fez calcar aos pés os laços de sangue, o que não te permite mais chamá-las de irmãs, evita vê-las e ouvi-las, quando tais sereias,⁴⁴ debruçadas no cimo da rocha, fizerem ressoar as pedras com seus funestos chamados.'

XIII. "Psiquê respondeu com a voz entrecortada de soluços e o rosto lavado de lágrimas: 'Parece-me que há muito tempo, já, podias ter percebido a minha descrição e a minha consciência. Aprovarás igualmente, no momento, a minha firmeza de ânimo. Assim, ordena só uma vez mais, a Zéfiro, que desempenhe essa incumbência, pois, na falta de contemplar teu sagrado rosto, o que me é recusado, deixa que eu veja ao menos minhas irmãs. Por essa cabeleira perfumada, espalhada em torno de tua fronte; por essas faces macias e de linhas suaves, que se assemelham às minhas; por esse peito, onde queima uma secreta flama; pelo desejo que eu tenho de conhecer tua face ao menos nesta criaturinha que é teu filho, eu te conjuro: concede às piedosas preces de uma suplicante ansiosa, a doçura de poder dar um abraço às irmãs, e com a alegria, devolve a vida à tua Psiquê, que não existe senão para ti. De teu rosto, de hoje em diante, não quero mais saber. As próprias trevas da noite não têm mais sombra para mim: eu tenho a ti, que és minha luz.'

"Enfeitiçado por estas palavras, e pelos ternos amplexos, ele enxugou as lágrimas de Psiquê com os cabelos, e prometeu-lhe fazer o que ela pedia. Depois, apressou-se a se desvanecer na luz do dia nascente.

XIV. "As duas irmãs, dupla fraterna conjugada e ligada, sem mesmo visitar os pais, foram, velozes, diretamente do navio ao rochedo e, na sua precipitação, lançaram-se no vazio com louca temeridade, sem esperar a presença do seu portador, o vento. Zéfiro, fiel às ordens do seu senhor, recebeu-as, um tanto contra a vontade, no seio das auras, e as depositou no solo. Elas, sem perder um momento, entraram na casa com apressado passo, abraçaram a presa, da qual, por falsidade, se diziam irmãs, e cobrindo com uma expressão sorridente o tesouro de perfídia que se lhes escondia no fundo do coração, adularam-na com frases lisonjeiras: 'Não és mais a menina de outrora, Psiquê; agora, por tua vez, és mãe. Que julgas nos trazes na tua sacolinha? De que alegria vais florir nossa casa! Felizes de nós que serviremos de nutrízes a essa maravilhosa criança. Se tua beleza, como é de esperar, corresponder à dos pais, será um verdadeiro Cupido esse que vai nascer.'

XV. "Assim, com simulada afeição, insinuaram-se no ânimo da irmã. Apressada, ela lhes ofereceu cadeiras para descansarem da fadiga da viagem, os tépidos vapores de um banho para se refazerem, e conduziu-as ao triclinio, apresentando-lhes o mirífico regalo de iguarias deliciosas e de viandas escolhidas. Deu uma ordem, e retiniram as

cítaras; uma outra, e as flautas soaram. Uma outra ainda, os cantos se elevaram em coro. E todas essas suaves melodias encantavam os espíritos dos que as ouviam, sem que ninguém se mostrasse.

“Porém, mesmo tais acentos, tão doces quanto o mel, não adoçavam a malvada iniquidade das duas celeradas. Pensavam sempre na armadilha concebida por sua malícia. Travaram uma conversa nesse sentido, interrogando a irmã sem parecer fazê-lo, perguntando-lhe quem era o marido, de que família provinha, de que meio saíra. Psi-quê, na sua extrema simplicidade, esqueceu o que anteriormente dissera e forjou um novo conto: ‘Meu marido é de uma província vizinha’, disse. ‘Tinha grandes negócios. É um homem de meia-idade com algumas cãs.’ Depois, encerrando a conversa, carregou-as novamente de suntuosos presentes e as entregou aos cuidados do seu veículo, o vento.

XVI. “Feita a travessia dos ares, pelo sopro tranqüilo de Zéfiro, regressaram às suas casas, dialogando assim: ‘Que dizer, minha irmã, da monstruosa mendacidade dessa tola? Então o adolescente em flor, cuja barba era apenas uma recente lanugem, agora é um homem de meia-idade, de cabeleira salpicada com reflexos de prata. Como ocorreu em tão curto espaço de tempo essa metamorfose em ancião? A única explicação, minha irmã, é que a malvada inventa mentiras, ou então ignora a aparência do marido. De um modo ou de outro, qualquer que seja a verdade, é preciso desalojá-la quanto antes da sua prosperidade. Se ela não conhece a figura do marido, é que foi seguramente um deus que desposou, e um deus nos promete a sua gravidez. Se ela se inculcar como mãe de uma criança divina, que o céu tal não consinta, eu me enforco. Enquanto esperamos, voltemos para junto de nossos pais, e, em continuação a esta conversa, tenhamos alguma astúcia conveniente.’

XVII. “Assim inflamadas, saudaram os pais, com ar enfadado. Depois de uma noite perturbada pela insônia, pela manhã estavam fora de si. Correram ao rochedo, de lá voaram prontamente até embaixo, graças ao auxílio costumeiro do vento, e, apertando as pálpebras para fazer sair algumas lágrimas, dirigiram à jovem estas palavras cheias de astúcia: ‘És bem feliz, tu que repousas na ignorância do perigo que te ameaça, na felicidade que te assegura o desconhecimento de tua desgraça. Nós, entretanto, que estamos vigilantes para com os teus interesses, atormentamo-nos cruelmente com os teus infortúnios. Pois soubemos de fonte segura, e não pudemos escondê-lo de ti, associadas que estamos à tua pena e à tua prova, o seguinte: uma horrível serpente, um réptil de tortuosos anéis, com o pescoço estufado de baba sanguinolenta, de um veneno temível, a goela hiante e profunda, eis aí o que repousa à noite, furtivamente, a teu lado. Lembra-te

do oráculo do deus de Delfos e da besta monstruosa que sua voz profética te assinalava como esposo. Numerosos são os lavradores, caçadores das redondezas, e vizinhos que a viram voltando à noite do pasto próximo, e nadando nas águas do rio que corre mais perto.

XVIII. ‘Não será por muito tempo, é o que afirmam, que ele diligenciará servir-te. Nem por muito tempo que te nutrirá de substanciosas iguarias, dos manjares mais finos. Mas assim que o fruto que amadurece no teu seio chegar à sua plenitude, tu te tornarás mais aproveitável por tua carne, e ele te devorará. Cabe a ti agora escolher, se queres ouvir tuas irmãs que tremem por tua preciosa existência, entre escapar à morte e viver conosco, sem temer nenhum perigo, ou ter como sepultura as entranhas de uma fera cruel. Se a solidão do campo, habitado por vozes; se o amor clandestino, a repugnante intimidade de noites cheias de perigos, e os abraços de uma serpente venenosa, têm para ti atrativos, nós, pelo menos, irmãs piedosas, cumprimos nosso dever.’

“A estas tristes palavras, Psiquê, coitadinha, na simplicidade de sua terna alma ingênua, foi apanhada de surpresa. Aturdida, fora de si, esqueceu as advertências do marido e suas próprias promessas. Precipitou-se num abismo de calamidades. Trêmula, exangue, lívida, articulava com esforço, com voz sumida, palavras entrecortadas. Disse:

XIX. “Caríssimas irmãs, vós não fazeis senão permanecer fiéis, como convém aos deveres da piedade fraternal. E quanto àqueles que vos afirmam essas coisas, não me parecem que inventam. Com efeito, jamais vi o rosto de meu marido, não sei mesmo de onde vem. Somente à noite, e captando apenas o som de sua voz, suporto a aproximação de um esposo cuja condição me escapa e que foge da luz. Sim, dizeis a verdade, é um monstro, e eu tenho todo o direito de pensar como vós. Não cessou de me fazer grande medo, para não tentar vê-lo, e me ameaçou dos piores castigos caso tivesse eu a curiosidade de lhe conhecer os traços. Se podeis agora vir em socorro de vossa irmã em perigo, é o momento. Agir de outra maneira seria destruir, por vossa indiferença presente, o bem do vosso primeiro aviso.’

“Encontrando escancaradas as portas da alma franqueada, descoberta, da irmã, as celeradas, sem mais dissimular, nem recorrerem a maquinações furtivas, desembainharam o gládio da impostura e se apoderaram dos tímidos pensamentos da cândida menina.

XX. “E assim tornou a outra: ‘Os laços do sangue afastam de nossos olhos, quando se trata de tua segurança, até a imagem do perigo. Então, depois de muitas e longas reflexões, nós te indicaremos qual o único caminho que conduz à salvação. Toma uma navalha bem afiada,

repassa-a na palma da mão, para polí-la e aumentar-lhe o gume, e, sem ser vista, esconde-a no leito, no lugar onde te deitas sempre. Toma uma lâmpada de fácil manejo, cheia de óleo, de clarão bem vivo, e coloca-a debaixo de alguma tampa. Cerca todos esses arranjos de um segredo impenetrável. Quando, arrastando-se na sua marcha ondulante de réptil, ele chegar até aqui e subir ao leito, segundo o seu costume, e estiver estendido; quando, derrubado pelo primeiro sono, ouvires que ressona e, portanto, dorme profundamente, desliza para fora do leito. Descalça, na ponta dos pés, docemente, e a passos miúdos, vai libertar a lâmpada de sua prisão de trevas. Consulta a lucerna para saber qual o instante mais favorável para efetuar o teu glorioso feito. E, sem hesitar mais, levanta o braço direito, e depois, com todas as tuas forças, num vigoroso golpe da arma de dois gumes, corta o nó que liga à nuca a cabeça da serpente maléfica. Nossa assistência não te faltará, de resto. Aguardaremos ansiosas. Logo que, por sua morte, estiveres livre, acorreremos. Levar-te-emos apressadamente, e contigo tudo que tens aqui. Unir-te-emos a uma criatura humana, a um ser humano, por um himeneu digno de teus desejos.'

XXI. “Tais palavras atearam um incêndio nas entranhas já ardentes da irmã, que elas se apressaram a abandonar, temendo mesmo encontrar-se nas proximidades quando da trágica aventura. Depositadas, como de costume pelas asas do vento, no cume do rochedo, com uma fuga rápida, escapuliram: subiram para seus navios e desapareceram.

“Entretanto, Psiquê, deixada só, que digo? Só? Ela não estava só; as Fúrias a fustigavam. Agitada pelo desgosto, ela é como o mar de águas em turbilhão. Por firme que seja seu plano, por obstinado que esteja seu ânimo, no momento de executar o crime titubeia ainda, e vacila; sente-se dividida entre emoções contrárias, nela provocadas pela adversidade. Impaciência, indecisão, audácia, inquietação, desconfiança, cólera, e, afinal, no mesmo ser, ela odeia a besta e ama o esposo. Mas a tarde trouxe a noite. Ela precipitou os arranjos para o horrendo crime. O esposo chegou. E depois dos primeiros combates de Vênus, mergulhou num profundo sono.

“Então a Psiquê, débil, por natureza, de corpo e de alma, o fado cruel fortaleceu. Ela foi procurar a lâmpada e apanhou a navalha: a fraqueza do seu sexo se transformara em audácia.

XXII. “Mas assim que a oblação da luz revelou, no seu clarão, os segredos do leito, ela viu a mais feroz de todas as feras selvagens, o dulcíssimo, o adorável monstro. Cupido em pessoa, o deus formoso que formosamente repousava. Vendo isso, a própria chama da lâmpada se avivou alegremente, e a navalha amaldiçoou seu corte sacrílego. A Psiquê tal espetáculo espantou e aturdiu. Com o rosto lívido, descomposto, desfalecente e trêmula, deixou-se

cair de joelhos e procurou esconder o ferro, mas no seu próprio peito. Isso teria feito se a arma, pelo temor de tal atentado, não lhe tivesse escorregado das mãos. Mas logo, por mais esgotada, por mais lânguida que estivesse, contemplar a beleza do divino rosto restituiu-lhe o ânimo. Viu uma cabeça dourada, uma nobre cabeleira inundada de ambrosia. Sobre um níveo pescoço e faces coradas, erravam cachos, graciosamente enrolados, que caíam uns para a frente, outros para trás, e tão vivo era o seu brilho que fazia vacilar a própria luz da lâmpada. Nas espáduas do deus alado, plumas cintilavam de brancura, como flores orvalhadas, e nas bordas de suas asas, se bem que estivessem em repouso, uma tênue e delicada penugem ondulava, agitada sem cessar por um frêmito caprichoso. O resto de seu corpo era brilhante e liso de tal modo, que Vênus não podia se arrepender de o ter dado à luz. Aos pés do leito estavam pousados o arco, o carcaz e as flechas, armas propícias do poderoso deus.

XXIII. “Com ânimo insaciável, Psiquê, na sua curiosidade, quis examinar, manusear. Admirou as armas do marido, tirou uma flecha do carcaz, provou a ponta no polegar, com um dedinho trêmulo, apoiou-a um pouco mais forte, picou-se apenas o bastante para que algumas gotinhas de sangue rosado perolassem a superfície da pele. Foi assim, que, sem saber, Psiquê se tomou ela própria de amor pelo Amor. Então, cada vez mais se consumiu no desejo ardente pelo Autor dos Desejos: inclinou-se para ele, arquejante de volúpia, beijou-o avidamente com grandes beijos apaixonados, apesar de temer acordá-lo. Mas, enquanto o coração desfalecente se abandonava irresoluto a essa emoção deliciosa, a lâmpada, fosse por baixa perfídia e malícia ciumenta, fosse por impaciência de tocar também e beijar esse belo corpo, deixou cair de sua mecha acesa uma gota de óleo fervente na espádua direita do deus. Ah! audaciosa e temerária lucerna, vil escrava do amor, como ousaste queimar o próprio dono do fogo? Lembra-te que foi um amante que, para possuir por mais tempo, até a noite, o objeto de seus desejos, te inventou primeiro. O deus, sob a queimadura, saltou, e, quando viu a sua fé traída e maculada, arrancou-se dos beijos e dos abraços de sua infeliz esposa e voou em silêncio.

XXIV. “Porém, Psiquê, no mesmo instante em que ele se elevou, agarrou-lhe com as duas mãos a perna direita. Mísera companheira de ascensão, suspensa ao vôo pelas plagas além das nuvens, obstinou-se em segui-lo. Por fim, com o extremo cansaço, escorregou para o solo.

“O divino amante, vendo-a jacente na terra, não a abandonou. Pousou num cipreste vizinho, e, do alto cimo da árvore, profundamente comovido, dirigiu-lhe estas palavras:

“Eu te confesso, Psiquê singela, esqueci as ordens de

Vênus minha mãe, que te queria cativa de imperiosa paixão pelo mais ínfimo dos miseráveis, e condenada a uma abjeta união. Fui eu, pelo contrário, que voei ao teu encontro, para ser o teu amante. Era agir levianamente, eu sei. O ilustre sagitário⁴⁵ ferido com suas próprias flechas. Afinal, fiz de ti minha mulher, para que me tomasse por uma besta monstruosa e tua mão cortasse com o ferro uma cabeça onde tu vês olhos que te adoram... Contra isto a que chegamos, não te preveni quanto bastasse. No entanto, quanto ouviste de mim de benévolas advertências! Mas tuas excelentes conselheiras não tardarão a receber de mim o preço de seu pernicioso magistério. Para ti, minha fuga será a única punição.' Terminando estas palavras, voou para o alto e desapareceu.

XXV. "Entrementes, Psiquê, prostrada por terra, seguia com a vista, tão longe quanto podia, o vôo do marido, atormentando a alma com lamentos desesperados. Depois que, levado pelo remígio das plumas, afastou-se o esposo nas alturas do espaço, ela foi-se atirar nas águas do rio mais próximo. Mas o rio indulgente, honrando sem dúvida o deus que inflama até as ondas, e temendo por si próprio, tomou-a depressa num rodamoinho, sem lhe fazer mal algum, e a depôs na margem, na florida relva.

"Nesse momento, por acaso, Pã,⁴⁶ o deus rústico, santara-se no alto e abraçava Eco, deusa das montanhas, ensinando-lhe a repetir algumas árias. Não longe da água, suas cabras retouçavam aqui e ali, pastavam e ruminavam a folhagem ao longo do rio. O deus de pés de bode, vendo Psiquê chorosa e desfeita (de resto, não lhe ignorava a aventura), chamou-a bondosamente e serenou-a com palavras lenientes: 'Minha bela menina, não sou senão um camponês e um pastor de rebanhos, mas a idade e a velhice me tornaram rico de experiência. Se minhas conjecturas são justas — e pessoas bem informadas chamam a isto adivinhação — essa marcha incerta e vacilante, essa extrema palidez, os suspiros contínuos, e, sobretudo, esses olhos rasos de lágrimas, indicam que um grande amor é a causa de tua mágoa. Então escuta: não te precipites nem te faças matar de outra qualquer maneira. Não te entristeças. Esquece o desgosto. Venera, antes, por tuas preces a Cupido, o maior dos deuses, e faz por merecer, por meio de ternas homenagens, o favor do adolescente que ele é, voluptuoso e amigo do prazer.'

XXVI. "Assim falou o deus pastor. Psiquê, por toda resposta, adorou seu salutar poder, e prosseguiu a caminhada. Errara já por algum tempo, quando ao cair da noite, chegou, sem o saber, por um certo caminho, a uma cidade onde reinava o marido de uma das irmãs. Tendo sabido disso, pediu Psiquê que anunciassem à irmã sua presença. Introduziram-na. Depois dos mútuos amplexos, e saudações recíprocas, aquela perguntou a causa de sua vinda. E assim falou Psiquê: 'Lembra-vos do conselho que

me destes? A esse monstro que, sob o nome enganador de marido, passava comigo as noites, vós me convencestes a matá-lo com a navalha de dois gumes, antes que ele engolissem a pobre criança que trago na entranhas, com sua goela voraz. Aceitei o conselho, mas quando a lâmpada cúmplice me mostrou seu vulto, eis que vejo um espetáculo maravilhoso e verdadeiramente divino: era o próprio filho da Deusa Vênus, Cupido em pessoa, que repousava num sono sereno. À vista do esplêndido espetáculo, fui tomada de perturbação tão deliciosa, e tal excesso de volúpia, que me quedei imóvel. Mas eis que, por um acidente de óleo fervente. Arrancou-o a dor, bruscamente, do sono, e ele, vendo-me armada com a flama e o ferro, disse: 'Como castigo do teu crime abominável, divorcio-me de ti, "toma quanto te pertence"'⁴⁷ e deixa-me. Eu desposarei tua irmã — e foi teu nome que ele disse — desposá-la-ei, por confarreácio.'⁴⁸ Depois, ordenou a Zéfiro que com um sopro me pusesse para fora dos limites da sua casa.'

XXVII. "Psiquê não tinha ainda acabado de falar e a outra, sob o aguilhão de uma paixão libidinosa, e agitada pelo estímulo de um maligno ciúme, inventou um conto para enganar o marido, alegou a morte dos pais para sair, embarcou logo num navio, foi direto ao rochedo, e, se bem que soprasse um outro vento, cega de ávida esperança, disse: 'Recebe oh! Cupido, uma esposa digna de ti, e tu, Zéfiro, vem servir à tua senhora.' E deu o grande salto no vazio. Mas nem morta pôde chegar aonde queria. Deixando de queda em queda, nas saliências do rochedo, os membros dispersos, teve o que merecia. Suas carnes em frangalhos foram oferecidas como pasto às aves de rapina e às feras.

"Igualmente para a segunda, a vindita não tardou. Pois, retomando a errante caminhada, Psiquê chegou a outra cidade onde morava a outra irmã. Também esta se deixou embair pela fraterna astúcia. Na impaciência de suplantar a irmã, com um casamento criminoso, correu para o rochedo, precipitou-se, e morreu da mesma morte.

XXVIII. "Neste ínterim, enquanto Psiquê percorria a Terra toda, à procura de Cupido, ele, na dor do ferimento feito pela lâmpada, estava deitado, gemebundo, no próprio tálamo materno. Então, a ave de plumagem branca, que em vôo rasante aflora a superfície das ondas marinhas, a gaivota, mergulhou veloz no seio profundo do Oceano. Lá estava Vênus, banhando-se e nadando, e dela a gaivota se aproximou. Contou-lhe que seu filho tinha-se queimado, que a ferida era grave e dolorosa, que ele estava de cama em estado gravíssimo, que pelo mundo inteiro corriam rumores e maledicências comprometedoras sobre a família de Vênus. 'Queixam-se', a ave falou, 'de que desapareceste, ele para seguir uma criatura nas montanhas e tu para mergulhares no mar. E desde então, adeus volúpia, adeus graça, adeus doce alegria. Por toda

a parte o desmazelo, a grosseria inculta. Não mais uniões conjugais, nem laços de amizade, nem a afeição dos filhos, mas o enorme e abjeto desregramento, o tédio sórdido em todas as ligações.'

"Era assim que a ave indiscreta e tagarela murmurava ao ouvido de Vênus, dilacerando-lhe a honra do filho. A isto, Vênus, irada, exclamou de repente: 'Com que então o meu bom filho já tem uma amiga? Dize-me tu, que és serva afetuosa, o nome dessa que desencaminhou o rapaz ingênuo e ainda inocente, se é do povo das Ninfas, do número das Horas ou pertence ao coro das Graças, minhas servas?'⁴⁹

"A ave loquaz não ficou muda, mas replicou: 'Não sei, senhora. Creio, se não me falha a memória, que é chamada Psiquê, essa por quem ele está perdidamente apaixonado.'

"Então, indignada, Vênus exclamou, completamente transtornada: 'Psiquê! Ela, a usurpadora de meu nome e minha rival em beleza? E ele a ama, verdadeiramente? O velhaquete me tomou por uma alcoviteira, e imaginou que eu lhe mostrei essa moça, para que ele a conhecesse.'

XXIX. "Esbravejando desta maneira, ela se apressou a subir à superfície, seguiu direto ao seu rico tálamo de ouro. Encontrando ali enfermo o filho, como lhe tinham anunciado, ainda na soleira da porta gritou com quanta força tinha: 'Honesta conduta a tua, digna da nossa raça e da tua virtude! Para começar, desdenhaste as ordens de tua mãe e tua soberana, o que é pior! E, em lugar de infligir à minha inimiga os tormentos de um amor ignóbil, tu mesmo, rapazinho, sem respeitar coisa alguma, te uniste a ela, com laços precoces demais, penso que para me impor como nora a minha inimiga. Tu te presumes libertino, corruptor, sujeito odioso; pensas que podes constituir o tronco de uma família, e que eu, pela minha idade, não posso mais conceber? Pois fica sabendo, darei à luz outro filho, muito melhor que tu. Ou antes, para tornar a afronta mais sensível, adotarei um dos meus pequenos escravos domésticos e lhe darei essas asas, essa tocha, e o arco com as flechas, todo o aparelhamento que me pertence e que eu te confiei sabes para que uso. Pois seguramente tua herança paterna não se contribuiu em nada para esse equipamento.

XXX. "Mas tu foste malcriado desde pequenino. Tens as unhas afiadas. Quantas vezes destrataste teus irmãos mais velhos, sem o menor respeito! Tua mãe mesmo, sim, eu, digo, tua mãe, tu me desnudas todos os dias, parricida. Bateste-me freqüentemente, tu me desprezas, como a uma mulher relaxada, dir-se-ia, sem temor nenhum de teu padrasto, esse grande e valente guerreiro.⁵⁰ Afinal, por que não? Não tens por acaso o costume, para atormentar meu coração amante, de lhe fornecer meninas para suas galanterias? Mas eu farei com que te arrependas dessas

brincadeiras e sintas o ácido e o amargo, nessas núpcias. Mas, desdenhada como sou, que fazer? Para que lado me virar? Como trazer à razão esta pequena víbora? Poderei pedir socorro à minha inimiga, a Sobriedade, que eu tenho ofendido freqüentemente, com a própria luxúria deste rapaz? Em verdade, fáz-me horror falar com essa mulher grosseira e suja. Mas o consolo que nos traz a vingança não é para desdenhar, venha de onde vier. Então é a ela e a ninguém mais que tenho de recorrer para castigar duramente esse malandro, para esvaziar seu carcaz, desarmar suas flechas, despojar seu arco, apagar a flama de sua tocha, e mais, para acabar com ele com remédios heróicos. Não considerarei vingada a minha injúria senão quando ela tiver raspado essa cabeleira que amiúde, com minhas próprias mãos, acariciei e fiz brilhar como o ouro, e roído essas asas que sobre meu seio inundei de néctar.'

XXXI. "Com estas palavras saiu, a bile fervendo de cólera, a cólera de Vênus. No mesmo instante se lhe juntaram Ceres e Juno. Vendo-a com o rosto alterado, perguntaram-lhe por que esse zangado franzir de supercílios, e o que velava o brilho de seus belos olhos. 'Oh!', disse ela, 'vistes muito oportunamente, para dar ao meu coração ardente a satisfação que ele reclama. Não poupeis esforços, eu vos peço, para descobrir e me trazer essa Psiquê fugitiva, que voou não sei para onde. Não ignorais, eu creio, o escândalo de minha casa, nem as proezas daquele que não deve mais ser chamado meu filho.'

"Elas, que sabiam o que se passara, tentaram acalmar a ira violenta de Vênus: 'Que crime, senhora', disseram, 'cometeu teu filho, para que com ânimo inflexível contraries seus prazeres e diligencias com paixão a perda daquela que ele ama? Ora, vamos, será tão grande crime gostar de se divertir com uma bonita moça? Ignoras que é macho e jovem, ou esqueceste a sua idade? Ou é porque ele carrega gentilmente os seus anos que tu o vês sempre como um menino? Mãe tu és, e mulher cordata. Irás sempre espionar suas folias, acusá-lo de má conduta, reprovar os seus amores e condenar num filho tão formoso as tuas artes e a tua volúpia? A que deus, a que mortal, podes convencer de que tu expandes o desejo entre todas as criaturas, quando na tua própria casa impões aos Amores um amargo constrangimento e fechas a oficina, aberta a todos, do pecado de amar?'

"Foi assim que, procurando as boas graças de Cupido, por temor de suas flechas, as duas deusas advogaram-lhe a causa, lisonjeando o ausente. Mas Vênus, indignada por ver ridicularizadas as afrontas recebidas por ela, voltou-lhes as costas e, com passo rápido, tomou o caminho do oceano."

LIVRO VI

I. “Entrementes, errava Psiquê, prosseguindo em suas indagações noite e dia, e, de alma inquieta, ansiava por lenir a cólera do marido com as carícias de uma esposa, ou pelo menos desarmá-lo com as súplicas de uma escrava. Avistando de longe um templo, no vértice de um escarpado monte: ‘Quem sabe?’, indagou, ‘se não é lá que habita o meu senhor?’ E para lá se dirigiu com passo rápido, estimulada por suas esperanças e desejos, ela que desfalecia já de ininterruptas fadigas. No alto cume, corajosamente escalado, ela se aproximou do altar da divindade. Viu espigas de trigo, amontoadas ou trançadas como coroas, e espigas de cevada. Havia também segadeiras e todas as ferramentas da colheita, mas tudo atirado por ali, jogado com incúria, tal como as teriam deixado, nas quentes do verão, as mãos dos trabalhadores. Psiquê as separou com cuidado, pôs cada uma em seu lugar, e as arrumou com ordem, considerando que, em lugar de negligenciar o culto de um deus, deve-se implorar a todos a sua misericórdia benfazeja.

II. “Quando ela se desempenhava dessa tarefa, com solícitude, Ceres nutriz a surpreendeu e teve uma longe exclamação: ‘Mas, como, mísera Psiquê? No mundo inteiro, Vênus, ansiosa, procura um vestígio teu, te reclama para o extremo suplício e prepara a vingança, usando todo o seu divino poder. E tu, no entanto, zelas os meus interesses e pensas, não na tua salvação, mas em outra coisa?’

“Então, Psiquê se atirou aos seus pés, orvalhou-os com uma torrente de lágrimas, e, varrendo o solo com os cabelos, implorou-lhe a graças, com muitas preces: ‘Pela tua mão direita, que dispensa os frutos da terra, eu te conjuro; pelos ritos de fertilidade das messes; pelo segredo inviolável dos cestos;⁵¹ pela carruagem alada dos dragões teus escravos; pelos sulcos das glebes sicilianas; pelo carro do rapto e pela terra, guardiã avara; pela descida de Proserpina para as núpcias tenebrosas; pela volta de tua filha, reencontrada, à luz das tochas; por tudo que cobre de um véu de silêncio o santuário de Elêusis ática, atende, à súplica da mísera Psiquê. Consente que eu me esconda entre os montes de espiga, somente por alguns dias, o bastante para deixar à fúria desencadeada da po-

derosa deusa o tempo de se abrandar, ou, pelo menos, para que minhas forças esgotadas por um longo trabalho, tenham o intervalo necessário a um repouso apaziguante.'

III. "Ceres replicou: 'Tuas lágrimas, tuas preces me comovem e eu desejo te socorrer. Porém, Vênus é minha parenta colateral, e com ela mantenho velhas relações de amizade. É uma mulher excelente. Não quero provocá-lhe o ressentimento. Sai, pois, depressa desta casa, e dá-te por feliz, se eu não te retenho em custódia.'

"Rejeitada, contra toda a esperança, e duplamente aflita, Psiquê, voltando sobre os passos, ao atravessar a penumbra de um bosque sagrado, num valado, viu, à sombra dele, um templo construído com arte sábia. Não querendo negligenciar nenhuma oportunidade, mesmo incerta, de sucesso, nem de solicitar o favor de não importa que divindade, aproximou-se da divina entrada. Viu oferendas preciosas e, suspensos aos ramos das árvores e nos portais, tecidos sobre os quais estava inscrito em letras de ouro, com o agradecimento de uma graça, o nome de deusa a quem se faziam tais presentes. Psiquê, ajoelhando-se, cercou com as mãos o altar ainda quente e, depois de ter enxugado as lágrimas, orou:

IV. "Esposa e irmã do Grande Júpiter, tu que habitas em Samos, que se vangloria, ela somente, de ter sido o teu berço, de ter ouvido teus vagidos, de ter alimentado tua infância. Tu que freqüentas as casas felizes da alta Cartago, a que te honra sob o aspecto de uma virgem percorrendo o céu, levada por um leão. Ou ainda que, junto das margens do Ínaco, que reconhece em ti a esposa do Tonante⁵² e rainha dos deuses, proteges os feitos ilustres de Argos. Tu que todo o Oriente venera sob o nome de Zígia, e todo o Ocidente sob o de Lucina⁵³ sê para mim, em minha extrema desgraça, Juno Auxiliadora. Tu me vês esgotada por todas as fadigas que tenho suportado. Livra-me do temor de um perigo ameaçador. Não és tu que vens por ti mesmo, sem chamado, em socorro daquelas que vão dar à luz e estão em perigo?'

"Enquanto ela assim rogava, Juno em pessoa lhe apareceu em toda a augusta majestade de seu augusto poder. 'Bem que eu queria', disse, 'podes crer, acolher favoravelmente as tuas súplicas. Mas a honra não me permite ir contra a vontade de minha nora Vênus, que eu sempre estimei como filha. De resto, impede-me também a lei que interdita recolher contra a vontade do dono um escravo fugido.'

V. "Acabrunhada por esse novo naufrágio da fortuna, Psiquê, não podendo daí em diante procurar o esposo alado, e renunciando a toda e qualquer esperança de salvação, cogitou: 'Tentar o quê, em minha desgraça, agora? Como procurar outro recurso, quando as próprias deusas, apesar de sua boa vontade, não me podem dar nenhum

apoio? Aonde ir se estou presa por todos os lados por um cordel? Em que abrigo, em que trevas me esconder, para escapar aos inevitáveis olhos da grande Vênus? Que esperas, então? Arma-te de máscula energia, renuncia corajosamente às ruínas de tuas pobres esperanças, entrega-te voluntariamente à tua soberana e senhora, e procura desarmar com tua submissa modéstia, por tardia que seja, os transportes de sua fúria. E quem sabe mesmo se aquele que procuras há tanto tempo não encontrarás lá embaixo, em casa da mãe?’ Tendo assim tomado o partido de uma obediência arriscada, para não dizer de uma perda certa, meditava como deveria começar as súplicas.

VI. “No entanto, Vênus, renunciando a prosseguir suas buscas por meios terrenos, dispôs-se a subir ao Céu. Mandou equipar o carro que Vulcano, o sutil joalheiro, tinha feito para ela, com toda a sua arte, e a ela oferecido como presente de núpcias, antes das primícias do hime-neu. Embelezara-o em detrimento do tamanho, e afinando-o com o trabalho da lima, com a própria perda do ouro, tinha-lhe acrescentado valor. Das numerosas pombas que se aninhavam nos beirais da casa da senhora, avançaram quatro, todas brancas, que, com passo gracioso, e curvando o colo nuançado, colocaram-se sob o jugo ornado de pedrarias, receberam a dona e alçaram vôo alegremente. Pardais acompanharam o carro da deusa, com suas lascivas brincadeiras e seu pipilar barulhento, enquanto que outros pássaros de canto harmonioso faziam soar docemente sua melodia suave e anunciavam o advento da deusa. As nuvens se afastaram, o Céu se abriu para a filha, o Éter acolheu com alegria a Imortal. Não houve encontro com as águias, nem as aves de rapina apareceram para causar terror ao cortejo canoro da grande Vênus.

VII. “Ela se dirigiu diretamente à real fortaleza, morada de Júpiter. Em voz alta, apresentou seu pedido requisitando os serviços de Mercúrio, o deus da voz sonora, para um negócio urgente. Júpiter anuiu, movendo o negro supercílio. Então, Vênus, triunfante, desceu do Céu acompanhada de Mercúrio e começou com ar solícito: “Tu sabes, não é verdade, meu irmão arcadiano,⁵⁴ que tua irmã Vênus jamais fez fosse o que fosse sem a assistência de Mercúrio. E tu não podes deixar de saber que, há já algum tempo, procuro em vão uma serva minha que se escondeu. Assim, não me resta outro recurso senão publicar, por teu intermédio, o anúncio de uma recompensa a quem a tiver descoberto. Apressa-te, pois, a te desincumbir da missão que te confio. Dá um sinal, para que sem falta a reconheçam, a fim de que, se alguém, contra a lei, tornar-se culpado de a ocultar, não possa invocar a escusa da ignorância.’ Ao mesmo tempo estendia-lhe um papel, levando o nome de Psiquê e outras indicações. Depois, voltou para casa.

VIII. “Mercúrio não deixou de obedecer. Percorreu a Terra em todos os sentidos, visitou todas as nações, e assim se desincumbiu da proclamação de que estava encarregado: ‘Se alguém detiver a fugitiva Psiquê, escrava, filha de rei, serva de Vênus, ou revelar o lugar em que se esconde, que procure Mercúrio, pregoeiro público, atrás das metas de Múrcia, e esse receberá, como prêmio da denúncia, da própria Vênus, sete doces beijos, mais um doce como mel, com um toque da ponta da língua.’

“Este anúncio de Mercúrio, e o desejo de tão grande prêmio, suscitaram logo entre todos os mortais o zelo. Essa circunstância, mais do que tudo, acabou com as vacilações de Psiquê. Já se aproximava da casa da soberana, quando ocorreu ao seu encontro uma serva de Vênus, chamada Consuetude,⁵⁵ que logo gritou quanto pôde: ‘Então, escrava abominável, acabaste compreendendo que tens uma senhora? Ou, com tua temeridade habitual, fingirás também ignorar quantas fadigas sofremos para correr à tua procura? Por felicidade, caíste justamente entre minhas mãos, e estás nas unhas do próprio Orco, pois não esperarás por muito tempo o castigo da tua contumácia.’

IX. “E arrastando-a brutalmente pelos cabelos, levou-a consigo, sem que ela opusesse a mínima resistência. Quando a viu levada assim presa, Vênus deu uma ampla gargalhada, como fazem as pessoas furiosamente iradas; depois, sacudindo a cabeça e coçando a orelha direita, disse: ‘Afim, tu te dignaste a vir saudar a sogra? Ou vieste visitar o teu marido, a quem fizeste uma ferida que lhe põe a vida em perigo? Mas fica tranqüila. Eu te receberei como se deve receber uma boa nora.’ E: ‘Onde estão?’, perguntou, “a Inquietação e a Tristeza, minhas servas?” Assim que entraram, Vênus lhes entregou Psiquê, para que a afligissem, e elas obedeceram às ordens da senhora, magoando com muitos tormentos a pobre criança. Apresentaram-na depois à soberana. Então um novo frouxo de riso sacudiu a Vênus. ‘Aí está’, disse ela, ‘para que eu me apiade, ela conta com a sedução do seu túrgido ventre, cujo fruto glorioso deve fazer de mim uma feliz avó. Verdadeiramente feliz, sim, na flor da idade, tratarem-me de avó, e o filho de uma vil escrava passará por neto de Vênus! Mas eu sou tola. Um filho, eu digo? Não. Os cônjuges são de condição desigual. Demais, um casamento contraído no campo, sem testemunhas, sem o consentimento do pai, não pode ser considerado legítimo. Então este que vai nascer será espúrio, supondo-se que te deixemos levar essa gravidez até o termo.’

X. “Assim disse, e caindo sobre ela, despedaçou-lhe as vestes, arrancou-lhe os cabelos, bateu-lhe na cabeça, machucando-a cruelmente. Depois mandou trazer grãos de trigo, de cevada, de milho, de papoula, de ervilha, de lentilha e de fava, tomou grandes punhados, misturou-os,

confundiu-os num monte, depois disse, dirigindo-se a Psiquê: 'Disforme como és, vejo que para ganhar as boas graças de teus amantes contas com teu devotamento ao serviço. Pois bem, eu também quero experimentar se és mesmo diligente. Separa o monte confuso das sementes que aqui estão. Faze a triagem dos grãos e arranja-os em ordem. É preciso que tudo esteja arrumado e expedido até à tarde, e então submeterás o trabalho à minha aprovação.'

"Depois de assim ter designado o montão de grãos de várias espécies, Vênus foi a uma festa de casamento. Psiquê nem a mão estendeu para aquela confusão inextricável, mas, consternada por essa desumanidade, quedou-se num silencioso estupor. Então a formiga, o humilde animalinho dos campos, medindo as dificuldades da tarefa, teve compaixão da companheira do grande deus e maldiçoou a crueldade da sogra. Correndo ativamente de um lado para outro, convocou e reuniu todo o exército das formigas vizinhas: 'Piedade, ágeis filhas da terra, mãe de todas as coisas, piedade para uma pobre menina, esposa do Amor, que está em perigo. Acorrei, velozes, para socorrê-la.' Vaga sobre vaga, desfilou todo o povinho de seis patas, e, cada qual mais diligente, todas separaram grão por grão, repartiram, agruparam por espécies, depois se apressaram a desaparecer.

XI. "No começo da noite, Vênus voltou de sua festa nupcial, úmida de vinho, perfumada, enfeitada de grinaldas de rosas, de cores brilhantes. Quando viu pronto o prodigioso trabalho, disse: 'Não foste tu, velhaca, não foram tuas mãos que fizeram a tarefa, mas foi sim aquele a quem és cara, para tua desgraça, por tua desgraça e pela sua.' E atirando-lhe um pedaço de pão grosseiro, foi-se deitar.

"Entretanto, Cupido, sozinho no fundo da casa, prisioneiro num quarto isolado, estava severamente encerrado, tanto para evitar que seu petulante ardor agravasse a ferida, como para o impedir de se unir ao objeto de seus desejos. Foi assim que, longe um do outro, separados sob um mesmo teto, os dois amantes passaram uma noite desesperada.

"Mas antes que a Aurora subisse ao seu carro, Vênus chamou Psiquê e lhe disse: 'Vês esse bosque que, junto do rio onde suas raízes se banham, se estende ao longo da corrente, e cujas árvores sombreiam a fonte mais próxima? Ovelhas de tosão de ouro pastam ali sem pastor, errando à vontade. Procura agora um floco de lã desse tosão precioso, não importa como, e traze-mo. Eis a minha vontade.'

XII. Psiquê pôs-se a caminho, não, em verdade, para executar a ordem recebida, mas para buscar o repouso de suas desventuras, precipitando-se de uma penha ao rio. Mas, do meio da corrente, um verde caniço, origem de

sons melodiosos por inspiração divina, ao doce murmúrio da brisa ligeira sussurrou este aviso profético: 'Atormentada com tantos trabalhos, Psiquê, não poluas com morte misérrima as minhas águas santas; tenta, porém, aproximar-te das temíveis ovelhas. Quando o sol ardente lhes comunica o seu calor, uma raiva temerosa as galvaniza. Então, com seus acerados cornos, sua testa de pedra, e às vezes com suas mordidas envenenadas, atacam os seres humanos, para matá-los. Mas uma vez diminuído o ardor do sol do meio-dia, o rebanho repousa na serenidade das margens frescas do rio. Daqui até lá, poderás esconder-te sob o altíssimo plátano que bebe onde eu bebo. Desde que se mitigue o furor das ovelhas, e esteja seu ânimo apaziguado, bate as frondes do bosque vizinho. Encontrarás flocos de lã de ouro, que ficam presos nas pontas dos ramos.'

XIII. "Foi assim que o caniço, humano e simples, ensinou à atormentada Psiquê como salvar-se. Não cometeu ela a falta de deixar de prestar atenção a essas instruções, mas teve, pelo contrário, o cuidado de as seguir cuidadosamente e furtou facilmente o macio tosão de ouro fulvo, tanto quanto bastasse para levar uma boa porção a Vênus. Nem o êxito desta segunda prova foi reconhecido por ela que, franzindo os supercílios, disse, com um sorriso amargo: 'Eu não me engano. Sei quem é o autor desta nova astúcia. Mas desta vez eu saberei averiguar se realmente tua alma é corajosa e tua prudência inigualável. Vês tu o cume desta montanha escarpada, dominando o altíssimo rochedo? Lá se encontra uma fonte sombria. É ela a origem do negro curso d'água que, recolhido na bacia escavada no vale vizinho, se transforma nos pantanaís do Estige e alimenta as ondas retumbantes do Cocito. Eu quero que, no próprio cimo, onde a fonte jorra das entranhas da terra, apanhes um pouco de sua água gelada e ma tragas sem demora, nesta pequena urna.' E assim dizendo, entregou-lhe um vaso talhado em cristal, e acrescentou algumas terríveis ameaças.

XIV. "Psiquê, apertando o passo, dirigiu-se para o alto da montanha, para encontrar ali ao menos o fim de uma vida lamentável. Mal chegou às proximidades do cimo, viu a vastidão da empresa e suas dificuldades mortais. O rochedo era desmesuradamente alto, íngreme, liso, inacessível. As próprias entranhas da pedra vomitavam águas repugnantes que, escapadas das aberturas inclinadas, resvalavam ao longo da encosta, traçando um caminho por um estreito canal, onde se perdiam e caíam, despercebidas, no vale próximo. À direita e à esquerda das cavidades das rochas, emergiam, arrastando-se sobre o ventre, alongando o pescoço, dragões sanguinários, cujos olhos feitos para a vigília não se fechavam jamais, cujas pupilas velavam, perpetuamente abertas à luz. Além disso, as águas, dotadas de voz, se defendiam a si mesmas.

‘Afasta-te!’ e ‘Que fazes? Abre os olhos!’; ‘que pensas? Vamos!’ e ‘Foge!’ e ‘Morrerás’ clamavam sem cessar. Então, ao ver a impossibilidade da tarefa, em lápide se mudou Psiquê, pois seu corpo estava presente, mas os sentidos estavam longe. Literalmente esmagada pelo peso de um perigo inexplicável, não lhe restava nem o supremo consolo das lágrimas.

XV. “Mas as penas da alma inocente não escaparam aos olhos graves da boa Providência. Apareceu, de repente, de asas estendidas, a ave real de Júpiter soberano, a águia rapace. Lembrando-se de que outrora, ministro complacente, havia, sob a direção de Cupido, raptado para Júpiter o escanção frígio,⁵⁶ quis, com um auxílio oportuno, obsequiar o poderoso deus nos trabalhos de sua esposa. Abandonou então os radiosos caminhos da abóbada celeste e voou para diante da moça, dirigindo-lhe a palavra: ‘Ah! Tu, simples como és, e inexperiente nessas coisas, esperas então que dessa fonte, terrível e sagrada, possas furtar algumas gotas, ou pensas que possas mesmo atingi-la? Os próprios deuses, sem excetuar Júpiter, temem as águas estíguas, não ouviste contar? E os juramentos que fazes pelo poder dos deuses, fazem os deuses pela majestade do Estige. Porém, dá-me essa ânfora.’ Apanhou-a, rodeou-a com as garras, e, diligente, balanceou a massa oscilante das asas, estendeu os remígios à direita e à esquerda, passou entre os dragões com seus maxilares de dentes cruéis e as línguas onde vibrava um dardo tríplice. As águas se afastaram, advertindo a águia com ameaças, para que se retirasse sem nada tomar. Ela respondeu que viera por ordem de Vênus, que estava a seu serviço, e essa invenção lhe garantiu acesso um pouco mais fácil.

XVI. “Assim, Psiquê recebeu com alegria a urnazinha cheia e se apressou a levá-la a Vênus. Mas mesmo então não pôde satisfazer a implacável deusa, que, ameaçando-a com piores e maiores castigos, apostrofou-a com um riso infernal: ‘Tu me pareces uma grande feiticeira, e muito versada em malefícios, para ter obedecido a ordens como as minhas. Mas há ainda, minha pequena, um serviço que me deverás prestar. Toma esta caixinha,’ e entregou-lhe uma, ‘desce aos infernos, e passa entre os penates do próprio Orco. Lá, apresentarás o cofre a Proserpina e lhe dirás: ‘Vênus te pede que lhe envies um pouco da tua formosura, apenas a ração de um dia. A que ela possuía, gastou-a completamente em cuidar do filho enfermo.’ Mas não voltes tarde demais. Preciso untar-me com isso antes de ir a um espetáculo no teatro dos deuses.’

XVII. “Mais do que nunca, sentiu Psiquê que sua fortuna atingia um clímax, e compreendeu que a lançavam abertamente, sem disfarce, à morte. E então? Não a forçavam

a ir com seus próprios pés, ela mesma, ao Tártaro, entre os manes? Sem hesitar mais, dirigiu-se a uma alta torre, para se precipitar de lá. Seria, pensava, o caminho mais direto e mais próprio para descer aos infernos. Mas a torre, subitamente, começou a falar: 'Por que', perguntou ela, 'desgraçada criança, procurar a tua destruição, atirando-te daqui? Para que, nesta derradeira prova e neste derradeiro trabalho, desistires de tudo, sem motivo? Uma vez separado do corpo, o teu espírito, irás sem dúvida, ao fundo do Tártaro. Mas não poderá voltar mais, de maneira nenhuma. Escuta-me:

XVIII. 'A Lacedemônia, cidade ilustre da Acaia, está situada não longe daqui. Nas suas fronteiras, o Tênaros desliza para lugares afastados. Descobre esse lugar. Lá se abre uma entrada para a casa de Dite,⁵⁷ e pelas portas hiantes se divisa um ínvio caminho. Logo que franqueares a soleira, segue por ele e chegarás diretamente ao palácio de Orco. Mas não vás avançar assim de mãos vazias, através das trevas. Segura em cada uma delas um bolo de farinha de cevada, amassado com vinho e mel, e leva na boca duas moedas. Quando tiveres atrás de ti boa parte da estrada que conduz à casa dos mortos, encontrarás um burro coxo, carregando lenha, e um burriqueiro com o mesmo defeito. Este te pedirá que lhe apanhes alguns cavacos caídos de sua carga. Mas não profiras nenhuma palavra; passa adiante. Logo chegarás ao rio da morte, com seu barqueiro Caronte. Ele exigirá primeiro que lhe deixes o direito de passagem. É com esta condição que, na sua barca de couro costurado, ele transporta os viajantes para a margem oposta. Vê, pois, que mesmo entre os mortos impera a avareza, e um deus como Caronte, preposto de Dite, não faz nada de graça. O pobre, quando morre, deve-se munir do viático, e, se lhe acontece não ter o dinheiro na mão, não lhe permitirão dar o último suspiro. A esse velho esquelético, darás, a título de estipêndio, uma das peças que levars, porém de maneira que ele a tome de tua boca, com sua própria mão. E não é tudo. Durante a travessia da água preguiçosa, um ancião morto, boiando à superfície, levantará para ti as mãos podres, e te suplicará que o puxes para o barco. Mas não te deixes arrastar por uma piedade que te é proibida.

XIX. 'Quando tiveres atravessado o rio e caminhado um pouco, velhas tecelãs, tecendo um pano, te pedirão para lhes dares um auxílio. Não toques no seu trabalho, não tens direito. Isto será uma das muitas armadilhas engenhadas por Vênus, para te fazer largar pelo menos um dos bolos. Não julgues fútil a recomendação a respeito de cevada, nem que o prejuízo seja leve. Se perderes um deles, acabou-se para ti a luz do dia. Pois um cão gigantesco, de três enormes cabeças — monstruoso e formidável animal que, contra os mortos a quem já não pode fazer nenhum mal, lança do fundo das fauces, latidos como trovões, que

os enchem de vão terror — mantém-se na soleira do sombrio átrio de Proserpina, como sentinela vigilante da casa deserta de Dite. Joga-lhe como presa um dos bolos. Ele amansará. Passando por ele, sem mais dificuldades penetrarás então em casa da própria Proserpina. Ela te receberá graciosamente e com bondade; convidar-te-á para sentares numa poltrona macia, e para tomares um opíparo repasto. Mas tu, senta-te no chão, pede um pão grosseiro. Depois de comer, dize-lhe o que te leva e toma o que te for apresentado. Na volta, apazigua o cão furioso com o bolo que te restar. Darás em seguida ao avaro barqueiro a moeda que tiveres reservado, e, uma vez atravessado o rio, calcarás o vestígio dos teus primeiros passos e voltarás a ver enfim nosso céu, e ouvirás os coros siderais. Porém, de todas as minhas recomendações, a mais importante é esta: não tentes abrir a caixa que trouxeres, nem examines seu interior. Em suma, guarda-te de qualquer movimento de curiosidade, a respeito do divino tesouro de beleza que ele encerra.'

XX. “E assim a torre, que via longe, fez o seu vaticínio. Psiquê foi sem demora para o Tênaros. Devidamente munida das moedas, assim como dos bolos, desceu rapidamente o corredor infernal, passou sem nada dizer pelo almocreve manquitola, deu ao barqueiro uma peça como portagem, permaneceu insensível ao pedido do morto que flutuava na superfície das águas, desdenhou os pedidos insidiosos das tecelãs, acomodou a raiva terrível do cão, atirando-lhe o bolo para comer, e penetrou, afinal, na casa de Proserpina. Sem aceitar nem cadeira macia nem iguarias requintadas, que lhe oferecia a anfitriã, sentou-se a seus pés, no chão, e, contente com um pão grosseiro, expôs a missão de que a encarregara Vênus. Em segredo, encheram a caixinha, fecharam-na, e Psiquê a recebeu. Com o auxílio do segundo bolo, ela enganou o cão e silenciou a besta que latia, deu em pagamento ao barqueiro a peça que lhe restava, e, com passo bem mais ligeiro, saiu dos infernos. Mas assim que, recontrando-o, adorou o branco luzeiro do mundo, apesar da pressa que tinha de chegar ao fim da prova, uma curiosidade temerária se lhe apoderou do espírito. ‘Então, sou tão boba que vá levar a beleza divina, sem tirar nem um pouquinho para mim e agradar assim, quem sabe, o meu formoso amante?’

XXI. “Ainda falando, abriu a caixa. Mas naquele cofre não havia nada. De beleza nem sinal. Nada senão um sono infernal, um verdadeiro sono do Estige, que, libertado de sua caixa, a tomou toda, infundindo em todos os seus membros uma espessa letargia, e estendendo-a, em colapso, no caminho, no próprio lugar onde pousara o pé. Ei-la, pois, jacente, imóvel, como um cadáver adormecido.

“Mas Cupido, com seu ferimento já cicatrizado, convalescia. Como não podia suportar a longa ausência de Psiquê, escapara pela alta janela do quarto onde o tinham encerrado. Revigoraram-se-lhe as asas durante o tempo de repouso. Com um vôo mais rápido que nunca, reuniu-se à sua Psiquê, afastou com cuidado o sono, fechou-o de novo dentro de caixa, no lugar que ali ocupava. Depois, despertando Psiquê com a inofensiva picada de uma de suas flechas, disse-lhe: ‘És vítima uma vez mais, desgraçada criança, da curiosidade que já te perdeu. Agora vai, acaba a missão de que te encarregou minha mãe. O resto compete a mim.’ Com estas palavras, o amante alado retomou o vôo e Psiquê se apressou a levar Vênus o presente de Proserpina.

XXII. “Entrementes, Cupido, devorado por um excesso de amor, e com a feição dolente, temendo acima de tudo a súbita austeridade da mãe, voltou às antigas atividades. Com rápido vôo, penetrou até o Céu, apresentou sua súplica ao grande Júpiter, e advogou sua causa junto dele. Júpiter, então, tomando-lhe com a mão a face, atraiu-o a si, para beijá-lo e disse-lhe: ‘Nunca, senhor meu filho, tu me prestaste as honras às quais tenho direito, com o consentimento de todos os deuses. E este peito, onde se dispõem as leis dos elementos e dos movimentos dos astros, tu feres continuamente com teus golpes, e lhe infliges, sem nenhum respeito, a vergonha de fraquezas e aventuras terrenas. Com o desprezo das leis, da própria Lei Júlia,⁵⁸ e da moral pública, tu comprometes, nas torpezas do adultério, minha honra e minha reputação, dando aos meus traços augustos forma aviltante de uma serpente de fogo, de um animal selvagem, de uma ave, de qualquer besta. Não me importa. Lembrar-me-ei, de boa vontade, que crescestes entre as minhas mãos. Farei o que me pedes, com a condição, todavia, de que, conhecendo teu dever, fiques de olho aberto contra os teus êmulos, e, se existir atualmente sobre a Terra uma beleza inigualável, que ma ofereças em recompensa do benefício presente.

XXIII. “Deu então ordem a Mercúrio, para convocar depressa todos os deuses em assembléia, proclamando que quem faltasse ao encontro celeste incorreria numa multa de dez mil sestércios. Com esta ameaça, encheu-se logo o anfiteatro do Céu, e Júpiter, dominando os outros do alto do seu elevado trono, assim falou:

‘Deuses conscritos,⁵⁹ cujos nomes estão no registro das Musas, aqui está um adolescente que criei com as minhas mãos, como vós todos sabeis. Achei que é preciso pôr um freio aos impetuosos ardores de sua primeira juventude. Assim, ele tem dado o que falar, pelo escândalo cotidiano de seus adultérios e tolices de toda espécie. Tiremos-lhe a ocasião e acabemos-lhe com a luxúria de adolescente, encadeando-o com os laços do casamento.

Ele escolheu uma moça e tirou-lhe a virgindade. Que a conserve, que a guarde para si, e, unido a Psiquê, possa fruir para sempre do seu amor.' Depois, voltando para Vênus a face, disse: 'E tu, minha filha, não te entristeças, e que esta aliança com uma mortal não te inspire nenhum temor pela prosápia de tua ilustre casa. Farei com que esse casamento não seja desigual, porém um matrimônio legítimo e conforme com o direito civil.' Então, ordenou que Mercúrio fosse procurar Psiquê e a conduzisse ao Céu. Estendendo-lhe um copo de ambrosia: 'Toma, Psiquê', disse-lhe, 'e sê imortal. Jamais Cupido se desembaraçará dos laços que o ligam a ti. As vossas núpcias são perpétuas.'

XXIV. "No mesmo instante, serviu-se um opíparo banquete nupcial. No triclinio de honra, acomodava-se o marido, que tinha Psiquê entre os braços. Vinham, depois, Júpiter com sua Juno, e todos os deuses, por ordem de importância. Aí o copo de néctar, que é o vinho dos deuses, foi apresentado a Júpiter pelo jovem rústico seu escanção. Os outros eram servidos por Líben;⁶⁰ Vulcano era o cozinheiro, as Horas enfeitavam tudo de rosas e de outras flores, as Graças espargiam perfumes, as Musas cantavam com voz harmoniosa. Depois, Apolo cantou acompanhando-se com a cítara, e Vênus, ritmando os passos com a doce música, dançou formosamente. Formou-se depois uma orquestra onde as Musas cantaram em coro, enquanto um Sátiro tocava flauta e um Panisco soprava a sua flautinha campestre.⁶¹ Foi assim que Psiquê passou, conforme os ritos, para as mãos de Cupido. Chegando o momento, nasceu-lhes uma filha que chamamos Volúpia."

XXV. Este foi o conto que a velha bêbada e falante narrou à jovem cativa. E eu, estando a poucos passos, deplorava, por Hércules, não ter nem tabuinhas nem estilo para tomar nota de história tão bela.

Nesse momento, os ladrões chegaram, carregados de roubo, e deviam ter travado algum rude combate; todavia, alguns, os mais ativos, deixando os feridos no abrigo a cuidarem de seus ferimentos, mostravam-se apressados. Iriam, diziam, buscar o resto do carregamento, escondido em uma caverna. Expedido prontamente o seu almoço, fizeram-nos sair para a estrada, ao cavalo e a mim, com grandes pauladas, para que transportássemos a bagagem. Depois de muitas subidas e muitas voltas, caindo de cansaço, chegamos, à noitinha, diante de uma caverna, dela tirando com que nos carregarem abundantemente. Levaram-nos de volta logo, sem tempo de tomar um fôlego. Estavam com tal febre e tal impaciência que, à força de me moerem de pancada e de me empurrarem para a frente, fizeram-me cair sobre uma pedra que havia à beira do caminho. Batendo sempre, com toda a força,

obrigaram-me a levantar-me penosamente, com a perna direita e o casco esquerdo machucados.

XXVI. E um deles falou: “Até quando sustentaremos para nada este burro arrebentado, que agora, ainda por cima, se pôs a mancar?” E o outro: “Sem contar que nos trouxe desgraça: desde que chegou, não tivemos nenhum lucro que valesse a pena. Ferimentos e morte derrubaram os mais valentes entre nós.” “Por mim”, disse um terceiro, “logo que, com toda a má vontade, ele tiver levado sua carga ao destino, eu o mandarei direito para o fundo de um precipício, onde ele alegrará os abutres, que se far-tarão de comê-lo.”

Enquanto esses homens cheios de mansidão altercavam a respeito de minha morte, chegamos ao abrigo, pois o medo me tinha posto asas nos cascos. Eles nos descarregaram depressa; depois, sem cuidar de nossa vida nem da minha morte, chamaram os camaradas que tinham sido retidos pelos ferimentos, repartiram tudo, correndo para transportarem o resto eles próprios, pois diziam estar cansados da nossa lerdeza. No entanto, eu remoía a minha inquietação, representando a morte que me ameaçava, e dizia comigo mesmo: “Para que adiar? Que esperas, Lúcio? Tudo está disposto para o teu fim — morte das mais cruéis, pois assim decidiram os ladrões. E a coisa não exige grande esforço. Vês, aqui perto, aqueles rochedos de onde se salientam pontas agudas e cortantes. Antes que chegues ao fim da queda, elas entrarão em tuas carnes e espalharão teus membros. Acontece que essa mágica tão gabada não te deu de burro senão a figura e os trabalhos. Ela te recobriu, não do couro espesso de um asno, mas de uma delicada membrana de sanguessuga. Então, arma-te de máscula energia e providencia a tua salvação, enquanto podes. Tens uma grande oportunidade para fugir. Os ladrões não estão. Temerás, por acaso, a vigilância de uma velha semimorta, a quem tu podes acabar com um coice? Porém, fugir para onde? Quem te dará hospitalidade? Questão bem tola em verdade, e digna de um burro. Qual será o viajante que, encontrando uma montaria, não ficará bem satisfeito de a levar consigo?”

XXVII. Assim, fazendo um grande esforço, rompi a correia com que me haviam ligado, e saí galopando com quantas patas tinha. Não pude escapar, entretanto, aos olhos de águia da maligna velha. Pois, assim que me viu desamarrado, mostrando uma audácia acima de seu sexo e de sua idade, agarrou a correia e se esforçou para me fazer retroceder. Mas a lembrança dos mortíferos propósitos dos ladrões fechava-me a qualquer sentimento de piedade, e, com um coice bem dado das patas traseiras, aplastrei-a no chão. Apesar de estendida por terra, ela se agarrou tenazmente à correia, sem querer deixá-la, de maneira que seguia o meu galope, sendo arrastada por

uma certa distância. Ao mesmo tempo, soltava gritos agudos, para implorar o auxílio de um braço mais sólido. Mas era em vão que chorava, em vão que procurava provocar tumulto: não havia ninguém para lhe levar socorros, com exceção da jovem cativa. Esta, atraída pelos gritos, saiu correndo e assistiu a um espetáculo que, por Hércules, valia uma olhadela: uma Dirce⁶² velhinha pendurada, não a um touro, mas a um asno. Armandose, então, de viril coragem, ela se arriscou numa proeza magnífica: arrancou o laço das mãos da velha, deteve meu impulso com aliciantes inflexões de voz, montou resolutamente sobre meu lombo e, uma vez montada, me incitou ao galope.

XXVIII. Quanto a mim, estimulado de um lado pela ânsia de escapar e pelo desejo de livrar a moça, e, de outro, pelas pancadas que ela prodigalizava de vez em quando a título de encorajamento, eu corria tão depressa como um cavalo, fazendo ressoar o chão com as minhas quatro patas, e me esforçava para dirigir à moça ternos relinchozinhos. Aconteceu-me até, sob o pretexto de coçar o lombo, inclinar a cabeça de lado, para beijar seus bonitos pés. Ela, então, levantou para o céu um rosto inquieto, e disse, com um profundo suspiro:

“Grandes deuses, vinde em meu socorro, neste extremo perigo, e tu, dura Fortuna, cessa a tua crueldade. Sofri bastante, já, para saciar-te. E tu, protetor da minha liberdade e de minha vida, se me levares sã e salva para minha casa, se me entregares a meus pais e ao meu belo pretendente, quanto eu te serei grata, quantas honras te prestarei, e quantas iguarias te oferecerei! Primeiro, pentearei bem penteada esta crina, e a enfeitarei com os meus colares de moça. Os pêlos da tua cauda, que, por incúria, estão amontoados em tufo embaraçados, eu os escovarei com fervoroso cuidado. Ornamentado com bolas de ouro, parecerás brilhar como as estrelas sidéreas, e serás conduzido em triunfo, em meio da alegre população. Num saco de seda, eu te levarei bolos e guloseimas, e, como meu salvador, eu te farei untar de unguentos caros todos os dias.

XXIX. “Além dessas iguarias delicadas, desse ócio profundo, e dessa vida de beatitude, não te faltará a dignidade gloriosa. Perpetuarei, com um testemunho visível, a lembrança de minha aventura presente e a intervenção da providência divina, consagrando, no átrio da minha casa, um quadro pintado, representando minha fuga deste instante. Gente virá ver e ouvir contar, e o estilo dos sábios fixará para sempre a história rústica da jovem princesa que se evadiu do cativeiro montada num burro. Terás o teu lugar entre todas as maravilhas de outrora, e acreditaremos de agora em diante, vendo a realidade do teu exemplo, que Frixo⁶³ atravessou as águas montado num carneiro, que Ario pilotou um delfim⁶⁴ e que Europa

se deitou no dorso de um touro.⁶⁵ E se Júpiter mugiu verdadeiramente sob o aspecto de um animal de chifres, é possível que em meu burro se esconda o rosto de um homem ou o vulto de um deus.”

Enquanto a moça repetia estas frases e entremeava a fala de contínuos suspiros, chegamos a uma encruzilhada. Segurando-me a brida, ela queria, à viva força, me fazer tomar o caminho da direita, que, sem dúvida, era o que conduzia à casa de seus pais. Eu sabia que os bandidos tinham passado por lá para irem buscar o resto do saque, e então resisti teimosamente e lhe fazia em pensamento silenciosas advertências: “Que fazes, desgraçada criança? Que pensas? Por que queres correr para casa de Orco? Ou pretendes para lá ir com as minhas patas? Não é somente a ti que vais pôr a perder, mas a mim também.” Puxávamos, assim, cada um do seu lado, disputando, como num processo de limites, a propriedade de um terreno, ou antes, a partilha de um caminho, quando os ladrões, carregados com o fruto de suas rapinas, nos apanharam. Ao clarão do luar, reconheceram-nos de longe. Saudaram-nos com um riso sarcástico.

XXX. E um da súcia nos interpelou: “Onde ides com o passo tão rápido, noturnos viajantes? Então não tendes medo, nesta hora tardia, dos Manes e das Larvas? E tu, virtuosa menina, tens tanta pressa de rever teus pais? Vamos auxiliar-te a encontrar o caminho mais curto para os teus.” Juntando a ação às palavras, agarrou o laço e me obrigou a fazer meia-volta, sem poupar os costumeiros golpes do cacete nodoso que levava. Então, vendo-me, bem contra a vontade, levado de volta para a morte que me esperava, lembrei-me do ferimento do casco e me pus a mancar, balançando a cabeça. “Aí está”, disse o que me ia levando pela arreata, “começas tu a titubear e a vacilar. Então esses pés carunchados são capazes de fugir, mas não de irem a passo? No entanto, há um momento, tu batias, no galope, a Pégaso, o cavalo alado.”

Enquanto o amável indivíduo me agradava desta maneira, brandia também o cacete e atingimos a fortificação externa da casa dos ladrões. E eis que, de um dos ramos dum alto cipreste, pendia a velha, com um nó corredio em torno do pescoço. Eles a desceram depressa e a atiraram, tal como estava, com sua própria corda, ao fundo de um precipício. Depois de terem amarrado os membros da moça, lançaram-se como bestas esfaimadas sobre a ceia que lhes deixara pronta a diligência póstuma da infortunada anciã.

XXXI. Durante o tempo em que faziam desaparecer tudo com uma avidez gulosa, deliberavam entre si sobre nosso castigo e sua vingança. E, como acontece numa assembléia tumultuosa, as opiniões se dividiram. Um queria que a mocinha fosse queimada viva, um segundo aconselhava que a entregassem às feras, um terceiro propunha

crucificá-la, um quarto declarava que era preciso esquartejá-la entre torturas, mas todos os votos, de um ou de outro modo, eram pela pena de morte. Então, um, tendo serenado o tumulto, tomou tranqüilamente a palavra. E disse: “Não está de acordo com os princípios do nosso colégio, nem com a mansuetude de cada um, nem com a minha moderação, consentir no que seria de vossa parte um rigor excessivo e desproporcionado. As feras, a cruz, o fogo, os instrumentos de tortura, nada disto convém, tudo isso apenas adianta para ela a hora tenebrosa da morte. Se quiserdes ouvir meu conselho, concedei a esta moça a vida, mas a vida que ela merece. Não perdes-tes certamente a memória a respeito de vossa recente decisão, que teve como objeto o burro preguiçoso, mas grande comilão, que ainda há pouco fingia, o impostor, que estava estropiado, mas era cúmplice e auxiliar da fuga da virgem. Proponho, então, degolá-lo amanhã, esvaziá-lo inteiramente de suas entranhas, costurar nua, dentro de seu ventre, a mocinha que o preferiu a nós, de maneira que só o rosto fique para fora, e o resto do corpo fique encerrado nessa besta, como numa prisão. Que assim recheado, como um pastel cheio de carne, o asno fique exposto sobre as pedras de pontas cortantes e aos ardores do sol de fogo.

XXXII. “Deste modo, suportarão um e outro, em sua totalidade, as justas sentenças que pronunciastes: o burro, a morte há muito tempo merecida, e ela a mordida das feras, quando os vermes transformarem seus membros em frangalhos; as queimaduras do fogo, quando o ardente calor do sol inflamar o ventre do animal; o suplício da força, quando os cães e os abutres lhe arrancarem as entranhas. E não é tudo: fazei a conta dos tormentos que a atormentarão ainda: viva, habitará os flancos da besta morta. Um fedor intolerável encher-lhe-á as narinas e a sufocará. Por muito tempo sem alimento, ela se consumirá lentamente, nas garras mortais da fome, e não terá nem mesmo as mãos livres para ser o instrumento de sua própria morte.”

Quando ele acabou, todos os bandidos, sem deixarem seus lugares, mas de pleno acordo, declararam-se de sua opinião. E eu, que o ouvia com minhas longas orelhas, que podia eu, senão chorar sobre o cadáver que seria amanhã?

LIVRO VII

I. Quando as trevas foram dissipadas pela claridade do dia, e o carro do Sol iluminou todas as coisas, apareceu um que era do número dos ladrões. Pelas saudações trocadas, reconheceram-no como tal. Sentou-se, cansado, à entrada da caverna. Quando retomou alento, participou ao colégio estas novidades:

“Com respeito à casa de Milão de Hípata, que saqueamos no outro dia, podemos, de agora em diante, deixar de lado toda a inquietação e sentirmo-nos garantidos. Pois, enquanto retomáveis o caminho do nosso acampamento, depois de ter tudo obrado por vossa força e vossa coragem, eu, de minha parte, misturado aos grupos de pessoas do lugar, fingia dor e indignação. Observava quais as providências tomadas para o esclarecimento dos fatos, se procurariam os bandidos e até onde iriam as buscas, a fim de trazer-vos notícias, como me encarregastes. Ora, o consenso unânime, da multidão inteira, fundado não sobre argumentos dúbios, mas sobre probabilidades razoáveis, aponta como autor manifesto da façanha um certo Lúcio, que, alguns dias antes, com o auxílio de uma falsa carta de recomendação, fazendo-se passar por homem honesto, tinha tão bem se insinuado nas boas graças de Milão, que o recebera como hóspede, e o tratara como pessoa de intimidade. Passara ele lá vários dias, e com fingidos sentimentos de amor conquistara o coração da criada. Examinou as fechaduras da porta e explorou curiosamente as partes da casa onde Milão costumava encerrar todo o seu patrimônio.

II. “Alegava-se, a mais, um indício muito forte da sua culpabilidade celerada. Na própria noite, no momento exato do atentado, esse mesmo Lúcio tinha desaparecido, e depois não foi mais visto em parte alguma. Além disto, para fugir mais depressa à perseguição, e tomar um grande avanço para se esconder, encontrou um meio fácil de proteção, pois levou como montaria o cavalo branco que era seu. Na própria casa onde o tinham recebido, prenderam o seu escravo, que forneceria, pensava-se, indicações sobre os crimes e os planos do dono. Depois de encerrado, por ordem dos magistrados, na prisão da cida-

de, tinham-no feito suportar, no dia seguinte, toda a sorte de tormentos, arrancando-lhe as carnes até deixá-lo quase morto. Pois não lhe extorquiram nenhuma confissão sobre esse negócio. Entrementes, numerosos emissários foram enviados à pátria de Lúcio, para procurar o acusado e castigá-lo pelo seu crime.”

Durante a narração, eu comparava ao Lúcio de outra, com sua feliz fortuna, o pobre burro do presente e sua miserável condição. Não foi sem motivo que os antigos representaram a Fortuna, não somente cega, mas também sem olhos. É para os malvados e para os indignos que ela reserva os seus favores. Em vez de fundamentar com justas razões a escolha que faz entre os mortais, prefere a companhia de pessoas das quais deveria fugir, se enxergasse. E o pior de tudo, afinal, é que ela distribui a consideração de modo tão atrabiliário, que o mau se glorifica com a reputação de homem de bem, e o mais inocente, pelo contrário, sofre como um culpado.

III. Assim, eu, que o furor de seus assaltos tinha colocado no lugar de uma besta, o mais estúpido dos quadrúpedes; eu, cuja triste sorte inspiraria compaixão e encheria de dor o coração do mortal mais insensível, acusavam-me de banditismo para com um anfitrião que me era particularmente caro. E ainda não só me acusavam de bandido, como também de parricida, para apresentar o caso como era.⁶⁶ No entanto, eu não podia advogar minha causa, nem proferir uma única palavra negando o crime. Para que meu silêncio não parecesse uma confissão da má consciência, quando me acusavam, diante de mim, de tal crime, sem poder conter-me quis gritar somente: “Não, eu não fiz isto.” Consegui pronunciar a primeira palavra, com uma explosão da voz, por diversas vezes, mas foi-me impossível articular a seguinte. Não adiantava aplicar-me em arredondar os beijos pendentes, e agitá-los; ficava sempre nesta única sílaba, que repetia vociferando: “Não, não.” Mas para que me queixar por mais tempo da estupidez da Fortuna, quando ela vergonhosamente fez de mim o companheiro de escravidão e de jugo do meu cavalo, meu fâmulos e minha montaria?

IV. Agitado por estas cogitações, um cuidado mais importante me preocupou o espírito. Lembrei-me da decisão tomada pelos bandidos de me sacrificarem aos manes da virgem, e, cada vez que, baixando a cabeça, olhava para o ventre, já me sentia grávido da pobre menina.

Entretanto, aquele que acabara de espalhar as calúnias a meu respeito, tirou mil peças de ouro, que tinha costurado, para escondê-las, nas pregas de suas vestes. Tinha-as roubado de vários viandantes, e sua probidade ordenava, como um dever, que as depositasse na caixa comum. Também se informou com solicitude da saúde dos companheiros. Sabendo que alguns deles, ou melhor,

os mais valentes, tinham sucumbido em ações diversas, mas igualmente audaciosas, aconselhou que deixassem de freqüentar as estradas, que cessassem por algum tempo os combates, e se esforçassem fazendo o recrutamento de homens, para que se reconstituísse a marcial coorte. Que se completasse o seu antigo efetivo, pelo arrolamento de novos companheiros de armas. Podiam-se constranger os recalcitrantes pelo terror, e atrair pela sedução do lucro alguns de boa vontade. Quantos homens renunciariam, sem pena, a uma existência humilde e servil, para abraçar uma vida que os faria poderosos como reis! Ele próprio tinha encontrado pouco antes um homem corpulento, de jovem aparência, alto, pronto para a ação. À força de conselhos, conseguira persuadi-lo a consagrar-se a um ofício que aproveitasse melhor as forças em desgaste por um longo ócio. Que aproveitasse, enquanto podia, as benesses de uma boa saúde, e, em lugar de estender a mão robusta para pedir esmolas, que a usasse, antes, para recolher ouro.

V. Após esse discurso, decidiu-se unanimemente admitir o homem de que se falava, considerado com experiência suficiente. Procurariam outros para completar a quadrilha. O ladrão saiu. Depois de um momento de ausência, voltou, tal como tinha prometido, trazendo um jovem gigante, com o qual nenhum dos presentes podia ser comparado, pois, não se falando nas dimensões do resto do corpo, em altura ele os ultrapassava de uma cabeça, e apenas uma lanugem de barba começava a apontar-lhe nas faces. Vestia farrapos desparelhados e descosturados que mal o cobriam. Pelos rasgões apareciam-lhe o peito e o ventre, guarnecidos de um espesso revestimento de músculos.

Entrou. “Saúde”, disse ele, “protegidos do valoroso Deus Marte⁶⁷ e, de hoje em diante, meus fiéis companheiros de armas. Acolhei de boa vontade quem de boa vontade vos procura, homem valente e resoluto, que prefere receber ferimentos pelo corpo do que apalpar o ouro, e cuja morte será o terror dos outros, e a exaltação da coragem. Não me tomeis por um indigente, um ser abjeto, nem avalieis minhas virtudes pelos meus trapos. Fui o cabeça de uma forte quadrilha e devastei toda a Macedônia. Sou eu Hemo de Trácia, o famoso bandido, a cuja menção tremem de horror todas as províncias; meu pai era Terão, ele também bandido ilustre. Nutrido de sangue humano, educado entre as fileiras do bando, sou o herdeiro e o seguidor das virtudes paternas.

VI. “Porém, minha outrora numerosa tropa de bravos companheiros, meus amplos meios de subsistência, tudo que eu tinha, perdi em pouco tempo. Aconteceu que um procurador do príncipe, anteriormente no tratamento de duzentos mil sestércios,⁶⁸ caiu em desgraça e foi destituído do cargo. Na sua passagem, eu o ataquei, e foi a

minha desgraça. Mas, para que estas coisas sejam entendidas, vamos por ordem.

“Havia na corte de César uma pessoa que, por numerosos serviços, distinguira-se conspicuamente e conquistara mesmo a estima pessoal do príncipe. Acusações astuciosas de uma implacável inveja acabaram dando com ele no exílio. Mas sua esposa Plotina, mulher de rara fidelidade e singular pudicícia, que, com dez partos, alicerçara o lar do marido, desprezando e desconsiderando as luxuriosas delícias da cidade, acompanhou o marido em sua fuga, e compartilhou com ele do infortúnio. Com a cabeça raspada, as vestes de talhe masculino, levando sobre o corpo colares valiosos e ouro amoeado, com o qual guarneceu cinturões, passava intrépida no meio dos soldados da guarda e das espadas nuas. Associando-se a todos os perigos do marido, velava sem desfalecimentos por sua vida, e suportava com viril coragem o peso de misérias contínuas. Tinha já deixado atrás de si milhas de viagem difícil e os terrores do mar. Dirigia-se para Zácinto,⁶⁹ que um destino fatal decretara que deveria ser a residência temporária do banido.

VII. “Mas primeiro teriam que aportar à margem do Ácio onde, vindos da Macedônia, operávamos então. Os viajantes, vendo que avançava a noite, deitaram-se, para evitar os balanços do mar, num pequeno albergue, nas proximidades das costas e do navio, quando caímos sobre eles, e roubamos-lhes tudo. Não foi, no entanto, sem que corrêssemos um sério perigo, que abandonamos o lugar. Ao primeiro rumor, com efeito, a matrona correu para a porta, atravessou o quarto, inquietou toda a gente com seus clamores, dirigindo-se individualmente aos soldados, aos criados, chamando em seu socorro até os vizinhos. E sem o pavor dessa gente que, no íntimo, adotava o lema de cada um para si, não sairíamos dali impunemente.

“Mas logo a nobre mulher, inigualável de fidelidade — é preciso dizer as coisas como as coisas são — despertou interesse por sua virtuosa conduta, implorou ao nome de César, obteve para o marido um pronto regresso, e para nossa agressão plena vingança. César decidiu logo que o bando do ladrão Hemo deixaria de existir, e de repente ele desapareceu. Tal é o poder que exerce a simples vontade de um grande príncipe. Realmente, toda a quadrilha, batida pelos destacamentos de soldados, acabou por ser desmantelada e exterminada. Só eu escapei à pena e fugi, eis como, das fauces de Orco:

VIII. “Sob uma suntuosa roupa florida de mulher, com os seios flácidos, balouçantes, com uma pequena touca de fazenda sobre os cabelos, calçado com delicadas sandálias brancas, femininas, e escondendo minha identidade com os exteriores do sexo fraco, passei através da soldadesca ameaçante, sentado de banda num asno carregado

de espigas. Tomavam-me pela mulher de qualquer tocador de burro, e deixavam-me livre para seguir, pois que, nessa ocasião, minhas faces glabras tinham a frescura e o brilho da infância.

“Entretanto, não desmenti nem a glória paterna nem a minha própria virtude: ainda pouco seguro, na vizinhança dos gládios belicosos, sob a proteção do meu disfarce enganador, ataquei sozinho fazendas e aldeias, e acumulei assim um pequeno viático.” Ao mesmo tempo, abrindo os trapos, espalhou diante de todos duas mil moedas de ouro: “Aqui está”, disse, “uma pequena gratificação, e ainda me ofereço também, se não fizerdes objeção, como um chefe com o qual podeis contar, e que, em pouco tempo, fará desta casa de pedra, uma de ouro.”

IX. Sem hesitação nem demora, todos os ladrões, por unanimidade, o aclamaram seu chefe, levaram-lhe roupa mais decente, convidando-o a se desfazer dos seus ricos trapos. Operada essa metamorfose, cada um lhe deu um beijo. Depois, puseram-no sobre o grabato, no lugar de honra, e para festejar a sua entrada solene, fizeram um banquete copiosamente regado. Em meio da conversa, ele soube como a moça tinha fugido, como eu lhe servira de montada e a que morte monstruosa fôramos condenados um e outra. Ele perguntou em que lugar se encontrava ela. Conduziram-no para lá. Depois de ter visto as cadeias com que a tinham sobrecarregado, voltou-se com uma careta de desaprovação. “Não sou tão bruto, e nem tão temerário certamente”, disse, “que vá de encontro à vossa decisão. Não poderia, entretanto, dissimular meu modo de ver, sem expor minha alma às reprovações da má consciência. Começai por dar-me um voto de confiança, pois cuido do vosso interesse. Pois bem, se a minha sentença vos desagradar, será sempre tempo de voltar ao burro. Mas eu acho que um ladrão, se for sábio, não deve colocar coisa alguma acima do seu lucro, nem a vingança, que mais freqüentemente recai sobre aquele que a exerce. Ora, se perderdes a virgem no burro, não fareis nada melhor do que satisfazer vossa indignação, sem o menor proveito. Opino ser mais lucrativo conduzi-la para alguma cidade e aí vendê-la. Com tal juventude, tira-se um preço não desprezível. Por mim, conheço alguns negociantes de gente que, um ou outro, penso, dará por esta moça belos talentos, que tanto vale por seu nascimento, para fazê-la entrar num lugar de onde não fugirá mais para os campos. Ao mesmo tempo, quando ela estiver reduzida à servidão do lupanar, vossa vingança estará completa. Isto é o que proponho, coisa sincera e vantajosa. Mas sois vós os donos de vossas decisões e de vossos bens.”

X. Foi assim que, tendo-se arvorado em advogado do tesouro junto dos ladrões, apresentou nossa defesa, como protetor da virgem e do burro. Mas a deliberação entre

eles foi longa, e a expectativa de uma decisão que tardava me torturava o coração, ou antes, me arrancava uma vida expirante. Por fim, concordaram com a proposta do ladrão recém-chegado e livraram depressa a virgem dos seus vínculos. Assim que ela viu o moço e ouviu falar de prostituição e do tráfico de escravos, pôs-se a rir e a manifestar tanta alegria, que me senti impelido a acusar todo o seu sexo, dizendo-me que ali estava uma moça que fingia amar o noivo, desejar uma casta união, e que, no entanto, só o nome de lupanar a deleitava. E então, nesse instante, a totalidade das mulheres e sua moralidade dependeu do julgamento de um burro.

Entrementes, o moço retomava a palavra: “Que esperamos para oferecer nossas preces a Marte Companheiro, antes de irmos vender a moça e procurar ao mesmo tempo novos sócios? Mas vejo que aqui não há nenhum animal para o sacrifício, nem mesmo vinho em abundância para beber. Arranjai-me dez companheiros, e não é preciso senão atacar o castelo vizinho, para vos arranjar um banquete comparável ao dos Sális.

Ele se foi, enquanto os outros preparavam um vasto fogo e erguiam ao Deus Marte um altar de virente relva.

XI. Pouco depois, voltaram nossos homens, trazendo odres de vinho e tangendo um rebanho, no qual escolheram um grande bode velho, de áspero tosão, para sacrificar a Marte, Seguidor e Companheiro. E, em seguida, fizeram-se os preparativos de uma opípara refeição. O anfitrião retomou a palavra: “Não é somente em vossas pilhagens e vossas depredações, mas será verdadeiramente em vossos prazeres que encontrareis em mim as qualidades de chefe.” E, pondo mãos à obra, arranjou tudo com notável facilidade. Varreu, arrumou a mesa, cozinhou, preparou os pratos de carne, serviu como um artista, mas sobretudo encheu até as bordas vastos copos, para uns e outros, tantos que poderia afogá-los a todos. Ao mesmo tempo, simulando precisar procurar tudo quanto exigia o serviço, ia sem cessar para junto da moça, a quem oferecia, sorridente, bocados sorrateiramente subtraídos, ou copos que tinha começado a provar. Tudo ela aceitava com bom apetite, e quando ele queria abraçá-la, ela o beijava prontamente. Estas coisas muito me desagradavam. “Com que então esqueceste teu casamento, e aquele que, virgenzinha, também desejavas? Ao esposo que desconheço, e a quem acabavam de unir-te os teus pais, preferes este adventício sanguinário? Não te aguilhoa a consciência? Apraz-te calcar aos pés as afeições, para te prostituíres entre lanças e gládios? E se, de qualquer modo, os outros ladrões se aperceberem disso? Não voltarás então ao asno, sendo assim o instrumento da minha morte? Verdadeiramente, tu brincas com o couro dos outros.”

XII. Enquanto, com razões de sicofanta,⁷⁰ eu disputava comigo mesmo, indignado ao máximo, algumas de suas

palavras de sentido duplo, mas não totalmente obscuras para um burro prevenido, esclareceram-me que não se tratava de Hemo, o bandoleiro famoso, mas de Tlepólemo, o próprio esposo da moça. Aconteceu que, ao correr da conversa, ele erguera um pouco a voz, sem se importar com a minha presença, como se de fato eu já estivesse morto: “Coragem, Caridade dulcíssima, pois todos estes inimigos, logo os terás cativos.” E voltou a servir com mais freqüência. Aos camaradas já inseguros e mergulhados numa crapulosa bebedeira, não parou mais de os fazer entornar vinho, não misturado desta vez, mas ligeiramente aquecido, e do qual ele próprio se absteve. E, por Hércules, eu já suspeitava disso, juntava-lhe cântaros de alguma droga soporífera. Não tardou que todos, mas todos absolutamente, jazessem sepultados em vinho, bêbados, mortos. Então, sem o menor esforço, ele os amarrou bem amarrados, imobilizou-os à vontade, pôs a moça sobre o meu lombo, e dirigiu nossos passos para a sua pátria.

XIII. Quando chegamos, toda a cidade ao mesmo tempo saiu para nos contemplar. Acorreram ao nosso encontro pais, afins, clientes, protegidos, criados, a face alegre, delirantes de contentamento. E teríeis visto, por Hércules, um memorável espetáculo, a multidão de todos os sexos e de todas as idades levando a virgem triunfante sobre um burro. E eu então, tomando parte pessoalmente nessa alegria, para não ter um ar alheio às circunstâncias, e não cometer discrepância, empinei as orelhas, enchi bem de ar as ventas e me pus a zurrar vigorosamente, com um clamor de trovão. A moça fora levada para o quarto, recebendo dos pais cuidados que a situação justificava. Tlepólemo se apressou a me reconduzir para o lugar de onde viéramos, com um grande número de jumentos e de cidadãos, o que não me desagradou, pois à minha curiosidade ordinária se acrescentava, dessa vez, o desejo de assistir como espectador à captura dos ladrões. Foram encontrados mais bem amarrados com o vinho do que com os vínculos. Tudo que lá havia foi tirado e levado para fora. Carregaram-nos de ouro e prata, e outras valiosas coisas, e, quanto aos próprios ladrões, fizeram rolar alguns, atados como estavam, até os rochedos próximos, de onde os precipitaram; outros foram deixados no mesmo lugar, depois de terem-lhes cortado as cabeças com seus próprios gládios.

Voltamos à cidade cheios de alegria e satisfação com essa vingança. O tesouro foi confiado à custódia pública. Tlepólemo tomou posse legalmente da esposa reconquistada.

XIV. A partir desse momento, a recém-casada, que me chamava seu salvador, teve comigo pequenos cuidados. No próprio dia das núpcias, recomendou que enchessem bem a manjedoura de cevada, e mandou que me servis-

sem uma ração de feno, suficiente para um camelo de Bactriana.⁷¹ Mas com quantas imprecações maldisse eu a Fó-tis, que me trocou em burro e não em cão, pois os cães encheram a pança, quase a estourar, com os restos da abundante mesa ou com os bocados que furtavam.

Depois da primeira noite e da iniciação na arte de Vênus, a recém-casada não cessou de proclamar sua gratidão para comigo, aos seus pais, e aos do marido, até que obteve deles a promessa de me prestarem grandes honras. Convocaram finalmente os amigos, gente sensata, para consultá-los sobre a melhor maneira de me recompensar de acordo com os meus merecimentos. Um opinou que me conservassem em casa, ocioso, engordando-me com cevada escolhida, fava e ervilha. Mas prevaleceu a opinião de um outro que, concordando em tese com a minha liberdade, aconselhava que me deixassem correr de preferência pelos campos e pelas planícies, mesclando meus impulsos aos das tropilhas de cavalos, para que, cobrindo as éguas, desse aos meus donos, com esse fogo generoso, grande número de mulas para criar.

XV. Mandaram vir então o zelador dos cercados dos cavalos e, depois de grandes recomendações, encarregaram-no de me levar. Com que alegria trotava eu diante dele, sem carregamentos nem fardos, devolvido à liberdade, no começo da primavera, certo de que encontraria algumas rosas nos prados cobertos de plantas. E vinha-me ainda ao espírito um outro pensamento: se tantos agradecimentos e tantas honrarias eram prestadas ao burro que eu era, quantos favores me seriam dispensados se retomassem a forma humana?

Mas, depois que esse burriqueiro me conduziu para longe da cidade, não encontrei mais doçura, nem sequer liberdade. Aconteceu que sua mulher, uma criatura odiosa e avarenta, tomou logo conta de mim, para me fazer mover a mó do moinho, e, dispensando-me freqüentes corretivos com lenha verde, era na minha pele que ganhava seu pão e o de sua família. De resto, não se contentava em tirar da minha fadiga a sua própria subsistência: alugava meus serviços aos vizinhos para os quais moía trigo. Em troca de tanto trabalho, eu não recebia nem a alimentação estipulada. Pois que a minha cevada, pisada e esmagada na mó que eu mesmo volteava, era vendida por ela aos camponeses das vizinhanças. E eu, atrelado o dia inteiro à trabalhosa máquina, tinha que esperar a noite para que ela me servisse um sujo farelo misturado com areia.

XVI. Sentia-me acabrunhado com tantas provas, e a Fortuna, em sua crueldade, infligia-me ainda novas torturas, a fim de que nada faltasse à plena glória dos meus serviços civis e militares. Certo dia, por fim, o egrégio pastor de burros me enviou para misturar-me ao rebanho de cavalos, conformando-se, um pouco tarde, com as or-

dens do donos. Alegre como um asno, por fim livre, eu saltitava, estremecia, avançava com imponência, e escolhia já as éguas, minhas futuras concubinas. Mas estas ridículas esperanças naufragaram uma vez mais, ao vir o terrível desastre. Os garanhões, que havia muito tempo deixavam pastar livremente e engordar à vontade, com vistas ao acasalamento, tornavam-se temíveis, e, em todo o caso, mais fortes do que qualquer burro, embirraram comigo. Para prevenir um degeneração adúltera, puseram-se a perseguir o rival com todo o furor de um ódio violento. Em desacordo com as leis de Júpiter hospitaleiro, um, erguendo o vasto peito, com o pescoço esticado, a cabeça alta, me atacou, beligerante, com os cascos dianteiros. Outro, voltando para mim sua anca larga, de poderosos músculos, me desancou de coices com as patas traseiras. Um terceiro, com um relincho maligno, deitando as orelhas e descobrindo, como facas, os dentes muito brancos, rasgou-me o corpo todo de mordidas. Era assim, tinha eu lido na História, que um rei trácio entregava seus desgraçados hóspedes para serem lacerados e devorados em galopes selvagens. Seria para economizar cevada que ele, tirano prepotente, acalmava a fome das bestas vorazes com grande quantidade de corpos humanos.⁷²

XVII. Despedaçado eu também, do mesmo modo, pelos variados ataques desses cavalos, até que gostaria de voltar às minhas voltas no moinho. Mas a insaciável Fortuna, que não se cansava de me torturar, arranjou-me um novo flagelo. Com efeito, deram-me como tarefa transportar lenha da montanha e puseram-me às ordens de um pequeno escravo, que era o mais detestável de todos os velhacos. Como se não bastasse a áspera subida dos pinheiros escarpados, nem as pedras pontudas contra as quais eu arrebatava os cascos, estriava-me ainda o lombo, ao longo do caminho, com pauladas tão freqüentes, que a dor dos golpes me penetrava até a medula. E como era sempre na coxa que se abatia o cacete, à força de golpear no mesmo lugar, tinha desaparecido o couro, e uma larga ferida cavara ali uma fenda, isto é, um buraco, ou ainda, uma janela. Porém, ele se encarniçava cada vez mais sobre o ferimento, do qual escorria sangue. Impunha-me, além disso, um fardo tão pesado, que quem visse meu carregamento de lenha di-lo-ia destinado a um elefante e não a um burro. E ainda havia mais: cada vez que o peso, irregularmente repartido, fazia escorregar minha carga, em lugar de erguer, como deveria fazer, os paus que pendiam, ou de me aliviar, diminuindo um pouco o feixe, ou de restabelecer pelo menos o equilíbrio, fazendo-os passar para o outro lado, ele lhes acrescentava pedras. Era a sua maneira de remediar a desigualdade do peso.

XVIII. E ainda achava pouco acabrunhar-me, depois de tantos reveses sob uma carga desproporcionada. Se nos acontecia atravessar o rio, que corria renteando a estrada, para proteger os sapatos, evitando molhá-los, ele próprio saltava para cima de mim e caía sentado sobre os meus rins, sem dúvida um suplemento muito leve ao peso que eu já suportava. Às vezes, incidentemente, eu fraquejava sob o peso, que me ultrapassava as forças, e caía na lama visguenta que tornava escorregadias as margens altas do rio. Como consciencioso almocreve, ele deveria me ajudar, sustentar-me pelos freios, levantar-me pela cauda, aliviar-me de parte da pesada carga, dar-me tempo, ao menos, de me firmar nas patas. Mas nada. Apesar de minha fadiga, não me socorria; porém, começando pela cabeça, ou antes, pela pontinha das orelhas, malhava-me todo o corpo com um enorme pau, até que, como se fossem um estimulante, os próprios golpes me fizessem levantar.

Foi ele ainda quem excogitou, para mim, uma artimanha infernal. Tomou espinhos muito agudos, de ponta letal e picada venenosa, teceu um nó em torno deles, para reuni-los em feixe, e ligou-os à cauda como um enfeite. Esse instrumento de suplício, posto em movimento quando eu caminhava, devia me cutucar com suas funestas agulhas e me cobrir de ferimentos.

XIX. Assim, eu sofria um duplo mal. Se galopava e me furtava às cruéis perseguições, os espinhos me espetavam mais acerbamente; se, escapando à dor, eu me detinha um momento, os golpes me forçavam a correr. Dir-se-ia que o velhaquete não tinha outra coisa na cabeça senão trabalhar para a minha perdição, de um ou de outro modo. Acontecia-lhe, mesmo, de resto, ameaçar-me disso, debaixo de juramento.

Sobreveio, precisamente nessa época, uma oportunidade que lhe estimulou a detestável malícia a empreender coisa pior. Um dia, com efeito, ultrapassando todos os limites, abusou de minha paciência, e eu lhe atirei um valente coice. E eis a armadilha que ele inventou para mim: carregou-me com um grande fardo de estopa, fortemente amarrado com cordas, e fomos para a estrada. Na primeira fazenda, furtou uma brasa, que colocou no meio da carga. Vivificado e alimentado pelo tênue combustível, o fogo jorrou chamas e me envolveu inteiramente com sua ardência mortal. Nessa extremidade, eu não entrevia refúgio, nem remédio, nem salvação, e, no entanto, o incêndio não admitia delongas, e não esperava pelos conselhos da sabedoria.

XX. Mas a Fortuna houve por bem fazer brilhar em minha desgraça um raio de alegria. Talvez me reservasse para futuros perigos. O certo é que, na circunstância, salvou-me da morte já tão próxima. Aconteceu que forte chuva, caída na véspera, formara ali perto uma lagoa de

água barrenta. Notei isso e, com um pulo inesperado, nela mergulhei completamente. Quando afinal, saí, estava ao mesmo tempo livre do meu fardo e salvo da morte. Mas o patifezinho, ultrajado, ainda encontrou maneira de lançar sobre mim o seu crime abominável. Afirmou a todos os pastores que eu, voluntariamente, passando perto de um fogo aceso nas vizinhanças, tinha dado um passo em falso e caído, de modo que me tinha incendiado de propósito. E acrescentou, rindo: “Até quando nutriremos sem proveito esse incendiário?”

Daí a poucos dias, armou contra mim uma astúcia ainda mais pérfida. Depois de ter vendido numa cabana vizinha a lenha que eu transportava, reconduzia-me vazio, quando exclamou que não podia calcular até onde iria a minha malvadez, que estava farto do maldito ofício de tropeiro. E inventava calúnias desta ordem:

XXI. “Vede este preguiçoso, este lerdo, mais burro do que é permitido ser. Não bastam todos os outros malfeitos seus, e ainda me põe em novos perigos. Se vê, de longe, passar na estrada uma bonita mulher, uma virgem núbil, ou um tenro juvenzinho, logo atira para longe a carga, sacode por vezes até o arreio, e lança-se como um doido, furioso de libidinosos desejos por criaturas humanas, atira-as por terra, aproxima-se arquejante de desejo, faz tentativas monstruosas e inauditas de bestiais volúpias, convidando a núpcias que Vênus reprovava, pois não é dos beijos que ele procura a ilusão, apertando e mordendo a vítima com seu beijo insolente. Isto resultará em reclamações indignadas, disputas, e talvez perseguições criminosas. Ainda há pouco, vendo uma honesta moça, esparramou a lenha que trazia, caiu furiosamente sobre ela, com um ímpeto de danado, estendeu-a na lama, e ali, diante de toda a gente, esse delicado amante diligenciou possuí-la. Se alguns passantes, alarmados, não tivessem acorrido em seu socorro, e não a tivessem arrancado e salvo de entre as patas do animal, a infeliz, pisada, quebrada, suportaria um suplício cruciante, e atrairia para nós, prevejo, a pena de morte.”

XXII. Com falsidades deste gênero, entremeadas de outras conversas mais acabrunhadoras para o meu honesto silêncio, excitou os ânimos dos pastores para me fazerem perecer, enchendo-os de um ardoroso ódio. E um deles disse: “A este sedutor tarado, a este perfeito adúltero, que esperamos para sacrificá-lo por suas núpcias monstruosas? Vamos, meu rapaz”, acrescentou, “corta-lhe o pescoço; atirarás sua barrigada aos nossos cães, e todo o resto da carne reservarás para a ceia dos obreiros. Curtiremos o couro, esparzinhado cinza sobre ele, e o levaremos aos nossos donos. Não será difícil fazê-los acreditar que foi o lobo quem o matou.”

Sem mais hesitação, meu funesto acusador, e, ao mesmo tempo, executor da sentença dos pastores, insul-

tando meus males, preparava já o ferro, aguçando-o alegremente numa pedra ao lembrar-se daquele coice que, com grande pena minha, eu vos juro, tinha ficado sem efeito.

XXIII. Mas alguém do grupo dos camponeses tomou a palavra: “Seria um crime”, disse, “matar dessa maneira um burro tão bonito, sob pretexto de luxúria e libertinagem, privando-nos do seu trabalho e de seus preciosos serviços, quando é suficiente castrá-lo para impedi-lo de empreendimentos amorosos; vós ficaríeis, assim, livres de toda apreensão. Ainda por cima, a operação o faria engordar e tomar uma bela aparência. Já vi freqüentemente, não digo asnos indolentes, mas fogosos cavalos, que os libidinosos sentidos trabalhavam a ponto de os tornarem inquietos e enraivecidos, e que essa amputação tornou tratáveis e mansos, habilitando-os para a carga, e fazendo-os mansos para todo e qualquer serviço. A menos que meus conselhos não vos agradem, eu, com pouco — o tempo de ir, como pretendia, ao mercado vizinho — poderia apanhar em casa os instrumentos destinados a esse trabalho, voltar depressa para os encontrar, e encarregar-me de transformar este bruto galã indesejável, afastando-lhe as coxas, num castrado mais inofensivo do que um carneiro.”

XXIV. Esta proposta, se me arrancava das unhas de Orco, reservava-me em troca uma pena inominável, e eu chorava ao pensamento de que iria perecer totalmente a parte mais recôndita do meu corpo. Cheguei a pensar em suicídio, por uma abstinência prolongada, ou lançando-me de um precipício. Não deixaria de morrer, mas morreria inteiro. Enquanto eu assim hesitava sobre a escolha de minha morte, pela manhã o rapaz que me assassinava me fez retomar, como de costume, o caminho da montanha. Acabara de me atar a um galho que pendia de uma árvore gigantesca, e, um pouco afastado dali, cortava com um machado a lenha que devia descer, quando, de súbito, de uma caverna vizinha, erguendo a cabeça funesta, saiu um urso carniceiro. Tremendo de medo ao ver isso, apavorado pela inesperada aparição, arriei com todo o peso do corpo sobre as patas de trás, espichei o pescoço, levantei a cabeça, arrebentei a correia que me prendia, e fugi a todo galope. Nem eram mais meus pés que me levavam, era todo o corpo lançado para a frente que rolava ligeiro pela encosta abaixo. Abria-se lá uma planície, por onde enveredei, tendo pressa, antes de tudo, de escapar ao urso monstruoso e ao menino pior do que o urso.

XXV. Nesse momento, um passante, que me viu vagando solitário e sem dono, apossou-se de mim, montou agilmente no meu lombo e, batendo-me com um pau que levava, conduziu-me por trilhas que eu não conhecia. Prestei-me, sem desagrado, a um galope que me distan-

ciava do esmagamento de minha virilidade. Quanto aos golpes, não me comoviam absolutamente, habituado que estava, de acordo com as regras, a ser fustigado.

Mas a Fortuna, sempre encarniçada em me perder, opôs um obstáculo, com desastrosa rapidez, a uma retirada tão oportuna, e armou contra mim novas insídias. Os pastores, procurando uma de suas novilhas que se tinha perdido, e percorrendo a região em todos os sentidos, encontraram-nos por acaso e reconheceram-me logo. Apoderando-se do meu freio, esforçaram-se por me arrastar. Mais o outro resistiu com tanto vigor como audácia, tomando por testemunhas os homens e os deuses. “Por quê?”, perguntou ele, “este rapto e esta violência? E por que este ataque?”

“Que dizes? Nós te maltratamos, nós te causamos mal, quando foste tu que trouxeste nosso burro, depois de o teres roubado? Conta-nos, é melhor, onde escondeste o menino que tomava conta dele. Mataste-o, sem dúvida.” E logo o apearam, lançaram-no por terra, marretaram-no a murros, machucaram-no com pontapés. Ele jurou que não tinha visto o menino que tangia o burro; que, encontrando o asno solto e sozinho, agarrara-o para que lhe tocasse o prêmio do achado. Que, demorando a procura, tinha a intenção de o restituir ao dono. “Ah, só o burro, só ele, que eu gostaria bem de jamais ter visto, se falasse como homem, poderia prestar testemunho de minha inocência. Lamentaríeis, estou certo, a injúria que me fazeis.”

Todos esses protestos foram em pura perda. Os pastores, sem contemplação, agarraram-no pelo pescoço e o levaram para a nemorosa montanha, onde ficava o bosque percorrido pelo menino para tirar lenha.

XXVI. Não o descobriram em parte alguma, mas viram seu corpo reduzido a frangalhos, e os membros em pedaços, esparsos pelo chão. Eu sabia, fora de dúvida que os dentes do urso haviam feito esse trabalho, e certamente o teria dito se pudesse fazer uso da palavra. Mas tudo quanto podia fazer era congratular-me interiormente de que uma vingança tão tardia o tivesse alcançado. Quando, por fim, reuniram os fragmentos dispersos e penosamente reconstituíram o cadáver, confiaram-no ao seu lugar, na terra. Quanto ao meu Belerofonte,⁷³ que acusavam como indubitavelmente autor de um rapto e de uma morte cruenta, levaram-no às suas cabanas, amarrado, esperando fazê-lo comparecer no dia seguinte, pela madrugada, diante dos magistrados, para sofrer, diziam eles, a pena de seu crime.

Entretanto, os pais do menino lamentavam sua sorte, batendo no peito e chorando, quando chegou o campônês, que, não faltando à promessa, insistia em fazer em mim a operação combinada. “Por causa dele é que tivemos prejuízo, hoje”, disse um deles. “Mas amanhã queremos é isso mesmo; arrancar-lhe não somente as glândulas

genitais, mas também a cabeça. E todos que aqui estão, não recusarão o seu auxílio.”

XXVII. Foi assim que a minha catástrofe foi adiada para o dia seguinte. Eu abençoava o bom rapaz que, com sua morte, tinha-me pelo menos prestado o serviço de demorar a obra do carrasco, quando mais não fosse, pelo curto espaço de um dia. Mas mesmo esta modesta dilação foi recusada à minha alegria e ao meu sossego, pois a mãe do menino, chorando a morte prematura do filho, com os olhos inundados de lágrimas, coberta de luto, arrancando com as duas mãos os cabelos brancos enxovalhados de cinza,⁷⁴ com gritos agudos e repetidos apelos, irrompeu pela minha estrebaria adentro. E enquanto batia violentamente nos seios, ferindo-se, dizia: “Vede-o! Sem preocupações, inclinado sobre a manjedoura, entrega-se à gula, e não pára de devorar, distendendo as profundezas insaciáveis do ventre. Não tem piedade do meu infortúnio, nem um pensamento para a desgraça inaudita do seu defunto dono. Ao que parece, despreza e desdenha minha idade, minha fraqueza, e se vangloria de um crime que permanecerá impune. E mais. Talvez se presuma inocente. Como é comum com os piores criminosos, apesar da consciência do mal feito, crê que não será inquietado. Entretanto, em nome dos deuses, abominável quadrúpede, mesmo que recebesses temporariamente o uso da palavra, poderias persuadir alguém que não tiveste culpa, quando poderias proteger o pobre pequeno com tuas patas e defendê-lo com os dentes? Mais de uma vez soubeste persegui-lo com teus coices. E quando ele ia morrer, não pudeste vir em seu auxílio com a mesma prontidão? Podias, ao menos recebê-lo em teu dorso, apressando-te a levá-lo, arrancando-o às mãos sanguinárias do temível bandido; afinal: não abandonares sem socorro, para fugires sozinho, o teu camarada de escravidão, teu dono, teu companheiro, teu pastor. Ignoras então que os que negam salutar auxílio aos que estão em perigo de morte, são, por isso mesmo, passíveis de castigo, por terem agido contra os costumes? Mas não te alegrarás por muito tempo com as minhas desgraças, assassino. Eu te farei sentir que para a dor cruel a natureza forja armas.”

XXVIII. Assim dizendo, deslizou as mãos por sob as vestes, arrancou a própria faixa, e, ligando-a em torno de meus pés, apertou-os fortemente um contra o outro, de maneira, penso, a não me deixar nenhum modo de exercer qualquer vingança. Depois, tendo apanhado uma tranca que servia para firmar a porta do estábulo, bateu até que, esgotada, no fim das forças, com seu próprio peso a arma lhe escapou das mãos. Então, amaldiçoando a fadiga rápida demais dos seus braços, pegou um tição de fogo vivo, e mo enfiou entre as coxas; então, usando o único recurso que me restava, com um jato de fezes fedo-

rentas emporcalhei-lhe a frente e os olhos. A cegueira e o mau cheiro, decidiram-na, por fim, a fugir, sem acabar comigo. Sem isso, o tição de uma Altéia delirante causaria a morte do asno Meleagro.⁷⁵

LIVRO VIII

I. À noite, na hora em que canta o galo, chegou da cidade próxima um homem que me pareceu ser um dos fâmulos daquela Caridade que, entre os ladrões, tinha passado comigo por muitos infortúnios. Trazia estranhas e terríveis notícias. A dona havia perecido e tombara a desgraça sobre a casa. Sentando-se junto do fogo, entre os escravos reunidos, falou:

“Palafreneiros e pastores, e vós também boiadeiros, ela não existe mais, a nossa Caridade; não mais existe, pobre criança. Vítima de um destino trágico, foi-se para os Manes, mas não sem escolta. Para que não ignoreis nada, contarei desde o começo. Mereciam que gente mais douda, dotada pela fortuna do dom do estilo, pusesse por escrito, e em forma de história, o que aconteceu.

“Havia, na cidade vizinha, um moço que devia ao seu nascimento nobre uma situação brilhante e de amplos recursos; era, porém, libertino, gozador, sedutor de moças, e grande bebedor, em pleno dia. Ligara-se secretamente com facções de malfeitores e as suas próprias mãos não estavam limpas de sangue humano. Chamava-se Trasilo. Sua fama correspondia à realidade.

II. “Assim que Caridade amadureceu para o casamento, ele se colocou entre os seus principais pretendentes, pondo um particular ardor em obter-lhe a mão; se bem que fosse de uma classe superior à de todos os concorrentes, e apesar dos ricos presentes com que pensava aliciar-lhe os pais, sua má reputação de improbidade, todavia, lhe trouxe a humilhação de uma recusa. Vendo, então, a filha dos nossos amos concedida ao honesto Tlepólemo, alimentava com perseverança o amor caído de tão alto, e ao mesmo tempo o ressentimento de pretendente preterido, procurando o jeito de cometer a sangrenta façanha. Tendo, enfim, encontrado uma oportunidade favorável para obter acesso à casa, dispôs tudo para o crime que meditara havia muito tempo. No dia em que a moça foi salva dos gládios ameaçadores dos ladrões devido à valentia e à astúcia do seu noivo, foi notada a satisfação com que, misturando-se ao povo que lhe levava cumprimentos, Trasilo testemunhou aos recém-casados alegria por sua libertação presente, e, esperanças de prole no fu-

turo. Em consideração para com uma ilustre família, nossa casa o recebeu como hóspede de honra, enquanto ele escondia seus planos criminosos sob a máscara enganadora da leal amizade. Começaram logo as contínuas conversas, os encontros freqüentes. Às vezes, ele era convidado também para comer ou para beber. O amigo se tornava cada vez mais estimado, enquanto, insensivelmente, sem percebê-lo sequer, precipitava-se no abismo para o qual o arrastava a sua paixão. O que não era de espantar. A chama do cruel Amor, fraca a princípio, nos encanta com seu suave calor. Mas quando o hábito o alimenta, ele se transforma em fogo ardente, que nada detém, e consome inteiramente os homens.

III. “Trasiló, havia tempo, cismava em como começar uma ligação amorosa clandestina com a nossa jovem ama. O amor adulterino, bem o via, era difícil. Compreendia que um sentimento novo, que crescia cada vez mais, era um laço muito sólido para poder ser rompido. Supondo-se que a mulher consentisse (consentimento muito problemático), havia em torno dela vigilância suficiente para desencorajar qualquer iniciação nos furtos conjugais. No entanto, foi o impossível que o impeliu (como se fosse possível), à obsessão que o perdeu. O que, no momento, julgou difícil, o seu amor, à medida que se fortalecia, fez-lhe parecer perfeitamente realizável. E assim, vede, eu vos peço, considerai, suplico-vos, com toda vossa atenção, a que excessos podem levar os transportes de uma louca paixão.

IV. “Tlepólemo um dia partira para a caça, levando consigo Trasiló. Propunha-se seguir o rastro de animais selvagens, se é que a palavra selvagens se pode aplicar a veados. Caridade, com efeito. não permitia que o marido perseguisse bestas armadas de dentes ou de cornos. Tinham chegado junto a um morro arborizado, coberto da sombra de ramadas que, limitando a vista, escondiam dos caçadores os cabritos. Soltaram então os cães, rastreadores de boa raça, com a missão de surpreenderem a caça no fundo de suas tocas. Fiéis às lições de uma orientação prudente, eles logo se dividiram e cercaram todas as saídas. Limitaram-se, de começo, a rosnidos abafados; depois, bruscamente, a um sinal, tudo vibrou com o ruidoso clamor de seus latidos discordantes. Mas o que apareceu não foi um cabrito montês, nem um gamo trêmulo, nem, mais doce que todos os seus congêneres, uma corça. Foi um javali, tal como nunca se viu outro igual. Calombos de músculos faziam saliência sob a grossa pele; seu couro se eriçava, com um pelo esqualido; cerdas se lhe erguiam híspidas sobre a espinha; suas presas, de ruidoso atrito, estavam cobertas de espuma; os olhos ameaçadores tinham um olhar chamejante, e as bocadas furiosas de sua goela fremente faziam-no assemelhar-se ao raio. Primeiro, os cães mais arrojados o apertaram de perto. Aos avan-

ços, daqui e dali, ele os destripou e matou. Depois, pisando os fracos rastros, lá onde detiveram o seu primeiro impulso, franqueou o obstáculo, e se foi.

V. “Aturdidos de pavor, e, demais, habituados principalmente a caças inofensivas; desprovidos mesmo, nas circunstâncias, de meios de defesa e proteção, abrigamo-nos entre as frondes, escondidos atrás das árvores. Trasilo, porém, vendo ali uma ocasião oportuna para as suas fraudes e astúcias, dirigiu a Tlepólemo estas palavras capciosas: ‘Vamos ficar estuporados e confusos, presos de vão pavor, como escravos que se atiram ao chão, ou desfalecentes como mulheres, e deixar escapar de nossas mãos a presa magnífica? Que esperamos? Depressa, a cavalo! Agarrá-la-emos. Vamos. Aqui está uma espada, eu tenho uma lança.’ Sem perder um instante, saltaram de um pulo sobre os cavalos e se lançaram com ardor à perseguição da fera. Esta, com genuíno vigor, fez meia-volta, incendiada de um ardor selvagem. Arreganhou os dentes e olhou, indecisa sobre a qual atacaria primeiro. Mas Tlepólemo começou, golpeando o dorso da fera com a arma que tinha na mão. Foi então que Trasilo; sem fazer mal ao javali, feriu com sua lança o cavalo que levava Tlepólemo e cortou os jarrêtes do animal. O quadrúpede se abateu no sangue, que perdia em abundância, e, virando completamente, sem querer fez o dono rolar pelo solo. O moço não foi longe. O javali, furioso, lançou-se sobre ele, ainda estendido no chão, lanhou a dentadas, primeiro as vestes, depois o próprio Tlepólemo, que procurava se levantar. E o bom amigo lamentou tão pouco o nefando atentado, que até mesmo ver em tão grande perigo a vítima oferecida em sacrifício pela sua ferocidade, não bastou para satisfazê-lo; e, pois, quando Tlepólemo, abatido pelos golpes e tentando em vão proteger os ferimentos, implorava-lhe auxílio com voz lamentável, Trasilo lhe atravessou a coxa direita com a lança, tanto mais decididamente quanto contava que o ferimento do ferro se parecia com os talhos de dentadas. Depois, com mão segura, trespas-sou também a fera.

VI. “E, deste modo, tendo o jovem acabado assim seus dias, saímos todos dos esconderijos e acorremos, os servidores, em pranto. Apesar de alegre, por ver seu inimigo prostrado e seus desejos cumpridos, Trasilo escondeu o contentamento sob a expressão do rosto. Fronte sombria, exprimindo mágoa, abraçou doloridamente esse cadáver que era obra sua, e aparentou pesar hipócrita. Só as lágrimas se recusavam a sair. Compondo a atitude à semelhança da nossa, e esta sim, sincera, e lamentando como nós isso de que era a sua mão culpada, imputava a culpa à fera.

“Mal fora perpetrado o crime, e já a fama, tomando seu curso vagabundo, dava seus primeiros passos em direção à casa de Tlepólemo, alcançando os ouvidos da es-

posa infortunada. Ouvindo notícia tal, como jamais ouvira, fora de si, aturdida, lançou-se para as ruas populosas, como uma bacante em delírio, e seguiu em direção aos campos, clamando com voz de louca a desgraça do marido. Formaram-se grupos de cidadãos que se lamentavam, e outros passantes se associavam ao seu desespero. A cidade se esvaziou, pois todos queriam ver. E ei-la que corre para o cadáver do esposo. Arquejando, deixa-se cair sobre o corpo e pouco faltou para que entregasse ali mesmo a alma que lhe fora devotada. Arrancada com esforço pelas mãos dos que estavam mais próximos, ficou viva, sem o desejar, enquanto o cortejo fúnebre, seguido por todo o povo, conduziu o defunto à sepultura.

VII. “Trasilo, todavia, sem discrição nem medida, lamentava-se com grandes gritos, e as lágrimas, recusadas às suas primeiras demonstrações de luto, vinham-lhe agora, transbordantes, sem dúvida, de alegria. Prodigalizava palavras de afeição, de tal modo que enganaria a Verdade em pessoa. Seu amigo, seu camarada, seu companheiro, seu irmão, assim ele chamava com voz lúgubre aquele de quem repetia o nome, sem se esquecer de reter entre as suas as mãos de Caridade; quando ela tentava bater no peito, apaziguava-lhe o luto, moderava-lhe os gemidos, serenava com palavras ternas o aguilhão de sua mágoa, procurava, com diversos exemplos de uma desgraça que via de um para outro, motivos de consolação. Todos os cuidados de uma fingida piedade não serviam, todavia, senão de pretexto para o seu desejo de acariciar a jovem, dando ao seu culpável amor o alimento de um perverso deleite.

“Mas logo que voltaram dos ritos fúnebres, Caridade, impaciente de descer para junto do marido, tentou todas as vias, sem exceção, e em particular aquela que, tranqüila e igual, sem necessidade de nenhuma arma, se assemelha a um plácido sono. Extenuada pelo jejum, negligente até o desleixo, retirada no fundo das trevas, dissera já adeus à luz do dia. Mas Trasilo, com insistência e obstinação, fosse em pessoa, fosse por intermédio dos amigos, dos parentes, dos pais da moça, conseguiu por fim que ela tomasse um banho e algum alimento, para reanimar o corpo lívido, encoscorado de sujeira, quase arruinado. Como filha respeitosa, ela cedeu, se bem que relutante, às exigências de uma piedosa submissão. Com a expressão, não alegre certamente, mas um pouco mais serena, entregou-se, como lhe pediam, às tarefas da vida. No fundo do coração, entretanto, consumia-se de luto e tristeza. Passava todos os seus dias e todas as suas noites ruminando desgostos. Dedicara-se de tal maneira ao serviço de prestar honras divinas às imagens do morto, que fizera representar sob os traços do Deus Líber, que o próprio consolo se lhe tornava um tormento.

VIII. “Mas Trasilo, fogoso e temerário como o seu nome indicava,⁷⁶ não esperou que tal dor fosse esmaecida pelas lágrimas, nem que se lhe acalmasse o tumulto da alma agitada; nem que o luto, com o tempo, perdesse o que havia nele de excessivo, e se finasse, esgotado por si mesmo. Enquanto ela chorava ainda o marido; enquanto dilacerava ainda as roupas; enquanto ainda arrancava os cabelos, teve ele o desplante de lhe fazer propostas de casamento, revelando-lhe imprudentemente os recessos secretos do coração, e, de modo implícito, a sua inconfessável felonía.

“Caridade repeliu com horror o nefando discurso. E como que batida por um estrondo de trovão, por um furacão vindo do céu, ou pelo próprio raio de Júpiter, seu corpo se aniquilou e a alma se lhe obnubilou. Mas, depois de algum tempo, voltando pouco a pouco a si, soltou rugidos de animal, e, percebendo a intriga armada pelo infame Trasilo, opôs adiantamentos calculados aos desejos do pretendente. No intervalo, a sombra de Tlepólemo, odiosamente chacinado, com o rosto maculado de sangue, pálido, desfigurado, apareceu à sua mulher no decorrer de casto sono:

‘Cara esposa’, disse ele, ‘para te chamar por um nome que outro, de agora em diante, terá o direito de te dar, se teu coração não conserva minha lembrança, ou se a catástrofe de minha morte prematura rompeu os laços mútuos, toma por marido quem tu queiras, e sê mais feliz do que comigo, contanto que a tua mão não ponhas na mão sacrílega de Trasilo; contanto que evites seu comércio, que não partilhes da sua mesa, nem repouses no seu leito. Foge da mão cruenta do meu assassino. Não macules o teu himeneu com os auspícios de um ímpio parricídio. Aquelas feridas, cujo sangue tuas lágrimas perolaram, não foram todas causadas pelo dente do javali. A lança maldita de Trasilo fez com que eu não mais te pertença.’ E acrescentou, em seguida, a narração que esclareceu todo o crime.

IX. “Caridade, tal como na sua tristeza havia adormecido, com o corpo afundado nas almofadas, e ainda sonolenta, orvalhou as faces com lágrimas abundantes. Arrancada da quietude do seu sono inquieto⁷⁷ pelo agudo sofrimento, recomeçou a se lamentar, soltou longos gemidos, dilacerou as roupas, machucou furiosamente os belos braços e as delicadas mãos. Sem, entretanto, contar a ninguém as visões da noite, e dissimulando cuidadosamente, ao contrário, a revelação do crime, decidiu, em segredo, punir o homicida infame, e furtar-se a uma vida desgraçada. Eis que, animado por uma cega volúpia, o detestável candidato se apresentou novamente, importunando com pedidos de casamento ouvidos obstinadamente fechados. Porém ela, com doçura, recusava-se a ouvir. Desempenhando seu papel com maravilhosa astúcia, aos seus instantes pedidos, às suas humildes súplicas, respondia:

‘A bela face do teu irmão, e meu caríssimo marido, ainda está diante dos meus olhos; minhas narinas respiram ainda o odor de ambrosia do seu corpo; o formoso Tlepólemo vive ainda no meu coração. Penso que seria bom e prudente se concedesses à mísera esposa o prazo necessário à duração normal do luto, deixando passar os meses que restam para completar o espaço de um ano.⁷⁸ Estas coisas têm que ver com o meu pudor, com o teu interesse, e com a tua salvação. Um casamento prematuro provocaria uma justa indignação nos manes irritados de meu marido e suscitaria a tua perda.’

X. “Trasilo, contudo, sem querer ouvir palavra, nem se animar com um prazo, persistia nos ímprobos sussurros, repetindo impudentes solicitações até cansar a língua. Afinal, Caridade fingiu render-se e replicou: ‘Em todo caso, há uma coisa que não poderás me recusar, Trasilo, e isto te peço insistentemente: durante algum tempo, não digamos palavra, não tenhamos senão relações clandestinas. Que nenhum dos nossos suspeite, até que o ano tenha completado a conta dos seus dias.’

“A essa falaciosa promessa da mulher, Trasilo, vencido, cedeu, e consentiu voluntariamente no furtivo coito. Então, já não pôde esperar a noite e a proteção das trevas; o desejo obsessivo da posse o faria esquecer tudo o mais. ‘Mas, cuidado’, disse Caridade. ‘Cobre-te bem com teu manto, e não venhas acompanhado de ninguém. Na primeira vigília, em silêncio, pára diante da casa. Assobia uma vez, e nada mais, depois espera a minha ama, que conheces, e que vigiará diante da porta fechada, aguardando que chegues. É ela quem te abrirá e, fazendo-te entrar, te conduzirá até meu quarto, sem acender nenhuma luz.’

XI. “O plano dessas núpcias mortais agradou a Trasilo. Sem nada suspeitar de assustador, agitado somente pela expectativa, não se queixava senão do tamanho do dia e das lentidões da tarde. Quando, por fim, o Sol foi substituído pela noite, dirigiu-se logo para lá, conforme as instruções de Caridade. Entregando-se à astuciosa vigilância da ama, deslizou para o quarto, cheio de ávida esperança. Então, a velha, por ordem da moça, o agradou; trouxe-lhe cálices e uma ânfora, que continha vinho misturado com um soporífero, e saiu furtivamente. Enquanto ele repousava sem desconfiança nem embaraço, e bebia copázios a grandes goles, ela o convenceu de que o que demorava a senhora era que ela estava à cabeceira do pai doente. E assim foi fácil deixá-lo a cair de sono. E então, vendo-o estendido de costas, exposto a todas as injúrias, a ama introduziu Caridade, que, fremente de máscula resolução e de ímpeto vingador, se atirou sobre o sicário, dizendo:

XII. ‘Aqui estás, fiel companheiro de meu marido, eis-te aqui, egrégio caçador, aqui, meu caro esposo. Foi esta a

mão que derramou meu sangue; este o coração que urdiu para minha perdição pérfidas intrigas; são estes os olhos que, por meu mal, agradei; estes os olhos que, pressentindo as trevas que os aguardam, antecipam, de algum modo, o castigo que está a caminho. Dorme tranqüilo. Sonha belos sonhos. Não é com o gládio, não é com um ferro que me armarei contra ti. Longe de mim o pensamento de te igualar ao meu marido por uma morte semelhante. Tu viverás e teus olhos morrerão, e não enxergarás senão em sonhos. Eu quero que a morte que deste ao teu inimigo te pareça mais feliz que a tua vida. Disto pelo menos estou certa: não possuirás Caridade, não verás mais a luz, não gozarás do teu himeneu, terás necessidade do braço de um companheiro. Não repousarás na paz da morte, e não desfrutarás da doçura de viver. Fantasma errante, vagarás entre o Orco e o Sol, procurarás por muito tempo a mão que destruiu tuas pupilas. E, o que é mais cruel nesta miséria, tu te queixarás sem saber de quem. Entretanto, eu esparzirei o sangue dos teus olhos, em libação, sobre o túmulo do meu Tlepólemo, e teus olhos sacrificarei aos seus manes santos. Mas para que conceder o benefício de um adiamento a essas torturas merecidas, e te deixar sonhar talvez com abraços, para ti fatais? Deixa as trevas do sono para despertar em outra noite, e isto será o teu castigo. Levanta a face vazia, reconhece a vingança, compreende tua desgraça, faz a conta dos teus sofrimentos. Teus olhos souberam agradar a uma honesta mulher. E aí está como iluminam o tálamo; são as tochas do casamento. As vingadoras do crime vêm presidir teu himeneu.⁷⁹ Como companheira, a cegueira terás, e o aguilhão de um remorso eterno. Tal é o teu quinhão.'

XIII. "Assim profetizando, a mulher tirou da cabeça um grampo de cabelo, e atravessou de lado a lado os dois olhos de Trasilo. Deixou-o completamente cego. Depois, enquanto uma dor jamais sentida dissipava nele a embriaguez e o sono, ela desembainhou a espada que Tlepólemo tinha o costume de cingir; atravessou a cidade correndo como uma fúria, disposta, sem dúvida, a qualquer gesto extremo; e foi direto ao túmulo do marido. Então, um povo inteiro, deixando todas as casas vazias, iniciamos uma viva perseguição, exortando-nos uns aos outros a arrancar-lhes das mãos dementes a espada nua. Mas Caridade, em pé junto ao sepulcro de Tlepólemo, afastava-nos a todos com sua espada faiscante. Depois, abrangendo com o olhar o choro e as lamentações da assistência, disse: 'Fora com essas lágrimas importunas, fora com esse luto que não está de acordo com as minhas virtudes. Vinguei-me do assassino sanguinário de meu marido; puni o funesto predador da minha vida conjugal. Agora é tempo de abrir uma estrada com este gládio, para descer até onde está o meu Tlepólemo.'

XIV. “Depois de ter contado, pormenorizadamente, tudo o que o marido lhe havia revelado em sonho, e a astúcia por meio da qual atraíra Trasilo para a armadilha, mergulhou a espada sob o seio direito, caiu, e, afogada no seu próprio sangue, com alguns balbucios indistintos exalou a alma viril. Então os amigos da mísera Caridade, com acuradíssimos cuidados, procederam às abluções fúnebres e, numa só sepultura, uniram ao marido aquela que permanecera sua mulher para sempre.

“Trasilo, entrementes, soube de tudo. Não encontrando outra solução para seu desastre senão um novo desastre, e compreendendo que o próprio gládio era pouco para semelhante ato, fez com que o levassem à sepultura: ‘Eis aqui’, gritou por diversas vezes, ‘eis aqui para vós, Manes irritados, uma vítima voluntária.’ Depois, fechando cuidadosamente as portas atrás de si, resolveu acabar, à falta de alimento, uma vida condenada por sua própria sentença.”

XV. Este relato, cortado de longos suspiros e algumas vezes de lágrimas, comoveu profundamente os rústicos. Temendo passar para um novo dono, e lamentando do fundo do coração a desgraça doméstica dos seus amos, resolveram eles fugir. Mas o tratador de cavalos, a cujos cuidados eu fora confiado com insistentes recomendações, carregou sobre o meu dorso e das outras bestas tudo que tinha e guardava de precioso na casa. Com esse furto, abandonou a antiga morada. Levávamos crianças e mulheres, frangos, aves, cabras, cãesinhos. Tudo aquilo cuja marcha hesitante podia demorar a nossa fuga, caminhava assim sobre as nossas pernas. Por mim, nem sentia o peso do fardo, por maior que fosse. Estava alegre demais de fugir, deixando para trás o abominável indivíduo que me queria arrancar a virilidade.

Havíamos transposto o cimo de áspero monte coberto de florestas e atravessado, a seu tempo, a vasta planície que se lhe estendia aos pés. Já a tarde espalhava trevas sobre o caminho quando chegamos a uma aldeia rica e povoada. Os habitantes procuraram dissuadir-nos de sair à noite ou mesmo pela manhã, porque, diziam, bandos de lobos enormes, corpulentos, ferozes, cruéis e acostumados à rapina, infestavam toda a região. Chegavam a percorrer as estradas e a atacar os viajantes, como fazem os ladrões. E mais: na danação em que os punha a fome, forçavam o acesso às propriedades da periferia, e as pessoas se viam agora ameaçadas de morte, como um rebanho indefeso. Ao longo do caminho que teríamos de percorrer, jaziam corpos humanos, meio comidos, e viam-se por toda parte, despojados de suas carnes, ossos esbranquiçados. Nós também devíamos, pois, tomar grandes precauções, e, sobretudo, esperar que fosse dia pleno, com o Sol em todo o seu esplendor, para nos pormos a caminho. Devíamos evitar as emboscadas, escolhendo, para andar, as horas em que a própria luz amortecia o impetuoso im-

pulso das feras terríveis, e, para franquear enfim os passos difíceis, não andarmos dispersos, em debandada, mas agrupados em fileiras cerradas.

XVI. Mas os abomináveis fugitivos que nos serviam de guias, na cegueira de uma pressa temerária, e na apreensão de uma perseguição muito incerta, sem levarem em conta os salutares avisos nem esperarem a madrugada, nos levaram para a estrada com a nossa carga, por volta da terceira vigília da noite. Temendo o perigo que mencionei, fiz o possível para me dissimular, ora enfiando-me no meio da tropa, entre as filas compactas das bestas de carga, protegendo o traseiro dos ataques de animais ferozes, ora avançado com tal velocidade que ultrapassava os cavalos e maravilhava a todos. Entretanto, essa rapidez em mim indicava não vivacidade, mas terror. A propósito, pensava eu que ao célebre Pégaso era o medo que o fazia voar. E se a tradição, com razão, lhe deu asas, foi porque ele se atirou para os ares, pulando até o céu, evidentemente porque temia a mordedura da Quimera que vomitava fogo. Os pastores que nos levavam tinham-se armado como que para um combate. Um levava dardo, outro lança, outro arco com flechas, outro bastão. Alguns tinham pedras, que a trilha pedrenta fornecia em abundância, ou brandiam pedaços de pau de agudas pontas. A maior parte, no entanto, munira-se de tochas acesas, para manter as feras à distância. Não faltava verdadeiramente senão uma trombeta, para figurarmos uma tropa em formação de batalha.

Porém, com o espírito ocupado por temores vãos e sem fundamento, caímos numa armadilha muito mais perigosa, pois os lobos, espantados talvez pelo ruído dessa juventude em coluna cerrada, ou pelo vivo clarão das tochas, ou ainda, por estarem em expedição para outros lados, não tentaram contra nós o menor ataque, e não vimos nenhum, nem de longe.

XVII. Mas o lavradores de um domínio rural junto do qual passamos, vendo-nos tão numerosos, nos tomaram por bandidos. Cheios de inquietação pelos seus bens, e extremamente agitados, com agudos clamores, como é seu costume, e com incitações de todo gênero, instigaram contra nós cães enormes, furiosos, mais cruéis que todos os lobos e que todos os ursos do mundo, e especialmente treinados para a defesa e a guarda. Com a sua ferocidade natural exasperada pela balbúrdia dos donos, caíram sobre nós, cercaram-nos por todos os lados, atacaram-nos desordenadamente, despedaçaram sem escolha bichos e gente, e o fizeram de tal modo que, no fim de pouco tempo, a maioria dos nossos jazia prostrada no chão. Espetáculo, por Hércules, memorável, mas mísero espetáculo. Teríeis visto cães possantes, cheios de selvagem ardor, apanharem os que fugiam, atacarem os que paravam, caí-

rem sobre os que caíam, irem e virem mordendo a todos os nossos, ao longo da caravana.

Nesse perigo terrível, sucedeu um mal pior ainda. Do alto dos telhados da colina vizinha, os camponeses fizeram rolar pedras e mais pedras sobre nós, de maneira que não se sabia o que escolher, de que flagelo escapar: se do mais próximo, os cães, se do mais distanciado, as pedras. Uma delas bateu na cabeça de uma mulher que ia sentada no meu lombo. Sob a dor da pancada, ela se pôs a chorar e a gritar, chamando em seu socorro o marido, o pastor de que falei.

XVIII. Este, invocando os deuses por testemunhas, e estancando o sangue da mulher, protestou ruidosamente: “Por que, desgraçados, por que lapidais tão cruelmente viajantes sofredores? Que saque cobiçais? De que prejuízos esperais reparação? No entanto, não habitais cavernas como as feras, nem rochedos como os bárbaros, para assim vos alegrardes derramando sangue humano.”

Mal tinha falado, parou a cerrada chuva de pedras. Revogada a muda hostilidade, a tempestade serenou. Por fim, um deles falou do alto de um cipreste: ‘Não somos ladrões, nem queremos vossos despojos. Ao contrário, é uma violência idêntica que repelimos de vossa parte. Agora, nada mais perturba a paz, podeis avançar em segurança.’

Assim falou ele. Cobertos como estávamos de ferimentos de toda espécie, retomamos nossa marcha, levando marcas, este de uma pedrada, aquele de uma dentada, e todos em muito mau estado. Tendo, por fim, percorrido certa distância, chegamos a um bosque plantado de altas árvores e alegrado por verdejante relva. Nossos condutores julgaram conveniente acampar durante algum tempo, para repousar e cuidar dos membros retalhados em todos os sentidos. Deitados aqui e ali, no solo, começaram por recobrar o ânimo fatigado; depois, apressaram-se a aplicar nos ferimentos remédios os mais variados: um estancou seu sangue com água de uma fonte que corria ali perto; outro pôs compressas de vinagre sobre os seus tumores; um outro cercou com uma atadura as largas feridas. E assim todos procuraram alívio aos seus males.

XIX. Entrementes, do alto de uma colina, um velho olhava para longe, e os animais que pastavam em torno proclamavam, sem sombra de dúvida, que ele era pastor. Um dos nossos lhe suplicou que vendesse algum leite, fosse líquido, fosse recentemente coalhado para fazer queijo. Mas ele, sacudindo a cabeça longamente, falou: ‘Pois quê? Pensais neste momento em comer e beber, para vos restaurardes? Ignorais, então, completamente, em que lugar parastes?’ Com estas palavras, tangendo as ovelhas, fez meia-volta e se afastou. Sua linguagem e sua fuga causaram aos nossos pastores um medo extraordinário.

rio. Enquanto, em seu terror, procuravam se informar o que era esse lugar, sem encontrar ninguém que respondesse, um outro ancião, alto, gravado de anos, apoiado com todo o peso sobre seu cajado, e que caminhava de modo lento e lasso, avançou ao nosso encontro, na estrada, mostrando vestígios de lágrimas abundantes. Quando nos viu, redobrou o pranto, e tocando os joelhos dos moços à toda a volta, assim implorou:

XX. 'Pela Fortuna, pelo vosso Gênio, e que possais, com essa boa ação, atingir uma idade tão avançada quanto a minha fortes e alegres, vinde socorrer o abandono de um velho, arrancai do inferno um pobre inocente, e alegrai os meus cabelos brancos. Era meu netinho, meu doce companheiro nesta estrada; eis que perseguindo, para o agarrar, um passarinho que cantava na ramada, caiu, perto daqui, numa fossa que se abre ao pé das moitas, e sua vida corre perigo. Pelo seu pranto e pelos repetidos apelos que dirige ao avô, mostra que está vivo. Como vedes, minhas forças em declínio nada me permitem fazer por ele. Vós, que tendes juventude e força, fácil vos é socorrer um misérrimo velho, e devolver-me sã e salva esta criança, o último dos meus descendentes, e meu único sucessor.'

XXI. Assim suplicava, arrancando os cabelos brancos, e todos se compadeceram. Um, mais corajoso, mais jovem, mais robusto que os outros, e o único que saíra incólume da recente batalha, levantou-se açodado e perguntou em que lugar caíra o menino. O velho designou com o dedo, não longe dali, moitas espinhentas. O jovem acompanhou o ancião sem hesitar. Mas depois que acabamos de passar, e eles de cuidarem de si, tendo todos restaurado suas forças, cada qual apanhou sua pequena bagagem para se pôr a caminho. Primeiro chamaram o moço pelo nome, com grandes gritos, por diversas vezes. Depois, inquietos por sua demorada ausência, enviaram um dos seus à sua procura, para advertir o companheiro de que já era tempo de partir, e para levá-lo. Mas o emissário dali a pouco voltou: pálido como o buxo, e trêmulo, trazia acerca do outro extraordinárias notícias. Tinha-o vislumbrado, deitado de costas, meio devorado, e, agachado sobre ele, um dragão que o mordia. Quanto ao desgraçado ancião, não o vira em parte alguma: desaparecera. Aproximando-se, então, aqueles que tinham acabado de ouvir as palavras do pastor, cujas sinistras advertências não designariam outra coisa senão o cruel habitante dessas regiões, deixaram o amaldiçoado lugar, apertando o passo para fugir e fazendo-nos avançar com o estímulo de grandes pauladas.

XXII. Depois de um longo trecho de caminho, rapidamente vencido, chegamos por fim a uma localidade onde repousamos toda a noite. Havia cometido nesse lugar um crime memorável, e que eu desejo contar.

Havia ali um escravo, ao qual o dono confiara a vigi-
lância de toda a famulagem e a autoridade máxima sobre
o vasto domínio onde nos alojáramos. Sendo casado com
uma escrava ligada ao serviço dessa mesma casa, dese-
java ele ardentemente uma mulher livre, domiciliada fora.
Não atendendo senão ao ressentimento causado por essa
traição conjugal, a esposa destruiu pelo fogo todos os re-
gistros do marido, todas as provisões que ele conservava
no celeiro. Não contente de ter vingado com uma contu-
mélia o ultraje feito ao seu leito, e voltando o furor contra
suas próprias entranhas, enfiou a cabeça num laço, amar-
rou à corda a criança que tivera anteriormente desse
mesmo marido, e se atirou num poço muito profundo, ar-
rastando o pequeno após si. O dono, muito perturbado
com essa morte, agarrou o desgraçado escravo, cuja luxú-
ria fora a causa de tal crime, pô-lo nu, lambuzou-o inte-
ramente de mel, e o amarrou solidamente a uma figueira,
da qual o tronco carcomido servia de habitação às formi-
gas. Ocupadas em fazer seu ninho, elas saíam em multi-
dão, num desordenado vaivém, de todos os buracos. Logo
que sentiram o doce cheiro de mel naquele corpo, nele se
agarraram com suas pequenas, mas inumeráveis e impla-
cáveis mandíbulas, e, num lento suplício, roeram assim as
carnes, e até as vísceras do homem, e acabaram com ele.
Nada restou dele, a não ser a deslumbrante brancura dos
ossos despojados da carne, que constituíam como que
uma árvore funesta.

XXIII. Abandonamos essa detestável mansão, com seus
camponeses enlutados, e retomamos nosso caminho. De-
pois de termos, durante o dia inteiro, perlongado os ca-
minhos da planície, chegamos fatigados a uma cidade
populosa e ilustre. Decidiram os pastores fixar aí sua re-
sidência. Pensavam ter encontrado um retiro seguro con-
tra as mais longínquas indagações, e estavam seduzidos
pela abundância dos víveres, e a facilidade de aprovisio-
nar. Depois de terem, durante três dias, deixado os ani-
mais se refazerem e alisarem o pêlo, para adquirirem me-
lhor aparência, conduziram-nos ao mercado. A voz forte
do pregoeiro público anunciava, um por um, os preços. Os
cavalos e os outros burros encontravam ricos comprado-
res. Só eu, preterido, via a maioria das pessoas passar
adiante desdenhosamente. Começava a me aborrecer das
apalpadelas daqueles que, de acordo com os meus dentes,
me calculavam a idade. Como um deles, com mão suja e
fedorenta, recomeçasse a me tatear as gengivas com seus
dedos repugnantes, apanhei-lhe a mão entre os queixos e
a apertei fortemente. Isso tirou toda a vontade, àqueles
que nos cercavam, de comprarem um burro assim feroz.
Então, o pregoeiro, que gritara de romper a goela e estava
rouco, montado no meu lombo pôs-se a fazer ridículas
brincadeiras: 'Até quando ficará exposto à venda este ve-
lhaco? Velho, de casco gasto, já nem podendo andar; de-
formado pelas dores, feroz, preguiçoso, estúpido eis o que

ele é: uma peneira de coar entulho. Bem que faríamos presente dele, se alguém tivesse pelo menos vontade de perder seu feno.'

XXIV. Assim provocava o pregoeiro frouxos de riso na galeria. Mas sempre desumana, minha Fortuna, da qual eu fugia em vão, ao fugir por tantas regiões, sem apaziguá-la com as minhas desgraças anteriores, voltou uma vez mais para mim seus olhos cegos e pôs sobre o meu caminho um comprador tal como não podia encontrar outro mais adaptado à minha cruel situação. Um devasso, um velho devasso, completamente calvo, à parte alguns cabelos que caíam em cachos grisalhos; uma dessas figuras saídas do mistério dos cruzamentos populares, que, pelas ruas, de cidade em cidade, tocando címbalo e castanholas, vão levando a Deusa Síria e a forçam a mendigar. Tinha um exagerado desejo de me comprar e perguntou ao pregoeiro de que país eu era. 'Da Capadócia', foi a resposta,⁸⁰ 'e é muito forte, asseguro.' Ele quis também saber a minha idade; e a isto respondeu o pregoeiro, fazendo graça: 'Um astrólogo, que estabeleceu quais eram as suas estrelas, calculou que ele andava pelos cinco anos. Mas ele próprio, evidentemente, sabe melhor, de acordo com as suas declarações de profissão. Se bem eu me exponha, e não o ignoro, aos rigores da Lei Cornélia, se te vender como escravo um cidadão romano, não hesites, em comprá-lo. É um bom e honesto escravo que pode te prestar serviços tanto em casa como fora.' Mas o odioso freguês, que continuava sem parar a fazer pergunta sobre pergunta, queria também se informar sobre a minha mansidão.

XXV. A isto respondeu o pregoeiro: 'É um carneiro, o que vês, não um burro. Ele se presta sabiamente a todas as necessidades. Não morde, nem mesmo escoiceia. Se queres verificá-lo, não é difícil. Introduze-te entre as suas coxas, como um hermafrodita; verás, por ti, como demonstrará imensa paciência.'

Assim se divertia o pregoeiro, às custas do nosso libertino, mas compreendendo este que caçoavam dele, exclamou, com ar indignado: 'Vê lá, cadáver surdo e mudo, pregoeiro que só sabe delirar! Que a Deusa Síria, a todopoderosa, mãe universal, e o Santo Sabázio, e Belona, e a Mãe Idéia com seu Átis, Vênus soberana com seu Adônis, te tornem cego, a ti que me provocas há uma hora com tuas grosseiras bufonarias. Acreditas então, imbecil, que eu possa confiar a deusa a um animal duro de queixo, para que ele bruscamente estaque, e derrube a divina imagem, obrigando-me a mim, desgraçado, a correr para todos os lados, cabelos ao vento, à procura de um médico para a minha deusa jacente?'

Eu, ouvindo este sermão, planejava sair na disparada, de súbito, como um louco, a fim de que, vendo-me presa de um acesso de ferocidade exasperada, ele renunciasse à

sua compra. Mas o velho, ansioso para concluir o negócio, antecipou-se ao meu projeto e imediatamente despejou a soma de dezessete denários, que o meu dono, feliz, como se pode imaginar, por se desembaraçar de mim, aceitou sem dificuldade. Amarrando-me logo uma corda em torno do focinho, levou-me a Filebo, nome do que seria, dali em diante, o meu dono.

XXVI. Tendo este, então, tomado posse de seu novo fâmullo, foi para casa, puxando-me atrás de si. Mal transpôs a soleira, gritou de longe: 'Meninas, eis aqui o gentil criado que trouxe do mercado.' Mas as meninas eram, na realidade, um coro de invertidos que, exultantes, soltaram gritos desafinados, com voz de mulher quebrada e rouca, pensando, naturalmente, que se tratasse realmente de um pequeno escravo que lhes prestaria serviços. Mas quando viram, não uma corça no lugar de uma virgem, mas um burro por um homem, fizeram caretas e escarneram do seu dirigente. Não, não era um servo, mas um marido para ele, certamente. 'E depois', ajuntaram, 'um franguinho tão bonito, não o comas sozinho. Partilha-o algumas vezes conosco, que somos as tuas pombinhas.'

Conversando deste modo, amarraram-me junto a um coche. Havia lá um moço de forte corpulência, hábil tocador de flauta coral, que tinha obtido por baixo preço num leilão de escravos. Nas saídas, quando passeavam em procissão com a deusa, ele tomava parte no cortejo e tocava o instrumento. Em casa, associava-se às necessidades correntes, na qualidade de concubino comanditário. Logo que me viu na estrebaria, serviu-me, sem se fazer de rogado, uma larga ração de alimento, apostrofando-me alegremente: 'Eis-te aqui, enfim, para me substituir neste trabalho desgraçado. Mas que vivas muito, e que consigas agradar teus donos, e trarás alívio aos meus rins fatigados.' Ouvindo estas palavras, eu imaginava de antemão que novas provas me esperavam.

XXVII. No dia seguinte, vestiram camisas vistosamente coloridas, e buscaram compor uma odiosa beleza, lambuzando a cara com uma pintura argilosa, e desenhando a volta dos olhos com um bastão gorduroso. Saíram, em seguida, levando pequenas mitras, vestidos de tecidos de linho fino e de seda de um amarelo cor de açafão. Alguns vestiam túnicas brancas, apertadas na cintura e ornadas com debruns de púrpura, que corriam em todos os sentidos, em forma de ferro de lança. Calçavam sapatos amarelos. Deram-me a carregar a deusa vestida com um manto de seda. Com os braços nus até os ombros, levantando enormes espadas e machados, pulavam eles como bacantes, e o som da flauta lhes estimulava a marcha tripudiante de possessos. Depois de terem visitado, aqui e ali, algumas ruinarias, chegaram à casa de campo de um rico proprietário. Logo na entrada, fizeram um barulho enorme, ululando horivelmente, e lançaram-se para a

frente como fanáticos. Mantendo abaixada a cabeça, e movendo com lúbricas torções a nuca, num movimento circular dos cabelos caídos, voltavam-se às vezes contra si mesmos, para se morderem, e acabavam cortando-se os braços com a arma de dois gumes que levavam. Entrementes, um deles se entregava a transportes ainda mais frenéticos. Do fundo do peito, vinha-lhe o arquejo, para dar a impressão de estar tomado pelo espírito da divindade. Simulava um delírio que o esgotava, como se em verdade a presença dos deuses não elevasse os homens acima de si mesmos, mas os tornasse fracos e doentes.

XXVIII. Vede que lucro lhe trouxe a assistência do céu. Vociferando como um inspirado, inventou uma impostura, começou a se atanzar com censuras, a se acusar de uma profanação sacrílega a respeito da santa religião; e infligiu-se, com suas próprias mãos, o justo castigo de seu crime. Enfim, apanhando o que é o atributo por excelência desses semi-homens, um chicote que consistia em delicadas tranças de lã natural, terminadas por longas fimbrias e guarnecidas com ossinhos de carneiro em todo o comprimento, fustigou-se a grandes golpes com o nodoso instrumento, opondo à dor uma prodigiosa resistência. Podia-se ver o solo, sob o relampejar dos gládios e o entrecruzar de chicotadas, molhado do impuro sangue desses efeminados. Senti uma grande inquietação, à vista desse borbotão de sangue, correndo de tantos ferimentos. E se o estômago dessa deusa estrangeira tivesse a fantasia de beber sangue de burro, como certos homens a de beber leite de jumenta?

Quando, por fim, esgotados, ou cansados, em todo caso, de rasgar as carnes, interromperam a carnificina, alguns lhes ofereceram moedas de cobre, e também de prata — que eles recebiam nas dobras dos vestidos — ou ainda uma medida de vinho, leite, queijo, um pouco de farinha ou de cereais. Alguns davam cevada ao portador da deusa. Eles tudo recolhiam com avidez, atulhavam os sacos preparados expressamente para esse gênero de esmola, e os empilhavam no meu lombo. De modo que, ao peso da minha carga naturalmente dobrada, eu me tornara simultaneamente celeiro ambulante e templo.

XXIX. Perambulando desta maneira, depredavam toda a região. Porém, numa aldeia da montanha, alegrados por um lucro maior que de costume, organizaram um banquete. Como preço de um vaticínio forjado, reclamaram de um lavrador um carneiro bem gordo, cujo sacrifício, diziam, devia saciar a fome da Deusa Síria. Uma vez tudo arranjado para esse jantar, foram banhar-se. Na volta do banho, trouxeram como convidado um robusto campônês, cujos flancos intrépidos e baixo ventre eram avantajados. Depois de terem provado algumas guloseimas, antes do repasto propriamente dito, eis que esses desavergonhados imundos, ardendo de um fogo impuro, se aban-

donaram às mais escandalosas desordens de uma paixão contra a natureza. O moço, deitado de costas, completamente nu, foi cercado de todos os lados, e assediado com abomináveis solicitações. Meus olhos não puderam suportar por mais tempo essas infâmias. 'Socorro, quirites!', tentei gritar, mas consegui pronunciar, despojado das outras letras e das outras sílabas, um O retumbante e formidável, e tal como só um burro pode soltar. O zurro foi singularmente intempestivo, pois diversos moços da aldeia vizinha, procurando um burrinho que lhes tinha sido roubado durante a noite, e explorando com muito cuidado todos os abrigos, me ouviram zurrar no interior da casa. Pensando que o que lhes tinha sido arrebatado estava escondido no fundo daquela residência, ali penetraram imprevisivelmente, em fileira cerrada, e surpreenderam nossa gente a pique de se entregar às suas ignomínias. Logo, chamando todos os vizinhos, expuseram-lhes a cena de torpezas, fazendo aos sacerdotes cumprimentos irônicos sobre a sua edificante castidade.

XXX. Espantados por esse escândalo que, logo que fosse divulgado pelo clamor público, lhes teria atraído, como eles bem mereciam, o ódio e a maldição gerais, eles no meio da noite, juntaram todos os seus pertences e deixaram a localidade às escondidas. Depois de terem percorrido um bom trecho de estrada, antes do nascer do Sol, chegaram, já dia claro, a um lugar afastado e solitário. Lá, depois de um longo conciliábulo, resolveram matar-me. Retiraram a deusa de cima do seu portador, depuseram-na em terra, despojaram-me de tudo o que servia para me encilhar. Depois, ligaram-me com uma corrente, e me bateram com o chicote de ossos de carneiro, um depois do outro. Foi tal a sova que pensaram ter-me acabado e me deixaram por morto. Houve um que fez menção de me cortar os machinhos com o seu machado, para me punir, sem dúvida, de ter tão horivelmente triunfado de seu pudor virginal. Mas os outros, não por interesse em minha salvação, mas pela imagem que estava estendida por terra, opinaram que deviam conserva-me a vida. Tornaram a carregar-me com os fardos, e, incitando-me com golpes do sabre deitado, chegamos a uma cidade importante. Ali, um dos principais, homem devoto e reverente para com os deuses, atraído pelo tintinar dos címbalos, o ruído dos tímpanos, e a excitante modulação das árias frígias, correu ao nosso encontro e, desejoso de receber a deusa sob o seu teto, fez-nos penetrar na sua ampla residência, onde, para aliciar o favor da divindade, nos deu sinal do mais piedoso respeito e ofereceu vítimas escolhidas.

XXXI. Foi nesse lugar que corri o maior perigo de que me lembro. Aconteceu que um colono da pessoa em questão havia enviado, como presente ao amo e como parte de sua caça, um pernil muito gordo de um cervo gigan-

tesco. Como tal peça foi pendurada um pouco baixo, atrás da porta da cozinha, um cão, que também era caçador, dela se apoderou às escondidas, e alegremente se escondeu dos olhos dos vigias. O cozinheiro, tendo verificado o dano, maldisse a sua negligência, e pôs-se a lamentar-se, derramando lágrimas que não consertavam nada, enquanto o amo reclamava o jantar. Então, acabrunhado de tristeza e inteiramente penetrado de profundo temor, disse adeus ao filho pequeno, e, apoderando-se de uma corda, dispôs-se a fazer um nó para se enforcar. Mas essa decisão desesperada não escapou à esposa, que, agarrando com toda a força de ambas as mãos, o funesto nó, disse: 'Pois quê! O terror causado por essa desgraça te fez perder a cabeça a ponto de não veres o inesperado auxílio que deixou em tua porta a divina providência? Na tormenta em que te lançou a fortuna, podes te ressarcir; desperta, pois, e escuta: esse burro que acabou de chegar, condu-lo a um lugar afastado, degola-o, corta-lhe uma das coxas. Ela será parecida com a que perdeste. Apronta cuidadosamente um cozido, com um tempero bem saboroso, e serve-o ao amo, em lugar da coxa do cervo.'

O abominável velhaco aplaudiu a idéia de se salvar à custa da minha vida, e, elogiando a sagacidade da companheira, aguçou as facas para a retaliação que me esperava.

LIVRO IX

I. Assim armava o velhaco carniceiro, contra mim, suas mãos ímpias, mas eu, com uma resolução que a iminência de tão grande perigo precipitava, e sem me deter para longas reflexões, tomei o partido de escapular à operação de que estava ameaçado. Com um brusco puxão, rompi a corda com que me haviam amarrado, e disparei a galope, não sem mandar coices para todos os lados, para garantir a salvação. Atravessei rapidamente o primeiro pórtico que encontrei e atirei-me sem hesitação para a sala de jantar, onde o dono da casa fazia um repasto sacrificial com os sacerdotes da deusa. Com o impulso, despedacei e esparramei uma boa parte dos aprestos do jantar, as mesas e as tochas. Chocado com o triste espetáculo de tal devastação, o pai de família teve o cuidado de me confiar, como um estraga-festas sem modos, a um dos servidores, com ordem de me manter fechado em lugar seguro, para impedir-me a petulância de lançar de novo a desordem num pacífico banquete. Assim, salvo pela fina astúcia da minha artimanha, e arrancado das próprias mãos do carrasco, eu me felicitava de me ver bem guardado, dentro de uma prisão libertadora. Mas diz-se que, quando a Fortuna se opõe, nada corre bem para os filhos dos homens, e não é o cálculo da prudência o remédio sutil para alterar ou corrigir os planos imutáveis da divina providência. Foi assim comigo. O próprio expediente que, ao que parecia, momentaneamente me salvara, atraiu sobre mim um grande perigo, ou, para dizer melhor, me pôs de novo a um passo da perda.

II. De súbito, um jovem escravo, com o rosto transtornado, trêmulo de susto, irrompeu na sala onde os convidados conversavam familiarmente e anunciou ao dono que, vindo da rua vizinha, um cão raivoso acabara de se introduzir na casa, de um pulo, por uma porta de trás. Com o impulso da verdadeira loucura, atirara-se aos cães de caça. De lá fora para a estrebaria, e atacara com a mesma fúria as bestas de carga. Nem os homens tinham sido poupados. O muleiro Mirtil, o cozinheiro Heféstio, o camareiro Hipnófilo e o médico Apolônio, e muitas outras pessoas, entre os domésticos, haviam sido machucadas ao

tentarem agarrá-lo. Teriam certamente algumas das suas mordeduras envenenadas passado para os jumentos os efeitos da raiva.

Tais coisas lhes chocaram os ânimos, e pensaram que o contágio do mal me causara o acesso de violência. Apoderaram-se então das armas mais à mão, excitando-se uns aos outros a conjurar a catástrofe comum. No entanto, eram eles que tinham o espírito perturbado pela moléstia. Puseram-se a perseguir-me, a espaldeiradas e lançados, ou, ainda, a golpes de machados de dois gumes, de que os criados facilmente se muniram, e teriam-me arrancado membro por membro se, vendo em que abismo me arriscava a mergulhar, eu não me tivesse atirado para o quarto onde estavam alojados os meus donos. Então, depois de as portas fechadas e aferrolhadas sobre mim, instalaram-se diante do lugar, à espera, sem que ninguém se expusesse ao perigo de um encontro comigo. Esperavam que eu sucumbisse ao flagelo mortal, consumido pela teimosa raiva de que estava possuído. Assim devolvido à liberdade, agarrei avidamente a feliz oportunidade de estar sozinho, e, deixando-me cair sobre o leito muito bem-arranjado, saboreei o repouso de um sono humano, pela primeira vez depois de muito tempo.

III. Era dia claro, eu estava sobre o leito macio, refeito da fadiga. Fresco e disposto, levantei-me e escutei a conversa, a meu respeito, daqueles que tinham passado a noite revezando-se para me vigiar. 'Que pensar, disse-me, desse miserável burro? Estará ainda agitado pelo furor?' 'Verdadeiramente, parece que o mal atingiu o paroxismo e extinguiu-se a sua virulência.' Para terminar com a discussão, resolveram ir espiar. Olharam por uma fenda, e viram que eu lá me mantinha tranqüilo, sadio e sóbrio. Arriscaram-se então a abrir a porta mais largamente e procuraram verificar se eu estava mais manso. Mas um deles, enviado do céu para ser meu salvador, a fim de experimentar minha sanidade, indicou aos outros este meio: não tinham mais que me oferecer uma vasilha cheia de água fresca. Se eu bebesse sem demonstrar inquietação, à minha maneira de sempre, tomando-a com prazer, saberiam que eu estava bom, e isento de moléstia. Se, ao contrário, evitasse com horror a vista e o contato da água, podiam estar certo de que a funesta raiva prosseguia obstinadamente seu curso. Era uma receita conhecida e já apresentada nos livros dos antigos.

IV. O alvitre pareceu bom. Apressaram-se a trazer da fonte vizinha uma vasilha enorme de água clara e límpida, que me ofereceram ainda hesitantes. Mas eu, longe de me fazer de rogado, avancei para a frente, estendendo o pescoço com avidez, e mergulhando a cabeça inteira nessas águas verdadeiramente salutareas, nelas me desalterei. Puseram-se então, a modo de experiência, a me dar tapas, a me beliscar as orelhas, a me arrastar pelo freio, e

outras coisas; eu tudo os deixava fazer com placidez, até que enfim, contrariamente às suas loucas suposições, eu os convenci a todos da doçura das minhas maneiras.

E assim escapei a um duplo perigo. No dia seguinte carregado de ornamentos sagrados, fizeram-me sair ao som de castanholas e de címbalos, para ir de novo mendigar pelas encruzilhadas. Passamos por algumas casinhas e postos fortificados e chegamos a uma aldeia construída entre as ruínas de uma cidade outrora opulenta, conforme informaram os habitantes. Alojamo-nos na primeira hospedaria, onde ouvimos contar a divertida historieta de um Pobre que se tornou Corno. A vós também quero contá-la.

V. Reduzido à pobreza mais extrema, ele tirava dos serviços de jornaleiro o magro salário para assegurar a subsistência. Tinha, todavia, uma esposa, de condição cativa ela também, que lhe dava muito que falar por sua excessiva lascívia. Um dia, em que nosso homem partira muito cedo para o trabalho, introduziu-se em sua casa, às furto-delas, um temerário adúltero. Enquanto os dois amantes se entregavam, seguros, aos combates do amor, o marido, que ignorava tudo e que estava longe de suspeitar, voltou para casa, inesperadamente. Encontrou a porta fechada e aferrolhada. Louvando já a virtude da mulher, bateu e asobiou para anunciar-lhe a sua presença. A mulher, então, que era ladina e astuciosa nesse gênero de proezas, libertando o homem dos seus apertadíssimos amplexos, escondeu-o no interior de uma jarra enfiada num canto e que se encontrava vazia; depois, abriu a porta. Não tinha o marido ainda entrado e já ela o acolhia com ásperas palavras: 'Tenho sempre de ter ver flanando, desocupado, preguiçoso, de mãos nos bolsos. Lá deixaste o teu trabalho, sem pensar no sustento, nem em procurar o que comermos. E eu, desgraçada, tanto à noite como de dia, que torça os dedos a fiar a lã, para que em nosso pobre quarto uma lâmpada ao menos se mantenha acesa. Quanto a vizinha Dafne é mais feliz que eu! Rebola com seus amantes e embebeda-se desde cedinho, a ponto de ficar doente de tanto comer e beber.'

VI. Admoestado dessa forma, respondeu o marido: 'E que dizes disto? Retido por um negócio forense, nosso chefe da oficina nos deu um feriado; entretanto, providencie para o nosso jantar de hoje. Olha para esta jarra, sempre vazia, que ocupa tanto lugar, inutilmente, e que não serve para nada, em verdade, senão para atulhar a casa. Vendi-a por seis denários e aqui está o freguês que vem pagar e levar sua compra. Então vamos! Um auxílio-zinho, peço-te, e nós a tiraremos do seu buraco e a entregaremos ao comprador.'

A falaciosa mulher não perdeu o sangue-frio. Desatando num riso indecente, exclamou: 'O grande homem! Vejam só o hábil comerciante! Um objeto que eu, simples

mulher, e sem sair de casa, vendi há um momento por sete denários, ele se desfaz dele por menos.'

Surpreendido pelo alto preço, o marido perguntou: 'E quem foi que to comprou por preço tão bom?' E ela: 'Há que tempo, imbecil, que ele desceu para dentro da jarra, para experimentar-lhe a solidez!'

VII. A estas palavras da mulher, o outro não desperdiçou a deixa, mas surgiu todo álaque, dizendo: 'Queres saber a verdade, mãe? Tua jarra é velha demais, e cheia de fendas e buracos.' Voltando-se para o marido, fez como se não o conhecesse: 'Dize, homenzinho, quem és? Mas quem quer que sejas, dá-me uma lâmpada, depressa, para que eu possa raspar cuidadosamente as sujeiras que estão pregadas nas paredes do vaso e verificar se ele ainda serve para algum uso. Ou pensas que nosso dinheiro é roubado?' Sem demora nem suspeita o esclarecido esposo acendeu a lâmpada e depois acrescentou: 'Retira-te, irmão, e espera aí tranquilamente: eu ta apresentarei tão limpa quanto for necessário.' Assim falando, tirou a roupa, desceu com a luz, convencido de estar obrigado a raspar, ele próprio, os velhos depósitos que encoscoravam as paredes do vaso. Brincava o adúltero, no entanto, e, enquanto a mulher do tarefeiro se inclinava para a frente sobre a jarra, ele a apertava de perto e trabalhava à vontade. Ela, mergulhando a cabeça no vaso, auxiliava o marido com uma astúcia de cortesã: 'Aqui, ali, e lá ainda, e mais ali, de novo.' Ela mostrava com o dedo os lugares para limpar, até o momento em que, acabada a dupla necessidade, e pagos os sete denários, o calamitoso obreiro foi obrigado a carregar a jarra nas costas até o domicílio do adúltero.

VIII. Passamos alguns dias nesse lugar. Quando engordaram bem com a munificência pública e com o produto de seus vaticínios, nossos dignos sacerdotes imaginaram uma nova fonte de lucro. Compuseram uma sorte única que se aplicava a múltiplos casos, e dela se serviram para engambelar aqueles que vinham em multidão consultá-los sobre uma coisa e outra. A sorte era assim:

*Os bois colocados sob jugo,
se escavam o sulco,
é para que um dia
germine a rica messe.*

Então, se os consultava alguém que queria, por exemplo, contrair matrimônio, tinham, diziam eles, resposta de acordo com a circunstância: o jugo era o do casamento, de onde nasciam messes de crianças. Pediam-lhe conselhos sobre a compra de uma propriedade? Era muito a propósito que se falava de bois, de jugo, de sementeiras e de opulentas colheitas. Tratava-se de pessoa ocupada com um projeto de viagem que queria o divino

auspício? Os quadrúpedes mais mansos do mundo, já sob o jugo, o esperavam, e o escavar do solo anunciava um benefício. Havia chegado o momento de travar combate, ou de perseguir um bando de ladrões, e procuravam saber se a empresa seria bem-sucedida, asseguravam eles que a vitória estava garantida pelo encorajante presságio: curvavam os inimigos a cabeça sob o jugo e a captura seria de um tesouro ubérrimo e proveitoso.

Nossos adivinhos, por sua capciosa astúcia, juntaram, desta maneira, somas não desprezíveis.

IX. Porém, à força de responder continuamente às questões, acabaram por ficar cansados e se puseram a caminho. A estrada era bem pior que todas que percorrêramos à noite: esburacada e cheia de ravinas, ora mergulhava em um pântano de água estagnada, ora se apresentava coberta de uma camada de lama viscosa. Depois de muitas escorregadelas e de freqüentes passos em falso, eu tinha as pernas machucadas, e, com dificuldade, cansadíssimo, cheguei a uma trilha na planície. E eis que aparecem, repentinamente, atrás de nós, cavaleiros, armados. Dominaram com esforço o impulso de suas montarias, atiraram-se avidamente sobre Filebo e seus companheiros, agarraram-nos pelos gasnetes, chamando-os de infames sacrílegos; administraram-lhes uns bons murros, algemaram-nos e pediram com insistência o cântaro de ouro. Sim, que devolvessem o produto de seu crime, pois, a pretexto de uma pretensa cerimônia celebrada por eles em segredo, tinham furtado, às escondidas, dos próprios coxins da Mãe dos Deuses, e como somente pela fuga poderiam evitar o suplício devido a tal crime, haviam franqueado os muros, mal raiara o dia.

X. Um deles, finalmente, pondo a mão no meu lombo e vasculhando o próprio seio da deusa que eu levava, descobriu o cântaro de ouro e dali o tirou, diante dos olhos de todos. Mas mesmo em presença da prova de seu crime hediondo, os impudentes não se mostraram nem embaraçados, nem intimidados. Até mesmo riram um riso caviloso, e tentaram caçoar. 'Vede', disseram, 'que indignidade, e como com freqüência erradamente se condenam os inocentes. Por um único calicezinho que a Mãe dos Deuses ofereceu à sua irmã, Deusa Síria, como presente de hospitalidade, tratam os ministros da religião como criminosos, e os agarram para um processo capital.'

Mas de nada lhes adiantaram esses frívolos discursos e outros do mesmo gênero; o pessoal da cidade os levou de volta e, imediatamente os encerraram, carregados de cadeias, no Tuliano.⁸¹ O cântaro, e até a imagem que eu levava, foram depositados e consagrados no tesouro do templo. E eu, no dia seguinte, fui exposto à venda uma vez mais, por intermédio de um pregoeiro. Fui comprado, por sete sestércios a mais do que Filebo pagara anteriormente, por um moleiro do povoado vizinho. Na mesma

ocasião, ele comprou trigo, e foi carregado a mais não poder que, por um pedregoso caminho, cortado de raízes de várias espécies, fui conduzido ao moinho onde ele trabalhava.

XI. Lá numerosos jumentos, descrevendo múltiplos círculos, faziam rodar as mós de variados calibres. E não era só de dia, pois, durante toda a noite, sem trégua nem repouso, com o auxílio das máquinas que giravam, espalhavam a farinha, fruto das vigílias. Mas, evidentemente para evitar que eu me zangasse com a iniciação à servidão, meu novo dono me tratou como a um embaixador estrangeiro.⁸² Com efeito, no primeiro dia, ele me deu feriado e guarneceu ricamente a minha manjedoura com uma copiosa ração. Mas esse lazer feliz e essa cara opulência não duraram mais que isso. No dia seguinte pela manhã, atrelando-me à mó que parecia a maior, cobriram-me a cabeça e logo em seguida me empurraram para a frente, no caminho circular de uma pista sinuosa, onde, limitado em meu trajeto por um orbe móvel, eu devia voltar sempre sobre meus passos, calcar sem tréguas meu próprio rastro, e seguir, em marcha errante, um itinerário invariável.

Entretanto, eu esquecera inteiramente minha sagacidade e prudência. Mostrei-me pouco dócil à aprendizagem do meu ofício. Se bem que, no tempo em que me contava no número dos humanos, tivesse eu visto muitas vezes manobrar assim semelhantes máquinas, fingi que não possuía de tal trabalho nem experiência nem conhecimento, e, fazendo-me de estúpido, permaneci imóvel. Esperava, com efeito, que, julgando-me inepto e inútil para essa espécie de serviço, me empregassem em qualquer outro trabalho, de qualquer maneira menos penoso; ou, quem sabe, talvez me dessem de comer mesmo sem eu fazer nada. Mas dessa frustrada solércia fui eu quem pagou as custas, pois, de repente e todos juntos, cercou-me um grupo armado de cacetes, e enquanto, com os olhos fechados, eu não desconfiava de nada, a um dado sinal, e com um grito em uníssono, atacaram-me com uma saraivada de pauladas, e me aturdiram tanto com a barulheira que fizeram que, abandonando todos os cálculos, puxei prudentemente, com o corpo, a corda de fibra, e pus-me a dar voltas alegremente. A essa repentina alteração da minha política, estalou o riso de toda a companhia.

XII. Transcorrera a parte maior do dia, e eu estava deveras fatigado, quando me levantaram uma parte dos tirantes de fibra, e, livre da manivela à qual estivera ligado, puseram-me na manjedoura. Meu cansaço era extremo; sentia uma imperiosa necessidade de refazer as forças e estava perdido de fome. Não obstante, minha curiosidade natural me mantinha fascinado, com o espírito alerta. Negligenciando o alimento que estava diante de mim em

abundância, observava com deleite a disciplina a que se submetia essa oficina indesejável. Bons deuses! Quantos cativos, com a epiderme toda zebrada pelas marcas lívidas do chicote, e cujas machucaduras de pancada estavam mais escondidas que protegidas por uns trapos remendados! Alguns levavam uma faixa exígua, que não lhes cobria senão o púbis, e todos vestiam só farrapos, entre os quais nada deles ficava desconhecido. Tinham as fronteas marcadas de letras, os cabelos raspados de uma banda, os pés carregados de anéis, terrosa a tez, as pálpebras queimadas pelo tenebroso ardor de uma espessa fumaça, a ponto de mal enxergarem. E, tal como os pugilistas que se empoam para combater, por todo o seu corpo se espalhava a brancura encardida da poeira de farinha.

XIII. Quanto aos jumentos com os quais eu partilhava a existência, como lembrar-me deles? Velhos mulos, castrados, débeis, lá estavam em torno do coche, onde mergulhavam a cabeça para devorar montões de palha. Um sopro arquejante agitava-lhes o couro encoscorado de úlceras purulentas. Suas ventas flácidas se dilatavam sob as sacudidelas de uma tosse contínua. Tinham o peito em carne viva, pela fricção incessante da corda. Suas ancas estavam escoriadas até os ossos pelos perpétuos castigos. A parte coriácea dos cascos, no voltear interminável, tinha-se acachapado numa desmesurada largura, e todo o couro deles era coscorento, pelado e de magreza exasperada.

A vista lamentável dessa tropa de escravos me fez temer uma sorte semelhante para mim. Lembrei-me novamente de Lúcio e de sua fortuna de outrora, e, reduzido a uma sorte de solução impossível, baixava a cabeça e me acabrunhava. Nessa vida de tormentos, nenhum consolo, a não ser o que a minha curiosidade natural para ela levava de divertimento, pois, sem se importarem com a minha presença, todos falavam diante de mim livremente e à vontade. Não foi sem razão que o divino criador da antiga poesia dos gregos,⁸³ desejando apresentar um homem de sabedoria sem igual, conta dele, nos seus versos, que havia adquirido as mais altas virtudes visitando muitas cidades e conhecendo povos diversos. Pois eu também conservo uma grata lembrança do burro que fui, e graças ao qual, escondido num envoltório e provado por atribuições as mais variadas, tornei-me, se não sábio, pelo menos rico de sabedoria.

XIV. E aqui está precisamente uma história, boa entre as melhores, espiritual e agradável, que resolvi contar-vos. Começo. O moleiro que me comprara a peso de dinheiro era um homem bom e modesto; porém, casara-se com a pior das mulheres, malvada entre todas as suas iguais; seu leito e seu lar eram, para ele, uma fonte tão amarga de desgosto, que até eu, por Hércules, gemia frequente-

mente, à parte, sobre a sua sorte. Pode-se dizer que nenhum vício faltava a essa infame criatura; pelo contrário, estavam todos reunidos na sua alma, como numa latrina emporcalhada: ela era cruel e mesquinha, bruta, bêbada, rebelde, teimosa, avara nas suas torpes rapinas, pródiga nos seus gastos vergonhosos, inimiga da fé, hostil ao pudor. Por outro lado, desprezava, calcando-os aos pés, os numes divinos. Em lugar da religião, falsa e sacrilegamente professava a crença presunçosa num deus que proclamava único. Sob a aparência de observâncias vãs, enganava a toda a gente, principalmente ao mísero marido. Bebia de manhã à noite, e se prostituía durante o dia.

XV. Tal como era, essa mulher me perseguia com ódio. Nem bem tinha amanhecido, e, ainda no leito, ela gritava que atrelassem à máquina o burro recém-vindo. Depois, logo que saía do quarto, vinha-se plantar ao meu lado e ordenava que me administrassem em sua presença uma sova de pau. Na hora de comer, desatrelavam as outras bestas, e não era senão muito tarde que ela me mandava para a manjedoura. Essas perseguições haviam aguçado singularmente, a respeito de sua conduta, minha curiosidade natural. Reparei que entrava assiduamente no seu quarto um moço e tinha muita vontade de lhe ver o rosto, se por acaso o tapa-olho concedesse aos meus olhos um instante de liberdade, pois astúcia não me faltava para descobrir, de um modo ou de outro, as torpezas da detestável criatura. Uma velha, cúmplice de suas libertinagens e recadeira de seus amantes, passava os dias junto dela. Inseparáveis, as duas começavam por almoçar juntas. Depois de terem empinado vários copos de vinho puro, combinavam, com infernal astúcia, as artimanhas contra o mísero marido. Qualquer que fosse o meu ressentimento contra o engano de Fótis, que, querendo fabricar um pássaro, conseguira um burro, restava-me, na cruel deformidade, uma única razão de consolo para me levantar o ânimo: é que, graças às minhas longas orelhas, eu ouvia tudo sem o menor esforço, mesmo a considerável distância.

XVI. E foi assim que, certo dia, estas frases cautelosas da velha me vieram aos ouvidos: 'Isso é contigo, senhora minha, se, sem ter-me consultado, te entregaste a um vagabundo e poltrão, que um franzir das sobrelanceiras do teu pasmado e insípido marido faz tremer como um covarde, cujo amor se esfria com o medo, e que castiga, com suas hesitações, o ardor de teu amplexo. Quão melhor é Filesítero, formoso adolescente, generoso e valente, que as vãs precauções dos maridos encontra sempre resoluto! Digno ele só, de usufruir os favores de todas as mulheres; digno ele só, de levar uma coroa de ouro na cabeça. Ainda recentemente, com mestria sem igual, imaginou uma astúcia contra um marido ciumento. Escuta, pois, e compara os gênios diversos dos amantes.

XVII. “Conheces bem um certo Bárbaro, decurião de nossa cidade,⁸⁴ a quem o povo chama Escorpião, pela aspereza do seu caráter. Ele tinha mulher bem-nascida, de extraordinária formosura, à qual cercava de inacreditável vigilância e mantinha cautamente encerrada em casa.”

A essas palavras, a mulher do moleiro comentou: “Como não conheço? Pois falas da minha condiscípula Aretéia.” “Se é assim”, replicou a velha, “sabes também toda a história com Filesítero?” “Não, nada”, disse ela, “mas desejo muito conhecê-la, mãe, e te suplico que me contes sem omitir nada.”

Sem demora, a infatigável faladeira começou: “Este Bárbaro preparava-se para fazer uma viagem inadiável, e nada queria negligenciar para preservar a honra da cara esposa. Deu, em segredo, instruções a um jovem escravo chamado Mirmécio, de quem conhecia a rara fidelidade. Confiou-lhe inteiramente a guarda da senhora, prometendo-lhe prisão, correntes perpétuas, e até a morte, morte lenta pela fome, se alguém, fosse quem fosse, mesmo de passagem, a tocasse com a ponta do dedo. Isso ele jurou, e confirmou o juramento por todas as divindades. Deixando Mirmécio assim aterrorizado, para que servisse à mulher de infatigável seguidor, Bárbaro se pôs a caminho com o espírito tranqüilo.

“Então, com ansiosa perseverança e ânimo obstinado, Mirmécio proibiu à ama todas as saídas. Quando ela estava na casa ocupada, fiando a lã, ele sentava junto dela, sem deixá-la nunca. E como era preciso que à tarde ela saísse para ir ao banho,⁸⁵ colava-se a ela, apertando na mão a barra do seu vestido. Assim cumpria, com admirável pertinácia, a missão de confiança de que fora incumbido.

XVIII. “Mas a beleza da nobre senhora não passaria despercebida a Filesítero, com seu ardor vigilante. Essa castidade tão famosa, e os próprios exagerados cuidados da vigilância, avivaram o seu fogo. Pronto a fazer tudo e tudo sofrer, reuniu as forças para triunfar da inflexível disciplina dessa casa. Sabendo bem que a fidelidade humana é coisa frágil, que não há obstáculo para o dinheiro, e que se vê o ouro forçar até portas de aço, aproveitou um momento em que Mirmécio estava sozinho, contou-lhe do seu amor e suplicou-lhe remédio para o seu tormento, pois sua resolução estava tomada: decidira recorrer à morte pronta, se não possuísse logo o objeto de seus desejos. De resto, era coisa muito fácil, e que não justificava nenhum temor, pois, estando sozinho à noite, escondido e protegido pelas trevas, podia, num instante, entrar e sair. A esses meios de persuasão, ajuntou um último que devia, como uma cunha forte, abrir uma fenda na rígida firmeza do escravo: estendendo a mão, mostrou-lhe moedas de ouro novas e brilhantes. Vinte eram para a moça, e ao próprio Mirmécio, de boa vontade ofereceria dez.

XIX. “Mirmécio estremeceu de horror ao pensamento do inaudito crime, e fugiu, tampando os ouvidos. Mas o brilho chamejante do ouro não queria mais deixar seus olhos. Não lhe adiantou afastar-se a passo rápido. Mesmo depois de chegado a casa, continuava vendo o belo reflexo das peças, e mantinha no pensamento o opulento lucro. Agitado como as águas do mar, e em conflito consigo mesmo, o espírito do pobre rapaz se dividira, solicitado por paixões contrárias: aqui a fidelidade, ali o lucro; aqui os tormentos, ali a volúpia. Por fim, o temor da morte foi vencido pelo ouro. O desejo de possuir as belas moedas não diminuiu nem com o tempo. O flagelo da cobiça envenenava-lhe as noites e, se as ameaças do amo o retinham em casa, a voz do ouro o chamava para sair. Então, sufocando a vergonha, e banindo toda hesitação, levou aos ouvidos da senhora a mensagem de que o tinham encarregado. Esta, longe de desmentir a leviandade natural do sexo, fez imediatamente ao execrável metal o sacrifício da honra. Transbordando de alegria, precipitou-se Mirmécio de cabeça baixa para o aniquilamento de sua fidelidade. Queimava, já não digo de desejo de receber, mas simplesmente de apalpar o dinheiro que tinha visto, para sua perdição. Anunciou alegremente a Filesítero que, graças aos seus muitos esforços, dele, Mirmécio, seus desejos seriam satisfeitos, e reclamou ao mesmo tempo a recompensa prometida. E eis as peças de ouro na mão de Mirmécio, que não conhecia nem o cobre.

XX. “Alta noite, ele conduziu à casa o audacioso amante, sozinho e com a cabeça bem coberta, e o fez entrar no quarto da senhora. Porém, quando ela e ele sacrificavam com seus primeiros amplexos ao novo Amor, e, soldados nus, faziam juntos os primeiros exercícios a serviço de Vênus, nesse instante, e contra toda expectativa, aproveitando a sombra da noite, o marido se apresentou inesperadamente diante da porta da casa. Bateu, chamou, malhou na porta fechada com uma pedra, e a demora aumentava cada vez mais suas suspeitas, pelo que ele ameaçava Mirmécio de terríveis suplícios. O escravo, perturbado pela súbita desventura, não sabia como fazer na sua cruel perplexidade, e, como único recurso de que dispunha, acusou a escuridão da noite que o impedia de encontrar a chave cuidadosamente escondida. Entrementes, Filesítero, ouvindo a balbúrdia, vestiu prontamente a túnica, mas, na pressa, esqueceu de se calçar, e saiu do quarto na disparada. Foi somente então que Mirmécio introduziu a chave sob a tranca, abriu a porta, e fez entrar o amo, que vociferava ainda, invocando todos os deuses. Depois, enquanto o marido alcançava o quarto, Mirmécio, o mais depressa que podia, orientou Filesítero para uma evasão clandestina. Estando aquele livre, portas afora, o escravo, tranqüilo a seu respeito, fechou a casa e entrou para dormir.

XXI. “Mas quando, vindo os primeiros alvares do dia, Bárbaro saiu do quarto, viu sob o leito sandálias desconhecidas: aquelas que Filesítero levava quando entrara. Suspeitando, ao ver isso, do que se havia passado, sem contar o tormento do coração nem à mulher, nem a ninguém da casa, juntou as sandálias, introduziu-as furtivamente sob as roupas, e ordenou somente que Mirmécio, carregado de correntes e vigiado pelos companheiros, fosse arrastado até o fórum, enquanto que ele próprio, sufocando repetidos urros, se dirigiu com passos rápidos na mesma direção, calculando que as sandálias reveladoras o fariam encontrar sem esforço o rastro do sedutor. Avançava então Bárbaro, furioso, pela rua, com o rosto congestionado e as sobrancelhas franzidas. Atrás dele, sob os ferros, Mirmécio, que, não compreendendo direito, era no entanto trabalhado por sua má consciência, e que, com uma torrente de lágrimas e veementes lamentações, excitava uma piedade impotente. Nesse momento exato os encontrou Filesítero. Sua caminhada tinha outro objetivo; todavia, o imprevisto espetáculo o atingiu sem desconcertá-lo. Veio-lhe à memória o esquecimento cometido com sua precipitação. Perspicaz, adivinhou toda a seqüência e, apelando para sua segurança costumeira, afastou os escravos, lançou-se sobre Mirmécio com grandes clamores, martelando-lhes as faces com murros inofensivos: ‘Ah! velhaco’, dizia, ‘perjuro! Possa o teu dono aqui presente, e possam todas as divindades do Céu, que invocaste temerariamente nos teus falsos juramentos, possam elas, malvado, te perderem miseravelmente. Foste tu que, ontem, no banho, me roubaste as sandálias. Em verdade, mereces usar esses ferros, e mereces apodrecer nas trevas do cárcere.’

“Enganado por essa oportuna astúcia, e pelo ar decidido do moço, e mais, alegremente crédulo, Bárbaro, de volta a casa, mandou chamar Mirmécio, apresentou-lhe as sandálias e, perdoando-o de bom coração, aconselhou-o a entregar ao legítimo dono o que havia furtado.”

XXII. Não tinha ainda a velha terminado a sua prosa, quando a outra falou: “Feliz da mulher que encontra no amante tanto sangue-frio e presença de espírito! Enquanto que eu, pobre de mim, tremo de medo até do ruído da mó, e do vulto do burro sarnento que ali está.”

E respondeu a velha: “Eu persuadirei o outro, cuja coragem confirmo, e trarei, fiel, ao teu encontro, o audacioso amante.” Com isso, e combinando voltar à tarde, ela saiu do quarto.

A pudica esposa logo preparou uma ceia comparável às dos sális. Decantou vinhos caros, misturou carne verde e em conserva, guarneceu abundantemente a mesa. Em suma, em vez do amante, parecia que um deus era esperado. O marido, muito a propósito, jantaria fora, em casa de um lavador de togas vizinho.⁸⁶ Chegava o dia ao fim. Desarreado afinal, eu poderia, sem mais preocupa-

ção, restaurar as forças; mas, em verdade, alegrava-me menos de estar livre do trabalho que de ter os olhos destapados e poder, dali para a frente, seguir à vontade todo o manejo da celerada. O Sol mergulhara no oceano, e iluminava as regiões inferiores do mundo, quando, lado a lado com a sórdida velha, chegou o temerário amante: um menino, podia-se dizer, cujas faces frescas e imberbes atraíam os olhares, e muito bom ele mesmo, ainda, para fazer a felicidade de um amante. Foi recebido com beijos, mostraram-lhe a ceia preparada e convidaram-no a pôr-se à mesa.

XXIII. Mas o rapaz mal roçara o primeiro copo com os lábios e mordiscara as primeiras petisqueiras, quando, muito mais depressa do que se esperava, eis o marido de volta. Sua virtuosa esposa o recebeu com as piores imprecações, afirmando que bem gostaria que ele tivesse quebrado as duas pernas. Quanto ao amado, lívido de medo e tremendo, ela o escondeu numa caixa de madeira que servia para guardar o trigo moído e que lá se achava por acaso. Depois, dissimulando, com sua astúcia natural, a infâmia de sua conduta, e deixando transparecer na expressão uma fingida segurança, perguntou ao marido por que deixara a mesa do amigo, com quem mantinha tão estreitas relações de amizade, e voltara tão cedo. Mas ele, cheio de dor, e suspirando sem cessar, disse:

“É que, não podendo suportar a ignomínia e a baixeza de uma mulher perdida, fugi. Ai de nós, deuses bons, como pode a mãe de família tão fiel, tão equilibrada, se macular com a vergonhosa desonra? Juro por esta divina Ceres que o que vi dessa mulher, com os meus olhos, não posso ainda acreditar.”

Excitada pelas palavras do marido, a audaciosa se acendia no desejo de conhecer a aventura. Instava sem cessar para obrigá-lo a contar toda a história, e não sossegou enquanto o marido, cedendo à sua vontade, não lhe narrou o infortúnio da casa do outro, inconsciente do que se passava na sua.

XXIV. “Meu amigo que tinge panos tem uma mulher cuja virtude parecia acima de qualquer suspeita. Gozava de uma reputação que fazia a sua glória, e governava como casta esposa o lar conjugal, quando uma paixão secreta dela se apoderou por não sei que adúltero. Começaram os freqüentes encontros furtivos, a ponto de, no próprio momento em que, saídos do banho, íamos para a mesa, ela estar fazendo amor com o moço. Perturbada de súbito pela nossa presença, e apanhada desprevenida, ela o escondeu sob uma gaiola de caniço, feita de varinhas flexíveis, dispostas em círculo e ajuntando-se no alto, sobre a qual se estendiam as peças de fazenda para clareá-las na fumaça do enxofre. Estando o outro assim escondido em lugar seguro, como pensava, ela veio, sem preocupação, associar-se ao nosso repasto.

“Entretanto, o moço, impregnado do acre e penetrante odor sulfúrico, sufocava, desfalecia numa nuvem de vapor, e, conforme o efeito ordinário produzido por es-

ses corpos de virtudes ativas, foi sacudido de freqüentes espirros.

XXV. “Da primeira vez, ouvindo, ao lado da mulher, o ruído de um espirro que se produzia atrás, o marido acreditou que vinha dela e lhe disse a fórmula usual de saúde. Do mesmo modo, veio um segundo espirro, e diversos mais ainda, até o momento em que, intrigado pela repetição do mesmo fato, ele suspeitou, por fim, do que se tratava. Empurrando bruscamente a mesa, descobriu a gaiola e dela tirou um homem cuja precipitada respiração se processava com esforço. Ardendo de indignação com a afronta, pediu uma espada. Fazia já menção de degolar o moribundo, quando, ao pensamento do perigo em que nos meteria a todos, eu lhe contive com esforço o louco impulso, argumentando que, sem culpa nenhuma de nossa parte, seu inimigo não tardaria a sucumbir por si mesmo à violenta ação do enxofre. Acalmado, por fim, menos pelos conselhos que pela força das circunstâncias (o homem, com efeito, não vivia mais senão a meio), foi depositá-lo na rua vizinha. Aconselhei em seguida, baixinho, a mulher, persuadindo-a a se afastar da loja por algum tempo, e retirar-se provisoriamente para casa de uma das amigas, até que o tempo serenasse a cólera fervilhante do marido, pois, a julgar pelo calor e raiva de que estava possuído, não era de duvidar que meditasse também contra si mesmo e contra a mulher algum sinistro projeto. O aborrecimento do tal banquete me afugentou da mesa do meu amigo e me trouxe para minha própria casa.”

XXVI. Durante todo esse relato, a mulher do moleiro, que tinha uma longa prática de impudência e de perfídia, amaldiçoava a mulher do lavador de panos e imprecava contra ela. Era, dizia, uma sem-vergonha, uma ordinária, a desonra e o opróbrio de todo o seu sexo. Pois quê! Sacrificar a honra, calcar aos pés o pacto do leito nupcial, emporcalhar o lar conjugal com a infâmia de um prostíbulo, perder a dignidade de esposa, para ficar com o nome de prostituta! Era preciso queimar vivas tais mulheres, acrescentava. Entretanto, secretamente minada pelos remorsos de uma consciência sórdida, tinha pressa de livrar o cúmplice de um abrigo que o incomodava, e não cessava de dar a entender ao marido que era hora de ir dormir. Mas ele, que, da ceia interrompida por sua fuga, tinha voltado completamente em jejum, pediu com delicadeza que lhe dessem antes alguma coisa para comer. A mulher então diligenciou servi-lo, mas bem contra a vontade, e isso se compreende: o repasto era destinado a outro. Mas, profundamente golpeado em meu coração ao pensamento da criminoso conduta dessa mulher abominável e do seu cinismo nesse instante, eu me perguntava ansiosamente se poderia, de algum modo, descobrindo e revelando a fraude, auxiliar o meu dono e fazer aparecer a

todos os olhos, revelando-lhe o abrigo, aquele que, como uma tartaruga, se mantinha agachado na caixa.

XXVII. No tormento que eu experimentava com a injúria feita ao meu dono, a celeste providência afinal lançou os olhos para mim. Era a hora em que o velho coxo encarregado de nos tratar levava, para beber, as bestas de carga, em grupo, ao bebedouro mais próximo. Tal circunstância forneceu à minha vingança a suspirada ocasião, pois, ao passar ao lado do nosso adúltero, vi a ponta de seus dedos, que ultrapassavam as bordas da caixa estreita demais: com um golpe do casco, dado de lado, eu os comprimi sem dó e os esmaguei até reduzi-los a pasta. A dor intolerável lhe arrancou um grito aflito. Ele abriu a caixa, repeliu-a para longe, e sua aparição à vista dos profanos revelou as manobras da despudorada mulher.

O moleiro, entretanto, não estava lá muito comovido com o mal causado à sua honra, e, enquanto o velhaco, pálido, tremia, ele, com a fronte serena, com expressão benévola, disse-lhe, acariciando-o: “Não temas nenhum mal de minha parte, meu filho. Não sou bárbaro, e não tenho os modos grosseiros de um camponês. Também não sou um brutal lavador de panos, para te fazer morrer asfixiado com vapores de enxofre. Eu não recorrerei aos rigores do Direito, nem invocarei a lei sobre o adultério, para intentar um processo capital contra jovem tão gracioso e bonito. Não. Tratarei com minha mulher sobre o princípio da partilha. Não é a divisão dos bens da família que pretendo reclamar, mas o desfrute em comum, a fim de que, sem disputa e sem querelas, nos encontremos os três de acordo num único leito. Assim, vivi sempre com minha mulher em tão perfeita harmonia que, de acordo com o preceito dos sábios, sempre tivemos, um e outra, a mesma opinião em tudo. A eqüidade, de resto, não permite que a mulher tenha mais autoridade que o marido.”

XXVIII. Conversando assim, com blandiciosas palavras, ele arrastava para o leito o rapaz, que, embora não quisesse, o seguia. Depois de ter fechado sua casta metade numa outra peça, deitou sozinho com o jovem, e gozou plenamente a doçura de vingar o seu himeneu profanado. Mas antes que o disco luminoso do Sol tivesse feito nascer o dia, chamou dois dos seus mais robustos escravos, fê-los segurarem o juvenzinho tão alto quanto possível e, fustigando-o com uma férula, observava: “Ah! Tão tenro e delicado, e tão menino, tu frustras os amorosos da flor da tua juventude, para correres atrás de mulheres, de mulheres de condição livre e das que estão sob as leis do matrimônio. Fazes-te de sedutor e reivindicas antes da idade a fama de adúltero!”

Depois desta apóstrofe e de outras do mesmo gênero, acompanhadas de um corretivo cuidadoso, lançou-o porta afora. O rei dos sedutores, fora do negócio, sem esperança, com as brancas nádegas magoadas no tratamento su-

portado durante a noite, e depois de dia, fugiu acabrunhado. O padeiro impôs logo o divórcio à mulher e expulsou-a imediatamente de casa.

XXIX. Porém, ela, com sua natural malícia, ressentia-se profundamente da afronta que a exasperava, por justa que fosse. Voltando às suas práticas antigas, exercitou-se nos artifícios familiares ao seu sexo. Procurando bem, descobriu uma velha feiticeira que, com devoções e malefícios, podia conseguir fosse o que fosse. Era o que se acreditava. À força de súplicas e de presentes, assegurou-se do seu concurso, pedindo-lhe de duas coisas uma: ou apaziguar o marido e reconciliá-los, ou, se isso não fosse possível, invocar ao menos algum espectro, algum nume infernal que tivesse posto fim à vida com morte violenta. Esta mulher, então, esta feiticeira, que tinha poder sobre os deuses, tentou, para começar, as armas mais comuns de sua arte criminosa. Esforçou-se por abrandar o coração gravemente ultrajado do marido, impelindo-o de novo ao amor. Mas como o êxito não correspondesse à expectativa, indignada contra as potências divinas e estimulada tanto por seus desdêns como pelo lucro que esperava da recompensa prometida, foi a própria vida do desgraçado que ela ameaçou, incitando a perdê-lo a sombra de uma mulher que perecera de morte violenta.

XXX. Mas talvez, leitor escrupuloso, procures censurar minha narrativa argumentando assim: “E como, então, astuto burro, fechado como estavas entre os muros de um moinho, pudeste saber o que as duas mulheres faziam em segredo?” Fica sabendo, pois, como o homem curioso que eu era, sob a figura de uma besta, teve conhecimento de tudo o que se tramava contra a vida do meu moleiro.

Pelo meio do dia, apareceu de repente, no interior do moinho, uma mulher vestida como uma acusada, desfigurada por uma indizível tristeza. Vestida de trapos lamentáveis, pés nus e sem proteção, estava pálida como o buxo e era de horrível magreza. Sua cabeleira grisalha, espalhada e suja de cinza, caía para a frente e lhe escondia a maior parte do rosto. Assim pousou docemente a mão sobre o moleiro, e, a pretexto de uma conversa em particular, arrastou-o para o quarto dele, onde, a portas fechadas, demorou-se por muito tempo. Mas como o trigo que os obreiros tinham recebido para manipular estava inteiramente acabado, e era preciso pedir outro, os escravos, diante do quarto, puseram-se a chamar o dono, reclamando suprimento para o trabalho. Por duas vezes, sem resultado, gritaram com toda a força; do dono, nem sinal. Deram então grandes golpes na porta, e, pressentindo, ao encontrá-la aferrolhada com cuidado, algum funesto acidente, com um forte tranco a arrombaram, ou fizeram saltar os gonzos, e abriram por fim um acesso. Não descobriram em parte alguma a mulher, mas viram o amo pendurado a uma viga, estrangulado. Já não respi-

rava mais. Depois de terem desfeito o nó que lhe apertava a garganta, e de o descerem, procederam, com barulhentas queixas e veementes lamentos, às derradeiras abluções, providenciaram os deveres fúnebres, e o levaram ao túmulo seguido de numeroso cortejo.

XXXI. No dia seguinte, a filha casada, que vivia num povoado vizinho, acudiu chorando, agitando os cabelos desnastrados e batendo no peito a intervalos, com o punho fechado. Ninguém lhe tinha levado a notícia do infortúnio que atingira sua casa; porém, ela o soubera, pois, durante o sono, a lastimosa imagem do pai lhe aparecera, com o pescoço ainda no laço, e lhe revelara a criminosa conduta da madrasta, suas infidelidades, seus malefícios, e como ele próprio, vítima de um fantasma, tinha descido aos infernos. Durante longo tempo, ela se abandonou a torturantes lamentos. Acalmada, enfim, pelos amigos que acudiram e a cercaram, pôs termo ao luto. No nono dia, uma vez acabados os ritos solenes ao pé do túmulo, vendeu tudo que fazia parte da herança, escravos, móveis, animais. Foi assim que todo o patrimônio foi dispersado aqui e ali, ao capricho e ao acaso de uma venda cheia de imprevistos. Foi comprado por um pobre jardineiro por cinquenta sestércios: era caro, dizia ele, mas esperava, por meio do nosso comum trabalho, conseguir com que viver.

XXXII. Parece-me indicado expor aqui como eram, hora por hora, os deveres do meu novo serviço. Pela manhã, depois de ter posto sobre mim uma pesada carga de legumes, meu dono me conduzia, de costume, à cidade vizinha. Entregava sua mercadoria aos revendedores; depois, montado no meu lombo, voltava para sua horta. Então, enquanto ele capinava e regava, e, curvado para a terra, desincumbia-se dos seus outros trabalhos, eu, durante todo o tempo, não tendo mais nada que fazer, desfrutava de um sereno repouso. Mas os astros cumpriam a ordem imutável de suas revoluções. O ano percorreu o ciclo de seus dias e de seus meses, deixando para trás os doces prazeres das vindimas de outono e se inclinou para o Capricórnio. Veio o inverno com suas nevadas, suas chuvas contínuas. Encerrado ao ar livre, num estábulo sem teto, eu sofria horivelmente de frio, e não tinha alívio, pois meu dono, em sua extrema pobreza, não podia conceder nem a si mesmo, e muito menos a mim, um colchão de palha, ou uma exígua coberta, e se contentava com uma cabana de folhagem. Acrescentai que era um suplício pôr os pés de manhã na lama fria e sobre pontas de gelo. Eu não tinha nem para encher a pança a minha ração costumeira. Meu cardápio era em tudo semelhante ao do meu dono, mas não deixava de ser, por minha fé, muito magro. Constava de velhas chicórias que, crescidas e brotadas pareciam grandes vassouras, ásperas, podres, produto do lodo.

XXXIII. Certa noite, um proprietário do pago mais próximo, levado pela escuridão de um céu sem luar, e enganado pela chuva torrencial, tendo por isso se distanciado do caminho, naufragou diante de nossa horta com um cavalo aguado. Acolhido com a solicitude que as circunstâncias exigiam, desfrutou, apesar da falta de conforto, o bem-estar de um repouso necessário, e, desejando recompensar a boa vontade do hospedeiro, prometeu dar-lhe algumas medidas de trigo e de óleo, das suas terras, e seis urnas de vinho. Sem mais esperar, meu patrão, munido de um saco e de odres vazios, instalou-se sobre o meu lombo em pelo e se pôs a caminho, para um trajeto de sessenta estádios.⁸⁷ Franqueada essa distância, chegamos ao domínio indicado. Ali, o anfitrião solícito ofereceu ao meu dono uma opípara refeição. Enquanto os dois homens conversaram, de copo na mão, deu-se um acontecimento prodigioso. Uma galinha da fazenda se pôs a correr em todos os sentidos, no quintal, soltando o seu cacarejo costumeiro, como se quisesse botar. “Boa criada”, disse o dono, olhando para ela, “e fecunda quanto se deseja. Há muito tempo que, cotidianamente, nos sustentas com teus ovos. E agora ainda vejo que pensas em nos proporcionar um bom petisco.” E depois: “Eh, menino!”, gritou, “pega o cesto das galinhas poedeiras e põe no canto do costume.” O escravo executou as ordens do dono, mas a galinha, desdenhando o ninho sobre o qual se instalava sempre, depôs aos pés do amo um fruto que veio a termo tarde demais, e que era muito próprio, de resto, para enchê-lo de inquietação. Não foi, com efeito, um ovo como nós os conhecemos, mas um franguinho completamente formado, com suas penas, unhas, olhos e mesmo voz, e que se pôs imediatamente a seguir a mãe.

XXXIV. Como se não bastasse, aconteceu outro fato, bem mais prodigioso ainda e de natureza a inspirar justo sentimento de horror. Sob a própria mesa, sobre a qual se achavam os restos do almoço, abriu-se uma profunda fenda no chão, de onde surgiu uma abundante fonte de sangue, e largas golfadas inundaram o móvel. E, no mesmo momento em que, estarrecidas, interrogavam-se ansiosamente as pessoas sobre esses divinos presságios, eis que chegou um homem correndo, da adega, para anunciar que todo o vinho, havia muito tempo repartido nos tonéis, fermentava e esquentava e fervia, como se o tivessem posto sobre um vasto braseiro. Enquanto essas coisas aconteciam, viu-se ainda uma doninha com uma serpente morta entre os dentes. Da goela de um cão de pastor, saltou uma rãzinha verde, e o próprio cão foi estrangulado, com uma única mordida, por um carneiro que lhe estava ao lado. A repetição de tais fatos apavorara o patrão e toda a família e mergulhara os ânimos em completo abatimento; indagavam-se todos que fazer primeiro, que fazer depois, de mais ou de menos importante, para

apaziguar as ameaças dos poderes celestes, qual a espécie, qual o número das vítimas a imolar como expiação.

XXXV. Estavam ainda estatelados, na expectativa e na apreensão de algum desastre, quando chegou um pequeno escravo, que vinha anunciar ao dono as enormidades, sem igual no mundo, acontecidas no seu domínio. Aquele homem, com efeito, tinha três filhos já crescidos, instruídos e de bom caráter, que eram o orgulho de sua vida. Esses adolescentes estavam unidos, por antiga amizade, com um pobre homem possuidor de modesta cabana. Ora, a casinhola estava nos limites de terras vastas e opulentas, propriedade de um vizinho poderoso, rico, ainda jovem, de alto nascimento, mas que abusava da glória dos antepassados; tinha ele o gênio da intriga, e, na cidade, fazia tudo quanto queria. Como o faria com um inimigo de guerra, invadia a mísera terra do humilde vizinho, massacrava os rebanhos, levava os bois, pisoteava as searas, que mal começavam a amadurecer. Não contente ainda de o ter espoliado do fruto de seu trabalho, pretendia expulsá-lo de seus pobres campos e, levantando uma vã questão de limites, reivindicava para si todo o domínio. Então o camponês, que, despojado já pela cupidéz do rico, pedia na sua modéstia, a fim de conservá-lo ao menos para sua própria sepultura, o solo herdado dos pais, convocou, numa inquietação extrema, numerosos amigos, para estabelecer quais eram os seus limites. No número destes se encontram os três irmãos, que desejavam auxiliar quanto pudessem o amigo oprimido.

XXXVI. Mas o celerado não se deixou atemorizar, nem mesmo perturbar, pela presença de tantos cidadãos, e não quis atenuar em nada, nem as suas ladroeiras, nem ao menos a maneira de falar. Como os outros faziam valer seus direitos com brandura e procuravam apaziguá-lo com linguagem conciliante, no seu humor efervescente declarou, cara a cara, e jurou por sua vida e pela dos seres que lhe eram caros, que não se importava com a presença de tantos mediadores; quanto ao vizinho, o seu pessoal o tomaria pelas orelhas e o atiraria imediatamente para bem longe da sua barraca. Essas palavras excitaram em todos que as ouviram veemente indignação. Um dos três irmãos lhe respondeu, sem hesitar e com alguma vivacidade, que ele se baseava em vão nas suas riquezas para proferir ameaças com a arrogância de um tirano, pois que também os pobres tinham, sob a proteção das leis, um recurso garantido contra a insolência dos ricos. Como o óleo no fogo, o sopro no incêndio, e o chicote nas mãos da Fúria, esse discurso foi um alimento à sua truculência. Na mais extrema insânia, e completamente fora de si, gritou que podiam enforcar-se — eles e todas as suas leis. E como tinha cães de pastor, esses cães de fazenda, animais selvagens, enormes, que estão habituados a se nutrir de carniça abandonada nos campos, e orienta-

dos para morderem indistintamente qualquer viajante que passe pela estrada, mandou que os libertassem e os soltassem sobre os que ali estavam, excitando-os ao ataque. Ao costumeiro sinal dos pastores, inflamaram-se os cães, de súbito, de ardente raiva, e precipitaram-se para a frente, espalhando o terror por sua fúria, por seus latidos dissonantes. Cobriram de ferimentos os circunstantes, rasgaram-lhes as roupas e despedaçaram-nas, e, em vez de pouparem ao menos os fugitivos, perseguiram-nos com maior encarniçamento.

XXXVII. Essa carnificina foi causa, na multidão, de uma debandada, no curso da qual o mais jovem dos três irmãos machucou os dedos, batendo contra uma pedra, e foi lançado por terra, oferecendo à cruel rapacidade dos cães um pasto atroz. Foi bastante perceberem a presa jacente, com efeito, para despedaçarem o desgraçado adolescente. Reconhecendo seus uivos de agonia, os irmãos, cheios de dor, correram em seu auxílio, e, com a mão esquerda envolvida num pano de suas vestes, pararam, lançando uma saraivada de pedras para defender o irmão e espantar os cães. Não conseguiram, contudo, nem detê-los, nem vencê-los, nem conter-lhes a ferocidade. O mísero jovem pediu aos irmãos, e foram suas derradeiras palavras, que vingassem no rico, poluído de crimes, a morte do caçula. Depois, todo em frangalhos, expirou. Então os dois sobreviventes, não em desespero de causa, mas porque em verdade nada mais lhes importava, marcharam contra o rico. Na sua cólera ardente, no seu cego impulso, atiravam pedras à distância. Mas o sanguinário homem, exercitado anteriormente no ofício de assassino por numerosas malvadezas semelhantes, lançou sua lança e atravessou de lado a lado, em pleno peito, um dos dois moços. Se bem que ferido de morte, o moço, no entanto, não caiu por terra. A arma que o tinha atravessado, tendo saído pelas costas, no seu maior comprimento, fixou-se ao solo pela violência do golpe. O corpo, sustido por esse apoio muito rígido, ficou em equilíbrio. Lá de cima um escravo, grande e forte latagão, indo em socorro do matador, arremessou uma pedra que visava de longe o braço direito do último dos três irmãos. Mas a pedra não acertou o alvo, e, não tendo senão a florado de passagem a ponta dos dedos, caiu, contra a expectativa geral, sem causar mal algum.

XXXVIII. Com muita sagacidade, o moço soube pelo menos tirar da relativa clemência da sorte uma ligeira esperança de vingança. Fingindo ter a mão inutilizada, interpelou assim o cruel adversário: “Goza a destruição de toda a nossa família, repasta a tua crueldade insaciável no sangue de três irmãos, e triunfa gloriosamente dos teus concidadãos abatidos. No entanto, fica sabendo que foi em vão que privaste um pobre dos seus bens, para estender indefinidamente os limites das tuas terras. Sempre

terás um vizinho. Com esta mão, ter-te-ia eu cortado a cabeça, porém ela está inerte pela iniquidade do destino.”

Esse discurso exasperou ao máximo o ladrão. Em seu furor, agarrou o gládio e se atirou avidamente sobre o infeliz rapaz para matá-lo. Mas desafiara um homem tão firme quanto ele, e ficou surpreendido com uma resistência que estava longe de esperar. O moço, num robusto abraço, apoderou-se da mão direita do adversário e, balançando o ferro com um impulso enérgico, bateu no rico grandes golpes e o fez entregar a alma impura. Depois, para se livrar das mãos dos servidores que acudiram, prontamente, voltou a ponta da arma, ainda úmida do sangue do inimigo, contra a própria garganta, e cortou firme.

Os prodígios pressagiavam essas coisas — eis a desgraça de que o pai de família recebera o anúncio. Assaltado por tantas calamidades, o ancião não pôde proferir uma palavra, nem mesmo derramar o silencioso pranto. Agarrando a faca, com a qual acabava de repartir o queijo e outros pratos do almoço entre os convivas, a exemplo do seu desgraçado filho, feriu com ela a garganta com diversos golpes e, dobrando-se por fim sobre a mesa, onde a cabeça bateu primeiro, banhou com um novo rio de sangue as manchas do sangue profético.

XXXIX. Foi assim que, num espaço brevíssimo, toda a casa se acabou. O hortelão, chorando tanto infortúnio, e gemendo doloridamente sobre a sua própria desgraça, derramou lágrimas para pagar o almoço e bateu muitas vezes uma contra a outra as mãos vazias; depois, montando em meu lombo, tomou, em sentido inverso, o caminho pelo qual tínhamos vindo. Mas mesmo a sua volta não se realizou sem embaraços, pois um corpulento indivíduo, soldado da legião, como indicavam seu porte e atitude, encontrando-se em nossa estrada, perguntou ao hortelão, em tom soberbo e arrogante, para onde conduzia ele aquele animal sem carregamento. Meu dono, que não se recobrava ainda do desgosto, e que de resto ignorava o latim, passou pelo outro sem dizer nada. O soldado não pôde conter a sua insolência natural. Ultrajado com esse silêncio, como por uma afronta, bateu-lhe com uma cepa de vinha que tinha na mão, e o atirou para debaixo do meu dorso. Então o hortelão respondeu, humildemente, que ignorava a língua do soldado e não podia compreender o que ele dizia. O legionário retomou a palavra em Grego: “Para onde levas esse burro?”, perguntou. O hortelão respondeu que ia à cidade vizinha. “Mas eu”, foi a réplica, “preciso dele, pois é necessário que, com outras bestas de carga, ele transporte as bagagens do nosso comandante de um castelo fortificado que fica não longe daqui.” E, pondo logo a mão sobre mim, pegou a brida que servia para me conduzir, e se pôs a me puxar para o seu lado. O hortelão, enxugando o sangue que lhe corria da ferida recebida há pouco na cabeça, suplicou de novo

ao camarada que se conduzisse de maneira mais civil e mais humana. Conjurou-o em nome de suas mais caras esperanças. “E depois”, argumentou, “esse burro é um velhaco que não presta para nada, o que não o impede de morder. Sofre de uma doença de sinistro agouro. Mal e mal transporta da hortinha próxima, fungando e desfalecendo, alguns molhos de legumes. Não está em condições de levar fardos pesados.”

XL. Mas quando viu que o soldado, longe de se deixar enternecer pelas súplicas, excitava-se ainda mais contra ele, e, com a intenção de lhe pregar uma peça, preparava-se para lhe rachar a cabeça com o nó mais grosso da cepa dobrada, recorreu a um meio extremo. Fingindo querer tocar-lhe os joelhos, para movê-lo à comiseração, abaixou-se, agarrou-lhe os dois pés, levantou-o da terra e o fez recair pesadamente. Depois, a murros, a cotoveladas, a dentadas, e mesmo com uma pedra das que se amontoavam pelo caminho, machucou-o na face, nas mãos, nos flancos. Seu adversário, uma vez por terra, e deitado de costas, não podia nem reagir, nem se defender de maneira nenhuma. Mas não deixava de ameaçar o hortelão de, se por acaso se levantasse, o retalhar em pedacinhos com o sabre. Esta palavra foi um aviso: o hortelão apanhou a arma, jogou-a longe, e se pôs a golpear com dobrada fúria. O soldado, estendido de todo o comprimento, imobilizado pelos ferimentos e não encontrando nenhum meio de se salvar, lançou mão do único expediente ao seu alcance: fingiu-se de morto. Então o hortelão, levando o sabre consigo, montou em seu lombo e dirigiu-se à cidade. Sem se preocupar de rever a sua hortinha, tocou-se para a casa de um dos amigos, contou-lhe tudo, suplicou-lhe que o auxiliasse nesse perigo, e que escondesse, a ele e seu burro, por uns dois ou três dias, o tempo de ele poder escapar, pela fuga, a uma perseguição capital. O outro, lembrando-se da velha amizade, recolheu-o sollicitamente. Içaram-me por uma escada, introduzindo-me as pernas no pavimento superior. Quanto ao hortelão, ficou embaixo, na loja; deslizou para dentro de um cofre e ali se agachou, depois do que puxaram sobre ele uma tampa.

XLI. Entrementes o soldado, soube-o eu depois, tinha enfim despertado, como quem sai de profunda bebedeira, e se bem que cambaleando, enfraquecido pelo sofrimento de todos os golpes recebidos, e sustendo-se em pé apenas com o auxílio de um cajado, chegou enfim à cidade. Humilhado demais para contar a qualquer cidadão o seu acesso de cólera e a sua derrota, devorou a injúria em silêncio, até que, encontrando alguns camaradas, contou-lhes, e unicamente a eles, sua desastrosa aventura. Combinaram que ele permaneceria algum tempo no acantonamento, sem se mostrar, pois, abstraindo-se sua ofensa pessoal, ele temia, por ter perdido a espada, o gênio pro-

tetor do juramento militar. Enquanto isso, os outros procuravam-nos o rastro, diligenciando descobrir-nos para vingarem-se. Encontraram um vizinho perverso, que lhes revelou o lugar exato em que estávamos escondidos. Os companheiros do soldado procuraram os magistrados, sob o falso pretexto de terem perdido na estrada um vasinho de prata, muito valioso, pertencente ao seu comandante. Diziam que um hortelão o tinha encontrado e que se recusava a restituí-lo. Que estava escondido na casa de seus amigos. Os magistrados, cientes do caso e do nome do comandante, se apresentaram à porta do nosso abrigo. Citaram em alta voz nosso hospedeiro, e, uma vez que ter-nos ele escondido era fato certo e seguro, argumentaram que era melhor entregar-nos do que pôr a própria cabeça em perigo. Sem se deixar intimidar nem um pouco, e não pensando senão na salvação daquele que recebera sob sua proteção, o hospedeiro nada confessou quanto ao que nos concernia, e afirmou que havia diversos dias não via o hortelão. Os soldados, por seu lado, declararam e juraram, pelo gênio do príncipe, que ele estava escondido ali e não em outra parte. Por fim, decidiram os magistrados acabar com essas negativas obstinadas, dando uma busca. Fizeram então entrar os litores e os outros oficiais de justiça, com ordem de rebuscarem cuidadosamente até os menores recantos. Nenhum ser humano foi visto no interior da casa, e um burro muito menos.

XLII. A discussão recomeçou de parte a parte, com mais violência; afirmavam os militares que sabiam o que diziam e não cessavam de invocar o nome de César. O outro persistia em negar, tomando por testemunha os deuses numes. Ouvindo os gritos e o ruído da disputa, com uma curiosidade natural e o descaramento indiscreto de um burro, alonguei o pescoço obliquamente por uma janelinha e esforcei-me para ver o que significava aquele tumulto. O acaso quis que um dos soldados nesse instante voltasse os olhos para a minha sombra. Tomou por testemunhas todos os presentes. Uma grande grita se elevou. Pegaram logo uma escada, agarraram-me e desceram-me cativo. Nenhuma hesitação era possível mais: investigaram tudo escrupulosamente, e, levantando a tampa do cofre, tiraram de seu esconderijo e apresentaram aos magistrados o desgraçado hortelão, que destinado aparentemente à pena capital, foi conduzido à cadeia pública. Entretanto, à lembrança do meu pescoço espichado para ver, estalavam os risos barulhentos, as brincadeiras sem fim. Para mim, foi esse fato a origem do provérbio, freqüentemente citado, do burro que estendeu o pescoço para ver, e da sua sombra.

LIVRO X

I. No dia seguinte, não sei o que aconteceu ao hortelão meu dono. Quanto a mim, o soldado a quem o excesso de cólera tinha valido magistral corretivo, tirou-me da manjedoura e me levou, sem provocar, em verdade, nenhum protesto. Depois, carregando-me com a sua bagagem pessoal, fez-me sair do que me pareceu o acantonamento e me conduziu para a estrada. Equipado e armado militarmente, eu levava um capacete de brilho fulgurante, um escudo que faiscava de longe, sem falar de uma lança, notável pelo comprimento de sua haste. Todo esse equipamento era cuidadosamente posto em evidência, e, como se usa no campo, em cima dos fardos. Não, vós pensais bem, não para se conformar com os regulamentos, mas para amedrontar os desgraçados viandantes. No fim de um caminho na planície, que não era muito penoso, chegamos a um cidadezinha, onde descemos, não no albergue, mas em casa de um decurião. Entregando-me logo aos cuidados de um pequeno escravo, ele foi, muito atarefado, para junto do chefe, que tinha o comando de mil homens armados.

II. Lembro-me de que, havia alguns dias, tinha sido cometido nesse mesmo lugar um crime particularmente nefando. Conto aqui o caso, para que vós o possais ler.

O dono da casa tinha um filho ainda jovem, educado na Literatura e, em consequência, modelo de piedade e modéstia, um moço, enfim, que todos sonham ter por filho, ou ter um semelhante. A mãe do rapaz morrera havia muito tempo, e o pai reconstruía o lar com um novo matrimônio. Nascera um segundo filho, que atingira a idade de doze anos. Reinava a madrasta em casa do marido, mais pela beleza que pelos bons costumes. Seja por um impudor natural, seja pela vontade do destino, lançou os olhos indignamente para o enteado. Isto que lêis, excelente leitor, é uma tragédia, e não fábula ligeira; dos socos subimos para o coturno.

Esta mulher, quando o pequeno Cupido estava no começo de seu crescimento, resistiu-lhe silenciosamente aos assaltos; ainda fracos, dissimulando sem esforço o tênue rubor. Mas quando o seu coração, invadido completamente pelo fogo da vesânia, foi agitado como uma onda

que se sacode pelos transportes imoderados do Amor, succumbiu à violência do deus, e, simulando langor, escondeu os ferimentos da alma sob a aparência enganadora de uma moléstia do corpo. Já a debilidade geral e a alteração do rosto têm exatamente as mesmas formas nos enfermos e nos amorosos. Qualquer um sabe disso. A feição devastada, os olhos molhados, os joelhos lassos, o sono inquieto, suspiros tanto mais profundos quanto mais longo é o tormento. Dir-se-ia que ela flutuava somente nos vapores da febre, se não tivesse também chorado. Pobres médicos, quanta ignorância a vossa! Que significam este pulso rápido e esta cor viva, e essa respiração ofegante, e esses estremecimentos que alquebram os flancos? Bons deuses, quão fácil de compreender, mesmo desconhecendo os artifícios do médico, e por pouco que se seja douto nas artes de Cupido e Vênus, quando se vê uma pessoa que queima sem que seu corpo tenha sido aquecido!

III. Logo, incapaz de dominar a louca impaciência que a agitava até o fundo do ser, a madrastra rompeu um longo silêncio e mandou chamar o filho — que nome, esse; se pudesse apagá-lo, para não lhe gritar a sua vergonha! Depressa obedeceu o moço às ordens da mãe enferma, e, com a fronte estriada de sombrias rugas, com senil tristeza, como se fosse um velho, foi encontrá-la em seu pequeno quarto, com o respeito devido à mulher de seu pai e à mãe de seu irmão. Porém ela, crucificada pelo longo silêncio, permanecia irresoluta nos abismos da dúvida, pois a palavra que lhe parecia convir melhor à presente conversa, ela a detestava, e, estando seu pudor ainda vacilante, hesitava, sem poder decidir-se por nenhuma entrada na matéria. O moço, sem ter concebido ainda nenhuma feia suspeita, perguntou-lhe primeiro, com deferência, as causas de seu mal. Então, com danosa solicitude, agarrou ela a ocasião. Prorrompeu num abundante choro, mas deu livre curso à sua audácia. Cobrindo o rosto com a ponta do vestido, endereçou ao moço estas palavras, com voz precipitada:

“A causa e origem do meu mal presente, e, ao mesmo tempo, o único remédio que me pode salvar, és tu, és tu mesmo. Foram os teus olhos que, passando por meus olhos, penetraram até o fundo do meu coração e ali acenderam a chama que me devora até a medula. Tem piedade desta que morre por ti, e que nenhum escrúpulo te detenha, pelo direito de teu pai, pois a esposa que ele ia perder, tu lha conservarás. É a sua imagem que encontro nos teus traços; muito natural é que eu te ame. Esta solidão em que estamos te dá plena segurança, facilidade de consumir o que é necessário. E o que ninguém sabe, não existe.”

IV. Perturbado por essa confissão inesperada, o adolescente, apesar do horror que tal crime lhe inspirava desde

o primeiro momento, imaginou que uma recusa intempestiva a exasperaria, mas cautas promessas dilatórias seriam lenientes. Então acalmou-a, exortou-a tanto quanto pôde a recobrar o ânimo, a fazer quanto pudesse para voltar à saúde e à vida, até que uma ausência do esposo lhe deixasse o campo livre às volúpias. E, logo que pôde, furtou-se à vista culposa da madrasta. Achando que esse incidente doméstico exigia ampla reflexão, contou logo o caso a um velho experiente, grave, que tinha como educador. Depois de longa deliberação, pareceu que o mais salutar seria fugir rapidamente, para escapar à procela desencadeada pela crueldade da Fortuna. Porém, impaciente, não podendo suportar a menor dilação, a mulher, sob não sei que pretexto, persuadiu o marido, com maravilhosa habilidade, a ir apressadamente ver uma casinha de campo, muito longe. Essa partida, que antecipava a realização de suas esperanças, lançou-a em tal frenesi, que ela reclamava sem reserva o encontro prometido à sua paixão. Mas o moço, ora sob um pretexto, ora sob outro, frustrara a execrável entrevista, e, com a variedade das respostas, ela compreendeu claramente, enfim, que ele se lhe recusava, e sua inconstância passou de um amor nefando a um ódio ainda pior. Mandou chamar imediatamente um dos seus escravos dotais, criatura abjeta, com inteira liberdade para o crime, e lhe comunicou os planos concebidos por sua perfídia. O que de melhor lhe acudira fora tirar a vida ao mísero rapaz. Enviou então o celerado, para que procurasse um veneno violentíssimo. Ela o dissolveu cuidadosamente no vinho e preparou assim uma beberagem que devia resultar na morte do enteado inocente.

V. Enquanto deliberavam, entre si, as sinistras personagens a respeito da melhor ocasião para a apresentação da beberagem, quis a Fortuna que o mais novo dos dois irmãos, o próprio filho da péssima mulher, entrasse em casa, depois das lições matutinas. Acabara de almoçar. Sentindo sede, e encontrando o copo de vinho onde fora dissolvido o veneno, sem suspeitar da armadilha escondida, esvaziou-o de um trago. Bebeu a morte preparada para o irmão e tombou inanimado. Imediatamente, o seu pedagogo, assustado com o mal súbito que vitimara a criança, com gritos de angústia fez acorrer a mãe e toda a criada-gem. Conheceu-se logo o acidente provocado pela pernicioso beberagem, e eis que os presentes põem-se a acusar a este e a aquele, como autores do monstruoso atentado. Mas a mulher, exemplo execrável, sem precedente, da malvadez de madrasta, insensível à morte prematura do filho, ao remorso do ímpio assassinio, à desgraça de sua casa, ao luto do marido, à tristeza dos fúnebres ritos, não quis ver nessa tragédia da família senão o proveito que poderia tirar para a vingança. Imediatamente mandou um mensageiro anunciar ao marido em viagem a catástrofe familiar. Tendo ele voltado, ela acusou o enteado,

com a maior desfaçatez, de ter, com o veneno, truncado os dias do menino. Em verdade, não mentia senão por metade, pois que a morte já deliberada do mais velho, o mais novo tinha voltado contra si mesmo. Ela, porém, pretendia que o criminoso enteado suprimira o jovem irmão porque ela se recusara a prestar-se aos seus vergonhosos desejos, quando ele tentara violentá-la. Não contente de falsidade tão monstruosa, ajuntou que a ela própria o moço ameaçara com seu gládio, porque ela havia denunciado o escândalo. Então, o infeliz pai foi duplamente ferido na pessoa de seus filhos, e assaltado pela desgraça, como as ondas pela tempestade. Via o mais jovem dos filhos amortalhado diante de seus olhos, e o outro, sabia-o, seria certamente condenado à morte, como incestuoso e parricida. Demais, as lamentações mendazes da esposa dileta impeliavam-no a um ódio extremo por sua descendência.

VI. Mal terminaram as pompas fúnebres e o sepultamento do filho, do próprio túmulo o infortunado velho, ainda com o rosto inundado de lágrimas recentes, e arrancando os cabelos brancos, maculados de cinza, precipitou-se para o fórum. Sem suspeitar das astúcias da mulher infame, com seus pedidos, entre prantos, chegando até a tocar os joelhos dos decuriões, ele trabalhou com ardor apaixonado para a perdição do filho que lhe restava. Tinha este praticado incesto no tálamo paterno, tinha matado o irmão, tinha ameaçado com o ferro a madrastra. E tanta foi a compaixão, tanta foi a indignação com que sua mágoa inflamou o senado e o povo, que, sem quererem esperar a lentidão importuna de um processo, a demonstração do fato pela acusação, e as voltas calculadas da refutação, gritaram todos, em uníssono, que era preciso vingar publicamente aquele mal, lapidando o assassino.

Entretanto, os magistrados inquietavam-se com o perigo que eles próprios correriam se a efervescência popular ainda em germe crescesse, resolvendo-se em revolta e comprometendo a ordem pública e a legalidade. Uns, então, intercediam junto aos decuriões, outros procuravam acalmar a plebe, para obterem, com um julgamento regular conforme a tradição, uma sentença fundada no exame imparcial das razões alegadas pelas partes. Não era preciso, imitando os selvagens costumes dos bárbaros, ou a arbitrariedade dos regimes despóticos, condenar um homem sem ouvi-lo, e lançar sobre o século, em plena paz e em plena tranquilidade, a tristeza do sombrio exemplo.

VII. Prevaleceram essas opiniões salutaras, e o arauto logo recebeu ordem de convocar os senadores para se reunirem na cúria. Cada um deles correu a ocupar o lugar costumeiro, ao qual sua classe lhe dava direito. Depois, novo aviso do arauto: que o acusador avançasse primeiro e só então se chamasse o acusado, que seria introduzido

por seu turno. A exemplo da lei ateniense, e seguindo a prática do tribunal de Marte, o arauto proibiu aos advogados da causa recorrerem aos exórdios e moverem à comiseração.

Que tudo se passou dessa maneira, eu o soube por numerosas conversas ouvidas a respeito. Porém, os termos nos quais o acusador fez o requisitório, os argumentos que lhe opôs o acusado, e, de maneira geral, os discursos e as réplicas, não pude tomar conhecimento deles, da minha cocheira, e não iria contar-vos o que ignoro. Mas o que soube de fonte segura, consignarei neste relato.

Terminados os debates oratórios, para estabelecer os fatos e fundamentar a convicção, decidiu-se recorrer a provas certas, pois não se podia deixar uma sentença tão grave depender de suspeitas e conjecturas. Era preciso, antes de tudo, e não importa como, fazer comparecer o escravo, que era o único a saber, diziam, como os fatos ocorreram. Sem se desconcertar pelo aparato de um processo tão considerável, pelo senado reunido, ou, ao menos, pela consciência do seu crime, o celerado começou declarando e afirmando uma história de sua invenção. Contou que, indignado com o desdém da madrasta, o moço o tinha chamado. Para vingar o ultraje recebido, encarregara-o de matar o filho daquela mulher, prometendo-lhe forte soma em dinheiro como preço do seu silêncio. Ante sua recusa, ameaçara-o de morte. O moço lhe havia entregue, disse, um veneno misturado com as suas mãos, para ser dado ao irmão; no entanto, suspeito de que ele, iludindo-lhe as ordens, guardasse o copo como peça de convicção, tinha finalmente ele próprio envenenado o menino.

Este discurso, produzido pelo velhaco com simulada veracidade e fingida agitação, acabou com os debates.

VIII. Nenhum dos decuriões apoiou o jovem. Reconhecido culpado com evidência, foi condenado a ser costurado num saco.⁸⁸ Já as tabuinhas, todas semelhantes, sobre as quais se inscrevera uma fórmula idêntica, resultante de um juízo unânime, iam ser lançadas, de acordo com o uso imemorial, numa urna de bronze. Uma vez depositadas as tábuas da sentença, a sorte do acusado estaria fixada em definitivo; não seria permitido, dali em diante, alterar fosse o que fosse. Sua cabeça estaria entregue ao braço do carrasco. Nesse momento, um dos senadores, ancião conhecido por sua integridade, médico, e que exercia, como tal, particular autoridade, pousou a mão espalmada sobre o orifício da urna, para impedir qualquer voto precipitado, e dirigiu estas palavras à ordem:

“Alegro-me, na idade em que estou, de haver merecido vossa estima durante toda a vida, e não consentirei que se perpetre um homicídio certo, deixando um réu sob falsas acusações; nem que, exercendo a justiça sob juramento, a falsidade de um vil escravo vos induza ao perjú-

rio. Eu próprio não poderia calcar aos pés o respeito aos deuses e mentir à minha consciência com uma sentença iníqua. Logo, tomai conhecimento, por meu intermédio, destas coisas:

IX. “Este miserável, preocupado em encontrar um veneno fulminante, veio há muito tempo procurar-me para tal fim, oferecendo-me em pagamento cem peças de ouro. Precisava dele, dizia, para um enfermo que, gravemente atingido por moléstia antiga e incurável, desejava ardentemente subtrair-se aos tormentos da existência. Mas eu percebi logo o mal sob as palavras do sinistro velhaco, sob suas enganosas explicações. Convencido de que ele maquinava algum crime, bem que lhe dei a poção, mas, para tomar precauções, na eventualidade de um futuro inquérito, não aceitei imediatamente a soma que me oferecia. De medo, disse-lhe eu, de que uma das moedas de ouro que me oferecia fosse falsa, ou de baixa liga, íamos encerrá-las neste saco: ‘Tu o marcarás com teu anel, e amanhã, em presença do cambista, nós as experimentaremos.’ Assim ele foi induzido e apôs seu sinete. No instante em que o fizeram comparecer diante deste tribunal, dei ordem a um criado meu para que fosse buscar esse dinheiro no meu gabinete e mo trouxesse a toda pressa. Ei-lo aqui: eu o exhibo diante de vós. Que ele o veja; que reconheça o seu sinal. Como imputar o veneno à conta do irmão, se foi esse escravo que o comprou?”

X. O abjeto ser foi presa de extrema agitação, e sua tez se coloriu de um palor do inferno, enquanto seus membros se orvalhavam de suor frio. Avançou um pé, depois outro, com um movimento incerto; moveu a cabeça para um e outro lado; balbuciou, mal abrindo a boca, não sei que fúteis alegações; vendo-o, ninguém poderia razoavelmente acreditar na sua inocência. Mas logo prevaleceu a astúcia, e ele negou perseverantemente, não cessando de acusar o médico de mentiroso. Vendo-se publicamente difamado na sua consciência de juiz e na sua honra de homem, redobrou o médico de esforços para confundir o malandro. Afinal, por ordem dos magistrados, os agentes da cidade deitaram a mão no malvado escravo, tiraram-lhe do dedo um anel de ferro, e o confrontaram com o sinal no saco. A comparação confirmou as suspeitas. A roda e o cavalete, como é o costume dos gregos, foram logo trazidos, mas ele opôs aos tormentos uma prodigiosa resistência e firmeza, e não sucumbiu nem às vergas nem ao fogo.

XI. Tornou o médico: “Eu não suportarei, por Hércules, não suportarei que ordeneis o suplício de um jovem inocente, contra a equidade, nem que outro zombe da nossa justiça e escape ao castigo do seu crime. Darei uma prova irrefutável da realidade dos fatos. Eu via, com efeito, que o celerado queria obter um veneno mortal, e julgava não convir à minha profissão dar a ninguém um instrumento

de morte. Apreendi, ao contrário, que a Medicina foi instituída para salvar e não para matar. Todavia, temia que, se respondesse negativamente, minha intempestiva recusa abrisse a porta ao crime, e que esse escravo fosse comprar alhures a beberagem de morte, ou que acabasse com o gládio ou qualquer outra arma sua abominável empresa. Dei-lhe então um soporífero, a mandrágora, narcótico muito conhecido por sua virtude letárgica e que engendra um sono em tudo semelhante à morte. Não é de admirar que esse malfeitor, não tendo mais nada a esperar, e seguro do suplício que lhe reserva o costume herdado de nossos pais, suporte facilmente os tormentos que, em comparação com o que lhe poderá advir, parecer-lhe-ão ligeiros. Mas se é verdade que o menino tomou a poção preparada por minhas mãos, ele vive, repousa, dorme. Não está longe o momento em que sacudirá o langor do sono e voltará à luz do dia. No entanto, se a morte consumou sua obra, podeis procurar-lhe outras causas.”

XII. A eloquência do ancião ganhou a causa. Dirigiram-se todos, com grande pressa, ao túmulo, onde, tal como fora ali deposto, jazia o corpo do menino. Cúria, plebe, aristocracia, não houve ninguém que a curiosidade não levasse para lá. Foi o pai quem levantou, com suas próprias mãos, a tampa do esquife. Encontrou o filho que, nesse mesmo instante, saía do seu sono de morte e ressurgia para a vida. Apertou-o entre os braços, incapaz, na alegria do momento, de pronunciar uma única palavra, e o apresentou ao povo. Depois, envolto ainda nos lençóis fúnebres, levaram o pequeno para o tribunal. E então plena luz se fez sobre os crimes de um escravo celerado e da mulher mais celerada ainda, aparecendo a verdade nua. A madrastra foi condenada ao banimento perpétuo, o escravo crucificado. Com o consentimento geral, ficaram para o bom médico as moedas de ouro, preço de um sono tão oportuno, e o velho pai viu sua aventura tão célebre quanto fabulosa acabar com um desfecho digno da divina providência, pois que num curto lapso de tempo, ou melhor, de um momento para outro, depois de ter ficado sem os filhos, tornou-se, de repente, o pai de dois jovens.

XIII. Quanto a mim, eis em que redemoinhos girava agora o meu destino. O soldado que me comprou sem vendedor e me fez propriedade sua sem desamarrar a bolsa, obedecendo, como devia, a uma ordem do seu tribuno, ia levar uma carta para o soberano em Roma. Vendeu-me por onze denários a dois irmãos, seus vizinhos. Eram dois escravos, pertencentes a um dono muito rico. Um deles, pasteleiro e confeitoiro, fabricava pãezinhos e bolos de mel. O outro, que era cozinheiro, preparava carnes succulentas, temperadas com molhos saborosos. Viviam juntos, com despesas em comum, e tinham-me comprado para transporte de utensílios diversos, necessários ao seu dono, que viajava então de uma região para outra. Assim, cons-

tituímos um trio, eu, em companhia dos dois irmãos, e nunca tive tanto que bendizer a benevolência da Fortuna. À noite, depois de um jantar opíparo, servido com todo o aparato, meus donos tinham o costume de levar para o seu quarto porções de petisqueiras. Um, os restos abundantes de porco, de galinha, de peixe, de caças de toda espécie. O outro, pães, bolos, canudos recheados, anzóis, lagartos,⁸⁹ e muitos outros doces. Quando, para se restaurarem, fechavam o quarto e iam ao banho, eu me empanurrava a mais não poder dessas iguarias oferecidas pelos deuses, pois não era nem tão tolo nem tão burro, por manso que fosse, para deixar de lado todos esses petiscos e cear o áspero feno.

XIV. Tal belíssimo sistema de furtos prosseguiu por muito tempo com êxito completo, pois eu não avançava nas coisas senão timidamente, levando minha discrição ao ponto de roubar uma pequena parte de cada coisa boa, e eles não suspeitariam de nenhuma fraude da parte de um burro. Porém, à medida que crescia minha confiança de não ser descoberto, pus-me a devorar os mais belos pedaços e, escolhendo o que havia de mais delicado, regalava-me de guloseimas. Uma suspeita, que não era destituída de consistência, começou a aflorar no espírito dos dois irmãos; sem acreditar ainda fosse eu capaz de semelhante proeza, esforçavam-se eles por descobrir o autor do prejuízo cotidiano.

Com a repetição do fato, vieram a atribuir-se mutuamente os vergonhosos roubos, e tomaram, desde então, diligentes precauções, vigiando ativamente e fazendo a conta dos bocados. Por fim, um deles, deixando de lado toda a reserva, interpelou assim o outro:

“Em verdade, não é justo nem humano surripiares todos os dias os pedaços mais escolhidos, para vendê-los a retalho e aumentar secretamente o teu pecúlio, reclamando, no entanto, parte igual do resto. Se é assim, se a nossa sociedade te pesa, podemos, sem deixar de ser irmãos, romper o laço de comunidade, pois vejo que a amargura causada pelo prejuízo toma tais proporções que está a ponto de nascer entre nós uma discórdia contra a natureza.”

“Por Hércules”, respondeu o outro, “tenho de admirar o teu descaramento. Dia após dia, és tu quem furtas às escondidas partes que me pertencem; e vens com queixas que eu há muito venho sopitando, gemendo baixinho, para não ter de acusar meu próprio irmão de sórdidos roubos! Mas tanto melhor se esta explicação nos leva a procurar, juntos, um remédio para esses sumiços, antes que o inimigo, progredindo em silêncio, suscite entre nós os conflitos eteocleanos.”⁹⁰

XV. Depois de terem trocado, dessa maneira, muitas re-
criminações, juraram um e outro que não tinham cometido a menor fraude, nem furtado nada. Concordaram en-

tão que era preciso, por todos os meios, procurar o malfeitor, causa de seu comum prejuízo, pois o burro, o único que ali assistia além deles, era insensível a iguarias daquele gênero. Entretanto, todos os dias desapareciam bons bocados, e não seriam moscas monstruosas que ao seu quartinho viriam roubar, como as Harpias que outrora pilhavam o repasto de Finéia.⁹¹

Todavia, por me tratar assim liberalmente e me estufar até à saciedade com iguarias feitas para homens, meu corpo foi-se tornando redondo, obeso, estourando de gordura; meu couro estava esticado por efeito do rico passadio; e meu pêlo, bem nutrido, tinha tomado um brilho de nobre aparência. Mas essas vantagens exteriores se transformaram em desvantagens e em confusão para o meu amor-próprio. Espantados, com efeito, com a minha corpulência inexplicável, e vendo que minha ração cotidiana de feno permanecia intacta, os dois irmãos concentraram em mim sua atenção. Na hora do costume, fecharam a porta, conforme o hábito, como se fossem para o banho, e, espiando por uma fenda, viram-me muito ocupado com as vitualhas espalhadas por ali. Sem mais se preocuparem com o prejuízo sofrido, e maravilhados com o inacreditável regalo com que se comprazia o seu burro, ei-os que estalaram num riso enorme. Chamando um amigo, depois dois, depois diversos, deleitavam-se com o espetáculo de uma gula sem exemplo numa pesada besta de carga. Por fim, riram tanto, com um riso tão barulhento e exagerado, que chegou até os ouvidos do dono que passava por lá.

XVI. Perguntou ele que alegre aventura fazia rir assim a sua gente. Tendo sabido, encostou um olho à mesma abertura. O que viu o divertiu extraordinariamente e ele foi tomado, por sua vez, de um tão largo riso, que lhe doía a barriga. Mandou abrir o quarto e manteve-se ao meu lado, para verificar a coisa de perto. Vendo, afinal, a Fortuna mais indulgente a meu respeito, de algum modo, e mostrando-me um rosto sorridente, continuei tranqüilamente a comer. Surpreendido com a novidade do espetáculo, o dono da casa me fez conduzir, ou mais exatamente, me levou com suas próprias mãos, para a sala de jantar. Mandou estender uma mesa onde fossem servidas peças inteiras de todas as espécies e pratos ainda intatos. Eu já estava belamente empanturrado, mas desejando agradá-lo e conquistar-lhe as boas graças, lancei-me como um faminto sobre os petiscos que me foram apresentados. Quebravam a cabeça para imaginar coisas de que um burro tivesse mais horror, a fim de experimentarem até que ponto eu estava civilizado, e ofereceram-me carnes condimentadas com plantas de gosto forte, aves salpicadas com pimenta, peixes num molho exótico de salsa. Entrementes, a mesa estremecia com as gargalhadas. Por fim, um rústico do grupo exclamou: “Dai ao camarada um pouco de vinho puro.”

O dono replicou: “A brincadeira não é tão tola, velho, pois é bem possível que nosso companheiro de mesa sinta prazer igualmente com um copo de vinho com mel.” Dirigiu-se a um escravo: “Enxágua diligentemente aquele cântaro de ouro que ali está. Derrama nele vinho temperado com mel e oferece ao meu parasita. Ao mesmo tempo, avisa-o de que eu bebi à sua saúde.”

Houve logo entre os convivas um vivo movimento de curiosidade. Mas eu, sem o menor embaraço, tranqüilamente e com graça, arredondei o beijo inferior, a modo de língua, e esvaziei de um trago o cálice de grandes dimensões. Com um uníssonos clamor, todos me saudaram.

XVII. O dono não cabia em si de alegria; mandou vir os escravos que me haviam comprado, ordenou que lhes restituissem o preço pago por mim, e me confiou a um dos libertos preferidos, provendo-o de um bom pecúlio e recomendando-lhe que velasse por mim cuidadosamente.

Esse homem me tratava com muita humanidade e doçura, e para cair nas boas graças do patrão, imaginava fazer das minhas habilidades uma fonte de divertimento. Primeiro me ensinou a me pôr perfeitamente à mesa, apoiando-me sobre o cotovelo; depois, a lutar e dançar, levantando no ar as patas da frente; e, prodígio feito entre todos para espantar, a responder à palavra com gestos apropriados: puxar a cabeça para trás significava recusa; incliná-la para a frente, aquiescência. Quando eu tinha sede, olhava para o lado do escanção e piscava os olhos, alternativamente, para pedir bebida. Aprendizagem muito fácil para mim, como sabeis. Eu o teria feito, mesmo sem que me mostrassem, mas temia que, se acontecesse comportar-me como homem, sem as lições de um mestre, vissem em mim um presságio de desgraça, e que, tratando-me como um prodígio ou um ser sobrenatural, me cortassem o pescoço e me atirassem como pasto succulento aos abutres. Espalhava-se já por todos a notícia dos meus maravilhosos talentos, e isso valia ao meu dono as honras da celebridade. “Ali está”, diziam, “aquele que tem como companheiro e comensal um burro que luta, um burro que dança, um burro que compreende a palavra humana e exprime seu pensamento por sinais.”

XVIII. Porém, antes de ir além, e por aí deveria eu ter começado, é preciso que vos apresente essa pessoa e suas origens: Tiaso — tal era o nome do meu dono — viera de Corinto, capital da Acaia. Depois de desfrutar todas as honrarias, como lhe facultavam o nascimento e o mérito, fora elevado à magistratura quinquenal. Para dar à tomada de posse dos feixes um brilho correspondente às circunstâncias, prometera oferecer durante o espetáculo um combate de gladiadores. Não havia nenhum limite à sua munificência, a ponto de, em seu desejo de popularidade, ter ido à Tessália procurar as mais nobres feras e os famosos gladiadores. Depois de ter feito suas aquisições à

vontade, e arrumado tudo, preparava-se para voltar para casa. Mas desdenhava as equipagens de luxo e fazia pouco do rico aparato das carruagens para viagem, que se arrastavam inúteis, de cortina abaixada ou levantada, seguindo o comboio, assim como dos cavalos tessalianos e seus aperos gauleses, animais de nobre raça e alto preço. Todavia, eu tinha como ornamentos baixeiros coloridos, mantas de púrpura, freios de prata, arneses bordados, campainhas de claro tintinar, e ele me cavalgava amorosamente, dirigindo-me de vez em quando afetuosos discursos e declarando que, entre tantos motivos de alegria, o que o encantava mais era ter em mim ao mesmo tempo um comensal e uma montaria.

XIX. Foi assim que, viajando metade por terra, metade por mar, chegamos por fim a Corinto. O povo acorria em multidão, penso que menos para prestar honras a Tiaso que pelo desejo de me ver, pois lá também minha fama se espalhara tão largamente que fui para o meu guardião oportunidade para proveitos não medíocres. Vendo as pessoas, num açodamento sem limites, se apertarem para assistir aos meus feitos, fechou a porta e os deixou entrar um a um. As gorjetas que recolhia, em geral constituíam frutíferas diárias.

Encontrava-se nesse pequeno círculo certa matrona nobre e opulenta. Pagou como os outros para me ver, ficou encantada com as minhas graças variadas, e por mim caiu num contínuo encantamento, em tão maravilhosa paixão que, sem conseguir remédio para a perturbação dos seus sentidos, nova Pasífaa, mas queimando por um burro,⁹² vivia do anelo dos meus abraços. Propôs por fim, àquele que me tratava, uma forte soma para se unir comigo só uma noite, e ele, sem se preocupar, absolutamente, se a aventura resultaria bem para mim, mas tendo em vista apenas seu próprio lucro, aceitou.

XX. Tínhamos jantado e acabávamos de deixar a sala do patrão, quando encontramos em meu quarto a dama que esperava há muito tempo. E que aparatos, deuses bondosos, que esplendor! Quatro solícitos eunucos, com uma enorme quantidade de almofadas molemente cheias de penugem delicada, arrumaram um leito no chão, recobrando-o cuidadosamente com uma coberta bordada de ouro e de púrpura de Tiro,⁹³ e amontoaram outras almofadas ainda por cima, pequenas mas numerosas, desses travesseirinhos nos quais as mulheres que procuram comodidades costumam apoiar as faces e a nuca. Depois, sem retardar inutilmente com sua presença os prazeres da senhora, fecharam a porta do quarto e se retiraram. No interior, a chama muito clara das velas de cera dissipavam aos nossos olhos, com sua alva luz, as trevas da noite.

XXI. Então, depois de ter-se inteiramente desnudado, desatando mesmo a faixa que lhe comprimia os belos seios, ela, em pé, diante da luz, tirou, de um frasco de estanho, um óleo perfumado com que abundantemente se untou. Esfregou-me longamente também, pondo um cuidado particular em me umedecer com ele as ventas. Cobriu-me em seguida de beijos ternos, não como nos lupanares as meretrizes que mendigam níqueis aos clientes que as recusam, mas beijos francos e verdadeiros, entremeados de palavras de carinho: “Eu te amo”, “Eu te desejo”, “Só a ti é que amo”, “Sem ti não posso mais viver”, todas essas coisas que as mulheres dizem aos homens, para seduzi-los e para lhes testemunhar seus próprios sentimentos. Depois, tomando-me pelo freio, atraiu-me para si, e não lhe foi difícil fazer-me deitar da maneira pela qual me haviam ensinado, pois o que eu tinha a fazer não me parecia novo nem difícil, sobretudo agora que me esperavam os abraços ávidos de mulher tão formosa, depois de um longo intervalo. Demais, o fino vinho, de que eu bebera copiosas rações, e o fragrante unguento tinham estimulado o ardor da minha libido.

XXII. Vinha-me, entretanto, uma inquietação que não era pequeno tormento: com tantas e tão grandes pernas, como subir em mulher assim delicada? A esses membros translúcidos e macios, de leite e mel cristalizados, como apertá-los entre os meus duros cascos? Esses lábios finos e vermelhos, úmidos do orvalho celeste, como beijá-los com esta larga boca informe, plantada de horríveis dentes, semelhantes a ladrilhos? E, mesmo excitada até as pontas das unhas, como faria para receber os meus vastos órgãos genitais? “Que eu tenha a desgraça de fender em dois esta nobre dama, serei entregue às feras, e figurarei no combate oferecido por meu dono.” Entrementes, eram de sua parte os ternos chamados, os beijos contínuos, doces sussurros acompanhados de olhadelas provocantes. “Eu te contenho”, repetia ela, “vamos meu pombinho, meu pardal.” Enquanto falava, mostrou que minhas cogitações eram vãs, e sem fundamento os meus temores, pois, enlaçando-me com arte, ela me recebeu inteiro, mas todo inteiro. E de cada vez que, para poupá-la, eu esboçava um movimento de recuo, ela se aproximava com um impulso frenético e, agarrando a minha espinha, apertava o seu abraço e se aplastrava contra mim, a ponto de eu temer, em verdade, não ter tudo o que era preciso para saciar-lhe os apetites, e não era sem razão, dizia comigo, que a mãe do Minotauro tinha-se deleitado com um adúltero que mugia. Depois de uma noite laboriosa e sem sono, para fugir à luz, a mulher se foi, combinando o mesmo preço para uma futura noite.

XXIII. De resto, meu instrutor não se fazia de rogado para prover aos seus prazeres, tanto quanto ela quisesse:

via nisso um meio de auferir bons lucros e ao mesmo tempo de preparar para o seu dono um espetáculo inédito. Não hesitou, pois, em revelar-lhe toda a cena dos nossos amores. O patrão, depois de ter recompensado magnificamente o liberto, resolveu me apresentar num espetáculo público. Mas não se podia cogitar de minha egrégia esposa por causa da sua dignidade, e não se encontrava nenhum outra mulher, mesmo instituindo um prêmio. Então foram procurar uma vil criatura, destinada às feras por sentença do governador, para fazê-la descer comigo ao anfiteatro e expor aos olhos do povo o sacrifício de seu pudor. E aqui está, como a ouvi, a história da sua condenação:

Muitos anos atrás, seu futuro pai, partindo em viagem, recomendara à mulher (que já era mãe de um menino) que, se o novo fruto de suas entranhas pertencesse ao sexo frágil, pois a deixara carregando o fardo de uma gravidez, matasse imediatamente a que viesse ao mundo. Durante a ausência do marido, nasceu-lhe uma menina, mas a piedade natural às mães foi mais forte que a obediência ao esposo. Confiou a menina a vizinhos e encarregou-os de a criarem; na volta do marido, anunciou-lhe o nascimento da filha e a sua morte. Mas quando, para a virgencinha na flor da idade, chegou a hora das núpcias, não podendo dar-lhe um dote de acordo com o seu nascimento, sem o conhecimento do marido, não teve outro remédio senão pôr o filho a par do segredo. Tinha também grande medo de que ele, por infelicidade, num encontro de acaso ou num impulso devido ao calor da juventude, se lançasse sobre ela, sem saber que era sua irmã e sem que ela própria soubesse. O moço, de uma piedade notável, conciliou escrupulosamente a obediência devida à mãe e devotamento para com a irmã. Colocou os arcanos domésticos sob a custódia do venerável silêncio, mantendo exteriormente apenas um sentimento de humanidade, e assim se desincumbiu dos deveres que lhe impunham os laços de sangue, a ponto de oferecer um asilo, na sua própria casa, à jovem vizinha abandonada e sem a assistência dos pais. Dotou-a generosamente com seus próprios recursos, e deu-a em casamento a um dileto companheiro.

XXIV. Mas estas medidas tão felizes e de intenção tão pura, não deviam escapar às funestas vontades da Fortuna. Por sua instigação, foi direito para a casa do moço a cruel Rivalidade. E logo a esposa deste, aquela mesma que, por tal feito, estava presentemente condenada a ser lançada às feras, começou a suspeitar da irmã do marido, considerando-a rival e usurpadora do seu leito. Pôs-se, depois, a detestá-la, a ponto de desejar atirá-la às garras da morte mais desumana. Foi este o crime que imaginou:

Tendo furtado um anel do marido, partiu para o campo e, como possuía um pequeno escravo que a servia tão fielmente que, por ela, ultrajaria a própria boa fé,

encarregou-o de anunciar à moça que o rapaz fora para sua casa de campo e a chamava para junto dele. Ela devia, acrescentava, juntar-se-lhe o mais breve possível, sozinha, sem nenhuma companhia. E, para prevenir qualquer hesitação de parte da moça, confiou ao escravo o anel que subtraíra ao marido, e que, ao ser exibido, seria uma garantia da sinceridade de suas palavras. Dócil ao mandado do irmão, que só ela conhecia sob esse nome fraterno, vendo o sinal que lhe era apresentado, apressou-se a moça a partir, como fora convidada a fazer, sem companhia. Mas quando caiu no laço da abominável armadilha, a virtuosa esposa, fora de si, sob o estímulo de um furioso acesso contra a irmã do marido, primeiro desnudou-a, fustigando-a com o chicote, e depois, como a desgraçada gritasse a verdade, repetindo que não houvera nenhum comércio adúltero que justificasse a selvagem fúria, pois que se tratava de um irmão, ela pretendeu que tudo isso era mentira e impostura, e, enfiando-lhe entre as coxas um tição ardente, fê-la cruelissimamente perecer.

XXV. Cientes da acerba morte, o irmão e o marido acorreram, e, depois de terem chorado a moça, lastimosamente entregaram-na à sepultura. Mas o moço, muito atingido para resistir ao pensamento da morte lamentável e do injustificado suplício da irmã, comovido de dor até a medula, e presa de funesto delírio resultante da acérrima bile, ardia em febre, a ponto de que parecia indispensável prestar-lhe também cuidados. A mulher, que havia muito perdera o título de esposa, procurou um médico, notável por sua ausência de escrúpulos, frequentemente citado por suas gloriosas explorações, e que contava amplos troféus devidos ao vigor do seu braço. Ofereceu-lhe logo cinqüenta mil sestércios, mediante os quais ele lhe venderia um veneno fulminante. Estava assim comprando a morte do marido. Concluído o negócio, fingiram preparar o específico destinado a evacuar a bile e serenar o coração do moço, essa excelente poção a que os sábios chamam sagrada e que substitui uma outra consagrada à Proserpina Salus. E em presença da família e de numerosos amigos, estendeu o médico, com a sua mão, ao doente, a beberagem honestamente misturada.

XXVI. Porém, a audaciosa mulher, querendo se desembaraçar do cúmplice do seu crime, e ao mesmo tempo guardar o dinheiro prometido, pegou o cálice, diante de todos, e disse: “Não, excelente médico, não darás esta poção ao meu caríssimo esposo, sem beberes tu mesmo uma boa parte. Pois quem me diz que não se esconde nela algum pernicioso veneno? Um homem douto e prudente como tu não poderá se ofender por ver uma esposa devotada até o escrúpulo, cuidosa da saúde do marido e sollicitamente piedosa a seu respeito.”

A desesperada truculência da mulher perturbou o

médico; completamente desprevenido, sem encontrar, na precipitação do momento, tempo para reflexão, e antes mesmo que um sinal de perplexidade ou de hesitação deixasse entrever a confusão de sua consciência, tomou daquele copo uma forte porção da beberagem. Serenado por esse exemplo o adolescente recebeu por sua vez o cálice e bebeu o que lhe ofereciam. Com sacrílega obstinação, a megera não permitiu ao médico afastar-se nem à distância de uma unha: “Espera”, disse-lhe ela, “que a beberagem, espalhando-se pelo corpo do meu esposo, faça o devido efeito.” Foi com grande esforço, a poder de súplicas e rogos, que o médico obteve enfim permissão para se ir. Entrementes, a surda virulência do veneno letal tinha-se espalhado por todas as suas fibras e caminhado até a medula. Profundamente atingido, e mergulhado já num pesado torpor, chegou a casa com dificuldade. Contou tudo à mulher, dificultosamente, e recomendou-lhe que reclamasse pelo menos, por essa dupla morte, a recompensa prometida. Depois, presa de asfixia brutal, entregou a alma.

XXVII. Não demorou com vida o moço: em meio às lágrimas fingidas e mentirosas da mulher, sucumbiu à sorte fatal. Já estava sepultado quando a viúva do médico, tendo deixado transcorrer alguns dias, para que prestassem ao defunto as honras fúnebres, apresentou-se para reclamar o preço da dupla morte. A outra, sem desmentir o seu caráter até o fim, e dissimulando a verdade sob a aparência de boa fé, com uma acolhida cordial fez muitas promessas e comprometeu-se a pagar sem demora a soma combinada; porém, queria que ela lhe desse ainda um pouco daquela mesma poção, para acabar o que tinha começado. Que direi mais? Apanhada nas malhas da nova perfídia, a viúva do médico facilmente consentiu e, para fazer jus à gratidão de uma pessoa rica, apressou-se a ir buscar em casa uma caixinha com veneno. A criminosa, provida de amplos meios de ação, estendeu sobre tudo que a cercava as mãos cruentas.

XXVIII. Tinha ela uma filhinha do marido que acabara de matar. A lei fazia dessa criança a herdeira natural do pai, o que ela não podia suportar; cobiçando todo o patrimônio da filha, atacou também os seus dias. Sabedora de que as mães condenadas a sobreviverem aos filhos recolhem a herança dos mortos, mostrou-se, como mãe, igual ao que se mostrara como esposa. Imaginando um almoço para a circunstância, feriu ao mesmo tempo, e com o mesmo veneno, a mulher do médico e a própria filha. A menina, cuja tênue vida era mais frágil, e que tinha as entranhas delicadas e tenras, bem depressa foi morta pelo veneno. Mas a mulher do médico, sentindo a detestável poção se expandir através dos seus pulmões como um furacão devastador, suspeitou da verdade. O embaraço crescente da respiração dissipou-lhe toda a in-

certeza, e ela foi direito à própria residência do governador, onde invocou com grandes clamores a sua proteção, suscitou um tumulto entre o povo e fez tantas que, ao anúncio dos monstruosos crimes que dizia ter para revelar, o magistrado depressa lhe abriu a porta da casa e ao mesmo tempo os ouvidos. Ela mal conseguiu expor, ponto por ponto, desde a origem, as atrocidades da mulher cruelíssima, pois, de súbito, um nevoeiro de vertigem se lhe apoderou do espírito, seus lábios entreabertos se crisparam, os dentes cerraram-se com um prolongado rangido, e ela tombou por fim aos pés mesmo do governador. Homem de experiência, não quis ele deixar cair na pasmaceira dos processos que se arrastam os múltiplos crimes da venenosa serpente. Mandou buscar imediatamente o pessoal da casa da acusada, e, pela tortura, arrancou-lhes a verdade. Quanto a ela — era o menos que merecia, mas não podia imaginar nenhum outro suplício proporcional ao crime — condenou-a a ser exposta às feras.

XXIX. Era com essa mulher que eu devia, pública e solenemente, contrair casamento, e assim, no cúmulo da angústia e da incerteza, esperava eu o dia do espetáculo. Por mais de uma vez quis me matar, para não ser maculado com contato de uma mulher criminosa, ou desonrado com a infâmia de uma vergonha representação pública. Mas, privado de mão humana, sem dedos, reduzido a um casco redondo e gasto, era-me completamente impossível desembainhar uma espada. Só um tênue clarão de esperança me consolava nesse desastre extremo: acabava de surgir a primavera; pintalgava tudo já o tenro botão das flores e tudo se revestia do brilho da púrpura; e eis que, rompendo o manto de espinhos, exalando o embalsamado perfume, desabrochavam rosas que me devolveriam ao Lúcio que eu era.

Então chegou o dia fixado para o espetáculo. Fui conduzido até o muro que cerca os teatros, seguido de um pomposo cortejo de povo. Durante o prelúdio da representação, consagrado aos bailados dançados por profissionais, eu me deleitava, parado por um momento diante da porta, alongando o pescoço para o capim opulento que crescia justamente à entrada, e lançando de vez em quando um olhar curioso pela porta aberta; divertia-me contemplando, de longe, um aprazível espetáculo.

Moços e moças, na flor da juventude, de belas formas, elegantemente vestidos, avançavam com gestos expressivos para dançar a pírrica dos gregos; dispostos em boa ordem, e descrevendo com graça figurados cambiantes, ora víamos voltearem numa ronda ligeira, ora desdobrarem-se obliquamente em linha, como os anéis de uma cadeia, ora juntarem-se para formar os lados de um quadrado e dividirem-se depois em dois grupos. Soou, por fim, uma trombeta, anunciando a deslocação, os movimentos alternados e suas complexas evoluções. Levan-

tou-se o pano, afastaram-se as cortinas e a cena apareceu em todo o seu esplendor.

XXX. Uma montanha de madeira se erguia, construída à semelhança daquela montanha famosa que o poeta Homero cantou sob o nome de Ida. Estava plantada com verdes arbustos e árvores vivas. Do alto cume, donde a mão do arquiteto tinha feito jorrar uma fonte, corriam águas fluviais. Algumas cabras pastavam a erva tenra, e, sob os traços de Páris, o pastor frígio, um jovem vestido com uma bela túnica feminina, as pregas de um manto oriental caindo-lhe das espáduas, a cabeça coberta por uma tiara de ouro, fazia de dono do rebanho. A um lado estava um rapaz de surpreendente beleza, de corpo nu, o ombro esquerdo somente coberto com uma clâmide de efebo. Seus louros cabelos atraíam de todos os lados os olhares, e entre os seus cabelos se erguiam pequenas asas de ouro, fixadas simetricamente. Por sua varinha, reconhecia-se Mercúrio.⁹⁴ Avançou dançando, estendendo ao adolescente que representava Páris uma maçã recoberta de folhas de ouro, que mantinha na mão direita; fê-lo compreender, com um sinal de cabeça, a incumbência que lhe dera Júpiter, e, dando com graça um passo para trás, desapareceu.

Veio em seguida uma moça de honesta expressão, feita à semelhança da deusa Juno. Sua cabeça era cingida por um diadema branco, e ela segurava um cetro. Uma outra moça surgiu, que não se podia tomar senão por Minerva. Usava um capacete faiscante e, sobre o capacete, uma coroa de oliveira. Erguia o escudo e brandia a lança, na conhecida atitude de Minerva em combate.

XXXI. Atrás dela, entrou uma terceira: deleite dos olhos, sua graça soberana, o brilho imortal de sua pele mostravam que era Vênus, quando, virgem ainda, na nudez do corpo expunha a perfeição das formas, e somente um delicado tecido de seda lhe velava o adorável púbis. De resto, esse pedacinho de pano, o vento curioso, no seu amoroso sopro, ora o erguia, gaiatamente, e o afastava para deixar ver a tenra flor dos jovens anos, ora o empurrava com impertinência e o colava estreitamente aos membros, dos quais desenhava os volutuosos contornos. Havia um contraste de cores entre o corpo da deusa, que era branco, pois que viera do céu, e seu manto azul, nascido do mar.

Cada uma dessas virgens que faziam o papel de deusas tinha sua guarda de honra. A de Juno representava Castor e Pólux. Levavam estes sobre a cabeça um capacete em forma de ovo, em cuja ponta brilhava uma estrela.⁹⁵ Quanto à mocinha, cuja marcha era acompanhada por modulações variadas da flauta jônia, e com gestos sóbrios e honestos, com mímica cheia de dignidade, prometia ao pastor, se lhe outorgasse o prêmio da beleza, dar-lhe o império de toda a Ásia. Mas aquela de quem o

equipamento guerreiro fazia uma Minerva, era flanqueada por dois adolescentes, escudeiros servidores da deusa dos combatentes, o Espanto e o Terror,⁹⁶ que pulavam com espadas nuas. Atrás dela, um flautista tocava uma ária belicosa, à moda dória, e, pela mistura de tons graves e agudos, como por meio de uma trombeta, sustentava a energia da animada dança. Ela própria, cheia de vivacidade, agitava a cabeça e lançava olhares ameaçadores. Com uma rápida e complicada mímica, fazia Páris compreender que, se lhe concedesse a palma da beleza, se tornaria um ínclito guerreiro, distinguido com gloriosos troféus.

XXXII. Mas eis que Vênus, com aplausos do público, encantadora e com um doce sorriso, deteve-se no meio da cena. Estava cercada de um alegre povinho de meninos, dessas crianças gordinhas, de corpo branco leitoso. Tê-lo-íeis tomado por verdadeiros Cupidos, acabando de chegar da terra ou do mar. Suas asinhas, suas pequenas flechas, o conjunto de suas vestes tornavam a semelhança perfeita, e, como se sua senhora voltasse de um festim de núpcias, iluminavam-lhe o caminho com tochas de flama dançarina. Via-se, em seguida, ondular um harmonioso enxame de virgenzinhas, aqui as Graças, cheias de graça, ali as Horas belíssimas, que atiravam flores, em grinaldas e despencadas, em homenagem à deusa. Seu coro, composto com arte, oferecia encantadoramente à rainha das volúpias todos os enfeites da primavera. Mas já as flautas, em diversos tons, fizeram docemente ressoar melodias lídicas, carícia para a alma dos espectadores; porém, sua suavidade foi ainda ultrapassada quando se viu Vênus animar-se lentamente e deslizar um pé ainda indeciso, fazendo ondular o talhe flexível com um movimento ao qual a cabeça insensivelmente se associava. Com a blândica música das flautas se harmonizavam seus gestos sensuais. As móveis pupilas se voltavam langorosamente ou dardejavam olhares provocantes. Por momentos, ela dançava apenas com os olhos. Na presença de Páris, pela sua maneira de estender os braços, via-se que ela lhe prometia, se ele a preferisse às outras deusas, dar-lhe uma mulher cuja rara beleza igualaria a dela, Vênus. Desde então, a decisão do jovem frígio estava tomada: entregou à moça, como penhor de vitória, a maçã de ouro que tinha na mão.

XXXIII. Vós vos espantais ainda, vis criaturas, brutas bestas forenses, ou, para dizer melhor, abutres togados, de todos os juízes de hoje venderem suas sentenças a peso de dinheiro, quando, desde a origem do mundo, a solução de uma causa entre deuses e mortais foi falseada pelo empenho? Quando a mais antiga das sentenças, um camponês, um pastor escolhido para ser juiz pela prudência do grande Júpiter, a vendeu em proveito de um capricho amoroso e, o que é pior, para a ruína de toda a sua

raça? E foi assim, por Hércules, com tais processos, que se acabaram os ínclitos chefes aqueus. Sob falsas acusações, Palamedes, sem igual pelo saber e pela prudência, foi condenado por traição. Ao grande Ajax, grande em valor guerreiro, preferiu-se o medíocre Ulisses. E que dizer do julgamento entre os atenienses, legisladores sutis, mestres de toda ciência? O ancião da divina prudência,⁹⁷ que o Deus de Delfos proclamara o mais sábio de todos os mortais, não sucumbiu às intrigas ciumentas de uma abominável facção? Acusado de corromper a juventude, que ele moderava e refreava, pereceu pelo suco mortal de uma erva venenosa, deixando para sempre aos seus concidadãos uma perpétua mácula de ignomínia. Pois até nossos dias ainda, eminentes filósofos se baseiam em sua doutrina, que julgam pura entre todas, e na férvida procura da felicidade juram pelo seu nome. Mas, para que nenhuma censura me venha por este acesso de indignação, e não diga alguém consigo mesmo ao ler-me: “Será preciso agora suportar um burro filosofando?”, eu retomo a minha narração onde a deixei.

XXXIV. Uma vez acabado, como contei, o julgamento de Páris, Juno e Minerva deixaram a cena tristes e iradas, manifestando, por seus gestos de cólera, essa derrota. Vênus, ao contrário, alegre e sorridente, exprimia seu contentamento dançando com todo o coro. Depois, do cimo da montanha, por um conduto escondido, um jato de vinho misturado com açafrão jorrou a uma grande altura e, quando tornou a cair, se esparramando, orvalhou com uma chuva odorante as cabras que pastavam em torno, de maneira que, embelezadas pela manchas, destacavam sua brancura natural contra o amarelo do açafrão. Por fim, quando todo o teatro ficou embalsamado de suave odor, a montanha de madeira desapareceu no fundo do chão.

E eis que um soldado atravessou a rua correndo para ir, a pedido do povo, tirar da cadeia pública a mulher condenada às feras, como eu disse, por seus múltiplos crimes e destinada a se unir comigo em brilhantes nupcias. Para nos servir de leito nupcial, dispunha-se, com grande cuidado, um leito ornado das escamas translúcidas da Índia, maciamente preparado com plumas e florido com um estofado de seda. Eu, entretanto, sem falar da vergonha de um himeneu consumado em público, nem do contato de uma mulher poluída de crimes, estava estranhamente temeroso por minha vida, e assim raciocinava comigo mesmo: “Vamos que, durante o nosso conúbio amoroso, soltem uma fera para devorá-la. Jamais será um animal avisado nos seus julgamentos, ou tão sabiamente orientado, e bastante dono dos seus apetites, para despedaçar a mulher deitada ao meu lado, e me poupar a mim, que não sou nem condenado nem culpado.”

XXXV. Assim, já não se tratava mais do meu pudor, mas da minha vida, e eu estava preocupado. Enquanto meu instrutor, distraído pelo cuidado de arrumar a cama; enquanto os escravos, todos no serviço da casa ou absorvidos pelo prazer do espetáculo, deixavam curso livre às minhas reflexões, sem que ninguém julgasse necessário vigiar um burro tão bem aquinhoadado, devagarinho, com pé furtivo, ganhei a porta mais próxima. Uma vez lá fora, desatei a todo o galope, e, depois de ter rapidamente franqueado seis milhas inteiras, cheguei a Concréias, cidade que faz parte da ilustre colônia de Corinto, banhada pelo mar Egeu e o golfo Sarônico. O porto que lá se encontra, seguro abrigo para os navios, é muito freqüentado. Evitei então a multidão e, escolhendo um lugar afastado, estendi-me para repousar os fatigados membros, bem perto de borda em, que arrebentavam as vagas, num buraco de areia macia. O carro do Sol tinha já dobrado o limite extremo do dia e a noite me convidava a dormir. E logo mergulhei num doce sono.

LIVRO XI

I. Foi por volta da primeira vigília da noite. Despertado por um súbito pavor, vi o disco da lua cheia, que nesse momento emergia das ondas do mar, tudo iluminando com uma viva claridade. Com a cumplicidade da sombra da noite silenciosa e secreta, sabendo também que a augusta deusa exerce um poder soberano; que as coisas humanas estão inteiramente governadas por sua providência; que não somente os animais domésticos e as feras selvagens, mas também os seres inanimados são vivificados pela divina influência de sua luz e do seu poder tutelar; que os próprios indivíduos, na terra, no céu, no mar, crescem com os seus lucros e a seguem docilmente em suas perdas; vendo que o destino, por fim saciado dos meus numerosos e cruéis infortúnios, me oferecia, embora tarde, uma esperança de salvação — resolvi implorar socorro à imagem veneranda da deusa presente aos meus olhos. Sacudindo logo o torpor do sono, levantei-me cheio de alegre entusiasmo. Apressei-me a me purificar, indo banhar-me no oceano. Mergulhando por sete vezes a cabeça nas ondas, pois este é o número que convém aos atos religiosos, conforme o divino Pitágoras, com o rosto inundado de lágrimas dirigi esta prece à todo-poderosa deusa:

II. Rainha do céu, quer sejas Ceres nutriz, mãe e criadora das messes que, na alegria de tua filha reencontrada, fizeste desaparecer o uso da bolota de carvalho de antigamente, alimento selvagem, ensinando-nos como obter um alimento melhor, oh! tu que visitas agora os campos de Elêusis; quer sejas Vênus celeste, a que, depois de ter, nos primeiros dias do mundo, unido os sexos contrários, gerando o Amor e perpetuando o gênero humano por uma constante renovação, recebe agora um culto no santuário de Pafos, cercado pelas vagas; quer sejas a irmã de Febo, que, acudindo com cuidados apaziguantes as mulheres em trabalho, orientaste povos inteiros, e és venerada hoje no templo ilustre de Éfeso; quer sejas a terrível Proserpina, de uivos noturnos e rosto tríplice, que reprimas os assaltos das larvas, manténs fechadas as prisões subterrâneas, erras de um para outro lado nos bosques

sagrados, tornados propícios para os ritos piedosos — tu que expandes a luz feminina por toda parte, nutres com teus raios úmidos as sementes fecundas, e dispensas em tuas evoluções solitárias uma incerta claridade; sob qualquer nome, por meio de qualquer rito, sob qualquer aspecto pelo qual seja legítimo te invocar — assiste-me em minha desgraça, que agora atingiu o cúmulo; afirma a minha fortuna periclitante. Depois de tantas e tão cruéis passagens, concede-me paz e tréguas. Basta de trabalhos. Basta de perigos. Despoja-me desta maldita figura de quadrúpede. Devolve-me à vista dos meus, devolve Lúcio a Lúcio. Ou, se alguma divindade ofendida me persegue com uma vingança inexorável, que me seja ao menos permitido morrer, se não me permitem viver.

III. Foi assim que me expandi em preces e chorosas lamentações, até que o sono, invadindo de novo meu espírito enlanguescido, pesou sobre mim no mesmo lugar que já me servira de leito. Mal fechara eu os olhos, quando, do seio do mar, elevou-se acima das ondas um rosto divino, que parecia adorável aos próprios deuses. Depois, pouco a pouco, o corpo inteiro se mostrou, e eu tive a visão da radiosa imagem parada diante de mim, aos embalos da onda amarga. Maravilhosa aparição, dela me esforçaria por dar-vos uma idéia, se a pobreza da linguagem humana me concedesse os meios, ou se a própria divindade me fornecesse os recursos da abundância oratória e da facilidade.

Primeiro, sua rica e longa cabeleira, ligeiramente ondulada e largamente espalhada sobre a nuca divina, flutuava com um mole abandono. Uma coroa, irregularmente trançada com várias flores, cingia-lhe o cimo da cabeça. No meio, acima da fronte, um disco em forma de espelho, ou antes, imitando a Lua, lançava um alvo clarão. À direita e à esquerda estava flanqueado pelas roscas de duas víboras de cabeças levantadas, e, mais para cima, inclinavam-se para o lado as espigas de Ceres. Sua túnica de cor cambiante, tecida do linho mais fino, era branca como dia, amarela como a flor do açafrão, vermelha como a chama. Porém, o que acima de tudo maravilhava os meus olhos era um manto de um negro intenso, resplandecente, de brilho sombrio. Fazendo toda a volta do corpo, passava sob o braço direito para tornar a subir até o ombro esquerdo, de onde a extremidade livre caía para a frente, formando um nó, pendendo em pregas até a barra, e terminando por uma ordem de franjas que flutuavam com graça.

IV. A barra bordada, assim como o fundo do tecido, eram semeados de estrelas faiscantes, no meio das quais uma lua, na sua plenitude, expedia ígneas flamas. Ao longo da curva descrita por esse manto magnífico, corria, sem interrupção, uma grinalda composta inteiramente de flores e de frutas. Quanto aos atributos da deusa, eram

muito variados. Sua mão direita levava um sistro de bronze, cuja lâmina estreita, recurva em forma de cinturão, estava atravessada por algumas pequenas campainhas. Ao tríplice movimento dos braços, tintinavam com um som claro. Da sua mão esquerda pendia uma lâmpada de ouro em forma de barca, cuja asa, parte mais saliente, era encimada por uma áspide, que erguia a cabeça, inflando largamente o colo. Seus pés divinos estavam calçados em sandálias trançadas com as folhas da palmeira, a árvore da vitória. Foi sob este imponente aspecto que a deusa, envolta em caros perfumes da Arábia, se dignou dirigir-me a palavra:

V. “Venho a ti, Lúcio, comovida por tuas preces, eu, mãe da Natureza inteira, dirigente de todos os elementos, origem e princípio dos séculos, divindade suprema, rainha dos Manes, primeira entre as habitantes do céu, modelo uniforme dos deuses e das deusas. Os cimos luminosos do céu, os sopros salutareis do mar, os silêncios desolados dos infernos, sou eu quem governa tudo isso, à minha vontade. Potência única, o mundo inteiro me venera sob formas numerosas, com ritos diversos, sob múltiplos nomes. Os frígios, primogênitos dos homens, me chamam deusa-mater, e deusa do Pessinúncio; os atenienses autóctones, Minerva Cecropiana; os cipriotas banhados pelas ondas, Vênus Pafiana; os cretenses portadores de flechas, Diana Ditina; os sicilianos trilingües, Proserpina Estígia; os habitantes da antiga Elêusis, Ceres Acteana; uns Juno, outros Belona; estes Hécate, aqueles Ramnúsia. Mas os que o Sol ilumina com seus raios nascentes, quando se levanta, e com seus últimos raios, quando se inclina para o horizonte, os povos das duas Etiópias e os egípcios poderosos por seu antigo saber, honram-me com o culto que me é próprio, chamando-me pelo meu verdadeiro nome: Rainha Ísis. Venho movida de piedade por tuas desgraças. Venho a ti, favorável e propícia. Seca, pois, as tuas lágrimas, deixa-te de lamentos, expulsa o desgosto. Por minha providência, desponta para ti agora o dia da salvação. Então, presta às ordens que vais receber de mim uma atenção religiosa.

“O dia que nascerá desta noite foi sempre, em todos os tempos, por um piedoso costume, colocado sob a invocação do meu nome. Nesse dia, acalmam-se as tempestades de inverno, não tem mais vagalhões o mar, nem tempestades, torna-se o oceano navegável. Meus sacerdotes, pela dedicação de uma nave ainda virgem, oferecem-me as primícias do tráfico. Deves esperar a festa, sem apreensões nem pensamentos profanos.

VI. “Porque, advertido por mim, o sacerdote, na própria procissão, levará na mão direita uma coroa de rosas amarrada ao seu sistro. Então não hesites: atravessa a multidão a passo decidido, junta-te ao cortejo, conta com a minha benevolência. Quando estiveres bem perto, do-

cemente, como que para beijar a mão do sacerdote, colhe as rosas e, de repente, te verás despojado do couro dessa besta maldita que há muito me é odiosa. Não temas que seja difícil nada do que dispus, porquanto, neste mesmo momento em que venho a ti, apareço por outro lado ao meu sacerdote para instruí-lo durante o sono sobre o que é preciso fazer em seguida. Por minha ordem, as apertadas fileiras do povo se abrirão diante de ti. Ninguém, nessa alegre solenidade e nesse espetáculo de festa, testemunhará horror pela fealdade da tua figura de empréstimo, e tua súbita metamorfose não provocará da parte de ninguém horríveis interpretações ou insinuações malignas.

“Mas, acima de todas estas coisas, lembra-te, e guarda sempre gravado no fundo do teu coração, que toda a tua carreira, até o fim da tua vida, e até o teu derradeiro suspiro, me foi penhorada. É de justiça que àquela que te restituiu o teu lugar entre os homens devas tudo o que ainda te resta para viver. Ademais, viverás feliz, viverás cheio de glória sob a minha proteção; e quando se acabar tua trajetória terrestre e desceres aos infernos, lá ainda, nesse hemisfério subterrâneo, a mim, que estás vendo aqui, encontrarás brilhando entre as trevas do Aqueronte e reinando sobre as moradas profundas do Estige. Tu mesmo, habitando os Campos Elíseos, prestarás assídua homenagem à minha divindade propícia. E se, por uma obediência escrupulosa, uma piedosa atenção em meu serviço, uma pureza perseverante, tu te tornares digno de minha proteção divina, conhecerás que só eu tenho o poder de prolongar também tua vida para além dos limites fixados por teu destino.”

VII. Aqui terminou o oráculo venerável e o nume invicto se retirou. Arrancado ao sono, levantei-me, cheio ao mesmo tempo de temor e de alegria, e banhado de suor. Admirando a presença tão manifesta da poderosa deusa, aspergi-me com a onda marinha, e, não tendo pensamento senão para suas ordens augustas, repassei-lhe ponto por ponto as advertências. Bem depressa, espantando as sombras espessas da noite, levantou-se o Sol de ouro, e eis que, de todos os lados, como num dia de festa, e mais propriamente de triunfo, grupos animados encheram as ruas. Tudo parecia se associar ao meu júbilo e respirar alegria; os animais de toda espécie, as casas, o próprio ar, tudo estava radiante, aos meus olhos, de serenidade e ventura. À bruma gelada da véspera sucedera bruscamente um dia claro e aprazível. Os pássaros cantores, ao convite do quente alento da primavera, davam suaves concertos, e elevavam para a mãe dos astros, para o princípio inicial dos séculos, para a soberana do Universo, a carícia de seus acentos. As próprias árvores, tanto as que produziam frutos, testemunhas de sua fecundidade, como as que na sua esterilidade se contentam de dar sombra, abriam, espanejavam ao sopro do Austro os bro-

tos de suas folhas nascentes, e o doce frêmito dos galhos se acompanhava de um harmonioso e ligeiro murmúrio. O vasto ruído das tempestades havia-se apaziguado; o mar acalmara o balouço de suas ondas tumultuosas e vinha expirar molemente sobre a areia. O céu, por fim desembaraçado do seu véu de neblina, brilhava imaculado com o brilho que lhe é próprio.

VIII. Eis que, pouco a pouco, desfilam os primeiros grupos da procissão solene, paramentados muito agradavelmente, de acordo com a inspiração e o gosto de cada um. Um cingia um cinturão e representava um soldado. Outro, com sua clâmide curta, suas botas, seu aparelhamento venatório, tinha-se transformado em caçador. Este levava sandálias douradas, vestido de seda, adornos preciosos nos cabelos. A cabeleira postiça que tinha sobre a cabeça e sua marcha ondulante lhe davam aparência de mulher. Aquele, reconhecível por suas pernas, seu escudo, seu capacete, e sua espada, parecia sair da escola de gladiadores. Outro, precedido de feixes e vestido de púrpura, representava um magistrado. E mais outro, com seu pálio, seu cajado, suas sandálias de fibra vegetal e sua barba de bode representava o filósofo. Dois que se haviam munido de caniços diferentes, mantinham a figuração, um de passarinho com seus visgos, outro de pescador com seus anzóis. Vi também um urso domesticado, que passeava em liteira, vestido como uma senhora. Um macaco penteado, com boné trançado e vestido com túnica amarela à moda frígia, com o aspecto do pastor Ganimedes, levava um copo de ouro. Um burro, ao qual tinham colado asas, perambulava ao lado de um velho alquebrado pela idade: dupla cômica, em que reconheciam, e entre risos, de uma parte Belerofonte e de outra Pégaso.

IX. Enquanto se expandiam livremente, aqui e ali, divertimentos e jogos populares, a pomposa procissão propriamente dita da deusa da salvação se punha a caminho. Mulheres resplandecentes, em suas vestes brancas alegremente enfeitadas de atributos variados e floridos, e com coroas primaveris, tiravam pétalas do seio e juncavam com elas o solo, no percurso do cortejo sagrado. Outros mantinham voltados, atrás do seu dorso, espelhos brilhantes em que a deusa, à medida que avançava, podia contemplar diante de si a homenagem dos fiéis. Alguns, levando pentes de marfim, moviam os braços e fletiam os dedos como que para pentear e fazer o toucado da rainha. Ou ainda derramavam gota a gota, com outros perfumes, um bálsamo divino, orvalhando as ruas. Havia mais: uma numerosa multidão de um e de outro sexo levava lâmpadas, tochas, círios e outras luminárias, para atrair as bênçãos daquela de quem se originam os astros do céu. Depois vinham gaitas e flautas de melodias suaves, em harmoniosa sinfonia. Um coro encantador aparecia em se-

guida, formado de uma elite de moços deslumbrantes na brancura de neve de suas roupas de festa. Cantavam juntos um belo hino que um poeta de talento havia composto, com música, pela graça das Musas, e cujo texto aludiam ao rogos atendidos. Vinham mais atrás os flautistas devotados ao grande Serapis⁹⁸ que, com o seu instrumento oblíquo alongado para a orelha direita, tocavam a ária tradicional do deus em seu templo. Não conto todos aqueles que gritavam que se deixasse passagem livre ao piedoso cortejo.

X. Então chegaram, em ondas cerradas, os iniciados nos divinos mistérios, homens e mulheres de todas as classes e de todas as idades, resplandecentes na brancura imaculada de suas vestes de linho. As mulheres traziam os cabelos úmidos de perfume, envolvidos num véu transparente. Os homens, a cabeça completamente raspada, tinham o crânio lúcido. Eram os astros terrestres da augusta religião. Dos seus sistros de bronze, de prata, e mesmo de ouro, tiravam um som claro e agudo. Quanto aos ministros do culto, esses altos personagens estavam cingidos apertadamente numa vestimenta de linho branco que, modelando o corpo, lhes descia até os pés. Levavam os atributos distintivos dos deuses todopoderosos. O primeiro apresentava uma lâmpada que espalhava viva claridade. Porém, ela não parecia em nada com aquela que iluminava nossos repastos à noite: era como um barquinho de ouro que, por seu orifício central, lançava uma larga flama. O segundo estava vestido do mesmo modo, mas sustinha com as duas mãos um desses altares que se chamam “socorro” e devem o nome à providência misericordiosa da deusa soberana. O terceiro, caminhando, erguia uma palma feita de uma folha de ouro delicadamente trabalhada, assim como o caduceu de Mercúrio. O quarto mostrava o emblema da justiça — a mão esquerda com a palma aberta. Naturalmente lenta, despojada de agilidade e segurança, a esquerda parecia, mais que a direita, convir à justiça. Levava ele, na outra mão, um vasinho de ouro arredondado em forma de mama, com o qual fazia libações de leite. Um quinto tinha uma caixa de ouro carregada de raminhos de ouro, e o sexto uma ânfora.

XI. Não demoraram a aparecer os deuses, dignando-se, para avançar, a se servirem de pés humanos. Primeiro, o deus de horrendo aspecto, medianeiro entre o mundo superior e o inferno, rosto meio negro e meio dourado, a cabeça alta mantendo altivamente a sua aparência de cão: Anúbis, que, na mão esquerda tinha um caduceu, e com a direita agitava uma palma viridente. Depois, imediatamente sobre os seus passos, vinha uma vaca, símbolo da fecundidade, imagem da deusa mãe de todas as coisas. Repousava sobre os ombros dos seus bem-aventurados ministros, que conservavam ao sustê-la, uma atitude

cheia de dignidade. Levava um outro uma cesta, que encerrava o que se dissimula aos olhares: escondia, no bojo, os mistérios da sublime religião. Um terceiro mantinha, aconchegada ao peito, a imagem da deusa soberana. Ela não era feita à semelhança de um animal doméstico, nem de um pássaro, nem de bicho selvagem, nem mesmo do ser humano, mas, por um engenhoso achado cuja novidade a tornava respeitável, símbolo inefável da religião que deverá permanecer com os seus segredos cercados do mais profundo silêncio, ela se apresentava feita de ouro fulgente, sob o aspecto material de uma pequena urna torneada com arte, de fundo arredondado, ornamentada com maravilhosos simulacros próprios do Egito. Seu orifício, não muito alto, se prolongava por uma canaleta que se projetava em forma de bico. Do outro lado, estava fixada uma asa de largo contorno, que se alargava e descrevia uma ampla curva, no cimo da qual uma áspide de anéis tortuosos erguia o túrgido colo estriado de escamas.

XII. E eis que veio a mim o benfazejo destino prometido pela deusa misericordiosa, pois, como portador da minha salvação, o grão-sacerdote avançava, no mesmo aparato em que mo havia descrito a divina promessa, segurando na mão direita, para a deusa um sistro, e para mim uma coroa, por Hércules, uma coroa, ah! era bem o que faltava nesse dia! Depois de tantas duras provas, depois de tantos perigos atravessados, a providência da grande deusa me tornava vencedor dos cruéis assaltos da Fortuna. Todavia, eu evitava entregar-me aos transportes de uma alegria súbita, e não queria lançar-me bruscamente para diante, no temor bem natural de que a irrupção súbita de um quadrúpede perturbasse a ordem e a tranqüilidade da cerimônia. E foi com passo calmo, medido, como o teria feito um homem, e movendo-me com precaução, que deslizei através da multidão, a qual, de resto, abria-me caminho por uma inspiração divina.

XIII. O sacerdote, já advertido, como o desenrolar dos acontecimentos demonstrou, pelo oráculo da noite, e maravilhado de ver como tudo se harmonizava com a missão recebida, parou logo, estendeu por si mesmo a mão, e pôs a coroa à altura de minha boca. Então, palpitante, o coração batendo furiosamente, agarrei avidamente aquela coroa, que fulgurava com as frescas rosas com que estava entrelaçada. Devorei-a, impaciente por ver-se cumprir a promessa. Ela não mentira, a celeste promessa: minha deformada aparência de besta se desfez imediatamente. Primeiro, foi-se o pêlo esquálido; depois, o couro espesso se amaciou e o ventre obeso abaixou; na planta dos meus pés, os cascos deixaram emergir os dedos: minhas mãos não eram mais patas, e se prestavam às funções de membro superior; meu longo peçoço chegou aos seus justos limites; meu rosto e minha cabeça se arredondaram, minhas orelhas enormes voltaram à sua pequenez primeira;

meus dentes, semelhantes a tijolos, reduziram-se às proporções humanas; e a cauda, sobretudo, que me cruciava, desapareceu! O povo se espantou, os fiéis adoraram a potência manifesta da grande divindade e a facilidade magnífica com a qual se cumprira, conforme as visões da noite, aquela metamorfose. Em voz alta e em uníssono, com as mãos estendidas para o céu, testemunharam o espantoso favor da deusa.

XIV. Quanto a mim, o excesso do meu estupor me tinha pregado no lugar, incapaz de uma palavra, pois era demais para o meu ânimo uma alegria tão grande e tão súbita. Não sabia o que dizer de preferência, nem por onde começar. Como entrar na matéria, com a voz que me era devolvida. Com que palavras de feliz augúrio saudar o renascimento em mim da linguagem. Em que termos bastante expressivos exprimir gratidão à augusta deusa. O sacerdote, no entanto, instruído de todas as minhas desgraças, desde a origem, por alguma revelação divina, se bem que vivamente comovido ele próprio por esse espantoso milagre, com um sinal de cabeça ordenou que me dessem uma véstia de linho com que eu me cobrisse, pois, despojados do nefasto envoltório de asno, eu tinha apertado as coxas, fortemente, tapando conforme podia com as mãos, para me proteger decentemente, com um anteparo natural. Então, alguém do piedoso cortejo arrancou vivamente a sua túnica de cima e se apressou a me revestir com ela. Feito isso, o sacerdote, com ar inspirado e expressão verdadeiramente sobre-humana, assim falou, com os olhos fascinados pregados em mim:

XV. “Depois de teres passado tantos e tão variados trabalhos, rudemente sacudido pelos assaltos da Fortuna, e pelas mais violentas tempestades, chegaste enfim, Lúcio, ao porto do Repouso e ao altar da Misericórdia. Nem teu nascimento, nem teu mérito, nem mesmo a ciência que floresce em ti te serviram. As tentações da verde juventude te fizeram escolher volúpias servis. Tua fatal curiosidade te valeu amarga recompensa. No entanto, a cegueira da Fortuna, expondo-te aos sustos mais angustiosos, te conduziu, apesar de tudo, na sua malícia imprevidente, a esta religiosa felicidade. Que ela vá então agora, que dê livre curso à sua fúria e procure alguém sobre quem descarregar sua crueldade, pois não estão mais expostos aos rigores da sorte aqueles que a deusa majestosa reivindicou para os conservar ao seu serviço. Ladrões, feras, servidão, marchas e contramarchas sobre caminhos aspérrimos, terror cotidiano da morte, de tudo isto que proveito tirou a nefanda Fortuna? Foste recolhido agora sob a proteção de uma Fortuna clarividente e que ilumina até os outros deuses com os raios de sua luz. Alegra-te, sorri, em harmonia com a brancura das tuas vestes, e junta-te com passo álcacre ao cortejo da deusa misericordiosa. Que os ímpios vejam, que vejam e reco-

nheçam seu erro. Ei-lo, aí está, livre das antigas atribuições, pela providência da grande Ísis, eis aí Lúcio, que triunfa alegremente da Fortuna. Entretanto, para estar mais seguro e garantido, engaja-te na santa milícia; foste para prestar juramento. Consagra-te desde já às observâncias da nossa religião e submete-te voluntariamente ao jugo do seu ministério. Quando entrares ao serviço da deusa, verás e sentirás, então, verdadeiramente, que comesças a desfrutar da tua liberdade.”

XVI. Profetizou deste modo, com voz ofegante, e aos arrancos, pelo esforço, o virtuoso sacerdote. Assim que cessou de falar, misturei-me ao grupo dos fiéis e acompanhei a marcha do cortejo sagrado. Toda a cidade me reconhecia, e reparava em mim. As pessoas me designavam com a cabeça e com o dedo, e eu era o objeto da conversa de todo o povo. “É aquele ali”, diziam. “A augusta vontade da deusa todo-poderosa devolveu-o hoje à sua forma e condição de homem. Mortal feliz, felicíssimo, por Hércules, que, por sua inocência certamente, e pela fidelidade de sua vida anterior, mereceu do Céu uma proteção tão evidente, e assim que renasceu, pois de qualquer maneira é um renascimento, foi consagrado ao santo serviço.”

Entrementes, em meio ao alegre tumulto de festa, avançávamos paulatinamente e nos aproximávamos da praia. Chegamos afinal ao lugar que, na véspera, servira de abrigo ao burro que eu era. As imagens divinas ali foram dispostas, segundo os ritos. Estava lá um navio, feito por mão operária e inteiramente recoberto de pinturas egípcias. O grão-sacerdote, depois de ter pronunciado as preces mais solenes com sua casta boca, e depois de ter santamente purificado com uma tocha ardente um ovo e enxofre, consagrou-os à deusa, pondo-os sob a sua invocação. A vela brilhante dessa nave afortunada levava em evidência letras bordadas a ouro, e essas letras eram a expressão dos desejos de feliz reinício da navegação. De um alto pinheiro torneado era feito o mastro, que se atirava radioso para o espaço, e a sua ponta atraía todos os olhares. Um pescoço de cisne se infletia na popa revestida de faiscantes placas de ouro. A carena de cedro era lisa e lustrosa. Então, o povo inteiro, tanto fiéis como profanos (e cada qual trazia caixas cheias de substâncias aromáticas e outras oferendas), derramou sobre as ondas libações de papas feitas com leite. Por fim, transbordando de presentes e de objetos votivos de feliz presságio, o navio foi libertado dos seus cabos e da âncora, e, com o favor de uma brisa propícia, que soprava justamente nessa hora, foi confiado ao pélagos. Afastou-se. E, quando o espaço percorrido não nos deixou ter dele senão uma visão indistinta, os carregadores do andor, retomando seu fardo, voltaram cheios de alegria para o templo, novamente em formação de cortejo, e numa pomposa ordem.

XVII. Quando chegamos à soleira do templo, o grão-sacerdote, com aqueles que levavam diante dele as ima-

gens divinas, e os iniciados já admitidos no venerável santuário, penetraram também no cubículo da deusa, e dispuseram conforme os ritos os simulacros vivos. Então, um deles, que todos chamavam de Gramático, em pé, diante da porta, convocou, como em assembléia, o grupo dos pastóforos, que é o nome do sacrossanto colégio, e lá mesmo, do alto do estrado, de acordo com um texto escrito, pronunciou primeiro os votos de prosperidade para o príncipe soberano, o senado, a ordem equestre, todo o povo romano, os navegadores e os navios que, no mundo inteiro, estão sob a lei do nosso império. Depois, proclamou em idioma e rito gregos a abertura da navegação. Um clamor geral saudou esta palavra como uma mensagem de bom agouro. Transbordando de alegria, as pessoas levavam brotos, ramos, e guirlandas e beijavam os pés da deusa. Sua estátua de prata havia sido colocada no alto dos degraus, antes de os fiéis voltarem para seus lares. Quanto a mim, em meu estado de espírito, não me animava a afastar-me uma unha que fosse da presença da deusa. Tinha os olhos presos à sua imagem, e recordava as passadas aventuras.

XVIII. Entrementes, a Fama de asas velozes não deixara a preguiça deter ou tornar mais lento o seu vôo, mas, indo direito até minha pátria, espalhara o rumor do adorável benefício que me concedera providencialmente a deusa, assim como a minha própria fortuna memorável. Imediatamente, os meus amigos, meus escravos, e todos os que tinham comigo laços de sangue deixaram o luto tomado à falsa notícia de minha morte, e acorreram com a alegria da imprevista felicidade, carregados de presentes diversos, para ver com seus próprios olhos minha volta do inferno para a luz do dia. Reconfortado eu também ao vê-los, do que já abandonara a esperança, acolhi com gratidão seus generosos oferecimentos, pois meus amigos, com previdente cuidado, tinham trazido de que prover largamente meu sustento e minhas despesas.

XIX. Depois de ter-me dirigido a cada um com o respeito que lhe era devido, e após ter feito um rápido relato das minhas desgraças passadas e da felicidade presente, fui-me a fruir de novo a doce presença da deusa. Arranjei um alojamento no próprio pátio do templo e ali constituí um lar temporário, participando ainda, como leigo, do serviço de deusa, na qualidade de companheiro e comensal dos sacerdotes e de perpétuo adorador da augusta divindade. Não se passava noite, nem momento de sono, em que eu não fosse agraciado com sua vista e suas advertências. Suas ordens, no entanto, muitas vezes repetidas, insistiam para que eu não adiasse por mais tempo a iniciação à qual estava desde havia muito tempo destinado. Mas eu, por fervoroso que fosse o meu desejo, estava inibido por um temor religioso. Tinha tido o cuidado

de me informar das dificuldades do santo ministério, do rigor de suas castas abstinências, do conjunto de precauções de que se deve cercar uma vida exposta a muitos incidentes, e, refletindo sem cessar a respeito dessas coisas, não sei como, apesar da minha pressa, diferia.

XX. Uma noite, vi em sonho o sumo-sacerdote que me apresentava, cheio de alguma coisa, o pano de suas vestes. Perguntei-lhe o que era aquilo; respondeu que eram remessas para mim, feitas da Tessália, e que chegara, ao mesmo tempo, daquele país, um meu servidor chamado Cândido. Ao despertar, perdi-me em conjecturas sobre esta visão, e sobre o seu significado, tanto mais que tinha certeza de não ter jamais possuído servo com tal nome. Qualquer que fosse o presságio a tirar desse sonho, a alusão às coisas trazidas era sinal certo de proveito, eu sabia. Foi assim que, na ansiosa expectativa de felizes proventos, aguardei a abertura matinal das portas do templo. Afastadas as cortinas brancas para os lados, adoramos a imagem venerável da deusa. O sacerdote fazia a volta aos altares dispostos aqui e ali, desincumbindo-se do serviço divino, e, pronunciando as preces consagradas, derramava com um vaso para libações a água apanhada no fundo do santuário, quando, cumpridos esses piedosos atos, ressoou, anunciando a primeira hora do dia, a voz dos fiéis que saudavam a volta da luz. Nesse momento, chegaram, vindo de Hípata, os servidores que eu deixara lá, no tempo em que fui logrado com o funesto engano de Fótis. Tinham, como imaginais, ouvido contar minha história, e até me traziam o cavalo que sabeis. Passara ele de um para outro dono, mas, reconhecido pela marca num dos flancos, tinham-se apossado dele. E eu não me cansava de admirar-me do feliz acordo entre a realidade e o sonho, que não somente anunciara um proveito, como fizera alusão, na pessoa de um servidor chamado Cândido, à cor do cavalo que me seria entregue.

XXI. Esta circunstância dobrou meu zelo e meu fervor no desempenho dos deveres religiosos; ao mesmo tempo, eu encontrava nos benefícios presentes o penhor de futuras esperanças. Do mesmo modo, crescia cada vez mais em mim o desejo de receber a consagração. Procurava freqüentemente o sumo-sacerdote para suplicar-lhe instantemente que me iniciasse, afinal, nos arcanos da noite santa. Ele, como varão grave e conhecido pelo exato cumprimento da sóbria religião, me atendia com doçura e bondade. Mas, como fazem os pais, quando moderam os desejos prematuros dos filhos, opunha adiamentos à minha insistência, e, com os consolos da esperança, serenava a minha aflição. Pois, explicava, a deusa marca com um sinal da sua vontade o dia em que cada um pode ser iniciado. O sacerdote que deve proceder à consagração é, do mesmo modo, escolhido por sua providência. Enfim, as despesas necessárias à cerimônia são fixadas, com instru-

ções semelhantes. Era preciso então, dizia ele, submeter-nos pacientemente às suas regras, pois eu devia me guardar com cuidado tanto da precipitação como da desobediência, e evitar a dupla falta de me mostrar lento, uma vez chamado, ou apressado, sem ter recebido nenhuma ordem. Demais, nenhum dos membros do seu clero seria bastante louco, ou bastante imprudente, ou mais exatamente, não estaria disposto a morrer para, sem ter recebido ele também ordem expressa da soberana, afrontar temerariamente os riscos de um ministério sacrílego, e incidir num pecado que o condenaria à morte. Em verdade, as chaves do inferno e a garantia da salvação estão nas mãos da deusa. O próprio ato da iniciação representa uma morte voluntária e uma salvação obtida pela graça. O poder da deusa atrai para si os mortais que, chegados ao fim da existência, pisam a soleira onde se acaba a luz; devem eles, porém, saber guardar os augustos segredos da religião. De algum modo, ela os faz renascer por sua providência. Abre-lhes, devolvendo-os à vida, uma carreira nova. Devia, então, eu também me conformar com sua celeste vontade, ainda que, havia muito tempo, o evidente favor da grande divindade me houvesse designado e marcado para seu bem-aventurado serviço. Do mesmo modo que os outros fiéis, então, era de minha obrigação abster-me de alimentos profanos e proibidos, a fim de mais seguramente obter acesso aos mistérios da mais pura de todas as religiões.

XXII. Assim falou o sacerdote, e a impaciência não mais alterou minha docilidade. Mantive a serenidade pacífica, a reserva de um silêncio exemplar, e uma aplicação constante; dedicava-me, dia após dia, à celebração do serviço divino. A bondade salutar da poderosa deusa não me ludibriou a esperança, nem me atormentou com um prazo longo demais. Numa noite escura, suas ordens, sem nada de obscuro, me advertiram, sem possibilidade de engano, que tinha chegado o dia sempre anelantemente desejado, em que ela ia responder ao meu voto mais ardente. Fixou-me também quanto eu iria gastar com os arranjos da cerimônia, e Mitra, sumo-sacerdote em pessoa, ao qual me ligava uma divina conjunção de estrelas, dizia ela, fora designado para o sagrado ofício.

Foram essas, entre outras, as instruções que me deu a bondade da soberana deusa. Reconfortado espiritualmente, e sem esperar que amanhecesse, corri, completamente desperto, à residência do sumo-sacerdote. Ele saía do quarto quando o encontrei e o saudei. Eu estava mais do que nunca resolvido a reclamar, dessa vez como algo que me era devido, a admissão ao santo ministério. Mas ele, assim que me viu, se antecipou: “Lúcio feliz, oh! afortunado, que a augusta divindade julga digno de favor e benevolência.” E disse: “Então, que esperas? Ficas ocioso, e é de ti agora que vem a demora? É hoje o dia que não cessavas de reclamar em teus pedidos, o dia em que, sob

o divino império da deusa dos múltiplos nomes, estas mãos te introduzirão nos retiros piedosos dos nossos arcanos.” Pousando afetuosamente a mão direita sobre o meu ombro, o ancião me conduziu logo até a porta do imponente edifício, onde, depois de ter celebrado, na forma consagrada, o rito de abertura do templo, cumpriu o sacrifício matinal. Tirou de um recesso do fundo do santuário livros em que estavam traçados caracteres desconhecidos. Alguns eram figuras de animais de toda a espécie, expressão abreviada de fórmulas litúrgicas. Outros, de traços nodosos, ou arredondados, ou enrolados sobre si mesmos como as gavinhas de parreira, subtraíam a leitura do texto à curiosidade dos profanos. De acordo com esses livros, instruiu-me ele a respeito dos preparativos exigidos para a iniciação.

XXIII. Sem perder tempo nem discutir sobre as despesas, fiz, eu próprio ou por intermédio dos companheiros, as necessárias compras. Veio então o sacerdote avisar que chegara o momento. Conduziu-me à piscina mais próxima, cercado pela religiosa coorte. Tendo eu tomado o banho costumeiro, invocou ele a divina graça, e me purificou aspergindo-me água lustral. Levou-me depois ao templo. Dois terços do dia haviam-se escoado. Deteve-me aos pés da deusa, deu-me em segredo certas instruções, melhores do que é possível exprimir. Em seguida, e dessa vez diante de toda a gente, recomendou-me que me abstinêsse durante dez dias seguidos dos prazeres da mesa, que não comesse carne de nenhum animal nem bebesse vinho, abstinências que observei com religioso respeito. Enfim, chegou o dia marcado para o encontro divino. Já o Sol, declinando, dava lugar à noite, quando afluíu de todos os lados grande cópia de pessoas. Segundo a lei antiga dos mistérios, honraram-me com presentes diversos. Depois, todos os profanos se afastaram; fui vestido com uma roupa de linho que jamais tinha sido usada, e o sacerdote, tomando-me pela mão, me conduziu para a parte mais retirada do santuário.

Talvez, estudioso leitor, te perguntes com alguma ansiedade o que foi dito, o que foi feito, em seguida. Eu o diria se me fosse permitido. Tu o saberias, se te fosse permitido ouvi-lo. Mas teus ouvidos e minha língua sofreriam igualmente o castigo ou de uma indiscrição ímpia ou de uma curiosidade temerária. Todavia, eu não infligirei ao teu piedoso desejo, que possivelmente te mantém em suspenso, o martírio de um tormento longo. Escuta, então, e crê: tudo que vou dizer é verdade. Aproximei-me dos limites da morte. Pisei o portal de Proserpina, e voltei, trazido através de todos os elementos. Em plena noite, vi brilhar o Sol, com uma luz que cegava. Aproximei-me dos deuses dos infernos, dos deuses do alto: vi-os face a face e os adorei de perto. Eis aí a minha narração, e o que não ouviste, estás condenado a ignorar. Limitar-

me-ei a relatar o que for permitido, sem sacrilégio, revelar à inteligência dos profanos.

XXIV. Veio a manhã e, acabados todos os ritos, apareci, tendo sobre mim doze roupas de consagração. Dessa roupa, apesar do seu caráter místico, nenhuma obrigação me proibia de falar, pois tudo se passou então diante de numerosas testemunhas. No meio da casa sagrada, diante da imagem da deusa, um estrado de madeira foi erguido. Fui convidado a subir. Em pé, e revestido de um tecido de fino linho, bordado de vivas cores, eu atraía os olhares. Dos meus ombros caía para trás, até os calcanhares, uma clâmide valiosa. E de todos os lados eu estava enfeitado com figuras de animais multicores. Eram dragões da Índia aqui, grifos hiperbóreos ali, engendrados por um outro mundo, dotados de asas como pássaros. Os iniciados dão a essa roupa o nome de estola olímpica. Eu segurava com a mão direita uma tocha acesa e minha cabeça estava cingida por uma nobre coroa de palmas, cujas folhas brilhantes se projetavam para a frente como raios. Assim paramentado, à imagem do Sol, expuseram-me como uma estátua e, quando as cortinas foram afastadas bruscamente, houve um desfile de povo, desejoso de me ver. Celebrei, em seguida, o dia feliz de meu nascimento para a vida religiosa com um repasto de festa, e outros alegres banquetes. No terceiro dia, foram renovadas as mesmas cerimônias, e um almoço sacramental encerrou a iniciação, conforme a ordem estabelecida.

Fiquei ali alguns dias ainda, todo embebido no prazer inefável de contemplar a imagem da deusa, à qual estava ligado por um bem de que jamais poderia me desobrigar. Enfim, com suas próprias advertências, e depois de ter, insuficientemente sem dúvida, mas na medida dos meus meios, pago meu humilde tributo de ação de graças, dispus-me a alcançar novamente os meus pagos, há tanto tempo abandonados, rompendo com desgosto os liames de uma ardente ligação. Prosternado diante da deusa, enxuguei longamente, com meu rosto, os seus pés molhados pelas minhas lágrimas. Sacudido pelos soluços, que me interrompiam as palavras e me sufocavam, disse-lhe:

XXV. “Oh! santa que velas sem cansaço pela salvação do gênero humano; oh! tu, sempre pródiga, para com os mortais, de cuidados que os reanimam; tu que dispensas ao infortúnio a doce ternura de uma mãe. Não há dia nem noite, nenhum fugitivo instante, que deixes passar sem marcá-lo com tuas benesses, sem proteger os homens na terra e no mar, sem afugentar para longe deles as tempestades da vida, sem que a tua terna mão misericordiosa, que desfaz as malhas mais inextricáveis da fatalidade, acalme as tempestades da Fortuna e coíba o curso funesto das estrelas. Os deuses do céu te rendem homenagem, os do inferno te respeitam. Moves o mundo no seu eixo, acendes os fogos do Sol, reges o Universo, calcas aos

pés o Tártaro. São dóceis à tua voz os astros; obedecem-te os tempos; estão às tuas ordens os elementos; rejubilam-se os deuses à tua vista. Fazes um gesto, e animam-se os ventos, movem-se as nuvens, germinam as sementes, crescem os renovos. Tua majestade enche de santo terror os pássaros que percorrem os céus, as feras errantes dos montes, as serpentes sob o solo, os monstros que nadam no oceano. Porém, para cantar os teus louvores, pobre demais é o meu espírito. Para te oferecer sacrifícios, pequeno demais é o meu patrimônio. Falta-me voz para exprimir os sentimentos que me inspira tua grandeza. Mil bocas não são suficientes, nem mil línguas, nem sermões mantidos sem desfalecimento pela eternidade. Pelo menos, tudo que puder fazer, na sua pobreza, um fiel piedoso, eu terei o cuidado de fazer. Teus traços divinos, teu nume santíssimo, eu os guardarei no segredo do meu peito para sempre, e em espírito os contemplarei.”

Assim rezei à poderosa deusa; abracei em seguida o sumo sacerdote Mitra, e agora meu pai. Abracei-o, cobri-o de beijos, pedi-lhe que me perdoasse não retribuir dignamente tantos benefícios que me fizera.

XXVI. Por fim, depois de ter-me demorado falando-lhe longamente de minha gratidão, separei-me dele, e, ao cabo de longa ausência, em linha reta resolvi voltar para Madaura. Poucos dias depois, por inspiração da poderosa deusa, emalei às pressas minha pequena bagagem, embarquei num navio, e parti com destino a Roma. Graças aos ventos favoráveis, cheguei rapidamente ao porto de Augusta. De lá, um carro ligeiro me conduziu e, ao cair da noite, na véspera dos idos de dezembro, eu entrava na cidade sacrossanta. Desde esse momento, não tive preocupação mais urgente que oferecer todos os dias minhas preces à divina majestade da Rainha Isis, que do templo em que está instalada tira o nome de Campense e é objeto de grande veneração. Era eu seu adorador fiel, recém-vindo à sua casa, mas estava em minha casa na sua religião.

Ora, o grande Sol, percorrendo o círculo do Zodíaco, completara mais um ano, quando interveio de novo no meu sono a solicitude vigilante do nume benéfico, e ela veio conversar comigo ainda a respeito de iniciação e de consagração. Intrigava-me saber qual era seu plano e o que tinha em vista, tanto mais que eu me acreditava havia muito tempo plenamente iniciado.

XXVII. No entanto, submetendo esse escrúpulo ao exame do meu próprio entendimento, e ao julgamento de pessoas consagradas, fiz uma surpreendente descoberta: estava eu bem iniciado nos mistérios de Ísis, mas faltava-me ainda a luz que vem do grande deus, o invencível Osíris. Apesar dos estreitos laços, apesar da unidade essencial das duas divindades e das duas religiões, discriminavam-se as cerimônias de iniciação. Devia eu

então me sentir reclamado também para o serviço do grande deus.

A situação ambígua durou pouco. Na noite seguinte, vi em sonho um dos fiéis consagrados, vestido de linho, que levava tirso, ramos de trepadeira, e mais certos objetos que é proibido nomear, e que os depositou diante do meu lar. Depois, instalando-se sobre a minha cadeira, anunciou um banquete em honra da augusta religião. E, sinal inequívoco pelo qual sem dúvida se tornava reconhecível, ele tinha o calcanhar do pé esquerdo um pouco desviado, e caminhava de manso, com passo malseguro. A manifestação assim clara da vontade divina dissipava toda incerteza e toda ambigüidade. Logo que terminou a saudação matinal à deusa, examinei com atenção se alguém, entre aqueles que via, tinha o mesmo defeito, ao caminhar, do que o homem do meu sonho. Não foi vã minha esperança. Reparei logo que um dos pastóforos tinha não só o sinal particular no pé, mas a estatura e o todo correspondiam exatamente à visão noturna. Soube mais tarde que se chamava Asínio Marcelo, nome que não deixava de ter ligação com a minha metamorfose. Fui-me direito a ele, sem demora, e ele, da sua parte, não ignorava o que eu lhe diria, tendo sido avisado anteriormente por uma ordem semelhante, que deveria me conferir o sacramento. Na noite precedente também tivera um sonho: enquanto dispunha coroas para o grande deus, este, com a sua própria boca, que dita a cada um o seu destino, informara-o de que um cidadão de Madaura lhe seria enviado, homem muito pobre, em verdade, e que ele deveria, sem tardança, iniciá-lo em seu culto, pois sua providência reservava àquele homem uma gloriosa fama literária, e um lucro considerável a ele próprio.

XXVIII. Desse modo, prometido ao sacramento, a exigüidade dos meus recursos me retardou muito além do meu desejo. Minhas despesas com a peregrinação tinham feito derreter-se o meu modesto patrimônio, e o custo de vida em Roma era muito mais elevado que nas províncias, onde eu estagiara anteriormente. As duras exigências da pobreza, contendo-me assim, como diz um velho provérbio, entre a vítima e a pedra, me torturavam. E não eram menos prementes as instâncias do deus. Não foi sem uma extrema perturbação que o ouvi multiplicar primeiro suas objurgatórias, depois suas ordens. Enfim, vendendo até a roupa de corpo, por modesta que fosse, reuni mal e mal a pequena soma necessária. De resto, isto se deu por força de uma injunção especial. “Pois quê!”, dissera-me o deus. “Se tivesses planejado conseguir algum prazer, não te importarias com a venda de tuas roupas, e quando se trata de um ato solene, hesitas em te expor a uma pobreza que não terás que lamentar?”

Logo que acabei todos os preparativos, uma vez mais, durante dez dias, contente-me com alimentos que tivessem pertencido a coisas inanimadas; mandei raspar a ca-

beça e, iluminado pelos mistérios noturnos do deus soberano, foi com inteira segurança que observei as práticas da religião irmã. Que consolos, todavia, encontrava em meu exílio? Encontrei meios de existência mais abundantes, e, levado pelo vento do êxito, consegui proventos, advogando no fórum na língua dos romanos.

XXIX. E eis que, pouco tempo depois, inopinadamente, e perfeitamente miríficas, novas ordens dos deuses impeliram-me a submeter-me a uma terceira iniciação. No cúmulo da perplexidade, e extraordinariamente inquieto, perdi-me em reflexões. Que visaria essa insólita insistência da vontade celeste? Que faltava ainda para que fosse completa uma iniciação já repetida? “Talvez um ou outro dos sacerdotes tenha cometido algum engano ou omissão, no exercício de seu ministério a meu respeito.” Por Hércules, eu concebia dúvidas até sobre a sua boa fé. O turbilhão dos meus pensamentos, a agitação do meu espírito, confinavam com a demência, quando uma aparição noturna me trouxe com bondade esta revelação:

“Na série das tuas consagrações sucessivas, nada houve de omisso. Não te espantes, nem penses nessas coisas. Os deuses, ao contrário, não deixaram de conceder-te o seu favor. Rejubila-te, pois, e alegra-te. O que outros obtêm apenas uma vez, tu terás três vezes, e esse número te dá direito a uma felicidade duradoura. Quanto à iniciação que te espera, compreenderás sua absoluta necessidade, se agora pelo menos quiseses refletir no seguinte: os ornamentos da deusa de que foste revestido na província devem permanecer no templo, onde os depuseste. Não podes, então, em Roma, usá-los nos dias de festa, durante as cerimônias, nem, se te for dada a ordem, mostrares-te no esplendor desse bem-aventurado aparato. Assim, para tua felicidade, prosperidade e salvação, aceita de coração alegre uma nova iniciação: os grande deuses te convidam.”

XXX. Foi assim que a soberana conselheira me revelou em sonho o que a circunstância reclamava. Sem procrastinar, por preguiça, o que era mister fazer, fui contar ao sacerdote o que tinha visto. Depois me submeti, a partir desse instante, à interdição de alimento animal. Observei-os, ultrapassando-os mesmo, voluntariamente, os dez dias de abstinência estatuídos por uma lei imemorial. Providenciei por fim, generosamente, os aprontos materiais da cerimônia de iniciação, consultando para isso o ardor de minha piedade e não o estado de minha fortuna. Não lamentei, por Hércules, nem trabalhos nem despesas, porquanto a providência dos deuses me procurou de modo assaz liberal, pelos ganhos por meio dos estipêndios forenses. Daí a três dias, o deus que dos grandes deuses é o melhor, dos melhores o mais augusto, dos mais augustos o maior, dos maiores o mestre soberano, Osíris, me apareceu em sonho, não sob qualquer figura de emprés-

timo, mas mostrando-se face a face, e se dignou fazer ouvir o seu verbo venerando. Incitou-me então, sob o seu patrocínio, a continuar resolutamente no fórum minha gloriosa carreira de advogado. Que não temesse as maledicências invejosas, provocadas naquele meio por meu trabalho erudito e minha cultura. Por fim, não me quis mais ver misturado ao comum dos mortais, no exercício de seu culto. Fez-me entrar para o colégio dos seus pastóforos, e me elevou até a classe de decurião quinquenal. Mande raspar a cabeça completamente, então, e, nesse vetustíssimo colégio, fundado desde os tempos de Sila, sem velar nem proteger a calva, mas ao contrário, expondo-a a todos os olhares, das minhas honrosas funções me desincumbi com alegria.

*

* *

Notas da Tradutora

(1) Pórtico ornado de pinturas na antiga Atenas. Foi atribuído a Polignoto, que existiu no V século a. C.

(2) Esculápio. O da Ilha Tiberina, em Roma, segurava um cajado nodoso. Ovídio, nas *Metamorfoses*, mostra Esculápio tendo na mão um grosseiro cajado — *baculum agreste* — em torno do qual se enrola uma serpente.

(3) A *conclamatio* (apelo) era um dos ritos funerários. Antes de conduzir o morto à sua tumba, os parentes o chamavam diversas vezes pelo nome. Chamava-se ao morto *conclamato*.

(4) Importante cidade da Tessália, situada sobre o rio Peneu na rota da Macedônia para o sul.

(5) Parte dos infernos reservada aos criminosos.

(6) Meia-noite.

(7) Jovem caçador grego, amado por Selene, a Lua. Concedeu-lhe Zeus o dom de um sono eterno e de uma juventude perene. Apaixonada por ele, vinha a Lua, à noite, beijá-lo na gruta onde dormia.

(8) Nome dado a Ganimedes, escanção de Júpiter, aquele que lhe dava de beber. "Catâmito" se tornou nome comum, no sentido de belo rapaz, querido, favorito, menino bonito.

(9) Na *Odisséia*, canto V, conta-se que Ulisses abandonou, por ordem dos deuses, a enamorada ninfa Calipso.

(10) Seres meio mulheres, meio pássaros, como as Estriges e como as Harpias. Transformavam-se em animais para mutilar os cadáveres.

(11) Divindades infernais, filhas do Inferno e da Noite, que castigavam no Tártaro os que haviam vivido mal.

(12) Hecaléia foi uma velha mulher que recebeu maternalmente Te-seu quando ele ia combater o touro de Maratona.

(13) O prefeito da anona, em Roma, encarregava-se do aprovisionamento dos víveres, sobretudo de cereais.

(14) Ilha do arquipélago da Grécia, de onde os gregos retiravam mármore belíssimo para escultura.

(15) Acteão, caçador, foi espiar a Deusa Diana que se banhava. Ela o transformou em veado, e, nessa forma, o caçador foi devorado por seus próprios cães.

(16) O cinto ou fita que, na *Ilíada*, Hera empresta a Afrodite, contém todos os encantos. Nele residem a ternura, o desejo, os atrativos, e as palavras sedutoras que enganam o coração dos mais prudentes.

(17) Vulcano, o mais feio dos deuses, coxo além do mais, conforme a tradição registrada por Homero e por Virgílio, desposou Vênus, a mais bela das deusas.

(18) O Lago Averno (a — alfa privativo; *vernos* — pássaros), lago sem pássaros, cheio de emanções mefíticas, sulfurosas, lugar onde nem as aves sobreviviam, foi considerado, na Roma antiga, como sendo a entrada do Inferno.

(19) A Caldéia foi o país de origem da ciência astrológica. Então, o nome de caldeu se aplicava não só aos nascidos na Caldéia, mas aos astrólogos em geral, aos adivinhos, e àqueles que sabiam dizer a sorte.

(20) Os feciais eram geralmente quatro, chefiados pelo *pater patratus*. Quando os romanos se julgavam lesados por um outro povo, os feciais serviam como árbitros, para julgarem se era caso de guerra. Em caso afirmativo, iam pedir satisfações ao outro povo, tomando os deuses como testemunhas de seu direito, com uma fórmula solene. Depois de um armistício de trinta e três dias, se não lhes fosse dada satisfação, e o povo e senado romanos concordassem em fazer guerra, o *pater patratus* declarava-a, lançando no território inimigo um dardo acerado, guarnecido de madeira ensangüentada ou de ferro. Esse rito visava sobretudo a voltar contra o inimigo os males da guerra e a tornar impotentes os seres infernais, pela virtude profilática e apotropaica do ferro e do sangue.

(21) Os escanções, belos meninos vestidos luxuosamente e encarregados de acolher os convivas de um festim, ou de servir à mesa, eram, na época republicana, um dos ornamentos das grandes mansões.

(22) A Tessália fez parte da Acaia, depois de Augusto, e da Macedônia, à qual foi anexada pelos Antoninos.

(23) Apuleio se dirige aos gregos chamando-os *quirites*, isto é, cidadãos votantes, nome especificamente romano.

(24) Apolo.

(25) Monstro de três cabeças, aniquilado por Hércules.

(26) Faleras eram ornamentos de forma variável, consistindo ordinariamente de rodinhas ou placas de metal, aplicadas nos aperos dos cavalos. Os soldados usavam faleras nas roupas ou sobre a couraça, como insígnias ou enfeites.

(27) Lugar no antigo teatro grego onde se colocava o coro.

(28) O ramo de oliveira era a insígnia dos suplicantes e dos embaixadores. Quase o mesmo que hoje a bandeira branca.

(29) Orco é o outro nome de Plutão, rei dos infernos.

(30) Almas dos mortos.

(31) As tranças e os nós têm o poder de ligar. Usam-se principalmente na magia amorosa.

(32) Ajax julgava ter direito às armas de Aquiles; no entanto, o conselho dos chefes aqueus decidiu que as armas daquele seriam entregues a Ulisses. Num acesso de loucura, por isso, o filho de Telamon degolou um rebanho de carneiros, acreditando pelejar com os seus inimigos.

(33) Cão de três cabeças, que guarda a porta do Inferno.

(34) Naturalmente, o burro tentaria gritar em grego ô *kaisar*.

(35) Lápitas: povo lendário da antiga Grécia. Nas núpcias do lápita Pirítoos com Hipodâmia, o centauro Eurícion tentou raptar a recém-casada, e os outros centauros tentaram raptar as mulheres lápitas. O tipo do centauro metade cavalo, metade homem, é bem conhecido. A antítese de Apuleio, aludindo aos lápitas — *semiferi* —, meio animais, não pode ser tomada ao pé da letra.

(36) Críseros: aquele que ama o ouro.

(37) Sacerdotes de Marte.

(38) O índice sobre o polegar erguido: gesto de adoração. A esse gesto alude Plínio na sua *História Natural*.

(39) Os santuários mais célebres de Vênus na Antigüidade eram em Pafos, cidade de Chipre, em Cnido, sobre a costa da Ásia Menor, e na ilha de Citera, ao sul do Peloponeso.

(40) Páris, filho de Príamo, Rei de Tróia, e de Hécuba, foi criado entre pastores do Monte Ida, pois que um adivinho predissera, antes do seu nascimento, que a criança esperada causaria um dia o incêndio de Tróia. Nas núpcias de Tétis e de Peleu, tendo a Discórdia atirado sobre a mesa um pomo de ouro, com a inscrição: "À mais bela", disputaram-no Juno, Minerva e Vênus, e pediram juízes para a contenda. Júpiter, não querendo se comprometer, mandou-as ao Monte Ida, em companhia de Mercúrio, para que fossem julgadas pelo jovem pastor. Vênus foi a escolhida.

(41) Cupido.

(42) As filhas de Nereu, o velho do mar, são as chamadas nereidas. Sua mãe era a oceânide Dóris; portuno era o deus dos portos; salácia e Tritões, antigas divindades marinhas.

(43) Deus de Mileto: Apolo Didimeu. No segundo século, era um dos mais florescentes santuários de Apolo o de Dídimos, nos arredores de Mileto.

(44) Seres fantásticos, que habitavam as margens do mar, entre a ilha de Capri e a costa da Itália. Com sua voz sedutora, encantavam os navegantes que por ali passavam. Os antigos as representavam com cabeça de mulher e corpo de pássaro, empunhando liras, e flautas campestres. Jamais, na Antiguidade, foram apresentadas como mulheres-peixes.

(45) Sagitário: Cupido, o arqueiro, o que maneja o arco e as flechas.

(46) Divindade agreste, era principalmente venerado na Arcádia, região de montanhas, onde proferia oráculos. Ofereciam-lhe em sacrifício mel e leite de cabra. Representavam-no muito feio, com chifres, corpo de bode da cintura para baixo, e barbas compridas.

(47) "Toma quanto te pertence (e deixa-me)", *tibi res tuas habeto*, é a fórmula do divórcio romano.

(48) Matrimônio por confarreácio era o antigo casamento religioso, contraído diante do sumo pontífice, flamínio de Júpiter, e dez testemunhas.

(49) As ninfas presidiam à vida da Natureza sob seus múltiplos aspectos. Eram chamadas de náíades as que viviam nas fontes e nos rios; de oréades, as das montanhas, rochas e escarpas; de napéias, as dos vales e campinas; de dríades, as das florestas e bosques. As hamadríades eram ninfas de cujo destino dependia o de certas árvores com as quais nasciam e morriam, sendo principalmente com os carvalhos essa união. As graças eram três: Aglaia (brilhante), Talia (verdejante) e Eufrosina (alegria da alma). Dispensavam aos homens não somente a boa vontade, a alegria, a igualdade de humor, a delicadeza de maneiras, mas ainda a liberalidade, a eloquência e a prudência. Delas dependiam os benefícios e a gratidão. Representavam-nas jovens e virgens, esbeltas, dando-se as mãos, numa atitude de dança, ora nuas, ora vestidas com gazes transparentes.

Eram três também as Horas: Eunômia, Dice e Irene, isto é, a Boa Ordem, a Justiça e a Paz. Correspondiam às três estações: primavera, verão e inverno. Mais tarde, criaram-se mais duas, às quais foi confiada a guarda dos frutos e das flores: Carpo e Talo. Por fim, quando os gregos dividiram o dia em doze partes iguais, os poetas multiplicaram o número das Horas até doze, chamando-as de doze irmãs.

(50) Vênus alude a Marte, é evidente, como padraсто de Cupido. Não

se sabe de quem Cupido é filho, não o sendo de Vulcano, marido de Vênus, nem de Marte, o seu amante mais famoso.

(51) Cestos cilíndricos que continham os objetos sagrados apresentados aos iniciados, como um ato essencial nos mistérios de Elêusis.

(52) Júpiter.

(53) Juno preside aos nascimentos sob o nome de Zígia, entre os gregos, e Lucina entre os romanos.

(54) Mercúrio nasceu no Monte Cileno, na Arcádia.

(55) Consuetude, ou o Hábito.

(56) Ganimedes, filho de Ilos, o mais belo dos mortais, e justamente por sua beleza, foi raptado pela águia de Júpiter para servir de escanção ao pai dos deuses, e viver entre os imortais.

(57) *Dis (Dives)*, acusativo *Ditem*, é a tradução latina do nome de Plutão, rei dos infernos.

(58) A Lei Júlia, contra o adultério, foi proposta por Augusto em 17 a. C.

(59) Paródia aos discursos no senado, que usualmente começavam com o vocativo: "Pais conscritos!"

(60) Outro nome de Baco.

(61) Sátiros e Panisco são gênios agrestes, originários provavelmente da Arcádia, do mesmo modo que Pã, como Pã, e têm pés de bode e cornos.

(62) Dirce casou-se com um príncipe, perseguindo-lhe sem piedade a primeira mulher, Antíope. Conseguindo fugir, Antíope reuniu-se a dois filhos que tivera de Júpiter, Anfião e Zeto, inflamando-os de cólera e desejo de vingança. Os dois irmãos mataram o soberano Lico, e amarraram Dirce à cauda de um touro bravo, que a arrebentou contra os rochedos.

(63) Frixo, da mitologia tessaliana, desdenhando o amor criminoso de sua madrasta Ino, foi por ela perseguido. Influuiu a madrasta na decisão do marido de sacrificar o Príncipe Frixo e a Princesa Hele a Júpiter. No momento do sacrifício, Néfele, a mãe de ambos, metamorfoseada em nevoeiro, raptou-os, e deu aos dois irmãos um carneiro de tosão de ouro, que os transportou até a Ásia.

(64) O poeta lírico Ario, no século VII a. C., passou parte de sua vida junto de Periandro, tirano de Corinto. Conta-se que, certa vez, depois de uma excursão pela Itália, os marinheiros do seu navio quiseram matá-lo, depois de o despojarem de seu dinheiro. Ele pediu para cantar uma derradeira vez, acompanhando-se com a cítara. Depois, lançou-se ao mar. Um delfim, encantado com sua música, recolheu-o e o transportou ao Cabo Tenaro.

(65) Europa, filha de Fênix, Rei de Tiro, foi raptada por Júpiter, que se metamorfoseou em touro, e a transportou para Creta.

(66) Lúcio seria parricida devido aos liames da hospitalidade, que criavam relações de pai para filho entre hospedeiro e hóspede.

(67) Os ladrões tinham uma organização militarizada, e cantavam hinos em louvor do Deus Marte, seu protetor e patrono.

(68) Os procuradores imperiais estavam hierarquicamente repartidos em quatro classes, de acordo com o seu tratamento, que podia ser de sessenta, cem, duzentos e trezentos mil sestércios: *sexagenarii*, *centenarii*, *ducenarii* e *tricenarii*.

(69) Ilha do Jônio, hoje Zante, a oeste da costa do Peloponeso.

(70) Sicofanta, na origem, designa um delator e caluniador hipócrita.

(71) Vasta região da antiga Ásia, hoje Turquestão, a leste da Pérsia, de onde saem os camelos mais belos e mais resistentes.

(72) Diomedes, rei dos bístones, na Trácia, dava como alimento aos cavalos os corpos dos náufragos. Foi vencido por Hércules e devorado por seus próprios cavalos.

(73) Na lenda argiva consta a história de Belerofonte, a quem Minerva, deusa da sabedoria, deu o cavalo alado Pégaso, para combater a Quimera. Vencido o monstro, quis Belerofonte subir até os céus, impelido por um insensato orgulho, mas, picado por um moscardo enviado por Júpiter, Pégaso corcoveou e derrubou o cavaleiro, que morreu na queda.

(74) Pertencia ao ritual do luto cobrir os cabelos com cinza.

(75) Meleagro tinha matado os tios numa briga. Altéia, sua mãe, para vingar os irmãos, lançou ao fogo um tição à conservação do qual estava ligada a vida daquele filho. Meleagro morreu logo.

(76) Trasilo, do grego Trasis, significa temerário, presunçoso.

(77) "Quietude do sono inquieto" é o jogo de palavras que traduz ao pé da letra a expressão *inquieta quiete* do original. Apuleio se compraz nesses torneios verbais, de que há mais de um exemplo neste livro.

(78) A antiga lei romana impunha à mulher um prazo de dez meses, o tempo necessário para o termo de uma gravidez, para evitar a *turbatio sanguinis*, antes de contrair novo casamento. Tal prazo se estendeu depois a doze meses.

(79) Vingadoras do crime: Eumênides, ou Fúrias, consideradas por vezes justiceiras.

(80) Os escravos — não os burros — da Capadócia eram famosos por seu vigor.

(81) Tuliano era uma prisão subterrânea existente em Roma. Formava a parte mais baixa da cadeia pública. Foram ali estrangulados os cúmplices de Catilina. Chamar à prisão de Tuliano é uma simples maneira apuleiana de indicar o cárcere local.

(82) *Loca lautia praebuit*, no original. *Loca lautia* é o tratamento devido a hóspedes de distinção, como embaixadores estrangeiros e senadores.

(83) Homero.

(84) Dava-se o título de decurião, nas cidades, aos membros do conselho.

(85) O banho, no fim da tarde, tinha um valor quase de ritual.

(86) Os lavadores de toga, chamados *nacca*, que clareavam as vestes de lã, formavam uma corporação muito importante em Roma e nas cidades onde se usava a toga.

(87) O estádio ático tem 177,06m de comprimento; o estádio romano, 185m.

(88) O suplício reservado pela lei romana ao parricídio, ou seja, ao assassinio de qualquer pessoa ligada ao matador por laços de sangue ou laços piedosos, era o açoite com varas. Em seguida, costuravam o criminoso num saco de couro, e o lançavam ao mar, ou a um rio.

(89) Traduziram-se literalmente os nomes dos doces, que talvez sejam devidos aos seus formatos.

(90) Etéocles e Polinice, filhos de Édipo, rei, empenharam-se em luta fratricida, tornando-se tipos eternos das inimizades entre irmãos.

(91) As Harpias eram demônios espantosos, virgens aladas com cabeça e braços humanos, cauda e patas de pássaros. O divino Fineu, que

fora punido com a cegueira pelos deuses, por ter desvendado o futuro dos homens, era vítima das Harpias, que lhe furtavam os alimentos, e os que não podiam furtar, emporcalhavam.

(92) Pasífaa, esposa do Rei Minos, de Creta, tomou-se de amores por um touro. Desses amores monstruosos nasceu um ser meio homem, meio animal, o Minotauro.

(93) O mureide é um molusco muito abundante nas costas do Mediterrâneo, e particularmente nas alturas da Fenícia. Com ele se faz uma tinta que tingue fortemente, em cores variadas, entre o vermelho vivo e o violeta, numa gradação riquíssima. Chama-se púrpura. Havia em Tiro e Sido, cidades fenícias, grandes oficinas para o preparo dessa tinta e principalmente a púrpura de Tiro, usada pelos reis, ficou famosa.

(94) Mercúrio, deus dos comerciantes, dos viajantes e dos ladrões, era o mensageiro dos deuses. Um de seus atributos era o caduceu, isto é, uma vara com duas serpentes entrelaçadas.

(95) O capacete em forma de casca de ovo é alusão ao ovo de Leda, do qual nasceram os dióscuros, filhos de Zeus, transformados em cisnes. Os gêmeos Castor e Pólux são deuses da luz, de onde a estrela.

(96) O Espanto e o Terror são personificações homéricas.

(97) Referência a Sócrates, condenado em Atenas a beber cicuta, sob a acusação de corromper a mocidade.

(98) O grande Serapis, deus egípcio de tipo helenizante, teve seu culto instituído pouco tempo depois da fundação de Alexandria. É identificado com Osíris.

CLÁSSICOS DE BOLSO

Grandes clássicos universais de todos os tempos. O melhor do teatro, romance, filosofia, história e poesia.

Textos integrais, tradutores renomados e estudos introdutórios por especialistas. Obras de relevância tanto para estudantes e professores quanto para o grande público.

LÚCIO APULEIO

O Asno de Ouro

Apuleio foi homem dos contrastes e das contradições; sério e frívolo, devoto e libertino, desejoso de verdade e um pouco charlatão.

O seu modo de contar histórias é delicioso. O tom geral de ironia e a acertada escolha das palavras dão um toque inimitável à sua prosa. Suas construções são elaboradas, seus arranjos inesperados. E quando não é a palavra a conferir ao texto um sabor especial, é a irônica alusão.

Em *O Asno de Ouro* — conto de fadas rico, fantástico, erótico e, sobretudo, poético — sobra o tom pitoresco e colorido, característica que transformou a obra num dos textos mais importantes da literatura clássica latina.



9 788500 310249

ISBN 85-00-31024-3

